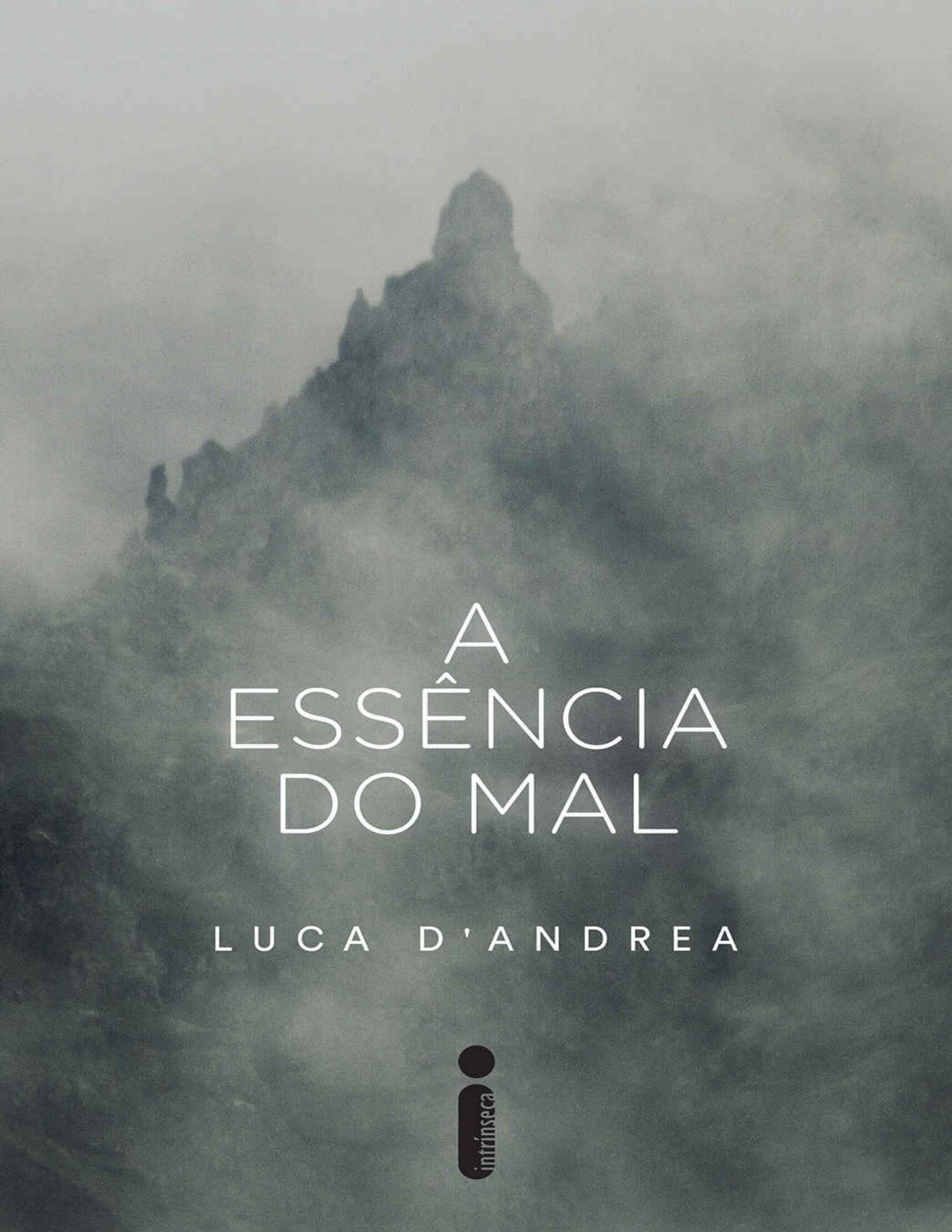




A ESSÊNCIA DO MAL

LUCA D'ANDREA





A ESSÊNCIA DO MAL

L U C A D ' A N D R E A

TRADUÇÃO DE PAULO HENRIQUE PAPPEN
E KARINE SIMONI



Copyright © 2016 Luca D’Andrea

Esta edição foi publicada mediante acordo com Piergiorgio Nicolazzini Literary Agency (PNLA).

TÍTULO ORIGINAL

La Sostanza del Male

PREPARAÇÃO

Milena Vargas

REVISÃO

Raphani Margiotta

Beatriz D’Oliveira

CAPA

Guilherme Xavier

IMAGEM DE CAPA

Mika Mika/Getty Images

REVISÃO DE E-BOOK

Roberta Clapp

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0340-4

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Sumário
Dedicatória
Introdução
(We are) the Road Crew
Os heróis da montanha
A voz da Besta
Duzentos e oitenta milhões de anos atrás
Promessas e mentiras
O massacre do Bletterbach
O Saltner
28 de abril de 1985
Lily Bar
A torta com sabor de B
Estilo bolzano
Der Krampusmeister
Oito letras e um trenó
A maioria das coisas muda
O rei dos elfos
Casa dos Krün
1º de fevereiro
O ateliê do diabo
Jaekelopterus Rhenaniae
A cor da loucura
Uma árvore é assassinada
Alguém morre, alguém chora
Dois conspiradores e uma promessa

Caixa em forma de coração
As vespas no sótão
A verdade sobre o massacre do Bletterbach
A coisa de outro mundo
Pais
No ventre da Besta
Wer reitet so spät durch Nacht und Wind?
Uma letra no fim do arco-íris
Agradecimentos
Nota
Sobre o autor
Leia também

Para Alessandra, bússola para meus mares tempestuosos

É sempre assim. No gelo, primeiro se ouve a voz da Besta, depois se morre.

Blocos de gelo e abismos idênticos àquele em que eu me encontrava estavam cheios de alpinistas e escaladores que tinham perdido as forças, a razão e por fim a vida por culpa daquela voz.

Parte da minha mente, a parte animal que conhecia o terror — porque no terror vivera por milhões de anos — compreendia o que a Besta estava sibilando.

Oito letras:

— Vá embora.

Eu não estava preparado para a voz da Besta.

Eu precisava de alguma coisa familiar, humana, que me arrancasse da solidão do gelo. Ergui os olhos para além das beiras da fenda, lá em cima, em busca da silhueta vermelha do EC 135 do Socorro Alpino das Dolomitas. Mas o céu estava vazio. Um raio rasgando a terra, de um azul cegante.

Foi o que me fez desabar.

Comecei a balançar para a frente e para trás, a respiração acelerada, o sangue esvaziado de qualquer energia. Como Jonas no ventre da baleia, eu me via sozinho diante de Deus.

E Deus rosnava:

— Vá embora.

Às 14h19 daquele maldito 15 de setembro, emergiu do frio intenso uma voz que não era a da Besta. Era Manny, o uniforme vermelho destacando-se de todo aquele branco. Repetia o meu nome, de novo e de novo, enquanto o guindaste o descia devagar na minha direção.

Cinco metros.

Dois.

Suas mãos e seus olhos buscavam feridas que explicassem meu comportamento. Suas perguntas: centenas de o quês e mil por quês aos quais eu não podia responder. A voz da Besta era forte demais. Estava me devorando.

— Você não está escutando? — murmurei. — A Besta, a...

A Besta, eu queria lhe explicar, aquele gelo tão antigo, considerava intolerável a ideia de um coração quente sepultado nas suas profundezas. O

meu coração quente. E também o dele.

E então eram 14h22.

A expressão de surpresa de Manny se transformou em puro terror. O cabo do guindaste o ergueu como uma marionete. Manny foi puxado para cima. O ronco das turbinas do helicóptero se transformou em um grito sufocado.

Finalmente.

O grito de Deus. A avalanche que aniquila o céu.

Vá embora!

Foi nesse momento que vi. Quando fiquei sozinho, além do tempo e do espaço, eu vi.

A escuridão.

A escuridão total. Mas não morri. Ah, não. A Besta se divertiu comigo. Deixou-me viver. A Besta que agora sussurrava:

— Você vai ficar comigo para sempre, para sempre...

Não estava mentindo.

Parte de mim ainda está lá.

Mas, como minha filha Clara diria sorrindo, aquilo não era o z no fim do arco-íris. Não era o fim da minha história. Pelo contrário.

Aquilo foi apenas o início.

Seis letras: “Início.” Seis letras: “A Besta.”

Exatamente como: “Horror.”

(WE ARE) THE ROAD CREW

I.

Na vida, como na arte, só uma coisa importa: os fatos. Para conhecer os fatos, aqueles que dizem respeito a Evi, Kurt e Markus e a noite de 28 de abril de 1985, é essencial que você saiba tudo por mim. Porque não foi apenas o ano de 1985 e o massacre do Bletterbach. Não foram apenas Evi, Kurt e Markus, foram também Salinger, Annelise e Clara.

Está tudo interligado.

2.

Até as 14h22 do dia 15 de setembro de 2013, isto é, até o momento em que a Besta por pouco não me matou, eu vinha sendo considerado a metade de um astro em ascensão no campo dos documentários, que, mais do que estrelas, tende a produzir minúsculos meteoros e flatulências devastadoras.

Mike McMellan, a outra metade do astro em questão, gostava de dizer que, mesmo que fôssemos estrelas cadentes em rota de colisão com o planeta chamado Falência Total, teríamos o privilégio de desaparecer no esplendor reservado aos heróis. Depois da terceira cerveja eu declarava estar de acordo com ele. Na pior das hipóteses, era uma ótima desculpa para um brinde.

Mike não era apenas um sócio. Era também o melhor amigo que alguém já teve a sorte de encontrar. Ele era irritante, metido, mais egocêntrico do que um buraco negro, obsessivo em níveis insustentáveis e dotado da mesma capacidade de se concentrar em um único tema que um canário sob o efeito de anfetamina. Mas era também o único artista de verdade que eu já tinha conhecido.

Foi Mike, quando não éramos mais do que a dupla de poucos talentos menos cool de toda a New York Film Academy (curso de Direção para Mike, Roteiro para mim), que compreendeu que, se seguissemos nossas ambições hollywoodianas, terminaríamos no olho da rua, amargurados e falastrões como o maldito professor “Podem me chamar de Jerry” Calhoun, o ex-hippie que, mais do que todo mundo, se comprazia em detonar nossas primeiras e tímidas criações.

Foi de fato um momento mágico. Uma iluminação que modificaria o curso da nossa vida. Talvez um pouco menos épico do que um filme de Sam Peckinpah (“Vamos morrer”, dizia William Holden em *Meu ódio será tua herança*, e Ernest Borgnine lhe respondia: “Por que não?”), visto que aconteceu enquanto petiscávamos batatinhas fritas em um McDonald’s, com o moral debaixo da sola dos sapatos e uma expressão de gado sendo conduzido ao longo do glorioso bulevar do reino do hambúrguer, mas ainda assim um momento único. Acredite.

— Foda-se Hollywood, Salinger — disse Mike. — As pessoas estão desesperadas por realidade, não por computação gráfica. A única maneira que a gente tem de superar esse *Zeitgeist* de merda é deixar a ficção para lá e nos

dedicarmos à boa e velha realidade. É cem por cento garantido.

— *Zeitgeist*? — perguntei, erguendo uma sobancelha.

— O boche é você, parceiro.

Minha mãe era de origem alemã, mas não havia com que me preocupar; eu estava há anos-luz de me sentir discriminado por Mike. Além do mais, eu tinha crescido no Brooklyn, e ele, no Meio-Oeste da puta que pariu.

Considerações genealógicas à parte, o que Mike queria dizer naquele úmido novembro de tantos anos atrás era que eu devia jogar fora os meus (péssimos) roteiros e, junto com ele, começar a filmar documentários. Transformar instantes dilatados em uma narrativa que transcorresse lisa do ponto *a* ao ponto *z*, segundo o evangelho do falecido Vladimir Jakovlevič Propp (que estava para as histórias como Jim Morrison para a paranoia).

Um verdadeiro engano.

— Mike... — Bufei. — Só existe uma categoria de pessoas piores do que quem sonha com o sucesso no cinema: os documentaristas. Eles colecionam revistas *National Geographic* publicadas em 1800. A maioria tem antepassados que morreram procurando a nascente do Nilo. Eles têm tatuagens e usam lenços de caxemira no pescoço. Ou seja: são uns idiotas, mas idiotas liberais, e por isso se sentem absolvidos de todos os pecados. Por último, mas não menos importante: eles têm famílias cheias de dinheiro que bancam os safáris que fazem pelo mundo.

— Salinger, às vezes você é muito, muito... — Mike balançou a cabeça. — Deixa para lá, me escute. Precisamos de um tema. Um tema forte para um documentário, que desperte o interesse do público. Algo que as pessoas já conheçam, familiar, mas que nós dois vamos mostrar de um jeito novo, diferente de como já se viu. Force o cérebro, pense e...

Acredite ou não, foi naquele momento que meus neurônios chegaram a um acordo e descobriram que podiam transformar em carruagem dourada até a mais bizarra das abóboras. Porque... sim. Eu tinha uma ideia.

Não sei como nem por quê, mas, enquanto Mike me encarava com aquela carranca de serial killer, enquanto me vinham à mente um milhão de motivos para refutar aquela proposta, senti um verdadeiro *clique* em meu cérebro. Uma ideia absurda. Doida. Incandescente. Uma ideia tão idiota que era capaz de funcionar incrivelmente bem.

O que havia de mais eletrizante, poderoso e sexy do que o rock'n'roll?

Era como uma religião para milhões de pessoas. Uma explosão de energia que aproximava as gerações. Não havia alma no planeta que nunca tivesse ouvido falar de Elvis, de Hendrix, dos Rolling Stones, do Nirvana, do Metallica e de toda a constelação resplandecente da única e verdadeira revolução do século XX.

Fácil, não?

Não.

Porque o rock também significava fisiculturistas grandes e fortes vestidos com roupas escuras, parecidos com armários de duas portas com olhar de pitbull, pagos para enxotar espertinhos como nós. Coisa que fariam com prazer até de graça.

A primeira vez que tentamos colocar em prática nossa ideia (Bruce Springsteen em noite de aquecimento antes da turnê, em uma casa noturna perto do Village), escapei com uns empurrões e um par de hematomas. Para Mike foi pior. Metade do rosto dele parecia a bandeira escocesa. A cereja do bolo foi que por pouco não nos processaram. Depois de Springsteen, fomos ao show dos White Stripes, de Michael Stipe, dos Red Hot Chili Peppers, de Neil Young e dos Black Eyed Peas, que na época estavam no auge da carreira.

Colecionamos uma bela quantidade de contusões e bem pouco material. A tentação de desistir era grande.

Foi naquele momento que o deus do rock olhou na nossa direção, viu os nossos esforços patéticos de homenageá-lo e, com olhar benévolo, nos mostrou o caminho para o sucesso.

Na metade de abril, consegui um contrato duplo para a preparação de um palco no Battery Park. Não era para um grupo qualquer, mas para a mais controversa, diabólica e afrontosa banda de todos os tempos. Senhoras e senhores: Kiss.

Trabalhamos como formiguinhas obedientes, e depois, enquanto os operários iam embora, nos escondemos em um monte de lixo. Silenciosos como atiradores. Quando chegaram os primeiros carrões escuros, Mike apertou a tecla REC. Estávamos no sétimo céu. Era a nossa grande chance. E, naturalmente, tudo aconteceu muito rápido.

Gene Simmons saltou de uma limusine comprida como um transatlântico, espreguiçou-se e deu ordem aos empregados para que soltassem a coleira do seu adorado amigo de quatro patas. No instante em que se libertou, o cândido e horrendo poodle, com uma expressão diabólica, começou a latir na nossa direção como um dos cães de caça infernais imortalizados por Robert Johnson (*“And the day keeps on reminding me, there’s a hellhound on my trail. Hellhound on my trail, hellhound on my trail”*). Em dois pulos, o vira-lata estava em cima de mim. Mirava a jugular, o desgraçado. A bola de pelos queria me matar.

Gritei.

E cerca de doze mil energúmenos que certamente estariam no Hall da Fama dos degoladores nos agarraram, chutaram, bateram e nos arrastaram para a saída, com a intenção — rosnaram — de nos jogar como refeição para as criaturas do oceano. Não o fizeram. Deixaram-nos pisoteados, abatidos e cansados sobre um banquinho rodeado por pedaços de papel, para refletir sobre nossa condição de Wile E. Coyote. Ficamos ali, incapazes de aceitar a derrota, ouvindo o eco do show que já terminava. Passado o bis, acompanhamos com o olhar a saída da multidão. Justo quando estávamos prestes a voltar para casa, uns caras enormes com barbas de motoqueiros da Hell’s Angels e jeitão de presidiário começaram a encher os caminhões Peterbilt com caixas e amplificadores da banda. Naquele preciso instante, o deus do rock ressurgiu de Valhalla e me indicou o caminho.

— Mike — murmurei. — A gente errou em tudo. Se quisermos fazer um documentário sobre o rock, sobre o verdadeiro rock, temos que apontar a câmera para o outro lado do palco. Para o outro lado, sócio. Aqueles caras são

o verdadeiro rock. E — acrescentei, abrindo um largo sorriso — não existe copyright sobre eles.

Aqueles caras.

Os *roadies*. Que fazem o trabalho sujo. Que carregam todo o peso, cruzam o país sobre quatro rodas, descarregam, montam o palco, preparam o equipamento, esperam o show terminar de braços cruzados e, de novo, como diz a poesia de Robert Frost: “Milhas a percorrer antes de dormir.”

Ah, sim.

Preciso admitir, Mike foi *incrível*. Como argumento de persuasão, usou promessas de dinheiro e publicidade gratuita para convencer o entediado gerente da turnê a nos deixar fazer algumas filmagens. Os *roadies*, nada habituados a tanta atenção, colocaram-nos debaixo de suas asas protetoras. E mais: foram os barbudos que convenceram produtores e advogados a permitir que os acompanhássemos (a eles, não à banda — e foi esse o trunfo que os persuadiu de verdade) durante toda a turnê.

Foi assim que surgiu *O suor por trás dos palcos: Road Crew, o lado obscuro do rock’n’roll*.

Trabalhamos como escravos, acredite. Seis semanas de loucura, enxaquecas, ressacas de cansaço e suor, no fim das quais tínhamos destruído duas câmeras, colecionado diversas intoxicações alimentares, uma torção no tornozelo (eu tinha subido no teto de um trailer que se revelou quebradiço como um biscoitinho amanteigado — estava sóbrio, juro) e aprendido umas dez maneiras diferentes de pronunciar a expressão vai se foder.

A montagem do filme durou um verão de quarenta graus sem ar-condicionado, que passamos curvados diante de um monitor que estava quase fundindo. Nos primeiros dias de setembro de 2003 (ano mágico, se já existiu algum), não apenas tínhamos terminado o documentário, mas estávamos satisfeitos com o resultado. Mostramos o material a um produtor chamado Smith, que, de má vontade, nos concedera cinco minutos. Cinco. Você pode acreditar? Bastaram três.

— Um *factual* — sentenciou Mister Smith, sumo imperador do canal. — Doze episódios. Vinte e cinco minutos cada um. Quero para o começo de novembro. Rola?

Sorrisos e apertos de mão. No fim, um ônibus fedorento nos levou de volta para casa. Atordoados e um pouco transtornados, procuramos na Wikipédia que diabo era um *factual*. A resposta era: uma mistura de série de TV com

documentário. Em outras palavras, tínhamos menos de dois meses para reeditar tudo desde o início e criar o nosso factual. Impossível?

Não brinca.

No dia 1º de dezembro daquele ano, *Road Crew* foi ao ar. E foi um sucesso.

De repente todo mundo estava falando sobre nós. O professor Calhoun quis tirar uma foto enquanto nos entregava o que parecia ser alguma bizarrice de Dalí, mas na verdade era um prêmio que nos distinguia como estudantes eméritos. Sublinho: eméritos. Os blogs falavam de *Road Crew*, a imprensa falava de *Road Crew*. A MTV fez um programa especial apresentado por Ozzy Osbourne que, para grande desgosto de Mike, não comeu sequer um morcego.

Mas nem tudo foi um mar de rosas.

Maddie Grady, da *New Yorker*, nos deixou em pedaços com um machado nada afiado. Um artigo de cinco mil palavras com o qual eu me torturei por meses. Segundo a revista *GQ* éramos misóginos. Segundo a *Life*, dois misantropos. Segundo a *Vogue* encarnávamos o resgate da geração X. E isso acabou com a gente.

Alguns nerds da emissora resolveram perseguir nosso trabalho com análises que, em termos de prolixidade e pedantismo, ganhariam da *Encyclopaedia Britannica* com folga.

Ainda na internet, berço da democracia virtual dos meus colhões, começaram a circular boatos entre o ridículo e o inquietante. Segundo os bem-informados, Mike e eu usávamos heroína, speedball, cocaína, anfetamina. Os *roadies* nos ensinavam em turnos todos os cento e um pecados de Sodoma. Durante as filmagens, um de nós dois tinha morrido (“Mike, aqui estão dizendo que você morreu.” “Aqui diz que ‘um de nós’ morreu, por que justo eu?” “Já se olhou no espelho, sócio?”).

A minha preferida, porém, era esta: havíamos engravidado uma groupie chamada Pam (já perceberam que as groupies sempre se chamam Pam?) e a obrigamos a abortar durante um ritual satânico que aprendemos com Jimmy Page.

Em março do ano seguinte, 2004, Mister Smith nos fez assinar um contrato para a segunda temporada de *Road Crew*. Tínhamos o mundo nas mãos. Depois, pouco antes de viajar para as filmagens, aconteceu uma coisa que

surpreendeu a todos, a começar por mim.
Eu me apaixonei.

E, estranho dizer, o mérito foi todo de “Podem me chamar de Jerry” Calhoun. Ele organizou uma projeção especial do primeiro episódio de *Road Crew*, seguida de um inevitável debate para os alunos. “Debate” cheirava a emboscada, mas Mike (que talvez esperasse vingar-se do nosso velho professor e do mundo inteiro) tinha insistido em aceitar e eu havia me limitado a segui-lo, como sempre acontecia quando Mike cismava com alguma coisa.

A criatura que abalou meu coração estava na terceira fila, semiescondida por um cara de uns cento e cinquenta quilos com olhar de Mark Chapman (um admirador da blogosfera, imaginei na hora), na temível sala 13 de Calhoun, aquela que alguns estudantes da New York Film Academy chamavam de “o Clube da Luta”.

No fim da projeção, o gordão foi o primeiro a querer dar opinião. O que ele disse em uma frase de trinta e cinco minutos pode ser resumido em: “Merda daqui, merda de lá, merda em todo lugar!”. Então, satisfeito, enxugou um fio de baba, sentou e cruzou os braços, com uma expressão de desafio naquela sua cara de pizza.

Quando eu estava prestes a vomitar sobre ele uma longa (longuíssima) série de considerações pouco educadas sobre os gordões sabichões, aconteceu o impossível.

A moça loira pediu a palavra, e Calhoun, aliviado, concedeu. Ela se levantou (era mesmo graciosa) e disse, com um fortíssimo sotaque alemão:

— Eu gostaria de saber qual é a palavra exata para “Neid”.

Desatei a rir e agradei mentalmente a minha querida *Mutti* por sua obstinação em me ensinar sua língua materna. De repente, aquelas horas que passei autoflagelando minha língua nos dentes, aspirando vogais e arrastando os erres como se eu tivesse um ventilador entalado na boca, ganhavam todo um novo sentido.

— *Mein liebes Fräulein* — comecei enquanto me deliciava com o som parecido com brinde de fim de ano produzido pelos olhos arregalados daquela massa de estudantes animados (gordão incluído) —, *Sie sollten nicht fragen, wie wir “Neid” sagen, sondern wie wir “Idiot” sagen.*

Cara senhorita, você não deve perguntar como dizemos “inveja”, mas como dizemos “idiota”.

Chamava-se Annelise.

Tinha dezenove anos e estava nos Estados Unidos havia pouco mais de um mês para fazer um estágio. Annelise não era alemã, nem austríaca, nem suíça. Vinha de uma minúscula província no norte da Itália, em que a maior parte da população falava alemão. Trentino-Alto Ádige era o nome daquele lugar estranho.

Na noite anterior à partida para a turnê, fizemos amor enquanto ao fundo Springsteen tocava *Nebraska*, e isso me reconciliou pelo menos um pouco com o cara. A manhã seguinte foi difícil. Eu pensava que nunca mais a veria. Não foi assim. A minha doce Annelise, nascida entre os Alpes, a oito mil quilômetros da Big Apple, transformou o estágio em um visto de estudante. Sei que parece loucura, mas vocês precisam acreditar em mim. Ela me amava e eu a amava. Em 2007, enquanto Mike e eu nos preparávamos para filmar a terceira (e última, como de novo tínhamos nos prometido) temporada de *Road Crew*, em um pequeno restaurante de Hell's Kitchen, pedi Annelise em casamento. Ela aceitou com tanto entusiasmo que, pouco virilmente, desatei em lágrimas.

O que mais eu poderia desejar?

O ano de 2008.

Porque em 2008, enquanto Mike e eu, extenuados, fazíamos uma pausa depois da estreia da terceira temporada do nosso *fuck-tual*, em um dia ameno de maio, em uma clínica de New Jersey imersa no verde, nasceu Clara, minha filha. E portanto: montanhas de fraldas perfumadas, papinhas colorindo roupas e paredes, mas sobretudo horas e horas passadas observando Clara, que aprendia a conhecer o mundo. E como esquecer as visitas de Mike com a namorada da vez (que durava de duas a quatro semanas, com um limite máximo de um mês e meio, como no caso da Miss Julho), nas quais ele buscava de todas as maneiras ensinar a *minha* filha o nome *dele* antes que Clara conseguisse pronunciar “papai”?

No verão de 2009, conheci os pais de Annelise, Werner e Herta Mair. Não sabíamos que o “cansaço” com que Herta justificava suas tonturas e sua palidez era uma metástase em estágio muito avançado. Ela morreu poucos meses depois, perto do fim do ano. Annelise não quis que eu a acompanhasse ao funeral.

Os anos de 2010 e 2011 foram belíssimos e frustrantes. Belíssimos: Clara subindo em tudo, Clara perguntando “o que é isso?” em três línguas

diferentes (a terceira, o italiano, Annelise estava ensinando inclusive a mim e eu me saía bem, era um estudante motivado por uma professora que eu achava muito sexy), Clara simplesmente crescendo. Frustrantes? Sim. Porque, depois de ter submetido a Mister Smith cerca de cem mil projetos diferentes (todos rejeitados), no fim de 2011 começamos as gravações da quarta temporada de *Road Crew*. Aquela que tínhamos jurado que nunca veria a luz do dia.

Deu tudo errado, a magia tinha se perdido e nós sabíamos. A quarta temporada de *Road Crew* foi uma longa e infeliz ladainha sobre o fim de uma época. Mas o público, como muitas gerações de redatores publicitários sabem, adora se sentir triste. A audiência foi melhor do que nas três temporadas anteriores. Até a *New Yorker* nos louvou falando da “história de um sonho acordado que se despedaça”.

Assim, Mike e eu ficamos de novo exaustos, apáticos. Deprimidos. O trabalho que considerávamos o pior da nossa carreira estava sendo aclamado inclusive por quem até pouco tempo nos tratava como doentes contagiosos. Por isso, em dezembro de 2012, aceitei a proposta de Annelise de passar alguns meses no seu vilarejo, um pontinho no mapa chamado Siebenhoch, Trentino-Alto Ádige, Itália. Longe de tudo e de todos.

Uma boa ideia.

OS HERÓIS DA MONTANHA

I.

As fotografias de Siebenhoch que Annelise me mostrara não faziam jus àquele vilarejo dependurado a mil e quatrocentos metros de altitude. Verdade, as janelas com gerânios eram as mesmas, as ruas estreitas para conservar o calor, também. As montanhas cobertas de neve e a floresta em torno? De cartão-postal. Mas ao vivo era... diferente.

Um lugar magnífico.

Eu gostava da igrejainha circundada por um cemitério que não fazia pensar na morte, mas no eterno repouso das orações. Gostava dos tetos pontiagudos das casas, dos canteiros bem-cuidados, das ruas lisinhas, eu gostava do dialeto por vezes incompreensível que estropiava a língua da minha mãe (e, para todos os efeitos, da minha infância) em um *dialokt* dissonante e desbocado.

Eu gostava inclusive do supermercado Despar aconchegado em uma clareira desmatada, do cruzamento das estradas provinciais e federais, bem como das trilhas semienterradas pelo emaranhado de faias, samambaias e abetos vermelhos.

Eu gostava da expressão da minha esposa toda vez que ela me mostrava algo novo. Um sorriso que a fazia parecer a menina que, eu imaginava, tinha corrido por aqueles bosques, brincado com bolas de neve, caminhado ao longo daquelas ruas e que depois, já crescida, atravessara o oceano para acabar em meus braços.

O que mais?

Eu gostava do presunto speck, sobretudo aquele maturado que meu sogro trazia para nossa casa sem jamais revelar a fonte de tal delícia — com certeza não era um daqueles lugares que ele chamava de “lojas para turistas” —, e de Knödel cozido em pelo menos quarenta modos diversos. Eu devorava crostatas, strudel e tudo o mais. Engordei quatro despudorados quilos e não me senti nem um pouco culpado.

A casa em que estávamos era propriedade de Werner, pai de Annelise. Ficava na fronteira oeste de Siebenhoch (admitindo que um vilarejo de setecentas pessoas pudesse ter fronteiras de verdade), no ponto em que a montanha subia para tocar o céu. No andar de cima havia dois quartos, um escritório e um banheiro. Embaixo havia a cozinha, a despensa e aquilo que Annelise chamava de sala de estar, embora esse fosse um termo reducionista para aquele cômodo. Era enorme, com uma mesa no centro e móveis de faia e pinus que Werner construía com as próprias mãos. A luz entrava por dois janelões que davam para um gramado e, desde o primeiro dia, coloquei uma poltrona ali em frente pelo prazer de absorver aquele lugar — as montanhas e o verde (que quando chegamos estava coberto por uma colcha de neve).

Foi enquanto eu estava sentado naquela poltrona que, no dia 25 de fevereiro, vi o helicóptero rasgar o céu de Siebenhoch. Estava pintado com um lindo vermelho flamejante. Pensei nele durante toda a noite. Em 26 de fevereiro, o helicóptero tinha se transformado em uma ideia.

Uma ideia *fixa*.

No dia 27, entendi que precisava falar com alguém sobre aquilo.

Alguém que soubesse. Alguém que entenderia.

No dia 28, eu o fiz.

2.

Werner Mair morava a alguns quilômetros em linha reta de nós, em um lugar com pouquíssimos confortos que as pessoas chamavam de Welshboden.

Era um homem severo que sorria pouco (só Clara era capaz da magia de fazê-lo sorrir), cabelos brancos e ralos nas têmporas, olhos penetrantes de um azul-celeste tendendo para o cinza, nariz afilado e rugas que pareciam cicatrizes.

Aproximava-se dos oitenta em excelente forma física, e o encontrei concentrado cortando lenha com uma camisa, apesar de a temperatura estar um pouco abaixo de zero.

Logo que me viu chegar, apoiou o machado em um suporte e me cumprimentou. Desliguei o carro e saltei. O ar era fresco, puro. Inspirei profundamente.

— Mais lenha, Werner?

Estendeu-me a mão.

— Nunca é o bastante. E o frio nos mantém jovens. Quer um café?

Entramos.

Livre-me do casaco e do chapéu e me acomodei ao lado da lareira. Através do odor da fumaça penetrava um agradável cheiro de resina.

Werner preparou a moka (fazia café como os italianos ao estilo montanhês: uma cusparada preta como alcatrão que deixava você acordado por semanas) e se sentou. Tirou um cinzeiro de um armariozinho e piscou para mim.

Werner dizia que havia parado de fumar no dia em que Herta tinha dado à luz Annelise. Porém, depois da morte da esposa, talvez por tédio ou (eu suspeitava) por nostalgia, ele tinha retomado. Escondido, porque, se Annelise o visse com um cigarro entre os dedos, ela o esfolaria vivo. Embora eu me sentisse culpado ao encorajá-lo com a minha companhia (e a minha discrição), naquele momento, enquanto Werner acendia um fósforo com a unha do polegar, o tabagismo do meu sogro me era conveniente. Nada melhor que compartilhar um pouco de tabaco para ter uma conversa entre homens, sabia?

Fui aos poucos. Trocamos algumas banalidades. O tempo, Clara, Annelise, Nova York. Fumamos. Bebemos café e um copo d'água de Welshboden, para tirar o amargo.

Por fim, abri o jogo.

— Eu vi um helicóptero — comecei. — Vermelho.

O olhar de Werner me esquadrinhou.

— E você está se perguntando como isso ficaria na TV, certo?

Certo.

Aquele helicóptero não furaria a tela. Ele a estilhaçaria.

Werner bateu a cinza do cigarro no piso.

— Você já teve alguma dessas ideias que mudam a vida?

Pensei em Mike.

Pensei em Annelise. E em Clara.

— Se não tivesse tido, eu não estaria aqui. — Foi a minha resposta.

— Eu era mais jovem quando tive a minha. Ela não nasceu por acaso, nasceu de um luto. Nunca é bom que as ideias venham do luto, Jeremiah. Mas acontece, e não se pode fazer nada. As ideias chegam e pronto. Algumas vezes vão embora, outras vezes fincam raízes. Como as plantas. E, como as plantas, elas crescem. Elas têm vida própria. — Werner parou para conferir a brasa do cigarro antes de jogá-lo na lareira. — Você está com tempo, Jeremiah?

— Todo o tempo que for necessário — respondi.

— *Nix*. Errado. Você tem o tempo que a sua mulher e a sua filha concederam a você. Para um homem, a família deve ser a prioridade. Sempre.

— Sim... — respondi, e acho que fiquei um pouco vermelho.

— De qualquer forma, se você quer ouvir essa história, não vai demorar muito. Está vendo aquela foto?

Werner indicou um instantâneo emoldurado, pendurado sob o crucifixo. Ele se aproximou e a tocou com a ponta dos dedos. Como muitos montanhese, ele também não tinha algumas falanges, no seu caso a primeira do mindinho e do anular direitos.

A fotografia em preto e branco retratava cinco jovens. O da esquerda com uma franja rebelde e a mochila nas costas, era Werner.

— Foi tirada em 1950. Não lembro o mês. Mas deles eu me lembro. Lembro das risadas. É a coisa que menos desbota com a velhice. Você esquece datas, aniversários. Esquece rostos. Por sorte, você esquece também as dores, os sofrimentos. Mas as risadas daquela época, de quando você ainda não é um homem, mas também não é mais um menino... elas permanecem dentro de você.

Apesar de ser muito mais jovem, eu entendia o que Werner estava tentando me dizer. Mas eu duvidava que sua memória pudesse falhar. Werner pertencia a uma classe de montanhesees forjada em aço. Apesar do cabelo branco e das rugas no rosto, eu não conseguia considerá-lo velho.

— A vida era dura aqui em Siebenhoch. De manhã, ir à escola lá embaixo no vale; de tarde até de noite, ferrar a coluna nos campos, nos pastos, no bosque ou nos estábulos. Eu tinha sorte porque meu pai, o avô de Annelise, tinha sobrevivido ao desabamento da mina, no entanto muitos dos meus amigos eram órfãos, e crescer sem um pai no Alto Ádige, naqueles anos, era tudo menos diversão.

— Posso imaginar.

— Talvez — respondeu Werner sem tirar os olhos da foto. — Mas duvido que possa de fato compreender. Você já passou fome?

Eu já tinha sido sequestrado por um viciado que apontou uma seringa para meu pescoço, e um grande amigo tinha sido esfaqueado enquanto voltava de um show no Madison Square Garden, mas não, eu nunca tinha passado fome.

Então não respondi.

— Éramos jovens, irresponsáveis e, portanto, felizes, se você entende o que quero dizer. Amávamos escalar as montanhas. — Ele fez uma expressão entre o melancólico e o irônico, que logo desapareceu. — Na época, acreditávamos que o alpinismo era coisa de gente estranha e de sonhadores. Não era um esporte respeitável como hoje. Em certo sentido, fomos pioneiros, sabe? Com o tempo, o alpinismo se transformou em turismo, e hoje o turismo é a primeira fonte de renda de todo o Alto Ádige.

Era verdade. Havia hotéis, restaurantes e teleféricos por todo lado para possibilitar o acesso aos cumes das montanhas. No inverno, os turistas se concentravam nas zonas de esqui, no verão, dedicavam-se às excursões nos bosques. Eu não podia criticá-los: logo que o tempo mudasse, com o degelo, eu planejava comprar calçados resistentes e verificar, com a desculpa de levar Clara para pegar um pouco de ar puro, se é que o rapaz do Brooklyn aqui podia competir com os montanhesees locais.

— Sem o turismo — prosseguiu Werner —, o Alto Ádige seria uma província pobre, habitada só por camponeses cada vez mais velhos, e Siebenhoch não existiria mais, pode ter certeza.

— Seria triste.

— Muito, muito triste. Mas não foi o que aconteceu... — Ele piscou. —

De qualquer modo... Para as pessoas daquele tempo, sobretudo para as desta região, ir para a montanha significava ir *trabalhar* na montanha. Levar as vacas até o pasto, cortar lenha para o fogo. Cultivar. Essa era a montanha. Para nós, por outro lado, era diversão. Mas éramos imprudentes. Muito. Disputávamos para ver quem conseguia subir o paredão mais íngreme, marcávamos no cronômetro, desafiávamos as intempéries. E o equipamento?

Werner deu um tapa na própria coxa.

— Cordas de cânhamo. Sabe o que significa cair quando você está preso por uma corda de cânhamo?

— Não faço a menor ideia.

— O cânhamo não é elástico. Se você cai com as cordas modernas, essas de nylon e sei lá do que mais, é quase divertido. Elas esticam e absorvem o seu peso. O cânhamo é outra história. Você pode ficar aleijado para o resto da vida. Ou pior. Além disso... Os pregos de escalada, os martelos e todo o resto eram feitos à mão, pelo ferreiro do vilarejo. O ferro é frágil, fragilíssimo, e caro. Mas nós não tínhamos cinema, não tínhamos carros. Tínhamos sido educados a economizar até o último centavo. E estávamos bem felizes de usar o dinheiro para as nossas escaladas. — Werner pigarreou. — Achávamos que éramos imortais.

— Mas não eram, não é?

— Ninguém é. Poucos meses depois daquela foto, houve um acidente. Tínhamos subido em quatro. Croda dei Toni, já foi lá? No dialeto de Belluno significa “coroa dos trovões”, porque quando chove e vêm os raios é um espetáculo de arrepiar. É um belo lugar. Mas isso não torna a morte menos amarga. A morte é a morte, e nada mais conta.

Li no rosto dele. Estava pensando em Herta, morta por um monstro que devorou seu cérebro. Respeitei seu silêncio até que ele se sentisse de novo pronto para falar.

— Três deles não conseguiram. Eu só me salvei porque tive sorte. Josef morreu em meus braços, enquanto eu gritava sem parar e pedia ajuda. Mas, mesmo se alguém tivesse ouvido, sabe quantos quilômetros havia entre o ponto em que a corda arrebentou e o hospital mais próximo? Vinte. Impossível salvá-lo. Impossível. Esperei que a morte o levasse, fiz uma oração e voltei. E tive a ideia. Ou melhor, a ideia me ocorreu. Depois dos funerais nos encontramos, com outros poucos, para beber em memória dos mortos. Por aqui, você já deve ter percebido, beber é comum. E nós naquela noite

bebemos como esponjas. Cantamos, rimos, choramos, xingamos. Depois, enquanto amanhecia, expus a minha ideia. Ainda que ninguém o dissesse, mas certas coisas não é preciso escutar com os próprios ouvidos, para o resto do mundo nós éramos uns malucos atrás de problemas. Portanto, ninguém poderia ou gostaria de nos ajudar se nos déssemos mal lá em cima.

— Para se salvar, vocês só podiam contar com as próprias forças.

— Exato, Jeremiah. Assim fundamos o Socorro Alpino das Dolomitas. Não tínhamos dinheiro, tampouco apoio político, tivemos de pagar do próprio bolso todo o equipamento, mas deu certo. — Werner me concedeu um daqueles sorrisos que só Clara conseguia tirar dele. — Um de nós, Stefan, comprou um manual de primeiros socorros. Estudou e nos ensinou as principais técnicas de reanimação. Respiração boca a boca, massagem cardíaca. Aprendemos como imobilizar uma fratura, como reconhecer um traumatismo craniano. Coisas assim. Mas ainda não era o bastante. Começavam a chegar os primeiros excursionistas, como os chamávamos na época, e, com eles, gente novata e mal equipada, e aumentaram as operações. Sempre a pé. Compramos a primeira caminhonete em 1965, uma caçamba bamba que de qualquer modo podia nos levar só até certo ponto. Depois era preciso fazer do jeito antigo. Transportando feridos nas costas. Muitas vezes transportando os mortos nas costas.

Tentei imaginar a cena. Senti arrepios. Dói admitir, mas não eram somente arrepios de horror, porque eu também, como Werner, tinha na cabeça a minha ideia.

— Chegávamos, encontrávamos o cadáver, fazíamos uma oração, depois o mais velho do grupo passava uma garrafinha de conhaque ou de grapa, um gole cada um, e ao mais jovem cabia a tarefa de transportar o cadáver. Voltávamos para a base. Que, na verdade, não era nada além do bar de Siebenhoch, o único lugar onde havia um telefone.

— Caralho — murmurei.

— Para encurtar a história. Aqui em Siebenhoch o verdadeiro turismo chegou no início dos anos 1990, quando Manfred Kagol teve a ideia do Centro de Visitantes. Mas desde os anos 1980 outros vales tinham muito trabalho para atender os pedidos dos turistas. Os turistas trazem dinheiro. Quando o dinheiro começa a rodar, você sabe bem, chegam os políticos, e, se você for um pouco esperto, pode manipular os políticos como quiser.

Eu não gostaria de estar no lugar do político que tentasse engambelar

Werner Mair.

— Assim chegaram os fundos. Fizemos acordos com a defesa civil e com a Cruz Vermelha. No fim dos anos 1970 articulamos um projeto especial nos helicópteros do exército. Os resultados foram surpreendentes. Se antes, em um acidente, sobreviviam três de cada sete feridos, com o helicóptero chegávamos a seis entre dez. Nada mau, não?

— Realmente.

— Mas queríamos mais. Primeiro — contou Werner mostrando-me o polegar —, queríamos um helicóptero que estivesse à disposição o tempo todo, sem precisarmos enfrentar toda vez os caprichos de algum coronel. — Ao polegar, ele adicionou o indicador. — Queríamos subir essa estatística. Não queríamos *nenhum* morto. Então...

— Vocês queriam um médico a bordo.

— Exato. O helicóptero reduz o tempo, o médico estabiliza o paciente. Conseguimos o primeiro helicóptero em 1983. Um Alouette, que era praticamente dois tubos soldados juntos e um motor de cortador de grama. Mudamos a base daqui para Pontives, perto de Ortisei, porque lá tínhamos a possibilidade de construir um hangar e um heliporto. O médico de bordo chegou em seguida, depois que Herta e eu tínhamos saído de Siebenhoch.

— Como assim?

Uma careta surgiu no rosto de Werner.

— O vilarejo estava morrendo. Ainda não tinha turismo suficiente. O Centro de Visitantes era só uma ideia na cabeça de Manfred... Percebe como voltamos sempre a falar de ideias? E eu tinha uma filha para alimentar.

— Você podia continuar sendo socorrista.

— Lembra o que eu disse antes de começar a contar tudo isso?

— Não... — balbuciei, confuso.

— Um homem deve ter uma única prioridade. A sua família. Quando Annelise nasceu eu não era velho, mas não era mais um rapazinho. É verdade, Herta era vinte anos mais jovem do que eu e estava acostumada a passar as noites sabendo que eu subiria algum pico para socorrer escaladores em dificuldade, mas a chegada da menina mudou tudo. Eu tinha virado pai, entende?

Sim, eu entendia.

— Um amigo havia me arranjado um trabalho em uma tipografia em Cles, perto de Trento, e nos mudamos quando Annelise tinha poucos meses. Só

quando ela terminou a escola decidimos voltar para cá. Aliás, foi ela que insistiu. Ela amava este lugar. Para Annelise era só o vilarejo das férias, mas de alguma maneira ela se sentia apegada. O resto, como se diz nesses casos...

— É história.

Werner me encarou por um tempo.

Werner não olhava. Werner perscrutava. Vocês já viram alguma ave de rapina? Werner tinha esse olhar. Chamam isso de carisma.

— Se você tem certeza do que quer fazer, posso ligar para algumas pessoas. Depois cabe a você ganhar o respeito delas.

A ideia.

Eu já tinha tudo na cabeça. Montagem. *Voice over*. Tudo. Um factual como *Road Crew*, mas ambientado ali, entre aquelas montanhas, com os homens do Socorro Alpino das Dolomitas. Eu sabia que Mike se entusiasmaria. Tinha inclusive o título. Iria se chamar *Mountain Angels* e seria um sucesso. Eu sabia.

Eu *sentia*.

— Mas tenho que avisar. Não será como você espera, Jeremiah.

A VOZ DA BESTA

I.

Alguns dias mais tarde falei sobre isso com Annelise. Depois telefonei para Mike. Não, não era brincadeira. E sim, eu era um gênio fodido. Eu sempre soube, mas de qualquer forma obrigado.

Em 4 de abril, Mike chegou em Siebenhoch. Estava com uma *ushanka* enterrada na cabeça e uma echarpe de Harry Potter ao redor do pescoço. Clara balbuciava “Tio Mike! Tio Mike”, batendo as mãos, como fazia desde quando era pouco mais do que um toco de gente, deixando meu sócio muito orgulhoso.

Em 6 de abril, empolgados como quarterbacks no Super Bowl, começamos as filmagens de *Mountain Angels* em Pontives, Val Gardena, sede operacional do Socorro Alpino das Dolomitas.

2.

A base de Pontives era nada mais que um edifício de dois andares imerso no verde. Moderno, cheio de comodidades, limpíssimo e muito organizado.

Foi Moses Ploner, o homem que tinha tomado o lugar de Werner na direção do Socorro Alpino das Dolomitas, que nos fez dar a primeira volta de reconhecimento e nos apresentou o restante da equipe. Gente que tinha salvado dezenas de vidas.

Admito: estávamos intimidados.

Esperamos até as dez da manhã, quando o zumbido da rádio se transformou em uma voz monocórdia.

— Papa Charlie para Socorro Alpino das Dolomitas.

Papa Charlie significava “Posto de Comando”.

— Socorro das Dolomitas na escuta. Pode falar, Papa Charlie — respondeu Moses inclinando-se para o microfone.

— Temos um turista no flanco leste do monte Seceda. Perto do refúgio *Margheri*. Câmbio.

— Perfeito, Papa Charlie, desligo.

A data das filmagens se aproximava e eu construía um filme na minha cabeça que incluía maxilares fortes como os dos Navy Seals que corriam de um lado para outro como bolinhas de pinball, alarmes a todo volume, luzes vermelhas piscando e piadas vulgares do tipo: “Vamos, meninas, mexam esse traseiro!”.

Em vez disso, zero agitação.

Eu logo entenderia por quê. A montanha é o último lugar em que ainda vigora a diferença entre autoridade e autoritarismo.

Naquele 6 de abril, porém, eu não tive tempo de ficar mal. Moses Ploner (com uma lentidão que me pareceu até mesmo exasperante) virou-se para Mike.

— Quer vir junto?

Sem pressa, Mike se levantou da cadeira. Sem pressa, colocou a Sony nos ombros. Lançou-me um olhar aterrorizado e subiu no EC 135, com o barulho das turbinas que crescia uma oitava. Aproximei-me das portas do hangar bem a tempo de ser investido pelo deslocamento de ar das pás do helicóptero decolando, que me jogou para trás, e em um piscar de olhos o

perfil vermelho do EC 135 tinha desaparecido.

Voltaram depois de uns trinta minutos. Missão de rotina para a equipe do Socorro Alpino das Dolomitas. O helicóptero chegara ao local, o médico tinha verificado o machucado (uma torção), o azarado fora carregado a bordo e posteriormente descarregado no hospital de Bolzano, então o EC 135 havia decolado e, durante o trajeto de retorno, Mike recebera o seu batismo aéreo.

— Nós brincamos de Luftwaffe e Mike... — debochou Christoph, o médico de bordo, exibindo um saquinho cheio de vômito enquanto meu sócio, branco como papel, corria para o banheiro.

Bem-vindos ao Socorro Alpino das Dolomitas.

3.

Os dois meses seguintes transcorrem na minha memória como um filme em velocidade redobrada. Os rostos dos feridos, sobretudo, confundem-se uns com os outros.

O helicóptero decolando com visibilidade quase zero, as tiradas entre Mike e Ismaele, o piloto do EC 135 (Ismaele era o irmão de Moses; mamãe e papai Ploner deviam ser fãs da Bíblia):

— Você não disse que era preciso ter duzentos metros de visibilidade para voar?

— Mas isso *são* duzentos metros de visibilidade. Se eu estreito os olhos, são até trezentos, acho.

O terror no olhar do rapaz paralisado por um ataque de pânico. A dor do pastor com a perna esmagada por um desmoronamento de pedras. O turista semicongelado. O casal perdido na neblina. Uma infinidade de ossos quebrados, bacias deslocadas, articulações destruídas, sangue, suor. Muitas lágrimas, poucos agradecimentos. Mike dormindo quatro horas por noite, devastado pela adrenalina. As comunicações de rádio dando um nó no estômago. Mike sendo picado por treze variedades de mosquito. A minha iniciação: ser mumificado em um saco a vácuo e deixado ali para experimentar a embriaguez da claustrofobia. Mike balançando a cabeça para me dizer que não, melhor não fazer entrevistas, não é a hora. O pedido de “socorro espiritual de emergência” que atormenta você noite e dia.

E, naturalmente, as Regras.

Os homens do Socorro Alpino das Dolomitas tinham um só profeta (Moses Ploner), um carro de fogo para chegar ao Reino dos Céus (o EC 135), e pelo menos duzentas mil regras transmitidas boca a boca. Era difícil segui-las. As regras brotavam como cogumelos.

A Regra do Almoço talvez fosse a mais bizarra (e em certo sentido inquietante). Não importa se são sete da manhã ou quatro da tarde: no momento exato em que você se sentar à mesa, o alarme vai tocar e a equipe vai ter que partir para uma operação. Na primeira vez pensei que não passava de uma coincidência. Na segunda achei que fosse uma brincadeira do destino. Da décima em diante comecei a trazer à baila Deus e a entropia universal. Depois de dois meses de filmagem, eu não me importava mais nem um pouco

com isso.

Era assim e pronto, por que me preocupar?

A Regra do Almoço, para mim que, enquanto roteirista, não participava da ação direta (nas imortais palavras de Mike McMellan: “Você só tem que saber como contar essa porra, porque do resto a Sony se encarrega”), reservava inesperadas implicações positivas. A campainha do alarme soava, a equipe descia no hangar, o helicóptero decolava e eu terminava o sorvete ou o doce dos outros sentado na poltrona do painel de rádio. A caneta engordava mais que a câmera.

Mas só até o almoço de 15 de setembro.

4.

Mike apresentava sinais de cansaço já havia alguns dias. Ele estava pálido, tenso.

A primeira operação do dia fora bem-sucedida. O tempo estava bom e o turista milanês não tinha nada além de um pouco de medo e uma ideia de que o helicóptero do Socorro fosse uma espécie de táxi com o qual descer para o vale. A segunda operação havia sido uma xerox da primeira, mas, em vez de ir ao Corno Bianco, tratava-se de voar até o Sasso Lungo.

Quando Mike voltou da segunda operação, percebi que ele estava arrastando os pés. Trocou a bateria da câmera (a *nossa* Primeira Regra) e depois se jogou em uma cadeira. Em poucos minutos pegou no sono com a Sony junto ao peito.

Por volta da uma da tarde, Moses, tendo como cúmplices os estômagos que roncavam, decidiu que havia chegado o momento de desafiar a Regra do Almoço. Cozido de carne. Batatas. Strudel. O strudel nunca conseguimos comer. Pena, porque estava com uma cara realmente apetitosa.

O alarme disparou quando tínhamos acabado de começar a encher os pratos. Mike se levantou, agarrou a filmadora e caiu de novo na cadeira, arquejando.

Foi o suficiente para que Christoph emitisse o seu diagnóstico:

— Paracetamol, cobertor quente, sopinha da vovó e boa noite.

Mike balançou a cabeça, reerguendo-se:

— Eu estou bem, *no problem*.

Antes que ele pegasse a câmera, Moses o segurou pelo braço e o parou.

— Você não vem. Mande ele, se quiser. Nessas condições, no helicóptero você não sobe.

Ele, no caso, era eu.

Dito isso, virou-se e desceu a escada.

Mike e eu nos olhamos por um instante.

Tentei parecer seguro.

— Passa a Sony, parceiro; vou fazer você ganhar um Oscar.

— Os Oscars são para filmes — resmungou Mike. — Nós fazemos televisão, Salinger.

Relutante, passou-me a câmera. Era pesada.

— Mantenha apertada a tecla REC.
— Amém.
— Você vem? — A voz de Christoph soou da escada.
Fui.

Eu nunca tinha subido no EC 135. O assento reservado para Mike era minúsculo. O EC não era um daqueles helicópteros gigantescos de transporte que se viam nos filmes, era um helicóptero pequeno, ágil e potente. O melhor meio de socorro possível entre os picos dolomíticos, mas desgraçadamente pouco cômodo se você tinha que filmar alguma coisa.

Quando Ismaele deu a partida, meu estômago subiu para a boca. Não somente por causa da aceleração. Podem chamar de medo. Olhar para fora da janelinha não me ajudou. Vi a base de Pontives desaparecer e engoli algumas vezes para não começar a vomitar. Manny, o socorrista do meu lado, apertou a minha mão. A dele era grande como o meu antebraço. Um gesto de montanhês que significava: acalme-se. Acreditem, funcionou.

Nada mais de medo: só o céu. Límpido.

Meu Deus, como era bonito.

Christoph piscou para mim e fez um sinal para eu colocar os fones.

— Como você está, Salinger?

— Maravilhosamente bem.

Eu ia falar mais, porém Moses me interrompeu.

— Socorro Alpino das Dolomitas para Papa Charlie — grasnou do rádio comunicador. — Vocês têm alguma informação para nos dar?

Comecei a filmar de verdade, esperando que a minha pouca experiência não causasse alergia em Mike quando ele visse as imagens na volta.

Ele sabia ser um grande chato, se quisesse.

— Papa Charlie na escuta. Trata-se de uma turista alemã, no Ortles — respondeu a voz distorcida da central do 118 da rádio. — Ela foi parar em uma grande fenda a três mil e duzentos metros. Na Schückrinne.

— Recebido, Papa Charlie. Estaremos aí em...

— ...sete minutos — disse Ismaele.

— ...sete minutos. Desligo.

Moses largou o rádio e se virou para mim. Ergui a câmera e fiz um belo primeiro plano dele.

— Você já viu o Ortles? — perguntou-me à queima-roupa.

— Só em foto.

Moses fez que sim com a cabeça.

— Vai ser uma bela operação, você vai ver.

Então ele se virou, apagando-me do seu mundo.

— O que é a Schückrinne? — perguntei a Christoph.

— Existem vários caminhos para alcançar o cume do Ortles — respondeu o médico com o semblante fechado. — O mais simples é a Normal Norte, é preciso receber treinamento, mas ninguém sobe uma geleira se não está preparado, certo?

— Uma vez a gente pegou um cara ali que estava de chinelo — comentou Ismaele, achando graça.

— Chinelo?

— A três mil metros — disse ele gargalhando. — As pessoas são estranhas, não são?

Eu só podia concordar.

Christoph continuou a sua explicação:

— A Schückrinne é o pior caminho. A rocha é friável, tem umas inclinações que chegam a cinquenta e cinco graus, e o gelo... Você nunca sabe quando ele vai aprontar. É um lugar ruim até para os alpinistas mais experientes. Papa Charlie disse que a turista está em uma fenda, péssima notícia.

— Por quê?

— Porque ela pode ter quebrado uma perna. Ou as duas. E talvez até a bacia. Pode ter batido a cabeça. Além disso, o fundo de uma fenda de geleira é uma coisa feia, tem água. Parece... — Christoph procurou a imagem certa. — Parece um copo de granita.

— De fato, vai ser divertido — disse Ismaele, oferecendo para a câmera um dos seus sorrisos inconfundíveis, entre o filhotinho abandonado e o menininho mal-educado.

Outra regra do Socorro. Nada é difícil. Nunca. Porque, como dizia Moses Ploner: “Só é difícil o que você não sabe fazer.” Ou: “Se é difícil, fique em casa.”

Pensei que a turista alemã teria feito bem em seguir a regra de Moses. Não me veio à mente que *eu também* devia ter seguido aquela maldita regra.

Sete minutos mais tarde, o EC 135 dava voltas acima do paredão branco do Ortles. Eu nunca tinha visto uma geleira até então e me pareceu magnífica.

Logo eu mudaria de ideia.

Moses escancarou a porta e eu fui atingido por uma corrente de ar gelado.

— Ali está ela.

Tentei filmar o ponto que o chefe do Socorro Alpino das Dolomitas indicava.

— Está vendo aquela fenda grande? A turista está ali.

Eu não entendia como Moses podia estar tão seguro de que aquela fosse a fenda certa. Naquela direção havia pelo menos três ou quatro.

O EC 135 vibrava como um liquidificador. Desceu algumas centenas de metros, até que a Sony conseguiu enquadrar o indício que os olhos de Moses tinham captado antes dos meus. Uma série de pegadas na neve que se interrompiam bruscamente.

O EC 135 parou.

— Não dá para pousar, moçada, impossível — informou Ismaele.

Fiquei boquiaberto.

Ismaele não era um piloto. Ele era o santo padroeiro de todos os pilotos de helicóptero. Nas filmagens de Mike eu o tinha visto pousar (“estacionar” era o termo que usava) em picos pouco maiores do que maçãs, surfar sobre correntes de ar que teriam derrubado o Barão Vermelho em pessoa e levar o EC 135 tão próximo de paredões que parecia que as pás se despedaçariam a qualquer momento. E sem nunca perder aquele jeito de Pavio, o personagem amigo do Pinóquio. Então. Esse mesmo Ismaele agora estava preocupado.

Oh-oh.

— Manny, desça com o guincho. Pegue a mulher e suba com ela logo. Eu não desembarco ninguém. Está absurdamente quente. E esse vento...

Não entendi. Estávamos sobre uma geleira, certo? O gelo é frio, ou estou enganado? Que diabo significava “absurdamente quente”? E o que o vento tinha a ver com isso?

Não era o momento de fazer perguntas. Manny já estava se posicionando com o guincho.

Olhei para ele e de repente meu coração começou a queimar. Assim, enquanto o EC 135 zunia entre dois paredões de pedra sobre a fenda do gelo, da minha boca saíram as palavras que mudariam o curso da minha vida.

— Posso descer com você?

Manny, já em pé no esqui do helicóptero, fez um sinal a Moses, com o guincho bem firme na mão direita protegida por uma luva de couro.

— O quê?

— Posso descer com Manny? Aí eu filmo tudo.

— Não podemos puxar vocês três para cima. Tem muito vento — disse Ismaele. — Além do mais, a temperatura é...

Foda-se a temperatura.

Foda-se tudo. Eu queria *descer*.

— Eu posso ficar lá embaixo. Manny sobe com a turista e depois me busca.

Fácil, não?

Moses hesitou. Manny sorriu.

— Acho que dá.

Moses me encarou.

— Ok — disse de má vontade. — Mas vão logo.

Saí do meu assento (não era mais de Mike, era o *meu* assento), Christoph me passou um arnês, vesti e me engatei em Manny. Saímos pela porta, com os pés sobre o esqui do EC 135. Christoph fez sinal com o polegar. Manny deu uma batidinha no meu capacete. Três, dois, um.

O vazio nos engoliu.

Tive medo. Não tive medo. Fiquei apavorado. *Não* fiquei.

Nunca me senti tão vivo.

— Dez metros... — ouvi Manny contar.

Olhei para baixo.

Estava escuro demais na fenda para ver qualquer coisa. Apontei a câmera e continuei filmando.

— Um metro.

Manny se firmou na beirada.

— Pare.

O guincho parou de descer.

Manny acendeu a lâmpada que tinha no capacete. O fecho de luz sondou as trevas. Logo identificamos a mulher. Ela vestia um casaco laranja fosforescente. Estava apoiada na parede de gelo. Levantou a mão.

— São trinta metros, Moses — disse Manny. — Devagar, para baixo.

O guincho recomeçou a zumbir.

Vi a superfície iridescente do Ortles desaparecer e me percebi cego, enquanto Manny controlava a descida. Abri e fechei os olhos várias vezes para me acostumar à escuridão.

— Cinco metros — disse Manny. — Três.

Havia uma estranha luminosidade lá embaixo. A luz do sol refratava em mil lampejos que confundiam a visão, criando halos de arco-íris e centelhas.

O fundo da grande fenda, com dois metros e meio de largura, estava coberto de água. Na água, como havia descrito Christoph, boiavam pedaços de gelo de vários tamanhos. Era realmente como estar dentro de uma granita.

— Pare.

Manny desenganchou o seu arnês, depois o meu.

Eu estava imerso na água gelada até os joelhos.

— Está sozinha, senhora?

A mulher pareceu não entender a pergunta.

— Perna — balbuciou.

— Ela está em choque — explicou Manny. — Afaste-se o máximo que puder. Vamos tentar acelerar.

Pressionei as costas na parede da geleira. A respiração se condensava em nuvenzinhas. Minha esperança era que não entrassem nas filmagens.

A turista encarou primeiro Manny e depois a própria perna.

— Dói.

— Você consegue ver o helicóptero? Lá tem um médico que vai lhe dar uma bela dose de analgésico.

A mulher balançava a cabeça, gemendo.

Manny se engatou ao cabo do guincho e depois, puxando o cabo, enganchou também o arnês da mulher.

— Guincho, Moses.

O guincho ergueu os dois.

A mulher gritou com todo o fôlego que ainda tinha. Reprimi o instinto de tapar os ouvidos. Se tivesse feito isso, a câmera cairia na água, e, aí sim, Mike me mataria.

Lentamente e com dores atrozes.

O resgate foi exemplar. O cabo parecia uma linha reta desenhada com nanquim.

Vi Manny e a mulher subirem, subirem e enfim saírem da fenda.

Fiquei sozinho.

5.

O que mostram as imagens da Sony naquele momento?

As paredes da fenda. Reflexos que se dissolvem na mais absoluta escuridão. O facho luminoso da câmera que se inclina de um lado para outro, às vezes lentamente, outras vezes de maneira histérica. Cubinhos irisados que boiam na poça d'água ao redor das minhas pernas. O reflexo do meu rosto no gelo. Primeiro sorridente, depois atento, com a expressão de quem está tentando escutar uma conversa privada. Por fim, transtornado, com os olhos de um animal preso em uma armadilha, os lábios escurecidos pelo frio, retraídos sobre os dentes em um sorriso contorcido que não me pertencia. Uma máscara de morte medieval.

E acima de tudo: a voz do Ortles. O crepitar do gelo. O sibilo da massa do Ortles que continuava se movendo como há duzentos mil anos por aquela região.

A voz da Besta.

Manny descendo, preocupado. O meu nome repetido diversas vezes.

O grito de Deus engolindo Manny.

O fluir dos segundos que para de fazer sentido. A consciência aterrorizante de que o tempo da geleira não é o tempo humano. É um tempo alheio, hostil.

E o escuro.

Mergulhei na treva que devora os mundos. Encontrei-me à deriva no espaço profundo. Uma única, imensa, infindável noite eterna de uma brancura espectral.

Seis letras: “escuro”. Seis letras: “gelado”.

Por fim, a salvação.

Absurdamente quente, havia dito Moses. Absurdamente quente significava avalanche. O grito de Deus. E a avalanche tinha pegado Manny. Com Manny, por meio do cabo do guincho, a Besta tinha agarrado o EC 135, puxando-o para o solo, esmagando-o como se esmaga um inseto enfadonho. Por que Moses não tinha cortado o cabo do guincho? Se tivesse feito isso, Manny teria sido arrastado, mas a avalanche não conseguiria pegar também o helicóptero. Isso foi perguntado pelos carabinieri e pelos jornalistas. Não pelos socorristas que me salvaram. Eles *sabiam*. Está tudo escrito nas Regras.

O cabo do guincho não deve ser cortado porque na montanha não se deixa

ninguém para trás. Por nenhum motivo. Assim é e assim deve ser.

De Moses, Ismaele, Manny, Christoph e da turista não restava nada. A fúria da avalanche, que derretera por causa do calor e do vento, tinha varrido dali os corpos, tornando-os irreconhecíveis. O EC 135 era uma carcaça vermelha perto do vale.

O acidente do Ortles, porém, não significou o fim do Socorro Alpino das Dolomitas, assim como não escreveu o fim da minha história.

Como eu já disse, seis letras.

“Início”.

DUZENTOS E OITENTA MILHÕES DE ANOS ATRÁS

I.

O meu corpo reagiu bem ao tratamento. Fiquei no hospital menos de uma semana. Alguns pontos de sutura, alguns ciclos de injeção intravenosa para um princípio de hipotermia e nada mais. As feridas piores estavam dentro de mim. “TEPT” estava escrito na minha ficha clínica. Transtorno de estresse pós-traumático.

Antes de se despedir de mim com um aperto de mão e um “cuide-se”, o médico do hospital San Maurizio de Bolzano me prescreveu alguns psicotrópicos e soníferos, pedindo que eu os tomasse com regularidade. Era provável — acrescentara, olhando-me nos olhos — que nos primeiros dias eu tivesse pesadelos e leves ataques de pânico, acompanhados por flashbacks, exatamente como aqueles dos veteranos de guerra nos filmes.

Leves ataques de pânico?

Havia momentos em que a voz da Besta (os meus flashbacks eram auditivos, não tive nenhuma alucinação visual, graças a Deus) enchia a minha cabeça com tal intensidade que eu me atirava no chão, soluçando como uma criança. Apesar disso, eu tinha jurado que dispensaria os psicotrópicos e que me valeria dos soníferos só em último caso. Qualquer psicólogo novato seria capaz de intuir o que eu estava fazendo. Eu queria sofrer. E queria sofrer porque eu tinha que sofrer. Tinha? Claro, eu estava maculado pela pior das culpas.

Eu tinha sobrevivido.

Merecia uma punição.

Só mais tarde compreendi que, na realidade, eu não estava apenas punindo a mim mesmo. Eu estava fazendo mal a Annelise também, que tinha envelhecido anos em poucos dias, que chorava enquanto eu circulava atabalhado pela casa. Pior ainda, eu estava fazendo mal a Clara. Ela havia se tornado taciturna, passava as horas no seu quatinho, imersa em livros

ilustrados e em sabe-se lá quais pensamentos. Comia pouco e tinha olheiras que nenhuma criança deveria exibir.

Annelise e Werner procuravam me ajudar de todos os modos possíveis. Werner me levava para fumar atrás da casa, ou a um passeio de jipe para me fazer respirar ar fresco. Annelise tentava me animar com suas melhores receitas, com as fofocas do vilarejo, com os meus DVDs preferidos e inclusive com a lingerie mais provocante disponível no comércio. As suas tentativas de me ressuscitar usando o sexo se revelaram humilhantes para ambos.

Apático, sentado na minha poltrona preferida, eu observava as árvores ficarem vermelhas e o céu assumir a típica coloração do outono naquela região, uma cintilante paleta de azul e violeta. No pôr do sol eu me levantava e ia me deitar. Não comia, não bebia e me esforçava para não pensar. Qualquer movimento fazia eu me sobressaltar. Eu continuava ouvindo aquele barulho. Aquele maldito sibilo. A voz da Besta.

Se os dias eram horríveis, as noites eram piores ainda. Eu acordava gritando com todas as forças, certo de que tudo que havia acontecido depois de 15 de setembro era fruto de um erro. Como se o mundo tivesse sido dividido em dois. Uma parte, a parte errada, aquilo que eu chamava de Mundo A, tinha continuado como se nada tivesse acontecido, enquanto a parte correta, o Mundo B, fora concluída no dia 15 de setembro às 14h22 com o necrológio de Jeremiah Salinger.

Lembro o dia em que Mike veio me visitar. Pálido, com os olhos vermelhos. Ele me explicou o que estava pensando em fazer e conversamos. A emissora tinha cancelado *Mountain Angels*, mas poderíamos usar o material filmado para um documentário sobre o Socorro Alpino das Dolomitas e o que tinha ocorrido naquela grande fenda do Ortles. O meu sócio pensara inclusive em um título: *No ventre da Besta*. De gosto duvidoso, mas apropriado. Dei a ele minha bênção e, acompanhando-o até a porta de casa, eu disse adeus.

Mike levou na brincadeira, mas eu estava sendo sincero. Aquela era a última vez que Batman e Robin se reuniam. Eu estava preso em um *loop* infernal e, tal como eu via a situação, havia apenas dois modos de sair dela. Explodir ou me jogar de um precipício. Explodir significava fazer mal a Annelise ou a Clara. Nem em sonho. Como um bom idiota, fechado no meu egoísmo ferido, a segunda possibilidade me parecia menos dolorosa. Cheguei mesmo a imaginar onde, como e quando.

Portanto: adeus, sócio. Adeus todos.

Depois, na metade de outubro, chegou Clara.

2.

Eu estava enterrado na poltrona contemplando o infinito, um copo d'água já morna na mão direita, a esquerda fechada sobre um maço de cigarros vazio, quando Clara se sentou no meu joelho com uma espécie de livrinho junto ao peito, como fazia quando queria que eu lesse uma história para ela.

Enfoquei o rostinho dela com certa dificuldade.

— Oi, filha.

— Oi, cinco letras.

Era a brincadeira preferida de Clara, a brincadeira dos Números e Letras.

Fiz um esforço para sorrir.

— A última letra é *i*? — perguntei.

— A última letra é *i*.

— “P-a-p-a-i” — falei, surpreso por como ainda me sentia estranho ao ser chamado assim. — O que é isso?

— Quatro letras.

— “Mapa”?

Clara balançou a cabeça e seu cabelo se transformou em uma nuvem loira. Às minhas narinas chegou o perfume do seu xampu e senti alguma coisa se remexer no peito.

Um sinal de calor.

Como um fogo ao longe, durante uma tempestade de neve.

— Errado — respondeu, resoluta.

— Tem certeza de que não é um mapa?

— É um “g-u-i-a”.

Contei nos dedos. Quatro letras. Ela não tinha trapaceado.

O sorriso me saiu quase natural.

Clara levou um dedo aos lábios, um gesto que tinha herdado da mãe.

— O termômetro diz dezessete graus. Dezessete graus a essa hora não é frio, né, cinco letras terminando em *i*?

— Não é frio, não.

— Mamãe disse que você machucou a cabeça. Dentro da cabeça — corrigiu-se. — Por isso você está sempre triste. Mas as pernas funcionam ainda, certo?

Estava tudo ali, de fato. Papai havia se machucado dentro da cabeça e por

isso tinha se tornado triste.

Fiz Clara pular sobre os meus joelhos. Logo esse tipo de brincadeira a entediaria, em poucos anos isso chegaria mesmo a envergonhá-la. O tempo corria, minha filha crescia e eu desperdiçava os dias olhando as folhas caírem das árvores.

— Acho que sim, cinco letras.

Clara enrugou a testa e começou a contar nos dedos, concentrada.

— “Pequena” tem sete.

— “Filha” tem cinco. Ponto para mim, filha.

Clara me olhou atravessado (detestava perder) e abriu o guia que ela segurava nas mãos. Notei que tinha colocado nele alguns belos marcadores de página.

— A gente pede para a mamãe preparar uns sanduíches, levamos água, mas não muita porque eu não gosto de fazer xixi no bosque — explicou sussurrando. — Tenho medo das aranhas.

— Aranhas — falei, quase sufocado de ternura. — *Blé*.

— Sim, *blé*. A gente começa aqui. — Apontou o dedo sobre o mapinha dentro do guia. — Viramos aqui, está vendo? Onde tem o laguinho. Quem sabe já está congelado.

— Quem sabe...

— E vamos ver peixes congelados?

— Talvez alguns.

— E depois voltamos para casa. Assim você pode continuar olhando para o gramado. O gramado é mesmo tão interessante, papai?

Eu a abracei. Abracei forte.

Quatro letras: “fogo”.

3.

Foi assim que começaram as nossas caminhadas. Toda noite Clara se sentava nos meus joelhos, o guia em mãos, e planejávamos alguma excursão.

O outono era uma carícia morna, e aquelas caminhadas, sobretudo a companhia de Clara e a montanha de conversa sob a qual ela me soterrava, funcionaram melhor do que qualquer psicotrópico que eu pudesse tomar.

Eu ainda tinha alguns pesadelos, e às vezes o sibilo me paralisava, mas eram episódios cada vez mais esporádicos. Eu estava inclusive conseguindo responder, por e-mail, às perguntas de Mike, que nesse meio-tempo tinha voltado a Nova York para a montagem de *No ventre da Besta*. Embora eu me negasse a ver um trecho que fosse do filme, dar algumas sugestões me fazia ficar bem. Eu me sentia vivo de novo. Queria me curar. O Mundo B, aquele em que eu era um cadáver, não me atraía mais. Porque aquele mundo não era o mundo real. Gostando ou não, eu tinha sobrevivido.

Tinha sido necessária uma menina loira de cinco anos para me fazer compreender.

4.

Era quase fim de outubro quando Clara, em vez de me mostrar o guia, como em geral fazia, sentou-se nos meus joelhos e me fixou com olhos grandes e muito sérios.

— Quero encontrar uma pessoa.

Com um trejeito teatral, dirigi-me a Annelise, sentada no sofá por cima de suas longas pernas torneadas, imersa na leitura de um livro, e perguntei:

— Há algo que este que vos fala deveria saber?

— De que tipo?

— Do tipo que todo pai que se preze deveria estar atualizado.

Ouvi Clara soltar uns risinhos pelo sotaque ridículo que eu tinha usado. O sotaque era aquele que eu chamava de “Charlie, o mordomo inglês”. Era o lado materno da minha filha, aquele inteligente.

— Explico-me melhor. A nossa primogênita, a aqui presente Clara Salinger, de cinco anos, e destaco o cinco, acaba de externar o desejo de encontrar uma pessoa de suas relações. Você acha que ela se refere ao filho de Martin, Roberto?

— Ele está de cama, com escarlatina.

— Então talvez com “pessoa”, que é um termo genérico e portanto neutro, a nossa filha se refira a Elisabeth? Aquela doce e simpática garotinha que uma vez achou por bem vomitar na calça deste que vos fala?

Annelise tinha fechado o livro e não conseguia mais conter o riso.

— Temo que Clara e Elisabeth tenham tido um pequeno desentendimento.

— Parem com isso, vocês dois! — irrompeu Clara. — Não gosto quando zombam de mim.

Diante do seu rostinho enrugado, começamos a rir sem parar.

— Desculpe, meu amor. É só que... eu ouvi bem? Você quer encontrar uma pessoa? E quem seria essa pessoa?

— Um amigo.

— Um amigo?

— O nome dele é Yodi.

— Que tipo de nome é Yodi? — perguntei perplexo.

— Yodi é muito gentil. E *muito* velho — sussurrou —, mas não diga isso

em voz alta. Yodi é como o vovô, ele não gosta dessa palavra.

— Cinco letras muito suscetíveis: “velho”.

— O que significa “suscetíveis”?

Foi Annelise que respondeu:

— “Suscetível” significa que com um pouquinho ele já se ofende. Em alemão é *Empfindlich*. — Fazíamos questão que Clara crescesse aprendendo as três línguas dos seus pais. — Em inglês...

— *Susceptible* — completei por ela.

Depois de uma longa pausa, Clara disse:

— Dez. Dez letras, papai!

— Impressionante. Mas você estava falando de Yodi.

— Se quiser, eu mostro para você.

— Tem uma foto?

Clara não respondeu, escapou para o quarto dela e foi e voltou no mesmo trote, dando a mim e a Annelise apenas o tempo de trocarmos um olhar perplexo.

— Esse é o Yodi. Ele não é fofo? — perguntou Clara, estendendo-me um livro.

Yodi era um fóssil. Um amonite, para ser exato.

— Vamos encontrar ele, papai?

— Com prazer, vai saber quanta coisa ele não viu no curso dos seus... — li a legenda — duzentos e oitenta milhões de anos de vida. Mas onde encontramos, precisamente, o nosso novo amigo?

Foi Annelise quem respondeu, achando graça:

— Eu sei. No Bletterbach.

— E que diabo seria o Bletterbach, por gentileza?

Tanto Annelise quanto Clara me olharam como se eu tivesse feito a pergunta mais estúpida do mundo. Elas não estavam enganadas. A questão era que as coisas, em particular aquelas que estavam debaixo do meu nariz, tendiam a me escapar. Eu sou assim.

O Bletterbach estava em todos os lugares ao nosso redor, o polo turístico que injetava dinheiro nas veias das comunidades locais. Não só Siebenhoch, que de fato era a maior beneficiária daquela movimentação de dinheiro, encontrando-se a dois passos do Centro dos Visitantes, mas também os vilarejos de Aldino (em alemão, Aldein), Salorno (em alemão, Salurn), Cembra e Cavalese (que, estando na região de Trento, fugiam da regra do

nome duplo), Ora (que por sua vez estava na província de Bolzano e, portanto, chamava-se também Auer), Nova Ponente (Deutschnofen) e Nova Levante (Welschnofen) e tantíssimos outros aglomerados de casas e igrejinhas (no *dialokt* local, *Hittlen* e *Kirchln*).

A zona em torno de Siebenhoch, cerca de seis mil hectares de terreno coberto por bosques, florestas e rochedos, fazia parte do parque natural do Monte Corno. No centro do parque, sob o Monte Corno — isto é, o Corno Bianco (Weisshorn, em alemão), um cume de mais de dois mil metros —, encontrava-se uma rachadura com oito quilômetros de largura e mais de quatrocentos metros de profundidade.

Ali corre a torrente que lhe dá o nome: o Bletterbach.

A rocha de que é composta a área, e todas as Dolomitas, é uma estranha mescla de carbonato de cálcio e magnésio, uma mistura friável através da qual as águas da torrente escavaram um cânion, trazendo à luz toneladas de fósseis. Não é uma simples garganta, o Bletterbach. O Bletterbach é um filme, um documentário a céu aberto que se inicia duzentos e oitenta milhões de anos atrás, no período chamado Permiano, e chega até o Triássico, cem milhões de anos mais tarde. Da época das grandes extinções até a dos grandes saurópodes.

No Bletterbach tem de tudo. Conchas, amonites (como Yodi), restos de fauna e animais de fazer arrepiar a pele e deixar de queixo caído de tão incríveis. Um zoológico pré-histórico concentrado naquela garganta perdida para a qual me dirigi com Clara, com o cabelo preso em duas lindas trancinhas e os sapatinhos de cor pastel, naquela primeira tarde de outubro quando as coisas, eu pensava, tinham voltado a engrenar.

Fomos recebidos por uma jovem mulher que eu encontrara mais de uma vez em Siebenhoch, mas de quem, por mais que eu me esforçasse, não conseguia lembrar o nome. Perguntou-me se eu tinha me recuperado do acidente. Não acrescentou mais nada e me senti grato por isso.

Para visitar o Bletterbach havia duas possibilidades. Ilse, cujo nome estava escrito no crachá preso ao colarinho da camisa, mostrou-me no mapa um trajeto assinalado por uma linha vermelha pontilhada. Era o itinerário aconselhado para as famílias. Um passeio que durava três horas, três horas e meia, que não nos levaria demais “nas profundezas” (não deixei de notar esse estranho uso das palavras), mas que nos mostraria uma bela quantidade de conchas, pegadas de dinossauro (“Dez letras, papai!”) e samambaias cristalizadas no tempo e na pedra. Estimava-se que o segundo trajeto durasse em torno de cinco horas, o qual nos levaria mais para dentro, para a cascata da torrente do Bletterbach, lá onde a garganta se estreitava. Em ambos os casos, acrescentou Ilse com uma expressão severa, era obrigatório seguir o percurso indicado, usar capacetes e lembrar que a direção do parque não assumia nenhuma responsabilidade em caso de acidentes.

“A entrada é por sua conta e risco”, estava escrito em uma placa trilingue.

— É uma zona delicada, às vezes caem pedras — explicou Ilse. — É possível se machucar. Por isso, é obrigatório usar capacetes de proteção. Se vocês não têm, podem alugar. — Ela sorriu para Clara. — Deve ter um rosa bem do seu tamanho, mocinha.

— Meu nome é Clara — respondeu minha filha. — E quero ver o amonite gigante.

Admirada, a mulher se voltou para mim:

— A sua filha é muito precoce.

— Tenho cinco anos — sentenciou Clara. — Sei ler um pouco e sei contar até mil. Gosto dos dinossauros de pescoço comprido, dos *brontossauros*, de sorvete de morango e do speck do vovô Werner. E não quero um capacete rosa, quero vermelho. É a minha cor preferida junto com azul-escuro, azul-claro e verde — concluiu, provocando uma risada incrédula em Ilse. — Papai — acrescentou logo depois —, pergunte onde podemos encontrar o Yodi.

— Quem é Yodi? — perguntou Ilse, desorientada com aquela profusão de palavras.

— Yodi — respondi — é o nome do amonite, aquele gigante. Onde podemos vê-lo?

Ilse recuperou seu tom profissional.

— Vocês vão encontrá-lo no museu geológico. Qual caminho preferem? O curto ou o longo?

— O curto, eu diria. Eu não gosto de... paredes estreitas.

Ilse destacou dois ingressos.

— Você tem claustrofobia?

— É algo recente.

Ilse nos fez experimentar diversos capacetes. Clara quis tirar pelo menos três fotos, uma com o capacete rosa, uma com o amarelo e uma terceira com o vermelho, que foi o de sua escolha. Depois, mochilas nas costas, iniciamos o passeio.

Foi uma bela caminhada, ainda que, em mais de um momento, devido a uma brisa que provocava um rumor na folhagem das árvores, eu tenha a impressão de ouvir o maldito sibilo e sentido a necessidade impulsiva de começar a gritar. Não o fiz. Porque minha filha me apontava as conchas dos estratos de Werfen, as algas do Contrin ou as pegadas de algum pareiassauo que tinha passeado sobre aquele arenito, e para Clara eu devia ser a coisa mais próxima possível de um herói.

Portanto, eu estava forte, estava curado. Eu era o Superman. Não mereço aplausos?

Cheguei ao fim do percurso suado e com os nervos à flor da pele, com Clara a meu lado parecendo no sétimo céu. Vê-la tão feliz era um passo adiante na direção do fim do tormento. Depois de um merecido sanduíche com presunto speck e pepino em conserva, fomos para o museu que fazia parte da estrutura de vidro, alumínio e madeira do Centro de Visitantes, para encontrar finalmente Yodi, o amonite gigante.

Clara gostava demais dos fósseis. Quanto mais estranhos eles fossem, mais ela se divertia. Esforçava-se inclusive para pronunciar todos aqueles nomes latinos, e aí de mim se eu tentasse ajudá-la. “Papai. Eu sou *grande*.” É inútil especificar que “grande” contava seis letras esculpidas em caracteres maiúsculos.

Eu não era exatamente louco por fósseis, mas havia algo inquietante

naqueles pedaços de rocha que tinham mantido as feições de organismos vivos extintos milhões de anos antes.

Era inquietante inclusive o conceito de milhões de anos.

A última parte do museu me agradou mais. Era dedicada à velha mina de cobre do Bletterbach, aquela que fechou por causa do desabamento de 1923. Eu gostava de ver as fotografias daqueles homens sujos de terra que empunhavam equipamentos antiquados. Aqueles bigodes tipo guidão, aquelas barbas de ogro e as roupas, que pareciam ter saído da cidade do Mickey, eram irresistíveis.

Claro, nem tudo era Walt Disney: as listas de mineiros devorados pela rocha eram assustadoras, mas eu estava ali com Clara e não tinha intenção de pensar em morte e destruição, eu já havia tomado a minha dose disso, muito obrigado; melhor me concentrar nas calças tipo bombacha e nos olhares altivos daqueles homens, cujo DNA corria nas veias da minha filha. *É por isso*, pensei, brincando comigo mesmo, *que ela gosta tanto de fósseis. É o chamado do rochedo.*

Segure essa, Jack London!

Por fim, Yodi. O amonite de duzentos e oitenta milhões de anos. Quando chegamos diante da estrela do museu, Clara começou a contar a história dele. Vejam, para Clara o mundo era um grande ponto *a* de onde partiam infinitas histórias que iam até *b* e depois até *c*, mas quase nunca chegavam até *z*, porque Clara não forçava suas histórias a ter um final; seria como cortar as asas delas. Eu poderia passar horas escutando-a sem me cansar, porque esta é a natureza do amor: escutar histórias sem se cansar nunca. E eu amava Clara mais do que a mim mesmo.

Quando chegou o momento de voltar para Siebenhoch, peguei a máquina fotográfica e enquadrei minha filha e o amonite no visor. Clara me presenteou com um sorriso que me apertou o coração, depois se virou, despediu-se de Yodi com um pulinho que era também uma espécie de reverência e veio até mim, sem parar de falar. Por fim, enquanto eu me abaixava para guardar a máquina fotográfica na mochila, captei um trecho de conversa entre Ilse e dois excursionistas idosos, pernas descobertas, sandálias Birkenstock como mandava o figurino, com meias brancas e varizes à mostra. Poucas frases, mas às vezes basta um nada.

E o destino já colocou uma corda no seu pescoço.

— Foi em 1985, senhora.

— Tem certeza disso?

— Eu nasci naquele ano. O ano do massacre do Bletterbach. Minha mãe me dizia sempre. “Você nasceu no ano daquela história terrível, é por isso que você é assim.” Ela tinha ficado traumatizada com aquele caso. Os Schaltzmann eram parentes distantes dela, sabe?

— E encontraram o responsável por aquela matança?

Uma pausa.

Um suspiro.

— Nunca.

PROMESSAS E MENTIRAS

I.

É importante que vocês saibam uma coisa. Em 15 de setembro, Annelise e eu tínhamos firmado um pacto.

2.

Quando os médicos e enfermeiros foram embora, Werner pegou com delicadeza a mão de Clara e a levou para a lanchonete do hospital. Só então Annelise e eu ficamos a sós. Após um silêncio ainda prolongado pelos analgésicos, Annelise me deu um tapa que por pouco não abriu os pontos de sutura na minha sobrancelha.

Depois começou a chorar.

— Você tem que prometer — disse ela —, tem que prometer que nunca. Nunca. Nunca mais vai me fazer...

Annelise interrompeu a frase. Fiz um esforço para tentar acariciar a sua mão. Ela a retirou na mesma hora.

Isso me assustou. Muito.

— Você podia ter morrido, Salinger — vociferou. — A nossa filha ia ficar órfã. Você faz ideia?

Concordei.

Mas não era verdade. Eu não conseguia pensar em nada além do sibilo. O maldito sibilo.

O sibilo da Besta.

— Você tem que largar esse trabalho. E tem que me prometer.

— É a minha...

— Nós somos a sua vida.

Tudo girava dentro da minha cabeça. O efeito dos tranquilizantes e dos analgésicos começava a diminuir e, por trás de Annelise, eu via a Besta, rindo com sarcasmo.

— Mike. Eu... — balbuciei.

— Mike? — quase gritou, furiosa, Annelise. — *Mike?*

— Annelise...

— Você estava morto, Salinger. Morto.

— Anne...

— Quando abri a porta e vi meu pai com aquela expressão, entendi... entendi que você tinha morrido. Pensei em Clara e, Deus me perdoe, pensei que tinha sido bom assim. Que você tinha ido atrás disso, que era assim que você queria que acabasse, e eu me... eu me odiei por isso.

— Por favor...

Annelise me abraçou.

Senti seu corpo tremer com os soluços.

— Eu sei — sussurrou —, eu sei o quanto essa vida é importante para você. Mas Clara tem o direito de ter um pai. E eu não quero ficar sozinha, não mereço isso, Salinger. Não posso ficar sem você, seu idiota estúpido. — Ela se soltou de mim, esfregou o nariz e tentou rir de si mesma. — Preto não me cai bem.

Sorrir me provocou uma dor aguda. Tentei me sentar. Uma tontura me derrubou com a delicadeza de um caminhão.

— Você seria a viúva mais sexy de Siebenhoch — respondi.

Annelise bagunçou meu cabelo.

— E você o cadáver mais bonito do cemitério. Para mim um ano é suficiente, Salinger.

— Um ano?

Apesar da voz da Besta, eu sentia que aquele era um momento importante. Qualquer coisa que eu dissesse ou deixasse de dizer prejudicaria o meu casamento.

O meu futuro.

— Eu não posso pedir que você pare. Não seria justo. Mas você tem que me prometer que vai tirar um ano... um ano sabático. Para decidir o que vai fazer da vida. Depois, se quiser voltar à ativa, eu vou estar ao seu lado. Como sempre.

— Como sempre.

— Promete?

Eu estava prestes a responder quando a porta se abriu e Clara irrompeu, com todo o entusiasmo dos seus cinco anos, seguida por Werner, que procurava se desculpar com os olhos. Fiz sinal para ele deixar para lá. Estava tudo bem.

Peguei a mão de Clara.

— Quantas letras tem a palavra “prometido”?

Clara contou.

— Nove letras — respondeu radiante.

Olhei Annelise nos olhos.

— Nove letras.

Em 25 de outubro, enquanto me dirigia para Welshboden, eu continuava tentando me convencer de que não estava fazendo aquilo. Eu não estava violando o pacto que eu tinha firmado com a mulher que amava, selado mediante as palavras de nossa filha. Dizia a mim mesmo que era apenas uma simples curiosidade. Nada além disso. Eu havia prometido a Annelise um ano sabático, e manteria a palavra. Eu apenas estava indo bater um papo com meu sogro porque sentia vontade de sair de casa. Só isso.

Eu não estava elaborando ideia alguma.

Ideias? Quem?

Eu?

Imagine.

Apenas umas palavrinhas perto do fogo. Um cigarro. Um café com licor. Quem sabe algumas perguntinhas inocentes sobre o que Ilse tinha chamado de “o massacre do Bletterbach”. Isso não significava trabalhar. E, de qualquer forma — continuei no diálogo imaginário comigo mesmo, enquanto desacelerava ao me aproximar da propriedade de Werner —, até supervisionar o documentário que Mike estava montando era uma espécie de trabalho, certo? No entanto, Annelise estava de acordo com isso.

Eu era bom em mentir, sabe?

Fingia ter esquecido que Annelise dera o seu consentimento para essa atividade desde que não tivesse consequências sobre o meu estado mental (ela não pronunciou a palavra “mental”, disse “emotivo”, mas ambos sabíamos ao que ela se referia) e que Mike trabalhasse longe dali, em Nova York. Como se as horas de filmagem fossem radioativas. Eu fingia ter esquecido que Annelise havia aceitado porque Mike a tinha feito perceber que aquelas filmagens faziam parte de *Mountain Angels*. Tecnicamente não era uma ideia nova. Era uma ideia velha que precisava ser um pouco remanejada “à luz do que aconteceu”. Além do mais, “com exceção de algumas horas para discutir a linha narrativa, Salinger não vai precisar fazer nada além de responder alguns e-mails de vez em quando. Ele nem vai perceber”.

Caro mefistofélico Mike.

— Ô de casa! — chamei, logo após bater a porta do carro.

As cortinas da janela deixaram entrever o rosto de Werner. Ele me

convidou para entrar. Falamos disso e daquilo, tomamos café, fumamos um cigarro. contei sobre Yodi e sobre o passeio ao Bletterbach, tentando parecer o mais natural possível enquanto por dentro eu fervilhava de curiosidade.

Então, joguei o anzol.

— Eu ouvi uma história muito louca.

— Que história?

— Uma menção, nada mais. Mas me pareceu uma história estranha.

— A montanha está cheia de histórias estranhas. E essa aí é minha testemunha — disse Werner, indicando a cicatriz que contornava a minha órbita direita. — Ou estou enganado?

Eu a acariciei com a ponta dos dedos. Clara a chamava de “o beijo da fada malvada”. Mas o que me vinha à mente eram as fotografias do Bletterbach que eu tinha procurado no Google, apagando o histórico por medo de que Annelise me fizesse alguma pergunta que eu não fosse capaz de responder.

Eu não queria mentir para ela.

Não de maneira direta, pelo menos.

— Você não está enganado.

Algo na minha voz convenceu Werner a mudar de assunto. Nunca tínhamos falado sobre o que acontecera em 15 de setembro. Tinha acontecido e pronto. Se precisava se referir ao acidente, Werner dizia: “Aquele dia terrível.”

A natural discrição dos homens da montanha tendeu a meu favor porque, quase envergonhado, Werner se levantou, abriu a geladeira e tirou dela uma garrafa de grapa com genciana. Encheu dois copinhos. Brindamos em silêncio.

— Você estava dizendo...

— Eu ouvi uma história. Ou melhor. Havia dois turistas, bastante idosos, falando sobre isso com a mulher que aluga os capacetes no Centro dos Visitantes. Ilse. Conhece?

— Deve ser a Ilse Unterkircher. Aqui em Siebenhoch todo mundo se conhece, mesmo se hoje os velhos como eu estão em extinção e as novas gerações... — Ele mandou para dentro um gole de grapa. — Quando tiver a minha idade, você vai se dar conta de uma coisa muito engraçada. Os rostos são todos parecidos. Particularmente os dos jovens. Mas aposto que não é sobre isso que você quer falar.

— Ilse chamou de o “massacre do Bletterbach”. E acho que ela acrescentou também um nome: Schaltzmann.

“Acho” coisa nenhuma.

No histórico do Google que eu tinha apagado, havia pelo menos doze entradas diferentes com esse nome. Eu lembrava bem. Só que nem mesmo o Grande Oráculo do século XXI soubera me dar uma resposta. Eu tinha encontrado um Schaltzmann professor de Yale, um time de hóquei, um fotógrafo de Hamburgo, dois diferentes revendedores de automóveis usados na Baviera, e uma infinidade de “Schaltzman-Saltzmann” e assim por diante. Mas sobre o massacre do Bletterbach? Vazio absoluto. Isso, em vez de me abater, tinha aguçado o meu interesse. A curiosidade se alimenta de espaços em branco nos mapas.

Werner se serviu de outra dose de grapa.

— O que você ouviu? — perguntou, seco.

— Que nunca prenderam ninguém.

— Ninguém. Correto.

Acendi um cigarro, depois lhe ofereci o maço. Werner recusou com um gesto distraído.

— Era 28 de abril de 1985. Como dizem na TV: eu estava lá.

— Você *estava lá*?

Foi impossível esconder a empolgação. Eu imaginava que Werner seria uma boa fonte de informações, mas não que ele seria uma fonte de primeira mão.

Werner procurou meu olhar e me fitou por alguns segundos.

Colocou o copo na mesa. A animação arrefeceu em um relâmpago.

— Jeremiah, eu nunca me meti nos negócios da minha filha. Herta dizia que é preciso fazer os filhos voarem do ninho, e sempre estive de acordo com ela. Então não gosto muito do que estou prestes a dizer, mas faço isso também por você... — Uma pausa. — ...e por Clara.

Eu o interrompi com um gesto da mão.

— Não tenho intenção de fazer um documentário, Werner — falei. — Dei minha palavra. Não quero que o meu casamento acabe por culpa da minha... digamos “ambição”?

— Estupidez, Jeremiah. Abrir mão de um casamento, destruir uma família estruturada como a sua é a mais pura idiotice.

— Amém.

— Dê-me um cigarro, sim?

Acendeu como sempre fazia: usando a unha do polegar para incendiar o

fósforo.

— Você só quer ouvir uma velha história, então?

— Werner...

Da minha boca saiu uma espécie de confissão que transbordava do coração. Talvez por isso, exatamente porque fui sincero, amaldiçoei as nossas almas.

— É uma história que eu gostaria de ouvir. Mas não quero fazer um documentário sobre ela. Eu estou muito... cansado. Mas preciso ter alguma coisa com o que *brincar*. É como a montanha para você. Há quanto tempo você não faz uma escalada como se deve?

— Pelo menos vinte anos, se não mais.

— Mas continua fazendo as suas excursões, certo?

— Se você quiser chamar aquilo de excursões — respondeu Werner, amargurado —, sim, claro. Mas são passeios bons só para turistas artríticos.

— Quero que essa história seja a minha versão mental dos seus passeios. Preciso de uma ideia com a qual me divertir. Preciso disso para sair de... desse estado.

Uma expressão alarmada surgiu no rosto de Werner.

— Você quer dizer que está de novo mal?

— Não — tranquilizei-o —, nada disso. Annelise e Clara são remédios fantásticos. Não tenho mais pesadelos. — Diante da expressão perplexa dele, ajustei a mira. — Eu *quase* não tenho mais pesadelos, e os que eu tenho são... administráveis. Fisicamente nunca estive melhor. Clara está me descadeirando de tanto caminhar, e não vejo a hora de começar a nevar para ensiná-la a andar de trenó. Mentalmente, porém...

— Você não consegue ficar de braços cruzados.

— Exato.

Werner deixou cair um pouco de cinza no chão.

— Annelise me disse que você está trabalhando com aquele seu amigo Mike...

— Na verdade, eu me limito a dar conselhos de vez em quando. Nada mais. E não escondo que para mim está bom assim.

— Relembrar faz mal?

— Muito — respondi, tentando soltar o nó no fundo da garganta. — É como um animal feroz que se escondeu dentro de mim, Werner. E morde. Sempre. Talvez um dia eu consiga colocar uma coleira e uma focinheira nele. Amansá-lo. Voltar a ter só dias bons. Mas agora eu preciso de uma nova...

distração para acalmar minha mente — concluí, colocando o indicador na têmpora.

Não acrescentei mais nada. Eu estava nas mãos de Werner. Qualquer que fosse a resposta dele, eu teria aceitado. Mesmo se me chutasse para fora de casa. Eu me sentia esvaziado. Mas era uma sensação prazerosa. Talvez como a que os devotos experimentam depois de confessar os pecados ao seu guia espiritual.

Werner me absolveu.

E começou a contar a história.

O MASSACRE DO BLETTERBACH

I.

— A história começa no Tirreno.

— No mar?

Werner assentiu.

— Sabe o que é um “cluster multicelular com regeneração a barlavento”?

— Para mim, você está falando árabe.

— É uma definição metereológica. “Cluster multicelular com regeneração a barlavento”, mais conhecido como “tempestade autorregenerativa”. Imagine uma corrente de ar úmida e quente que chega do mar. No nosso caso, do Tirreno. Muito úmida e muito quente. Sobe a costa, mas, em vez de desaguar no golfo de Gênova, continua avançando para o norte.

Eu tentava imaginar o mapa da Itália.

— Sobrevoa a Planície Padana?

— Sem obstáculos. Pelo contrário. Ganha ainda mais umidade e ainda mais calor. Você está acompanhando?

— Estou.

— Imagine que essa corrente úmida e quente como os trópicos vá se chocar com os Alpes.

— Um temporal daqueles com flocos de neve.

— *Genau*. Mas justo quando a corrente úmida vai bater nos Alpes, eis que do norte vem uma corrente gelada, que também está incrivelmente carregada de água. Quando as duas se encontram, acontece um grande problema. Uma perfeita tempestade autorregenerativa. Sabe por que é “autorregenerativa”? Porque a colisão entre as duas massas de ar não diminui a intensidade do temporal, pelo contrário, torna cada vez mais forte. Violência que gera mais violência. Estamos falando de mais de três mil raios por hora.

— Uma tempestade que gera a si mesma — falei, encantado. — São raras?

— Acontecem umas duas vezes por ano. Alguns anos três, outros anos

nenhuma. Mas a Natureza dá e a Natureza tira. Tempestades desse tipo são apocalipses em miniatura que duram pouco. Não mais de uma hora ou duas, no máximo três, e são muito circunscritas. Isso, de regra — acrescentou após uma breve indecisão.

— E quando a regra geral não conta? — provoquei.

— Então chegamos em 28 de abril de 1985. A mãe de todas as tempestades autorregenerativas. Siebenhoch e as cidades próximas ficaram isoladas do mundo por quase uma semana. Nada de estradas, nada de telefone, nada de rádio. A defesa civil teve que abrir as próprias estradas com niveladoras. O ponto em que a tempestade desaguou com maior violência, e eu estou falando de uma violência parecida com um furacão, foi no Bletterbach. — Ele passou a mão no próprio queixo, pigarreou e acrescentou: — Durou cinco dias. De 28 de abril até 3 de maio. Cinco dias de inferno.

Tentei imaginar aquele temporal no horizonte que eu podia ver da janela a poucos metros de mim. Não consegui.

— Mas não foi assim que eles morreram — sussurrou Werner, balançando a cabeça. — Teria sido, não digo mais justo, mas mais natural. Pode acontecer, não? Um raio. Uma pedra. Na montanha, essas coisas brutais... acontecem.

Senti uma aridez na garganta. Sim, essas coisas brutais aconteciam. Eu sabia disso muito bem.

Para tirar a secura, levantei-me e me servi sozinho. A grapa desceu a garganta como ferro em brasa. Servi-me de uma terceira dose, menos generosa, e voltei a me sentar.

— Aqueles pobres garotos não foram mortos, o que aconteceu com eles foi... — O rosto de Werner se contorceu em uma careta que eu nunca tinha visto nele. — Uma vez, há muitos anos, eu estava caçando com meu pai. Quando ainda não tinha o parque e... lembra a nossa conversa sobre passar fome?

Eu lembrava muito bem.

— Sim.

— Estou com fome, saio para caçar, mato. Tento não causar dor, faço de maneira limpa, racional. Porque. Tenho. Fome. Não se julgam essas coisas, você não acha? Elas vão além do conceito de bem e mal.

Aquelas palavras, pronunciadas por um homem que tinha passado anos salvando a vida dos outros, atingiram-me em cheio. Assenti para encorajá-lo a

prosseguir, mas não havia necessidade; Werner teria continuado mesmo sem a minha aprovação. Era um conceito para o qual ele havia dedicado muito tempo, e fazia questão de exprimi-lo do melhor modo que podia. Eu sabia reconhecer uma ideia obsessiva quando estava diante de uma.

— Durante a guerra as pessoas matavam umas às outras. Era justo? Era errado? Perguntas ridículas, estúpidas. Quem não matava acabava fuzilado. Podemos afirmar que as pessoas que se negaram a usar o fuzil foram santos ou heróis? Podemos sim, claro. Aliás, em tempos de paz é justo vê-los assim. Mas podemos obrigar milhares de pessoas a se comportar como santos ou heróis? A se sacrificar por um ideal de paz? Não, não podemos.

Eu não compreendia onde ele queria chegar. Mas deixei que continuasse. Se trabalhar nos *factuais* havia me ensinado algo era que, quanto mais as pessoas falam desenfreadamente, mais interessantes vão ficando as palavras que saem da sua boca.

— Na guerra se mata. Não é bom exigir que alguém faça isso. Não é bom obrigar gerações a se massacrarem nos campos de batalha. É um insulto a Deus. Mas se você não é um rei ou um general, o que lhe resta fazer? Atirar ou ser fuzilado. E, na primeira hipótese, existe a possibilidade de salvar a pele e reencontrar as pessoas que você ama.

Ele tamborilou os dedos na mesa.

— Na guerra se mata. Caçando se mata. Matar é humano, mesmo que não se admita, e é justo que se busque impedir isso o máximo possível. Mas o que foi feito com aqueles três pobres garotos no Bletterbach em 1985 não era matar. Foi um massacre que de humano tinha bem pouco.

— Quem eram eles? — perguntei com um fio de voz.

— Evi. Kurt. Markus. — Foi a resposta, seca. — Você se incomoda se sairmos daqui? Está começando a ficar muito quente. Vamos dar uma volta.

Saímos e seguimos por uma trilha que levava ao bosque.

O perfume do outono, aquele odor adocicado que quase incomoda as narinas, estava em seu ápice. Eu não tinha dúvidas de que logo o inverno levaria tudo embora. Mesmo o outono mais bonito tem direito, depois de um tempo, ao eterno repouso.

Senti um arrepio. Eu não gostava da direção que tinham tomado os meus pensamentos.

— Eram jovens excelentes, sabe? — disse Werner, depois que passamos por um pinheiro rachado em dois por um raio. — Os três nascidos aqui. Evi e

Markus eram irmãos. Ela era a mais velha. Uma bela moça. Muito desafortunada, porém.

— Como assim?

— A doença do Alto Ádige, Jeremiah, você conhece?

— Não... — balbuciei. — Nunca ouvi falar.

— O álcool.

— Evi era alcoólatra?

— Ela, não. A mãe dela. Tinha sido abandonada pelo marido, um caixeiro-viajante de Verona, em 1970 ou antes disso, logo depois do nascimento de Markus. Mas a vida dela já era uma porcaria antes, pode apostar.

— Por quê?

— Outros tempos, Jeremiah. Sabe a minha propriedade?

— Welshboden?

— Sabe por que eu consegui comprar por pouco mais de um punhado de amendoim?

— Porque você tem bom faro para os negócios?

— Também. Você consegue traduzir o nome?

— Welshboden?

— *Genau*.

O dialeto local deformava bastante o Hochdeutsch com que minha mãe havia me criado, e muitas vezes eu o achava incompreensível. Balancei a cabeça, desolado.

— A palavra *Walscher*, ou *Welscher*, e vai saber quantas outras distorções existem, é uma palavra-chave se você quiser compreender bem a sujeira que há debaixo do tapete desta terra, Jeremiah.

Ele se referia ao choque étnico iniciado no fim da Segunda Guerra, do qual eu tinha ouvido falar muitas vezes.

— Italianos contra alemães e alemães contra italianos? “Belfast com strudel”?

— *Walscher* significa estrangeiro, alheio. De fora. Mas no mau sentido, depreciativo. Por isso eu comprei a propriedade por uma cifra ridícula. Porque era a terra dos *Walscher*.

— Mas o conflito...

— O conflito não existe mais, graças aos turistas e graças a Deus. Mas, bem no fundo, ainda existe aquela ponta de...

— Fastio.

— Gostei, é uma bela palavra. Elegante. É assim. Um conflito étnico muito educado. Nos anos 1960, porém, quando a mãe de Evi e Markus se casou com aquele caixeiro-viajante de Verona, o conflito étnico era feito com sons de bomba. No cartório, o sobrenome de Evi era Tognon, mas se você perguntar por aí todos vão responder que Evi e Markus se chamavam Baumgartner, que era o sobrenome da mãe. Entende? A metade italiana foi apagada. A mãe de Evi tinha casado com um italiano, você pode imaginar o que significava na época um casamento misto?

— Uma vida nada boa.

— Nada mesmo. Depois o marido foi embora e o álcool destruiu aquele pouco de raciocínio que tinha sobrado na cabeça dela. Foi Evi quem criou Markus.

— Ela está viva ainda?

— A mãe de Evi morreu uns dois anos depois que enterramos os filhos dela. Não foi ao funeral. Nós a encontramos caída na cozinha do apartamento dela. Tinha enchido a cara e nos perguntou se a gente queria... sim, se a gente queria...

Eu o livreii do constrangimento com uma pergunta.

— Ela se prostituía?

— Só quando acabava o dinheiro que ela conseguia arranjar fazendo alguns trabalhinhos aqui e ali.

Caminhamos um pouco mais em silêncio. Escutei o canto das mobelhas e dos pardais.

Uma nuvem passageira obscureceu o sol, depois continuou na direção leste, plácida e indiferente à tragédia de que Werner estava me colocando a par.

— E Kurt? — perguntei para afastar o silêncio que começava a me incomodar.

— Kurt Schaltzmann. Kurt era o mais velho dos três. Era um ótimo rapaz.
— Werner parou para quebrar um raminho de um pinheiro escuro e nodoso.
— Eu sei que em casos como esse se fala sempre assim. Mas, acredite em mim, eles eram realmente excelentes.

Werner se calou e eu, para preencher o silêncio, murmurei:

— Em 1985, eu queria ser arremessador dos Yankees e estava apaixonado pela minha tia Betty. Ela fazia muffins deliciosos. Tenho belas lembranças

daquele período.

— Por aqui, esse período foi o pior desde a época da guerra, acredite. Os jovens iam embora, e aqueles que não iam se matavam com o álcool. Assim como a maior parte dos adultos. Não havia turismo, não havia subsídio para a agricultura. Não havia trabalho. Não havia futuro.

— Então por que Evi e os outros ficaram aqui?

— E quem disse que ficaram?

— Foram embora?

— Evi foi a primeira. Ela não só era independente, como era bonita também. E sabe o que acontecia naqueles anos com as meninas bonitas e inteligentes, por aqui?

— Elas se casavam e se entregavam ao álcool?

Werner assentiu.

— O primeiro merda que passasse, e aqui tem alguns como em todos os lugares, fazia elas se apaixonarem, engravidarem, e depois batiam nelas com cinta se não tivesse cerveja suficiente na geladeira. E após um tempo, pode ter certeza, nunca tem suficiente. Evi tinha visto o que acontecia com as mulheres que perdiam a cabeça por um babaca.

Era a primeira vez que eu ouvia Werner usar aquele linguajar.

— Evi tinha um projeto. Terminou a escola com nota máxima e ganhou uma bolsa de estudos na universidade. Tanto ela quanto Markus eram bilíngues, mas a mãe deles se negava a falar italiano e ela tinha aprendido a ser chamada de Baumgartner, então, na hora de escolher para qual universidade ir, Evi optou pela Áustria.

— Qual curso ela escolheu?

— Geologia. Ela amava estas montanhas. O Bletterbach, sobretudo. Era para lá que ela levava o irmão mais novo quando as coisas em casa pioravam, e foi no Bletterbach, dizem, que ela descobriu que estava apaixonada.

— Por Kurt? — perguntei, sabendo já a resposta.

— Eles se conheciam porque, em um pequeno vilarejo em que nascem poucas crianças, todos se conhecem desde sempre, mas eles tinham vidas diferentes. Kurt era cinco anos mais velho que Evi, era um guia dos Alpes e um ótimo socorrista. Vinha de uma boa família. O pai dele, Hannes Schaltzmann, era meu amigo. — Werner parou, e seus olhos por um segundo se ofuscaram de tristeza. — Um grande amigo. Foi Hannes quem transmitiu ao filho a paixão pela montanha.

— Hannes também fazia parte do Socorro?

— Era um membro da direção. Foi ele que conseguiu dinheiro para comprar o Alouette. Lembro que Kurt nos pedia sempre para usar aquele moedor de café para sobrevoar as Dolomitas com os turistas por um preço justo, mas, por mais que a ideia fosse genial, entrava por um ouvido e saía por outro. O Alouette servia para salvar pessoas, não para agradar os excursionistas. Mas não pense que ele fosse ganancioso. Como guia dos Alpes, Kurt não ganhava muito, e como socorrista ganhava menos ainda, visto que éramos todos voluntários. Mas para Kurt o dinheiro não era importante. A recompensa era a montanha.

— Foi um amor feliz, esse entre Evi e Kurt?

Werner sorriu.

— Como acontece só nos contos de fadas. Evi sabia muito bem o que queria do futuro. A universidade, a graduação com as melhores notas, um doutorado, depois o museu natural de Bolzano, do qual na época se falava muito. Ela era ambiciosa. Seu sonho era se tornar curadora da área geológica. E acho que ela teria conseguido, era realmente competente. Logo que chegou a Innsbruck, ela chamou a atenção dos professores. E olhe que Evi não teve vida fácil. Imagine, uma menina da montanha que fala o nosso *dialokt* entrando em discussões com os especialistas da universidade, alguns dos quais tinham começado a carreira nos anos trinta e quarenta. Não sei se me faço entender. Apesar disso, ela tinha ótimas notas. Começou a publicar. Tinha um talento nato.

Fiquei arrepiado. Eu também tinha sido definido como parte de uma dupla com talento nato. Era uma definição que dava azar. Um azar amaldiçoado.

— Quando ela foi para Innsbruck?

— Evi saiu daqui em 1981, deixando Markus sozinho. Ele era menor de idade e a mãe, como as pessoas costumam dizer, não batia bem da cabeça, mas Markus sabia cuidar de si mesmo. Evi foi embora e Kurt foi viver com ela no ano seguinte, em 1982, o ano em que a Itália ganhou a Copa do Mundo. — Werner riu. — Alguns beicinhos, por aqui...

— Ainda por causa da questão étnica?

— A gente torcia pela Alemanha.

— Não pela Áustria? — perguntei, ingenuamente.

A resposta de Werner, repentina, me fez desatar a rir.

— Você já viu a seleção da Áustria jogar futebol? Seria melhor levantar

bandeira branca.

— Meu Deus, que idiotice...

— Digamos assim, Jeremiah: se você fala de futebol, não tem tempo para fabricar bombas. — Ele fez uma breve pausa. — Kurt estava apaixonado e foi embora. Quando Hannes me comunicou que o filho, o único que ele tinha, iria morar em Innsbruck com Evi, até eu, que era considerado um homem de cabeça aberta, fiquei um pouco em estado de choque.

— Em que sentido?

Werner pigarreou, constrangido.

— Por aqui nós sempre fomos meio conservadores, entende?

— Eles não eram casados.

— E não tinham intenção de ser. Diziam que o casamento era uma tradição de outros tempos. Eu tentei convencer Hannes de que não era uma coisa tão horrível. Sabe, por causa dessa decisão, Kurt e o pai dele tinham parado de se falar, e para mim isso não estava certo. Além do mais, eu gostava de Evi, ela era uma moça excelente. Mas Hannes não a engolia. Como um monte de gente — acrescentou Werner, com amargura — em Siebenhoch.

— Por causa do sobrenome de Evi?

— Evi já tinha uma dívida a pagar, sendo metade italiana. Para piorar, morava junto com o namorado, em um mundo que ainda nem usava essa expressão: “morar junto”. Morar junto era aceitável para os astros do cinema, mas certamente não para o povo atemorizado de Siebenhoch. E você quer que eu diga toda a verdade?

— Estou aqui para escutar.

Werner parou.

Tínhamos chegado a um ponto em que a trilha fazia uma curva de noventa graus sobre um precipício de uns quarenta metros. Estávamos expostos à brisa que vinha do oeste e começava a se transformar em vento. Ainda não fazia frio.

— Mesmo se isso fizer você ver Siebenhoch de outra forma?

— Sim.

— Evi tinha arrancado de Siebenhoch um dos seus melhores filhos. Era um ótimo rapaz e um bom partido, mas, como sempre nesses casos, não passou pela cabeça de ninguém que ir para Innsbruck tivesse sido uma ideia dele e não uma espécie de... chantagem que Evi tinha tramado para aliciar um dos solteiros mais desejados do vilarejo.

— Que imbecis.

— Pode falar à vontade, ainda que por amor à pátria eu devesse dar um soco no seu nariz. Bando de merdas. Depois o tempo passou e, como acontece nos pequenos vilarejos como o nosso, Evi e Kurt foram esquecidos. Se não fosse Markus, acho que ninguém mais falaria deles.

— Porque Markus continuava aqui.

— Ele ia para a escola e passava os dias vagando pelas montanhas. Quando podia, fazia uns bicos em uma carpintaria em Aldino, para arranjar algum dinheiro. Evi e Kurt vinham a Siebenhoch principalmente por causa dele. Kurt e o pai, apesar dos meus esforços para fazê-lo aceitar melhor, ainda estavam brigados.

Tendo passado metade da vida recriminando o meu pai e a outra metade chegando à conclusão de como eu me parecia com ele, entendi logo.

— Eles vinham raramente. Nada de União Europeia, nada de preços favoráveis e, sobretudo, nada de cartão de crédito para Evi e Kurt. Viajar custava os olhos da cara. Evi tinha bolsa de estudos e, conhecendo-a, tenho certeza de que tinha algum trabalho de meio turno por lá. E Kurt encontrou o mais clássico dos trabalhos de imigrante italiano.

— Pizzaiolo?

— Garçom. Estavam felizes e tinham um futuro — concluiu, antes de me pedir um cigarro. — Não escondo, é isto que não consigo digerir da história do massacre: Kurt e Evi tinham um futuro à frente. Um belo futuro.

Fumamos em silêncio, escutando o vento dobrar as copas dos abetos.

A menos de dez quilômetros de nós, o Bletterbach espiava a nossa conversa.

— Teve gente no vilarejo dizendo que foi o Senhor quem os puniu pelos pecados deles.

Essas palavras me atingiram em cheio. Fiquei incomodado.

— O que aconteceu em 28 de abril, Werner?

Werner se virou para mim tão devagar que pensei que ele não tivesse entendido a pergunta.

— Ninguém sabe com certeza o que aconteceu naquele dia. Eu só posso contar o que eu vi e o que fiz. Ou melhor: o que eu vi e fiz entre 28 e 30 de abril daquele maldito ano. Vamos fazer um pacto, Jeremiah.

Ele estava mortalmente sério.

— Que tipo de pacto?

— Eu conto tudo que sei, sem omitir nada, e em troca você me promete que não vai deixar essa história devorar você.

Ele tinha usado o verbo alemão *Fressen*, que significa comer na acepção usada para os animais. Para pessoas se usa o verbo *Essen*, comer.

Os animais devoram.

— É o que acontece a todos que se envolvem com a história do massacre do Blatterbach.

Meus pelos se eriçaram.

A brisa que havia se transformado em vento parecia estar sibilando.

— Conte-me.

Naquele momento, o meu celular tocou, e nós dois nos sobressaltamos.

— Desculpe — falei, irritado com a interrupção.

A comunicação estava ruidosa e demorei um pouco a compreender.

Era Annelise. E estava chorando.

O SALTNER

I.

Escancarei a porta sem esperar que o motor desligasse e irrompi em casa. Annelise estava sentada na minha poltrona preferida, no centro da sala.

Sem dizer nada, eu a beijei. Tinha sabor de café e ferro.

Clara espiou do quarto e correu para abraçar Werner.

— A mamãe estava gritando — disse.

— Ela deve ter bons motivos — respondeu Werner.

— Ela estava com muuuuuuita raiva — sussurrou Clara —, disse um monte de palavrão. Mas um em especial...

— *Clara*. — Era raro que Annelise se dirigisse à menina de maneira tão brusca. — Vá para o quarto.

— Mas eu... — protestou.

— Por que não vamos fazer strudel? — intrometeu-se Werner, acariciando o rosto contraído de Clara. — Não quer saber como a sua pobre vovó fazia strudel?

— Vovó Herta? — Clara se iluminou. — Aquela que agora é um anjo? Claro que quero.

Werner a pegou pela mão e se dirigiu para a cozinha.

Só então Annelise falou.

— Eu os odeio.

— Quem?

— Todos.

— Calma.

— *Calma?*

Cocei minha cicatriz.

— Eu só quero saber o que houve.

Ela começou a chorar. Não era o lamento que me partira o coração no dia em que eu jurei que tiraria um ano sabático. Era um choro de raiva.

— Eu fui no Alois, queria comprar um pouco de enlatado e uns vidros de conserva. Disseram na rádio que vai nevar, e — ela fungou — acho que estou virando uma espécie de acumuladora. A mamãe sempre fazia um estoque quando estava para chegar a primeira neve, porque nunca se sabe. E daí...

Se ela estava trazendo à baila a própria mãe, assunto tabu, a situação devia ser mesmo séria.

— Eu estava atrás de uma prateleira. Você sabe como é aquele mercadinho asqueroso do Alois, não é?

— Eu vou lá comprar cigarro.

— Em certo momento, comecei a ouvir Alois e Luise Waldner...

— A mulher grande que trouxe uma crostata de mirtilo quando voltei do hospital?

— Ela.

— O que estavam dizendo?

— Estavam falando.

Fechei os olhos.

— O quê?

A resposta foi um sussurro.

— Que foi tudo culpa sua.

— E depois? — perguntei, seco.

— Depois? Depois eu saí de detrás da prateleira. E comecei a xingar. E aquela puta me disse que eu até sabia falar bem, visto que sou a esposa de um assassino.

Assassino.

Bem assim. Assassino.

— E...?

Annelise arregalou os olhos.

— O que você acha que eu fiz? Peguei Clara e fui embora. Meu Deus, se eu pudesse, teria furado os olhos dela. Aliás, sabe o que mais? Me arrependo por não ter partido para cima dela. Primeiro ela, depois aquele...

Ela começou a chorar.

— Sinto muito, sinto tanto...

— Não se preocupe. Não é nada. As pessoas... você sabe como elas são, não é?

— A Sra. Waldner... Foi ela que leu a oração no funeral da minha mãe.

Voltaram à minha mente as palavras de Werner. Aquilo que a Sra.

Waldner tinha dito sobre mim era nada em comparação com o que os queridos habitantes de Siebenhoch haviam dito sobre a tumba de Evi, Kurt e Markus. Eu a abracei firme.

— E Clara, como reagiu?

— Você entende essa menina?

Sorri.

— Entendo que a amo. E isso me basta.

2.

Fui muito paciente, divertido e absolutamente falso pelo resto da tarde.

Ajudei Clara a misturar a massa para o strudel e brinquei com Werner, que tinha tomado para si a tarefa de descascar as maçãs.

Fui de fato muito legal naquele dia.

Depois, enquanto um delicioso perfume de doce invadia a cozinha, quando Werner fez menção de ir embora, aproveitei a ocasião e me ofereci para acompanhá-lo até Welshboden.

— Quer que eu conte o fim da história? — perguntou, logo que entrou no carro.

— Quero voltar logo para perto da Annelise. Passo na sua casa hoje à noite, se estiver bom para você.

Quando chegamos, Werner me disse:

— Não faça bobagem, Jeremiah.

Eu me despedi dele, engatei a ré, saí da propriedade e me dirigi a toda velocidade para a minúscula mercearia de Alois. Não queria confusão. Só queria quebrar a cara dele.

O que me impediu foi o lampear das luzes no retrovisor.

3.

O rosto que se aproximou da janela não era totalmente desconhecido para mim, assim como o de quase todos os habitantes do vilarejo, mas, como acontecia com todos os outros, eu não conseguia relacioná-lo a um nome.

Em torno dos cinquenta, careca nas têmporas, com resquício de barba sob o queixo. Quando me pediu os documentos, mostrou dentes pequenos e regulares.

Atrás dele, na beira da estrada, uma Mercedes preta diminuiu a velocidade. Vi uma silhueta para além da janela, mas não consegui discernir mais nada. Vidros fumê.

A estúpida curiosidade daquele desconhecido só aumentou a minha irritação.

Passei a carteira de motorista, os documentos do carro e o passaporte, que eu levava sempre comigo, para o homem de farda. Ele os estudou com ar distraído. Não tinha me parado por aquilo, com certeza.

— Eu estava andando muito rápido?

— Com essas curvas? Se o senhor fosse daqui, não.

— Mas eu não sou daqui.

Ele balançou a cabeça, benevolente.

— Se o senhor fosse daqui, eu já o teria submetido ao bafômetro. E se ultrapassasse o limite permitido um pouquinho assim — mostrou-me um microscópico espaço entre polegar e indicador —, eu teria apreendido o seu veículo, acredite.

— É a primeira vez — falei, indicando o distintivo que ele tinha no peito — que sou parado por excesso de velocidade pela Polícia Florestal.

— Aqui isso é de praxe. Siebenhoch...

— ...é uma pequena comunidade, acho que já entendi. Todos sempre repetem isso para mim.

O homem deu de ombros. Parecia um bom velhinho. O tio que no Natal se veste de Papai Noel. Se não estivesse atrapalhando os meus propósitos de vingança, eu simpatizaria com ele. Mas eu estava com raiva.

Furioso.

Finalmente consegui ler o nome na gola da jaqueta cinza-esverdeada. Krün. Annelise tinha me falado dele, chamando-o de “Chefe Krün”.

Eu o vira algumas vezes com aquela espécie de caixão piscante atrás do meu carro, patrulhando as estradas ou então estacionado na frente de algum bar. Havia muitos em Siebenhoch e todos estavam sempre cheios.

— Então o senhor é aquilo que lá de onde eu venho — prossegui, mantendo um tom brincalhão — costumamos chamar de “o xerife do vilarejo”?

O agente deu uma risadinha.

— O xerife? Gostei. Sim, de fato é assim. Guarda municipal, florestal e policial. Às vezes, inclusive paramédico e padre confessor. Sabe como é? A administração tende a ver com bons olhos qualquer coisa que faça os contribuintes economizarem. E ninguém jamais reclamou deste que vos fala. As pessoas tendem a confiar mais nos rostos conhecidos. Sobretudo...

— ...nos pequenos vilarejos.

Krün suspirou.

— *Genau* — disse. — Em Siebenhoch todo mundo se conhece, bem ou mal. O senhor me acompanha?

— Para dizer a verdade, não.

— Está falando sério?

— Se eu estava indo rápido demais, por favor me multe e me deixe seguir o meu caminho.

— Está com pressa, Sr. Salinger?

— Não tenho mais cigarro. Logo Alois vai fechar e eu não quero passar a noite sonhando com um Marlboro. É suficiente?

— O senhor ainda pode descer até Aldino. Tem um posto de gasolina aberto vinte e quatro horas com um bar do lado. Um posto de caminhoneiros. Não recomendo o café, mas vendem cigarro. Marlboro. Lucky Strike. Camel. O único problema é escolher. O paraíso do tabagista.

— Obrigado pela informação. Agora, quanto à multa...

O rosto dele perdeu a expressão do bom velhinho que entra em casa na véspera de Natal fazendo “ho-ho-ho”. Agora eu estava diante do policial mau.

— Eu não terminei, Sr. Salinger.

— Está me ameaçando?

Krün ergueu os braços.

— Eu? Estou apenas lhe dando indicações. Nós somos pessoas sociáveis aqui em Siebenhoch. Sobretudo com quem é parente do velho Mair. A sua

filha é mesmo uma graça, Sr. Salinger. Como se chama? Clara?

Apertei o volante com força.

— Sim.

— Sabe qual é a beleza das pequenas comunidades como esta, Sr. Salinger?

Fitei-o por alguns instantes, depois a represa explodiu.

— Não me interessa porra nenhuma — falei entredentes. — Eu só quero comprar esse maldito cigarro e voltar para casa.

Krün não mostrou nenhuma reação.

— O senhor quer sair do veículo?

Virei a cabeça para ele. Senti os tendões do pescoço enrijecerem.

— Por qual motivo? — grasnei.

— Eu gostaria de submetê-lo ao teste do bafômetro. O senhor não me parece em condições de dirigir.

— Eu não vou me submeter a porra nenhuma de teste, *Chefe* Krün.

— Desça, Sr. Salinger. E o encorajo a não usar esse linguajar na frente de um servidor público. Amanhã de manhã o senhor vai poder fazer todas as denúncias às autoridades competentes, farei questão de lhe fornecer os formulários necessários. Agora desça.

Desci.

— Mãos na cabeça — ordenou Krün.

— Está me prendendo?

— O senhor viu filmes demais, Sr. Salinger. Mas, bem, é o seu trabalho. Mãos na cabeça. Levante a perna esquerda e fique equilibrado até eu mandar parar.

— Isso é ridículo — protestei.

— É de praxe. — Foi a resposta gélida.

Obedeci, sentindo-me um perfeito idiota.

Com um gesto teatral, Krün se pôs a cronometrar a minha performance.

Durou mais de um minuto. Os carros que passavam reduziam a velocidade e eu ouvia as piadas dos ocupantes apesar do ronco dos motores. Enfim, satisfeito, Krün assentiu.

— O senhor não está bêbado, Sr. Salinger.

— Posso entrar no carro?

— Pode me escutar. Depois o senhor vai poder seguir o seu caminho. Se ainda quiser.

Não falei nada.

Krün ajeitou o boné sobre a testa.

— Nesta estrada o limite é de sessenta quilômetros por hora. Em menos de um quilômetro, daqui a três curvas, o senhor vai entrar no chamado território urbano. Ali o limite permitido é de quarenta. Está me ouvindo, Sr. Salinger?

— Obrigado pela informação. Vou tentar guardá-la bem.

— Para chegar ao minimercado de Alois, respeitando os limites de velocidade, o senhor vai gastar doze minutos. Talvez treze. A pergunta é: vale a pena?

Sobressaltei-me.

O Chefe Krün percebeu a minha surpresa.

— Não existem segredos em Siebenhoch, Sr. Salinger. Não para mim. Não para o *xerife*. — Ele se aproximou um passo. — Sabe por que eu o parei, Sr. Salinger?

— Diga o senhor.

Krün esfregou o queixo algumas vezes.

— Fiquei sabendo de um desentendimento, uma discussão bastante acalorada, esta tarde, entre sua esposa e a Sra. Waldner. Um desentendimento que envolveu inclusive o Sr. Alois, o proprietário do armazém ali no vilarejo. Nada de mais, não me leve a mal. Só que, quando eu o vi dirigir para o vilarejo, não digo a toda velocidade, mas, como vou escrever no meu relatório, em uma velocidade elevada, pensei que, quem sabe, o senhor tivesse sentido o impulso de fazer um pouco de justiça. E isso, Sr. Salinger, não está nem um pouco certo.

— Eu só queria alguns esclarecimentos.

— Não me considere ingênuo. Eu sei tudo sobre o senhor. — Uma pausa, a voz dele tremeu. — Tudo o que o senhor fez. Lá em cima.

Uma pontada na nuca. Uma picada gelada de dor.

— E o que eu fiz?

Krün colocou o dedo sobre o distintivo.

— Nada de condenável sob o ponto de vista do código penal.

— Por quê? — perguntei. — Existem outros pontos de vista?

Com farda ou não, eu estava pronto para pular nele. Ele deve ter percebido, porque o seu tom se tornou menos odioso. Reapareceu o bom velhinho.

— Começamos mal, Sr. Salinger. Concorde?

— Sim — murmurei, com o sangue ainda fervendo nas veias.

— Não quero que o senhor se sinta um estrangeiro. O senhor é genro do velho Mair. Werner é uma pessoa muito respeitada em Siebenhoch e estamos todos felizes que Annelise tenha decidido voltar para o vilarejo por algum tempo. Além do mais, a filha de vocês é um amor de menina. *Frau* Gertraud, da biblioteca, adora Clara. Diz que é a criança mais precoce que ela já conheceu.

— Isso faz de mim uma pessoa daqui?

— Digamos que o senhor se encontra abaixo dessa linha. Mas muito acima de um simples turista. Entende o que quero dizer?

— Não — respondi, seco.

— Quero ser franco com o senhor justamente em virtude do seu status de... hóspede bem-vindo. Em Siebenhoch temos um monte de rixas. Um monte. E a minha tarefa não é só colocar o bêbado na cadeia ou chamar um médico para costurá-lo. A minha tarefa é evitar problemas. Preveni-los. Ao menos é assim que eu penso.

Uma breve pausa, e então prosseguiu:

— Eu sei o que as pessoas falam sobre o senhor. Sobretudo após o acidente no Ortles. Mas são apenas fofocas.

— O senhor compartilha essas fofocas?

O bom velhinho negou com a cabeça.

— O que eu penso ou não penso não interessa, Sr. Salinger. Não aqui e não agora. O senhor, se pudesse, já teria me dado alguns chutes no saco. Acha que eu sou cego? Está fora de si de tanta raiva. O que interessa para mim, agora, é que o senhor volte para casa. Trate de ter uma bela noite de sono e deixe para lá os mexericos de dois velhos que não têm nada para fazer o dia todo além de falar mal dos outros. Não vale a pena. Não dê razão a eles.

— Dar razão?

— Para fazer esse trabalho é preciso usar um pouco de psicologia, Sr. Salinger. Com os músculos não se vai a lugar algum. E o psicólogo que existe em mim me diz que, se alguém dirige *em alta velocidade* na direção do empreendimento comercial de quem fez um comentário pouco lisonjeiro sobre ele, aquele comentário de algum modo deve tê-lo magoado. Encher de socos um homem que, ainda que não aparente, tem quase dez anos a mais que seu sogro, Sr. Salinger, poderia fazê-lo se sentir bem na hora, mas não faria nada além de dar razão a Alois e a sabe-se lá quantas outras pessoas, aqui em Siebenhoch.

Por mais que eu detestasse a ideia, no fundo eu sabia que ele tinha razão.

Sim, eu me sentia um assassino. Era por isso que eu queria ir atrás daquele fofoqueiro e esmagá-lo de porrada. Não pelas lágrimas de Annelise ou por Clara, como eu tinha repetido a mim mesmo durante toda a tarde, mas porque eu sentia que aquelas conversas não eram totalmente sem fundamento. Eu teria desafogado nele um ódio que eu sentia apenas em relação a mim mesmo. Um comportamento de covarde.

Eu me detestei.

Suspirei fundo. A adrenalina diminuiu.

Fixei o olhar em Krün e o vi como ele era. Um cara de farda que procurava fazer o seu melhor para evitar problemas.

— O senhor é bom no que faz, e agora entendo por que o chamam de Chefe Krün. Tem razão — admiti. — Eu gostaria de lhe oferecer uma cerveja qualquer dia desses. Acredito que estou em dívida com o senhor.

O Chefe Krün pareceu relaxar. Estendeu a mão para mim.

— Pode me chamar de Max. Nenhuma dívida, só dever.

— Obrigado, Max. E você pode continuar me chamando de Salinger, até minha esposa me chama assim.

Sorri.

4.

Coloquei Clara para dormir após ter lido uma história para ela, beijei Annelise, que estava imersa assistindo a uma bobagem romântica e me despedi dizendo que tinha prometido a Werner acabar com ele no xadrez. Botei o casaco e saí para ouvir a história do dia 28 de abril de 1985.

Do lado de fora estava nevando.

28 DE ABRIL DE 1985

I.

Welshboden me acolheu com o seu reconfortante odor de lareira e tabaco. Werner me ofereceu grapa com ervas e eu retribuí com um cigarro.

— A tempestade em Siebenhoch — falei. — Se você não mudou de ideia.

— Você precisa saber uma última coisa antes que eu comece a contar sobre o massacre. As tempestades autorregenerativas não são previsíveis. Mesmo hoje, com todas as engenhocas eletrônicas disponíveis, você só sabe que vai chover e que vai ser um grande temporal. Não sabe que vai ser uma tempestade terrível. Por isso eles foram.

— Evi, Kurt e Markus.

— O três eram montanhese experientes, sobretudo Kurt. Acredite, ele não era um tipo que corria riscos, mas também não se assustava com umas gotinhas de chuva. De qualquer forma, quando eles saíram de Siebenhoch ainda não estava chovendo. Quero deixar isto bem claro, Jeremiah: ninguém podia saber o que estava prestes a acontecer. As tempestades autorregenerativas são imprevisíveis.

— A que horas eles saíram?

— A gente nunca soube com precisão. Mas devia estar escuro ainda. Por volta das cinco, digamos. Na montanha, só os turistas vão sem pressa quando é preciso caminhar. — Werner fez uma breve pausa. — Em 1985, não existia o Centro de Visitantes, o Bletterbach era um lugar selvagem. Você percebeu que hoje só existem dois trajetos percorríveis?

— E aí de você se não segui-los — falei, lembrando as recomendações de Ilse.

— Então, na época, não havia trechos seguros no Bletterbach. Só as velhas picadas dos caçadores, pouco mais do que passagens tomadas pelas samambaias e algumas trilhas por onde passavam animais de carga, usadas pelos lenhadores que, porém, não chegavam longe. Era inútil cortar árvores lá embaixo, nas

profundezas: como você faria para retirar os troncos? A torrente não é forte o suficiente para levá-los com a correnteza, e não existiam estradas para transportá-los com caminhão ou jipe.

Nas profundezas.

— A chuva começou por volta das dez da manhã. Um belo temporal, mas com poucos raios. Se esse era o presságio da matança que seria deflagrada em seguida, ninguém percebeu. Em abril os temporais são uma constante por aqui, e nós do Socorro nos preparamos para enfrentar um dia longo e monótono. Passamos o dia jogando cartas, enquanto lá fora ficava cada vez mais escuro. Por volta das cinco da tarde, eu decidi pedir que me substituíssem e voltei para casa. Cheguei a tempo de ouvir o temporal mudar.

— Ouvir?

— Parecia que estávamos no meio de um bombardeio. A chuva metralhava com tanta força que eu temi pelo para-brisa do meu carro, e os trovões... chamá-los de ensurdecedores é pouco. Annelise... — A voz de Werner assumiu um tom melancólico. — Ela ainda tem medo de trovão?

— Muito.

Omiti o fato de que Annelise havia encontrado uma cura infalível para essa sua fobia: o sexo. Não é o tipo de informação que um pai gostaria de saber sobre a própria filha.

— Comi, tirei uma soneca na frente da televisão, até que, por volta das nove e meia, faltou luz. Eu não me alarmei, isso acontecia com frequência e, com aquela tempestade, me pareceu até óbvio. Acendi algumas velas em casa e fiquei olhando pela janela. Sabe, Jeremiah, não acredito em coisas sobrenaturais. Fantasmas, vampiros, zumbis. E não quero que você pense que eu tive uma premonição. Não, não quero dizer isso, mas...

Ele deixou a frase em suspenso.

— Eu estava nervoso, muito nervoso. Os trovões nunca tinham me perturbado. Pelo contrário, eu gosto deles. Toda aquela potência que se descarrega na terra me faz sentir, não sei, na presença de alguma coisa maior do que eu. É uma sensação boa. Mas naquela noite os raios estavam me deixando louco. Eu não conseguia ficar parado. Para me acalmar, comecei a verificar o kit de primeiros socorros. Não o equipamento que eu usava quando estava de serviço no helicóptero, mas a minha velha mochila, aquela que eu usava para as operações terrestres. E, quando eu tinha fechado a última fivela, bateram na porta. Eram Hannes, Günther e Max.

— Max Krün? — perguntei, admirado. — O xerife?

— O chefe da Florestal — corrigiu-me Werner. — Você o conheceu?

— Digamos que a gente trocou algumas palavras.

— E o que você achou dele?

Tentei encontrar as palavras apropriadas para descrevê-lo.

— Um bom velhinho que se veste de Papai Noel. Mas aí de você se o emputececer.

Werner bateu as mãos nos joelhos, em sinal de aprovação.

— Você é bom com as palavras, Jeremiah. O bom velhinho que é melhor não emputececer. Bem assim. Você o emputeceu?

— Cheguei perto disso.

— É um bom homem. Duro. Precisa ser, pelo menos quando está de farda. Mas se você trocar algumas palavras com ele quando não está de serviço, vai descobrir uma pessoa lúcida, cheia de bom senso e muito divertida.

— O que ele fazia em 1985?

— Era um simples agente da Florestal. Ainda tínhamos o Chefe Hubner, que morreria quatro anos mais tarde, pouco antes da queda do Muro. Em março ele havia sofrido o primeiro infarto, e Max, que ainda nem tinha barba, teve que assumir todo o trabalho. Entrou com aquele rostinho de adolescente, com olhar assustado. Ensopado de chuva. Estava agitado, agitadíssimo. Junto com ele, estavam Hannes e Günther. Eu conhecia os dois, e eles tinham uma expressão que não parecia nada boa. Pedi que entrassem e ofereci um trago para aquecê-los. Recusaram. Sei que pode soar ridículo, mas foi essa recusa que me assustou de verdade.

— Por quê?

— Max era jovem e, na ausência do Chefe Hubner, era óbvio que ele sentisse a pressão de uma chamada, sobretudo naquele mau tempo. Mas Hannes e Günther não eram medrosos. Muitas vezes surgiam chamadas no meio da madrugada, não era uma novidade para nós. Lenhadores que não tinham voltado para casa depois de escurecer, crianças desaparecidas, pastores que tinham caído em fossos, coisas desse tipo. Hannes e Günther tinham visto de tudo. Especialmente Hannes.

Por fim, a minha mente fez a relação.

— Hannes. Hannes Schaltzmann — murmurei. — O pai de Kurt?

— Ele mesmo.

Fechei os olhos tentando elaborar essa notícia. Tentei imaginar o que Hannes Schaltzmann devia ter sentido ao reencontrar o corpo do filho. Acomodei-me ao encosto da cadeira, sentindo o calor da lareira lamber de leve minhas coxas.

— Além do mais, Günther nunca tinha recusado um copo. Sobretudo da minha reserva especial. A propósito, você quer?

Ele não esperou a resposta.

Levantou-se e pegou a garrafa. Fez tilintar os copos.

— Reserva especial. Preparada segundo a receita secular da família Mair. Os meus antepassados devem ter sido ricos, mas daquele tempo sobraram apenas ótimas receitas. Não que eu esteja reclamando, pelo contrário.

— Por que você diz “ricos”?

— Por causa do sobrenome. *Mair*. Significa “possuidor”. Muitos sobrenomes alemães significam alguma coisa; em geral indicam profissões. *Mair* é a deformação local de *Mayer*, proprietário de terras. *Schneider* é alfaiate. *Fischer*, pescador, *Müller*, moleiro. O seu nome tem algum significado?

— Eu sou americano — falei, repetindo a fala de Bruce Willis em *Pulp Fiction*. — Nossos nomes não significam nada.

Werner fechou a garrafa e me passou o copinho.

— *Grapa* com pimenta. Produzida, engarrafada e selecionada pelo aqui presente Werner Mair.

— Às velhas histórias — brindei.

— Às velhas histórias — brindou Werner. — Que possam ficar lá onde elas estão.

Era fogo líquido. Passada a labareda, o calor se transformou em uma agradável tepidez sob o esterno, acompanhada de uma prazerosa comichão na língua.

Werner pigarreou, roubou um cigarro do meu maço e recomeçou a contar.

— Foi Hannes que deu o alarme. Ele havia passado o dia todo trabalhando fora do vilarejo e, na volta, ficou sabendo pela esposa, Helene, que Kurt e os outros tinham ido passear no Bletterbach. Eles tinham levado uma barraca porque a ideia era acampar por lá. A princípio, Hannes não ficou preocupado. Os dois não se falavam mais desde que Kurt tinha ido morar em Innsbruck, mas estava ciente de que o filho sabia o que estava fazendo. Ele tinha sido socorrista e, ainda que não seja verdade, às vezes nós socorristas nos sentimos

um pouco a elite da montanha. Talvez porque, ao contrário de um monte de gente, sabemos ver e portanto prever os riscos.

— Mas depois o temporal virou algo pior, a tempestade autorregenerativa, e Hannes se preocupou...

— No começo, não — disse Werner. — Elas duram pouco. São tremendas, sim, mas duram três horas no máximo. Tudo sob controle. Mas aquela não estava diminuindo de intensidade, pelo contrário: parecia que a sua força aumentava de minuto a minuto.

— Foi então que Hannes deu o alarme.

De novo eu estava errado.

— *Nix*. Hannes saiu de casa para ir até a caserna da Florestal porque queria falar com Max. A luz tinha caído e os telefones estavam inutilizáveis, mas na sede da Florestal havia um rádio de ondas curtas para emergências. Hannes queria usá-lo para se comunicar com a defesa civil de Bolzano e saber se havia com o que se preocupar. Max não estava lá, por isso Hannes foi à casa dele, mas não conseguiu encontrá-lo. Era aniversário de Verena, que mais tarde se tornaria esposa de Max. Hannes surgiu no meio da festinha como um corvo que traz más notícias. Pediu desculpas pela intromissão e explicou a Max que precisava do rádio de ondas curtas. Voltaram para a caserna e tentaram entrar em contato com Bolzano.

— Tentaram?

— Muitos raios. A comunicação estava tão prejudicada que daria no mesmo enfiar a cabeça dentro de uma máquina de lavar. Eles nunca tinham visto algo do gênero. Ficaram assustados. Foi só nesse momento que decidiram organizar uma missão de socorro. No caminho, pararam na casa de Günther e, junto com ele, chegaram até mim. Eu já tinha o equipamento pronto, como se os estivesse esperando. — Ele balançou a cabeça. — Uma premonição? Não sei. Não sei mesmo.

— Era por volta de meia-noite — prosseguiu Werner, após uma leve incerteza — quando partimos com a quatro por quatro do Socorro. Saímos do vilarejo e precisamos parar duas vezes. A primeira foi para afastar um tronco caído, a segunda porque um pedaço da estrada tinha desabado e foi preciso ancorar o jipe em uma rocha para tentar superar o obstáculo.

— A situação estava tão feia assim?

— Pior.

Werner se levantou e, de uma gaveta, tirou um mapa.

— Este era o ponto em que terminava a estrada de terra que conduzia até o Bletterbach. — Ele levou o dedo vários centímetros para trás. — Nós conseguimos chegar só até aqui.

Calculei.

— Três quilômetros?

— Quatro. O resto era um pântano. Sabíamos que naquelas condições seria melhor dar meia-volta e esperar que a força do temporal diminuísse.

— Mas o filho de um colega estava envolvido.

— Portanto não teve jeito. Prosseguimos. Choviam pedras por todos os lados, eu sentia o assobio delas nas orelhas. O trajeto era um rio de lama e cada passo podia causar uma torsão ou uma fratura. Sem falar das árvores ou dos desabamentos.

No mapa, o dedão dele apontou para uma curva de nível, quase no centro do Bletterbach, deslocada para o leste.

— Eles estavam aqui, mas a gente não sabia.

— Havia uma trilha?

Werner fez uma careta.

— Tipo isso. Tinham seguido por ela só até certo ponto. — Ele indicou no mapa. — Mais ou menos por aqui. Depois viraram para o oeste, sempre na direção norte, e fizeram outro desvio, subindo. Até aqui.

— E você entendeu por quê?

— A trilha devia ter se tornado impraticável já por volta das quatro da tarde. Kurt deve ter pensado que, deslocando-se para oeste, eles acabariam caminhando sobre estrato de rocha, em vez do estrato argiloso e mais frágil sobre o qual estava traçada a trilha.

— E como é que depois ele mudou de ideia?

— Suponho, mas isso são apenas conjeturas minhas, que a primeira ideia dele era alcançar as grutas, aqui, está vendo?

— Grutas?

— O antigo nome de Siebenhoch era Siebenhöhlen, que significa “sete grutas”. Provavelmente ele tinha esperança de encontrar um buraco seco onde passar a noite. Só que, ao entardecer, depois de entender que não era uma tempestade normal, ele se deu conta de que nunca conseguiria chegar lá e optou por ganhar altitude indo para o leste. Está vendo aqui e aqui? Há pequenas depressões que deviam estar alagadas, então o único caminho para subir era este. E aqui, em uma clareira, nós os encontramos. Tinham armado

a barraca debaixo de uma rocha pontiaguda, de costas para a montanha, para que o vento não a levasse embora. — Uma pausa, que eu usei para calcular quantos quilômetros devia ter durado aquela andança. — Kurt era ótimo. E prudente.

— Depois de quanto tempo vocês os encontraram?

— No dia seguinte. — Foi a resposta, seca, de Werner.

— No dia *seguinte*? — perguntei, desconcertado.

Achei inconcebível que quatro homens treinados e habilidosos, montanhese desde sempre, tivessem levado tanto tempo para alcançar dois pontos que no mapa me pareciam tão próximos.

Eu pensei isso porque era um cretino metropolitano com imaginação escassa.

Se pelo menos eu tivesse me esforçado para visualizar o inferno de água, lama e raios que as palavras de Werner tinham tentado ilustrar, certamente não teria ficado tão admirado. Além do mais, eu raciocinava com a famosa consciência do depois, aquela da qual os ossários estão cheios. Eu sabia que Kurt e os outros estavam naquele ponto só porque Werner tinha me dito, mas a equipe de salvamento, na noite entre 28 e 29 de abril, não fazia a menor ideia disso.

— Foi uma noite horrível. Longuíssima. Repito. Eu me dizia o tempo todo que devíamos voltar atrás.

— Mas não voltaram.

— Não.

Esperei que Werner retomasse o fio da meada.

— As tochas não nos ajudavam muito, mas ao menos eram um modo de garantir que nenhum de nós fosse parar em algum buraco. Bastava contar os pontinhos brancos. Por volta das três da madrugada, Günther foi atingido por uma grande pedra que arrebentou o capacete dele. Ele o jogou fora, soltando alguns palavrões, e continuou procurando, como se nada tivesse acontecido. Ainda que fosse totalmente inútil, ficamos roucos de tanto gritar. Às cinco nos concedemos uma pausa de não mais que meia hora.

De novo ele indicou o trajeto no mapa.

— Fizemos a escolha errada. Tínhamos pegado a direção certa, noroeste, mas pensamos que Kurt tivesse decidido se manter sobre a linha das árvores.

— Como assim?

— Porque era a área com menor possibilidade de acabar enterrada por um

desabamento. Com certeza ele não ia se meter no meio da garganta entre a lama e a água da torrente: teria sido suicídio.

— Kurt tinha ido para noroeste...

— Sim, mas muito menos do que nós, em altitude. Além do mais, ele tinha virado para o leste, enquanto nós tínhamos ido reto. Mas com aqueles estrondos, aquela escuridão e aquelas pedras que voavam por todos os lados como balas shrapnel, poderíamos ter passado do lado daqueles pobres garotos sem nem sequer perceber. É triste, mas é verdade.

— Quando vocês decidiram ir na direção leste?

— Nós não decidimos, nós nos perdemos.

Arregalei os olhos.

— Vocês se perderam?

— Estávamos exaustos. Eram sete da manhã e estava escuro como se fosse meia-noite. Viramos à direita em vez de à esquerda. E, quando nos demos conta de que estávamos quase no fundo do cânion, por pouco não perdemos Max, que foi levado pela correnteza. Foi graças à rapidez de reflexos de Günther que ele não morreu. Então percebemos que nunca encontraríamos Evi, Kurt e Markus, e que, se não nos mexêssemos, nós mesmos acabaríamos morrendo naquele buraco.

Ele me mostrou a longa curva do trajeto percorrido pela equipe de socorro.

— Ao meio-dia nós paramos.

O dedo de Werner se deteve sobre uma zona a leste da garganta e não deixei de notar que, em linha reta, havia menos de um quilômetro entre eles e o ponto em que recuperariam os corpos dos três jovens.

— Estávamos esgotados. Meu tornozelo doía e sentíamos fome. Resolvemos descansar durante mais ou menos uma hora. A visibilidade era de menos de dois metros. Um nojo. Estávamos morrendo de medo, mas jamais admitiríamos isso em voz alta. Nunca tínhamos visto um temporal assim. Parecia que a Natureza tinha decidido se vingar em nós. Sabe, Jeremiah, em geral a montanha é... A montanha não está nem aí para você. Ela não é nem boa nem má. Está para além dessas estúpidas consolações dos mortais. Ela está ali há milhões de anos e vai continuar por sabe-se lá quanto tempo. Para ela, você não é nada. Mas naquele dia todos nós tivemos a mesma sensação. O Bletterbach estava com raiva de nós. Queria nos matar. — Werner se escorou no encosto da poltrona e colocou de lado o mapa. — Agora acho que eu

preciso de uma pausa antes de prosseguir.

2.

Werner quis fumar um dos meus Marlboros na porta de casa, na varanda. Ficamos olhando a neve cair, em silêncio, cada um de nós absorto nos próprios pensamentos. Por fim, como se estivesse para se submeter a uma sessão de tortura, ele me sinalizou para entrar de novo.

Chegara a hora de concluir a história.

3.

— Por volta das duas da tarde, parecia que o pior tinha passado. Não era bem assim, mas aquele pouco de luz a mais levantou o nosso moral. Recomeçamos a busca. Uma hora depois os encontramos. Foi Hannes o primeiro a ver o que restava da barraca. Uma tira de tecido vermelho que balançava em um ramo.

Ele mexeu a mão, imitando a cena.

— A clareira onde eles tinham acampado estava a poucos metros na nossa frente, atrás de uma castanheira que me obscurecia a visão. Logo que eu vi aquele fiapo de barraca balançando... — Werner sacudiu a cabeça. — Aquele pedaço de barraca, vermelho em um fundo preto e verde, parecia o gato de Alice no País das Maravilhas.

— O Gato de Cheshire?

— Parecia que o Bletterbach estava zombando de nós. O clima estava ruim, ali ao redor. Eu conseguia sentir, assim como percebia o cheiro da lama me entupindo o nariz. Só que não tinha nada a ver com o olfato. Era uma sensação por baixo da pele. Uma espécie de corrente elétrica. Você entende?

— Sim.

E como!

Werner encarou minha cicatriz.

— Fomos adiante. Hannes na frente, Max e Günther atrás, e eu que tentava segui-los com o tornozelo dolorido. Depois ouvi o grito. Nunca ouvi um grito mais assustador do que aquele. Fiquei com os pelos arrepiados. Era Hannes. Ficamos paralisados. Günther na minha frente e Max na frente dele. Fiz um esforço para mexer as pernas, mas não consegui. Na montanha se diz “fundido”. Acontece quando você tem um ataque de pânico ou quando tem muito ácido láctico nos músculos. Então, as minhas pernas estavam fundidas.

— Dá para ter uma ideia.

— Mas isso não traduz o medo que eu senti naquele momento. Ainda que aquele que tinha gritado fosse um dos meus melhores amigos, por quem eu arriscaria a pele, sabendo que ele faria o mesmo por mim, o meu primeiro instinto foi fugir. Depois...

Besta, pensei.

A Besta.

— O que aconteceu?

— Max se jogou em Hannes, agarrando-o pelos braços e derrubando-o na lama. Salvou a vida dele. Na hora eu pensei que ele tivesse entrado em pânico, não entendi. A clareira tinha um diâmetro de mais ou menos quatro metros e meio. Sobre ela havia uma rocha pontiaguda, e sobre a ponta, o resto de um abeto. Do nosso lado estava o castanheiro, como eu falei, que cobria a cena, e do outro lado havia uns abetos e um precipício. Se não fosse pela rapidez de reflexos de Max, Hannes teria se atirado. Queria se matar, e Max o impediu.

— Meu Deus.

— Agarrei Hannes e Günther deu uns socos nele. Estava fora de si. Peguei Hannes e o abracei o mais forte que pude. Chorei. Chorei muito. Chorei por Hannes que continuava gritando e gritando, com os olhos arregalados. Chorei por aquilo que eu via. Ou pelo que eu *não* via, porque, enquanto abraçava Hannes para impedi-lo de se jogar no abismo, eu estava com os olhos fechados, apertados. Mas aquele pouco que eu tinha visto ficou gravado na minha cabeça, muito nítido. Não sei quanto tempo permaneci naquela posição. Soltei Hannes e o deitamos debaixo do castanheiro, com uma capa para cobri-lo da chuva e... — A voz dele falhou. — A lona tinha sido rasgada por algo afiado. Cortada por uma lâmina. As coisas estavam por todos os lados. E eles também estavam... por todos os lados. Kurt estava no meio da clareira, com os olhos para o céu, abertos. Olhava as nuvens e não tinha uma expressão de paz, posso garantir. Ele estava sem os braços. Um estava a meio metro do busto, o outro no meio da vegetação. Tinha um ferimento bem aqui. — Werner bateu no esterno. — Um ferimento limpo. Um golpe de machado ou de facão, disseram os carabinieri.

— Um machado?

— Evi estava com as pernas cortadas na altura do joelho.

Senti um refluxo de bile subir pelo esôfago.

— Ela tinha o braço direito quebrado, como se tivesse tentado se defender. E estava sem cabeça.

Tive que me levantar e correr para o banheiro. Vomitei e não me senti nem um pouco melhor.

Encontrei Werner com uma xícara de chá de camomila fumegante na mão direita. Aceitei com gratidão. Acendi um cigarro. Eu queria tirar aquele sabor horrendo da boca.

— Vá em frente, Werner.

— Tem certeza?

— Vocês encontraram? A cabeça de Evi.

— Nós não encontramos, nem os carabinieri. Pelo contrário, o que os carabinieri encontraram foi muito menos daquilo que nós quatro vimos. A tempestade levou embora muita coisa no meio-tempo, mas também — ele abaixou o tom de voz, quase se desculpando —, sabe, os animais...

— E Markus?

— No mesmo estado. Só que ele estava um pouco mais perto do vale. Ao tentar escapar, caiu e quebrou a cabeça. Tinha um ferimento feio na perna e no ombro, mas foi a queda que o matou.

— Meu Deus...

— Deus estava olhando para outro lado, naquele 28 de abril.

— O que vocês fizeram?

— Todo aquele horror fez a gente perder a noção do tempo, e a tempestade tinha voltado com força total. Eram sete da noite.

— Quatro horas? Vocês ficaram lá quatro horas?

— Tomou conta da gente, Jeremiah — sussurrou Werner. — Aquele horror tomou conta da gente e não queria ir embora. Não quero parecer mórbido, mas o que nós vimos era tão pouco natural e cruel, sim, bem isso, cruel, que perdemos a lucidez. Eu pensei bastante sobre isso ao longo dos anos, sabe? Acho que Max, Günther, Hannes e eu deixamos um pedacinho da nossa alma naquele dia no Bletterbach. Naquele dia e na noite que se seguiu.

Por pouco eu não me engasguei.

— Está dizendo que vocês ficaram lá a noite toda?

— A ponta da rocha era uma ótima cobertura, a terra ao redor desmoronava como cera quente, mas a clareira continuava firme. Caíam tantos raios que era um milagre que nenhum de nós tivesse sido assado ainda. Não tivemos escolha.

— Mas os cadáveres...

— Nós os cobrimos com as nossas capas de chuva. Ancoramos as lonas com algumas pedras grandes e procuramos amontoar as coisas daqueles pobres garotos, para impedir que o vento e a chuva levassem tudo embora. Sabíamos que estávamos na cena de um crime e tínhamos consciência de que, quanto mais objetos a gente conseguisse salvar, maiores eram as chances de os carabinieri capturarem quem tinha cometido aquela chacina. Mas o verdadeiro motivo por que permanecemos lá é mais simples. Se tivéssemos

nos movido, teríamos morrido. A montanha segue suas próprias regras, quer queira quer não. — Ele me apontou o indicador. — Em certas situações, situações excepcionais, e aquela era uma situação mais que excepcional, tudo o que importa é...

— Sobreviver.

Werner massageou a têmpora.

— Esperamos a noite toda, colados uns aos outros. Hannes rezava e gritava, Günther xingava e eu tentava tranquilizar os dois. Na manhã seguinte, logo que surgiu um pouco de luz, fomos embora. Hannes não conseguiria ficar em pé nem mesmo se Nosso Senhor ordenasse, e o meu tornozelo estava detonado, então Max e Günther se revezaram para ajudá-lo. Mas nem mesmo Günther estava muito consciente. Lembra a pedra que tinha quebrado o capacete dele?

Não concluiu.

Não precisava.

— Chegamos à caminhonete. Colocamos Hannes a bordo e voltamos para o vilarejo. Tomei um banho e dormi doze horas seguidas. Quando acordei, Herta não me perguntou nada. Tinha preparado meu prato preferido, eu o devorei. Só então me dei conta do que a gente tinha passado e comecei a chorar como não havia chorado nem no funeral dos meus pais.

— Não chamaram a polícia?

— Siebenhoch estava sem linhas telefônicas e elétricas. O rádio de ondas curtas? Não funcionava. A defesa civil levou dois dias para abrir a estrada na base da niveladora. Não faziam a mínima ideia do que ocorrera no Bletterbach. Sabiam que Siebenhoch é habitada por gente acostumada às emergências, portanto tinham destinado os recursos para as localidades mais próximas do vale, mais populosas e menos equipadas que nós. Os carabinieri chegaram em 4 de maio, com o fim da tempestade. Foram feitas investigações, mas o assassino nunca foi encontrado. No fim os carabinieri e o ministério público disseram que os três jovens tiveram o azar de encontrar a pessoa errada no momento errado.

— E pronto? — perguntei, desconcertado.

Werner abriu os braços.

— E pronto. Eu espero que aquele desgraçado tenha morrido em algum lugar do Bletterbach. Espero que, depois de massacrar aqueles pobres garotos, a montanha o tenha pegado, e cada vez que a torrente transborda eu espero

ainda que ela traga à tona um pedaço daquele filho da puta. Mas isso é só uma esperança minha.

— Não investigaram em Siebenhoch?

— O que você quer dizer? — perguntou Werner, acendendo um fósforo e levando-o até a ponta de um cigarro.

— Alguém do vilarejo. Para mim parece óbvio.

— Você fantasia demais.

— Por quê?

— Porque você esquece o que é Siebenhoch. Siebenhoch é uma comunidade pequena. Você acha que ninguém pensou no que está dizendo? Foi a primeira coisa em que pensamos. Mas se alguém tivesse seguido os três no Bletterbach a gente saberia. Pode acreditar. Porque aqui todos sabem tudo de todos. Minuto a minuto. Além do mais, com aquele temporal, chegar até a fenda, descer tão profundamente no Bletterbach, matar e voltar sem que ninguém suspeitasse teria sido impossível.

— Mas...

Werner me impediu.

— Você prometeu.

Pisquei.

— A história do massacre é essa. E acabou. Não se deixe devorar, Jeremiah. Não se deixe devorar por essa história como aconteceu com os outros.

— Os outros quem? Pessoas como Hannes?

— Pessoas como eu, Jeremiah.

4.

Ficamos em silêncio por um bom tempo.

— Cada um de nós reagiu de uma maneira. Todo o vilarejo estava transtornado, ainda que alguns...

— Alguns, menos... — sussurrei, pensando nos comentários sobre o fim de Evi e Kurt que Werner tinha mencionado e que, depois da experiência desagradável de Annelise no empório de Alois, pareciam-me muito mais plausíveis em comparação à primeira vez que eu os ouvira.

— Nós tínhamos visto. Nós tínhamos ouvido aquela... crueldade. Então decidi.

— Ir embora?

— Fazia um tempo que eu pensava sobre isso. Já falei que eu fui trabalhar em uma tipografia em Cles, não falei?

— Você me disse que tinha feito isso por Annelise.

— Ela tinha o direito de ter um pai que não passasse os dias arriscando a pele. O que eu omiti é que não conseguia mais ficar aqui. Eu via as pessoas de Siebenhoch voltando à normalidade e não podia aceitar isso. Os postes de luz foram endireitados, as linhas telefônicas voltaram a funcionar, as estradas foram consertadas e, onde era necessário, foram feitas algumas implosões para produzir desmoronamentos controlados. As pessoas queriam esquecer, e o massacre do Bletterbach foi esquecido com pressa. Eu via tudo isso e dizia a mim mesmo que não era justo.

— Você disse que eu não devo me deixar devorar como os outros. Outros quem?

— Poucas horas depois de voltarmos, quando Siebenhoch ainda estava isolada do mundo, Hannes apontou a espingarda de caça para a cabeça de Helene e disparou, matando a esposa. Ele foi encontrado com a arma na mão ao lado do cadáver da esposa, catatônico. Foi preso e internado em Pargine até 1997. Está enterrado aqui, ao lado do filho e da esposa. As pessoas de Siebenhoch sabem ser duras e muitas vezes abrem a boca sem propósito, mas todos entenderam o que aconteceu à família Schaltzmann. Não foi Hannes que matou Helene: foi o desgraçado que massacrrou Kurt, Evi e Markus. Günther também está enterrado ali. De vez em quando eu levo flores e sei que, se estivesse vivo, o Günther que eu conhecia estaria puto. Eu quase

posso escutá-lo... Flores? Traga uma cerveja, *du Arschloch!*

— Como ele morreu?

— Desde antes Günther era desses que não sabia dizer não a uma bebida, mas depois do Bletterbach a doença o dominou por completo. Virou um alcoólatra do tipo brigão. Max muitas vezes tinha que fazê-lo passar a noite na caserna para evitar que ele machucasse alguém. Quando estava bêbado, ele só falava do massacre. Estava obcecado. Tinha colocado na cabeça que ia encontrar o assassino. Tudo isso me contaram depois, porque eu estava morando fora de Siebenhoch. Em 1989, Günther sofreu um acidente de carro. Estava podre de bêbado. Morreu na hora. Melhor para ele, já tinha sofrido o suficiente. Sabe por que eu levo flores ao túmulo dele? Porque me sinto culpado. Talvez, se eu tivesse ficado, Günther teria alguém com quem desabafar. Mas eu não estava aqui. E os outros não sabiam. Não conseguiam entender. Eles não tinham visto.

— O Max estava.

— Verdade. Mas até Max foi devorado pelo Bletterbach. Ele se casou com Verena, a moça do aniversário, tomou o posto do Chefe Hubner e faz seu trabalho com dedicação.

Werner me olhou bem nos olhos, escolhendo as palavras.

— Com dedicação excessiva. É o modo dele de reparar o problema. Encarnar o defensor de Siebenhoch, aquele que enche o saco dos forasteiros e dos turistas porque...

— Porque quem matou Evi e os outros só podia ser alguém de fora.

LILY BAR

I.

Levei Annelise e Clara a Bolzano para visitar o museu arqueológico onde estava conservada a mais antiga múmia natural já encontrada, chamada Ötzi.

Ötzi era um antigo pastor (ou talvez um viajante, um xamã, um explorador de metais, um... as teorias sobre a identidade dele variavam) da Idade do Bronze, assassinado nos penhascos do Similaun por sabe-se lá quem e sabe-se lá por quê.

Ao vê-lo, Clara começou a chorar. Disse que aquele homenzinho ressecado era um menino elfo que havia perdido a mãe. Annelise e eu tivemos um belo trabalho para tranquilizá-la.

Devo admitir que também me comovi ao ver aquela figura de cinquenta mil anos, conservada em uma espécie de frigorífico gigantesco, retorcida e com uma expressão aflita, mas por motivos bem diferentes. Estava pensando no massacre do Bletterbach.

Como Evi, Kurt e Markus, Ötzi também não tinha recebido justiça. Ou eu estava enganado? Talvez no ano 3.000 a.C. alguém tivesse investigado o suficiente para encontrar os assassinos daquele pobrezinho. Será que tinham chorado por ele?

E quem chorou?

Ötzi era um homem de idade muito avançada. *Os velhos tiveram filhos e os filhos deram à luz alguns netinhos*, pensei enquanto admirava quanta habilidade aquele homem de nem sequer um metro e cinquenta tivera para construir os apetrechos que lhe permitiram sobreviver em um mundo que não conhecia antibióticos nem desinfetantes, um mundo em que não havia o helicóptero vermelho do Socorro Alpino das Dolomitas para chamar em caso de dificuldades. Os filhos e netos choraram por ele? Erigiram uma pira fúnebre em sua honra? Sacrificaram algum animal em sua memória? A quais deuses ele recorreu antes de morrer sob as flechas, esse homem do gelo? Talvez também

naquele dia, como havia dito Werner, Deus estivesse olhando para outro lado.

Sabia-se muito sobre Ötzi. A tecnologia moderna permitira sondar o estômago dele para descobrir o que tinha comido antes de ser morto. Conheciam-se as patologias que o acometiam, e era por esse motivo, médico, e não estético, que pelo seu corpo se podiam contar mais de trinta tatuagens. Ötzi sofria de artrite; as tatuagens lhe permitiam injetar ervas curativas sob a pele. Um grupo de arqueólogos reconstruíra seus artefatos pedaço por pedaço, o arco, a bolsa, o machado que ele levava na cintura, seu poncho de ervas ressecadas e seu chapéu de pele. Sua técnica de construção tinha sido revelada em detalhes. Conhecíamos inclusive a cor dos olhos (escuros) graças ao exame de DNA, e por meio de computação gráfica havia sido reconstruído aquilo que devia ter sido o seu rosto antes de acabar sepultado pelo gelo durante cinco mil anos. Ainda assim, eu continuava pensando que tudo isso era bobagem em comparação com as perguntas de verdade que a múmia fazia surgir na minha mente.

Será que Ötzi sonhou?

Sonhou que caçava? Sonhou com lobos uivando para a lua? Sonhou com o perfil da montanha em que ele encontraria a morte? E o que ele via enquanto contemplava as estrelas, de noite? Como ele chamava a Ursa Maior?

Mas, sobretudo, por que ele tinha sido morto?

E por quem?

2.

Comemoramos o Halloween com a insubstituível abóbora na janela, bandeirinhas alaranjadas, um esqueleto de plástico que brilhava no escuro, morcegos no teto, pipoca e um belo filme de terror. Tudo conforme a tradição.

Clara não gostou do filme, disse que dava para ver que os zumbis eram falsos. Porém, falou como se estivesse fazendo uma pergunta. Queria ser tranquilizada.

Annelise me lançou um olhar do tipo “eu falei para você, gênio!”, e passei o resto da noite mostrando para Clara como se fazia sangue cinematográfico: suco de mirtilo e mel. Com um pouco de café para torná-lo mais escuro.

— E a cara feia dos zumbis?

Exibi a minha melhor interpretação de zumbi, com a língua fora da boca aberta e os olhos arregalados. Clara torceu o nariz.

Eu o beijei.

Um momento de intimidade zumbi.

— E essas nojeiras na cara? Como se fazem essas nojeiras na cara?

— Massa de modelar e cereais.

— Cereais?

Mostrei para ela isso também.

Clara estava no sétimo céu. Organizamos uma pegadinha para Annelise, que se fingiu aterrorizada pela zumbi em miniatura (e de pijama de bolinha) que vinha pela sala com os braços estendidos para a frente, roncando com voz cavernosa (se é que podia parecer cavernosa a voz de uma menina de cinco anos): “Eu vou comer vocêêêêê! Eu vou comer vocêêêêêêêêê!”

Sofremos um pouco para fazê-la dormir, depois nos concedemos uma taça de vinho.

— Esses dias — brinquei, saboreando um ótimo Marzemino — sua filha usou o termo “matutando”. Nove letras, vossa excelência.

— E onde ela ouviu uma palavra assim?

— De você.

Annelise levou o copo até a boca.

— A que ela se referia?

— Adivinha.

— Você *está* distraído. Admita.

— Quer que eu volte a ir no médico? Você ficaria mais tranquila?

Annelise pegou minha mão, apertou forte.

— Você está bem. Está ok. Estou vendo. — Ela mordeu os lábios, um gesto que considere extremamente sexy. — Ainda tem pesadelos?

Claro que eu tinha, e ela sabia disso. Admirei a delicadeza dela, porém.

— Às vezes.

Inclinei-me para beijar a ponta dos dedos dela.

— Mas não se preocupe. Eu estou bem. E não estou matutando nada.

— Você me diria?

— Diria, sim.

3.

Eu estava mentindo.

Se Annelise tivesse mexido no meu laptop, que de branco havia passado a cinza de tanto eu fumar sobre ele, teria descoberto que na pasta “Coisas” havia um arquivo intitulado *B*. De “Bletterbach”. Mas também de “biltre”.

Seis letras.

Exatamente como *b*: “babaca”.

4.

Uma tarde, alguns dias após a conversa com Werner, fui a Trento com a desculpa de comprar DVDs para a minha coleção.

Na verdade, passei duas horas trancado na sala de leitura da biblioteca universitária.

Nenhum microfilme ou cópia digital, mas uma montanha de jornais amarelados. Entre uma camada de pó e outra, encontrei apenas algumas menções ao massacre do Bletterbach. A atenção dos jornalistas daquele tempo havia se concentrado no caos gerado pela tempestade. Entrevistas, artigos que ilustravam grosso modo o que Werner reconstruíra para mim. Especialistas explicando que diabo de calamidade era aquela que havia caído sobre a região, e grandes fotografias em branco e preto mostrando os danos provocados por aquele cataclismo de água e lama.

A conta final de onze mortos suscitou polêmicas inflamadas que se apagaram rápido em um burburinho submisso sobrecarregado pela atualidade.

Um prefeito precisou renunciar e diversos assessores se redimiram mostrando-se contritos nos funerais das vítimas. A defesa civil foi elogiada pelo presidente da república, um homenzinho de cachimbo entre os dentes que se chamava Sandro Pertini. Ele me pareceu excêntrico, mas dotado de um insólito carisma.

Sobre os homicídios, quase nada.

Uma fotografia aérea da garganta, sem o contorno de vidro e alumínio do Centro de Visitantes que ainda estava por vir. O rosto de Evi, talvez por ser mais fotogênico em comparação com o dos seus companheiros de tragédia. Um seco “*no comment*” dito pelos homens que acompanhavam o caso (cujos nomes transcrevi atrás do maço de cigarros). Uma entrevista a um Werner mais loiro do que grisalho, com menos rugas, mas não menos olheiras, que falava de “chacina horrível”. Alguns dias depois, o necrológio de Helene Schaltzmann. Nada sobre a loucura de Hannes.

Eu gostaria de procurar também o necrológio de Günther Kagol, em 1989, mas já havia entendido: seria um trabalho inútil. Além do mais, estava tarde.

Agradei aos funcionários e voltei para casa a tempo para a janta. Assado com batatas. Beijeí minha esposa, beijeí minha filha e perguntei como tinha sido o dia delas.

Antes de ir dormir, atualizei o arquivo com o que havia descoberto na biblioteca.

Disse a mim mesmo que estava fazendo aquilo para me exercitar. *B* de “brincadeira”.

B de “burlar”.

5.

B de “Bletterbach”.

6.

Sem me dar conta, eu estava seguindo o mesmo método que havia utilizado para todos os meus trabalhos precedentes. Eu era e sou um animal que segue uma rotina.

Depois de transcrever o testemunho de Werner, buscando reproduzir no papel digital a ênfase e as emoções que suas palavras tinham me transmitido, e de ter compilado uma estéril lista das características da morfologia, da geologia, da fauna e da flora do Bletterbach, comecei a buscar alguma sugestão histórica que me desse um quadro mais amplo daquele lugar.

Minha pesquisa se iniciou em uma tarde em que Annelise e Clara tinham ido a Bolzano fazer compras (“Coisas de mulher, papai”, “Coisas caras?”, “Coisas bonitas”), com uma visita à biblioteca do museu geológico integrada ao edifício do Centro de Visitantes do Bletterbach.

Os poucos livros que havia eram em grande parte publicados por minúsculas editoras com subvenção provincial, em geral completamente inúteis para o meu objetivo, panegíricos sobre belos tempos passados (mas sem fazer menção nem à pobreza que havia atingido a região até não muito tempo antes, nem ao “Belfast com strudel”) que no entanto eu li com avidez, marcando os parágrafos que mais atiçavam a minha curiosidade.

Os melhores eram os relatos, às vezes com erros gramaticais, dos salvamentos mais clamorosos do Socorro Alpino das Dolomitas. Muitas vezes li o nome de Werner e o de Hannes. Algumas vezes li também o de Günther. Em um longo artigo comemorativo, adornado por um instantâneo em preto e branco, falava-se inclusive de Manfred Kagol, o homem que havia idealizado o Centro.

Uma fotografia retratava um Werner solene, fazendo pose ao lado do Alouette recém-adquirido. Essa imagem do EC 135 vermelho-flamejante me provocou pontadas no estômago.

Nos dias seguintes comecei a frequentar um dos bares de Siebenhoch, o *Lily*, um lugarzinho com crucifixos de madeira que me olhavam atravessado, péssimo café aguado e cabeças de corça, cervo e cabrito-montês que tiravam sarro dos defensores dos animais.

O *Lily* era um ponto de encontro para guias alpinos e montanhesees que quisessem um pouco de paz. Serviam um *Bauerntoast* que saciava a fome por dias, e a cerveja estava sempre gelada. Além do mais, ninguém ficava gritando ao celular ou irrompia em exclamações sobre como era *tíííípica* aquela taberna.

A maior parte da clientela era de aposentados, mas não se deve imaginá-lo como uma espécie de asilo. Havia muitos jovens e até gente jovem demais; todos tinham em comum a vida na montanha. Em poucas palavras, o *Lily* era o lugar em que os habitantes locais podiam ler o “Dolomiten”, beber uns dois copos (mas também quatro ou cinco) e blasfemar em duas línguas sem medo de ofender o bom gosto dos turistas.

Fui brilhante. As minhas piadas sobre os *Amerikaner* os fez chorar de rir. Aprendi a jogar Watten. Pedi que me ensinassem as palavras mais agradáveis do *dialokt* local. Ofereci cerveja como se fosse água e fiz de tudo para conquistar a simpatia dos fregueses. Sobretudo, fui muito discreto quanto às minhas reais intenções.

Mas eu não me iludia muito. Aquele bando de montanhesees respondia com simpatia às minhas atenções, mas não significava que tivéssemos nos tornado amigos. Eu era gentil, talvez um pouco divertido demais no sentido de extravagante, e isso dava um colorido especial às noites deles, nada além disso.

Eu era um hóspede bem-vindo, pouco mais do que um turista, muito menos do que um nativo, como dissera Max Krün.

Aquelas carrancas — cujas mãos raramente contavam dez dedos, fosse porque os haviam perdido durante alguma escalada (como aconteceu com Werner), fosse porque haviam sido decepados por dentes de motosserra ou porque os haviam arrancado com formão para não prestar o serviço militar — aceitavam a minha presença somente em virtude da minha ligação com o velho Mair, e eu estava certo de que algum deles, se não todos, relatavam ao ex-chefe do Socorro mais ou menos tudo que conversávamos. Mas eu era

esperto. Tinha inventado uma desculpa. Como diria Mike: eu tinha um plano.

Depois da primeira semana que passei falando disso e daquilo e perdendo no jogo de cartas, soltei por lá que tinha a intenção de construir um trenó de madeira para minha filha. Um presente de Natal, falei. Será que alguém era capaz de me ensinar algum truque? Eu sabia que muitos deles eram hábeis entalhadores e contava que, assim, cairia nas graças deles, desviando o máximo possível as suspeitas.

Funcionou.

Dois em particular se jogaram de corpo e alma na empreitada de me transformar em um artesão. Um simpático nonagenário chamado Elmar e seu inseparável companheiro de bebedeira, um homem de setenta e cinco anos sem uma perna (acidente no bosque: a motosserra em vez de fazer *zig* tinha feito *zag*) chamado Luis.

Elmar e Luis me explicaram que tipo de instrumento eu deveria adquirir e como não ser enganado pelos vendedores de ferragem, que espécie de madeira arranjar e para quais partes do trenó eu deveria utilizá-las. Esboçamos diversos desenhos em guardanapos que depois eu esquecia nos bolsos e iam parar na lavadora, suscitando a hilaridade deles.

No fim das contas, eu era apenas um cidadão estúpido, não?

De vez em quando, com estudada negligência, eu fazia alguma pergunta.

Elmar e Luis ficavam mais do que felizes em contar histórias que no *Lily Bar* todos já haviam ouvido muitas vezes.

Descobri o que os livros do museu não tinham tido a coragem de contar.

Acidentes. Mortes. Mortes absurdas, mortes tristes, mortes sem motivo, mortes de cem anos atrás. Mortes de *séculos* atrás. E lendas que começavam nos fazendo rir com escárnio e acabavam sempre muito mal.

Uma delas me tocou em particular. Falava do misterioso povo de Fanes, e tanto Elmar quanto Luis juravam que se tratava de uma História com h maiúsculo.

O povo de Fanes era uma antiga tribo que, segundo a lenda, vivia em paz e harmonia. Não faziam guerras, tinham reis que administravam a justiça com inteligência. Tudo era uma maravilha até que, de repente, desapareceram sem deixar rastros. Da noite para o dia. Fanes ficava a uns dez quilômetros ao norte do parque natural, mas Elmar e Luis se diziam convencidos de que o mal que tinha varrido aquela antiga população provinha justamente do Bletterbach. Um péssimo lugar, como havia definido Luis. Fora ali que a

lâmina da motosserra havia feito *zag*.

Naquela mesma noite verifiquei na Wikipédia o que a estranha dupla do *Lily* havia me contado. Para minha grande surpresa, descobri que os dois não tinham mentido. A população da tardia idade do bronze de Fanes desaparecera como em um golpe de mágica. Uma hora está aqui, outra hora não está mais.

Puff!

As hipóteses mais confiáveis tendiam para uma invasão conduzida por tribos provenientes do sul: talvez do Vêneto, mais avançadas e agressivas. Mas as guerras deixam rastros, e nada tinha sido encontrado para testemunhar tal acontecimento. Nem esqueletos, nem pontas de flecha, escudos amassados ou fossas comuns. Apenas lendas. Luis e Elmar mereciam uma Forst.

8.

Na metade de novembro aconteceram dois fatos.

Primeiro: Luis me ofereceu uma torta com sabor de nada.

Segundo: a torta com sabor de nada tinha um vago sabor de sangue.

A TORTA COM SABOR DE B

I.

Tinha sido uma noite agradável no *Lily*. Elmar escapara cedo, por culpa da artrite. Luis havia sido sociável e falador como sempre. Tínhamos jogado Watten (eu estava melhorando, embora suspeitasse que minhas vitórias fossem fruto mais do bom coração dos meus adversários que de verdadeiros progressos) e bebido algumas cervejas.

Lá fora, a neve se acumulara em uma bela camada de uns vinte centímetros e a temperatura estava alguns graus abaixo de zero. Nada de vento.

— Quer me acompanhar até em casa, Amerikaner? — disse Luis, indicando o vazio debaixo do seu joelho.

Luis não precisava de mim para chegar em casa. Com gelo ou sem gelo, ele era um fenômeno com suas muletas. Ele queria falar comigo longe de ouvidos indiscretos. De fato, chegando em frente à porta de casa ele me ofereceu um copinho, só para me esquentar. Aceitei com um misto de curiosidade e empolgação.

O apartamento de Luis era bagunçado como se poderia esperar de um viúvo que tinha passado a vida no meio dos lenhadores derrubando árvores. Mas era limpo e não pude deixar de apreciar o gosto, talvez démodé, com que a habitação era decorada. O termo correto seria “acolhedor”, nove letras.

A julgar pelas fotografias emolduradas nas paredes, Luis devia ter sido feliz ali dentro.

— São seus filhos?

— Marlene e Martin. Ela mora em Berlim, é arquiteta. Martin tem uma empresa de transportes em Trento. Os dois se viram bem. A casa de Marlene é uma espécie de ponto de encontro de artistas, e eu não quero nem ouvir falar daquelas pessoas, mas ela é feliz. Martin tem a sua idade e um filho. Um menino.

Estendeu-me um copo de grapa com aroma convidativo.

— Como se chama?

— Francesco. Ele tem três anos e eles virão me visitar no Natal.

— À sua família, então — brindei.

— Ao Bletterbach — foi a resposta de Luis.

Fiquei paralisado, com o copo à meia altura. Luis deu um sorriso irônico,

bateu o copo no meu e engoliu de uma vez só o conteúdo sem tirar os olhos dos meus.

— É por isso que você me chamou aqui?

Ele confirmou.

— Talvez você consiga enganar Elmar, que graças a Deus levanta disposto todas as manhãs com o canto dos galos e enxerga muito bem, mas em termos de cabeça... não sei se você me entende.

Eu estava com o rosto em chamas.

— Werner sabe disso? — perguntei.

Luis sacudiu a cabeça.

— Se ele sabe não é por culpa minha. Mas no *Lily* não vão só Elmar e eu.

Xinguei mentalmente.

— Werner é uma pessoa influente, respeitada — continuou Luis. — Uma daquelas pessoas que não precisam perguntar nada.

— Eu... — balbuciei.

— Você não precisa se justificar, Amerikaner. Não para mim, pelo menos. Com o seu sogro? Talvez. Com a sua consciência? Com certeza. A menos que você seja um daqueles indivíduos que nem sequer sabem o que é consciência. Mas você não parece desse tipo. Ou é?

— Não, não sou.

B de “biltre”.

Ou quase.

— Era o que eu imaginava. Por isso chamei você aqui. Quero lhe dar um conselho.

— Que tipo de conselho?

— As pessoas de Siebenhoch são simples. Não queremos nada além de um prato quente à noite, um trabalho, um teto em cima da cabeça e uns dez netos na velhice. Não gostamos de problemas. Já temos várias dificuldades vivendo nesta região e não queremos outras que venham de fora.

— E eu sou de fora.

— Quase. — Foi a resposta de Luis, que ecoava a do Chefe Krün. — Meio a meio.

— Tenho direito a umas cervejas no *Lily*, mas não a meter o nariz onde não sou chamado.

— Não diga isso de modo tão severo, rapaz. Não somos tão tendenciosos assim. Somos pessoas de bem. Quase todos. Fiquei sabendo do que ocorreu

com a sua esposa no Alois, e acho que foi canalhice. Uma verdadeira canalhice. Mas o que se pode esperar de alguém que vende pregos de caixão inclusive a crianças? — disse ele, indicando o maço de Marlboro que despontava do bolso da minha camisa.

— Obrigado pelo aviso, Luis — falei, depois de uma longa pausa.

— Não seja melodramático. O aviso é este: Werner está de olho em você, e quando Werner fareja é melhor ficar atento. Mas ele gosta de você e tem um senso de justiça. Não é má pessoa. Quando se mudou para Cles, muitos de nós ficaram desolados. Ele fazia falta. Mas o senso de justiça *dele* não é o *meu* senso de justiça. Sabe o que a minha esposa sempre dizia? Que a melhor maneira de fazer um menino ficar com água na boca é proibi-lo de comer a torta.

Ele soltou uma risadinha.

Senti o coração acelerar.

— E então você quer me dar a torta?

Luis se acomodou na poltrona em que estava sentado. Esticou o braço e, de um armariozinho, tirou cachimbo e tabaco.

— Esta conversa nunca aconteceu, entendido?

— Entendido.

— E pare de abanar o rabo, Amerikaner. A torta que eu estou oferecendo não é grande coisa. É por isso que vou contar para você algumas coisas que no *Lily* ninguém vai ter coragem de falar. Porque a torta em questão é uma torta com sabor de nada.

— Você quer dizer vazia?

— *Genau*. Vazia. Com sabor de nada. Embora a minha esposa tenha criado dois filhos esplêndidos, eu sou da opinião que, se você deixa um adolescente provar a torta e a torta é uma porcaria, pelo menos ele vai parar de andar pela casa como um vira-lata no cio.

Respondi ao sorriso dele.

— Acho que Werner contou para você o que aconteceu melhor do que eu poderia fazer. Ele sempre foi bom com as palavras. Era aquele que falava com os políticos e conseguia vencer no campo deles: as enrolações. Eu, por outro lado, sou apenas um lenhador sem uma perna, o único livro que li é uma coleção de piadas sem graça e, se os filmes não têm nenhuma explosão, eu pego no sono. Mas sei captar o que as pessoas querem. E você quer o que na televisão eles chamam de “boatos locais”, ou estou enganado?

— Não está.

Luis fumou seu cachimbo. Ouvi o tabaco queimar.

O cheiro era agradável.

— Quem foi? — Ele fez cara de mistério. — Essa é a pergunta em torno da qual gira tudo. Quem matou aqueles pobrezinhos? Oficialmente ninguém. Mas em 1987 foi preso um cara, um ex-policia de Veneza que tinha matado, em momentos diversos, três turistas entre as Dolomitas de Belluno e de Friuli. Ele os esquartejara com golpes de machado. Declarou-se vítima de um complô jurídico. Ele e o advogado alegavam uma doença mental. No processo, o massacre do Bletterbach passou pela cabeça de alguém, então a polícia investigou e parece que havia alguns indícios de que ele andou por aqui entre abril e maio de 1985. Mas eram indícios muito vagos, e portanto: sem uma prova ou uma confissão?

— Nada.

— Ele conseguiu que aceitassem a alegação de doença mental. Era louco, não bobo.

— Você acha que foi ele?

Luis me apontou o cachimbo como se fosse uma pistola.

— Eu vou lhe dar a torta com sabor de nada, rapaz. O resto é com você.

— Continue — incentivei.

— Depois houve a pista dos caçadores ilegais. Como você pode perceber, também acreditou na história do assassino solitário. Mas e se não foi só uma pessoa que cometeu aquela chacina? Afinal de contas, nunca foram encontradas provas nesse sentido.

— É — murmurei.

Eu havia esquecido que a versão de Werner era apenas uma versão, não a verdade objetiva. *Erro de principiante*, recriminei-me.

— A caça, por aqui, é uma segunda natureza. A gente caça corças, camurças, cabritos-monteses, faisões, narcejas. Às vezes também galos-da-montanha e lobos, quando ainda havia. Se você for nos fundos do *Lily*, tem um lince empalhado. A placa diz 1888, mas para mim é muito mais recente, e por isso não está exposto.

— Publicidade ruim?

— Sim, mas não é essa a questão. Até hoje tem gente em Siebenhoch que não digeriu a história do parque natural. Além do mais, você tem que pensar que, em 1985, o parque não passava de uma solicitação escrita à máquina em

uma mesa de sabe-se lá qual escritório provincial. Havia caçadores que seguiam as regras, mas também muitos caçadores ilegais.

— Por que eles iam querer matar aqueles três?

— Markus. Markus era o alvo. Em 1985, ele tinha dezesseis anos, mas já sabia o que queria. Estava sempre colado com Max, que, junto com Kurt, representava o modelo dele. Ele queria entrar na Florestal também. E Max, bom, quando Markus estava por perto, você tinha que ver como se postava: peito estufado e coturnos cintilantes. — Luis balançou a cabeça. — Eram só dois meninos, mas os meninos têm entusiasmo. O entusiasmo movimenta tudo. Markus era um grande pé no saco e, além do mais, considerava-se um ambientalista, daqueles cabeças-duras. Cada vez que ele ouvia falar de alguma caçada ilegal, ia contar para o Chefe Hubner. O Chefe Hubner preenchia formulários e mais formulários, concordava, agradecia e, por baixo do bigode, ria do menino. Antes do infarto, o Chefe Hubner também tinha sido caçador. Não preciso nem dizer que todas aquelas denúncias acabavam na estufa logo que Markus saía da sala. Então, essa é a segunda teoria.

— Caçadores vingativos?

— Caçadores feridos no bolso. Markus tinha o hábito de arruinar os ninhos deles.

— Ninhos? — perguntei, franzindo o cenho.

— A maior parte do dinheiro dos caçadores não vem da venda de cervos para os restaurantes. Eles ganham dinheiro com a passarinhagem. Capturando filhotinhos e colocando armadilhas para tentilhões e piscos. Dá para se ganhar uns bons trocados.

— E Markus destruía as armadilhas.

— Isso mesmo.

— Um bom motivo para matá-lo?

— Depende da sua consciência. Mas escute: no fim dos anos 1970, eu encontrei Elmar com um saco cheio de passarinhos. Algumas gralhas, uma ferreirinha-comum e dois filhotinhos de lagópode-branco. Ele me disse que conhecia um cara, em Salorno, que compraria os dois filhotinhos por uma bela quantia.

— Quanto?

— Na semana seguinte eu fui com ele até a concessionária de Trento para comprar um Argenta cor de marfim.

— Tanto dinheiro assim?

Luis deu de ombros.

— Com certeza não foram os dois lagópodes que o enriqueceram, mas eu diria que boa parte do valor provinha do conteúdo daquele saco.

— E a terceira hipótese?

— Você não está ouvindo o barulho do seu maxilar mastigando o ar, Salinger?

— Vai ver eu gosto.

Luis aspirou o cachimbo, pensativo.

— O pai de Evi.

— O caixeiro-viajante de Verona?

— Mauro Tognon. Disseram que ele tinha voltado para Siebenhoch, enlouquecido. Que tinha matado Evi para ofender a ex-mulher.

— Ofender?

Luis riu irônico.

— Era um *Walscher* desgraçado, não?

— Parece um pouco...

— Improvável? Racista? As duas coisas? Claro, como as outras histórias. São boatos do vilarejo, e não a verdade. Ninguém detém a verdade sobre o massacre do Bletterbach. Só hipóteses.

— Não o investigaram?

— Não se sabia sequer o que havia acontecido com aquele bastardo. Mas isso não calou os boatos. — Luis tamborilou os dedos artríticos no braço da poltrona. — E ainda existe a teoria do ajuste de contas.

— Conta de quê?

— Droga.

— *Droga?*

Fiquei perplexo.

— De novo, Markus.

— Usava droga?

— Era 1985, ele tinha uma mãe alcoólatra, a irmã em Innsbruck e levantava às cinco da manhã todos os dias para ir à escola. Acho que ele tinha todo o direito de fumar um pouco daquela erva que uma vez eu encontrei inclusive na gaveta da minha filha Marlene. Ele levou uma bronca do Chefe Hubner e a situação acabou ali. Mas não para as más-línguas. Ele ficou marcado como um...

— Mesmo assim todos falam dele como um bom rapaz — interrompi.

Luis se empolgou.

— Todos falam bem de todos, em Siebenhoch. Falam bem de Werner e dizem também que por conta da covardia ele foi para Cles, porque não queria ajudar o pobre Günther. Falam bem inclusive do pobre Günther, apesar do fato de que, quando ele começava a uivar para a lua, todos fechavam os olhos e os ouvidos. O único que tentava ajudá-lo era Max, que nesse meio-tempo tinha se tornado o Chefe Krün e do qual todos falam muito bem, certo?

— Ele também...

— Disseram que era suspeito que Max fosse encontrar Evi e Kurt em Innsbruck, passando sete horas no trem. Mas esquecem que Max ia a Innsbruck para acompanhar Markus, que era menor de idade. Esquecem que os menores de idade não podiam atravessar a fronteira sem estar acompanhados. Sobretudo naquela época. E se você chama atenção para isso, esse particular da Guerra Fria, barreiras na fronteira e as revistas em cada passageiro, o que eles dizem? Mudam de assunto! Dizem que foi Verena, a namorada de Max que hoje é a esposa dele, que matou aqueles três pobrezinhos por ciúme. Mesmo que isso seja estúpido, visto que Verena tem mais ou menos um metro e sessenta de altura, e Kurt poderia derrubá-la com uma mão amarrada nas costas. As pessoas falam, Salinger, não fazem nada além de falar. E quanto mais as pessoas falam, mais elas ficam hipócritas e fantasiosas.

— Fantasiosas?

— Ah, sim. Porque eu ainda não contei a minha teoria preferida — disse Luis, com os olhos cintilando de malícia.

— Qual?

O velho se inclinou na minha direção, abaixando a voz.

— *Monstros*. Monstros que vivem embaixo do Bletterbach, nas grutas. Os monstros que causaram o desmoronamento da mina em 1923, alagando a mina e matando todos os que trabalhavam lá. Os mesmos monstros que exterminaram o povo de Fanes. Monstros que estão nas vísceras da montanha e que, de vez em quando, durante a lua cheia, voltam à superfície e despedaçam tudo que encontram pela frente.

Ele se acomodou na poltrona. Uma nuvenzinha de tabaco subiu para o teto.

Enfim mostrou seu sorriso desdentado.

— O que você me diz dessa torta com sabor de nada, Salinger?

2.

Revire um pouco abaixo da superfície de um vilarejo de setecentas almas e você vai encontrar um ninho de cobras.

Naquela noite, anotei o que Luis me dissera e, a partir do dia seguinte, comecei a aparecer menos no *Lily*. Por causa de Werner, mas também porque eu precisava reelaborar as histórias que Luis tinha me enfiado na cabeça.

Todavia, não fiquei com as mãos abanando. Pelo contrário.

Para minha grande surpresa, eu tinha começado a tomar gosto pela carpintaria.

A ideia de construir um trenó para Clara, nascida como disfarce, tinha se transformado em horas passadas atrás da casa de Welshboden, tentando fazer algo decente com as tábuas que Werner me arranjava.

O próprio Werner se ofereceu em mais de uma ocasião para me dar uma ajuda (temendo pela minha segurança, suspeito), mas recusei todas as vezes. Eu queria conseguir sozinho.

Eu gostava do cheiro da serragem, do lento deslizar da plaina que chanfrava as arestas, da dor nas costas depois de algumas horas de trabalho pesado. Tinha inclusive comprado uma lata de verniz e pincéis de primeira qualidade, para quando tivesse terminado a obra. Minha intenção era pintar o trenó de vermelho.

Um belo vermelho flamejante.

3.

Novembro pareceu ir embora assim. Batalhas de bola de neve, bonecos com cenoura no lugar do nariz, infinitos jogos de carta com Werner e o cheiro de madeira nos fundos de Welshboden. Eu respondia aos e-mails de Mike, recusando-me, porém, a abrir os arquivos de vídeo que o meu sócio me enviava do outro lado do oceano. Apagava-os na hora, como se estivessem infectados.

De tanto em tanto eu relia o arquivo *B*, o relato de Werner, as lendas sobre o Bletterbach, os boatos do vilarejo que Luis me contara, e eu me via infalivelmente abocanhando o ar. Era apenas uma torta com sabor de nada, mas era ainda assim uma bela história, uma daquelas que se contam ao redor do fogo, talvez no Halloween: então, eu continuava retornando a ela.

Pensei também em quais teriam sido os meus movimentos seguintes se eu tivesse decidido ir um pouco mais a fundo nisso.

Entrar em contato com os homens que haviam acompanhado o caso, desenterrar os arquivos sepultados sabe-se lá onde. Mas a ideia de que Werner estivesse me observando me deixava muito nervoso.

No entanto...

Antes de pegar no sono eu refletia sobre como poderia contar a história para Mike, como convencê-lo a trabalhar um pouco nisso, imaginando uma das nossas conversas cheias de “se” e “mas”. O Bletterbach era o meu último pensamento do dia.

Ainda tinha os pesadelos.

Eu revia a Besta. Ouvia o sibilo. Mas a Besta estava menos presente, a sua voz estava mais abafada, como se pertencesse a outra vida. Não era mais uma lembrança que me devorava, mas alguma coisa indefinida e indefinível. Longe, para minha sorte.

Diversas noites transcorreram em uma escuridão negra e profunda. Noites das quais eu acordava feliz e cheio de energia. Aqueles eram os melhores dias.

Em 1º de dezembro, Mister Smith e o seu bando de tatuados supercool do canal estragaram tudo. E este que vos escreve recebeu a sua bela fatia de torta com sabor de sangue.

O meu, para ser exato.

ESTILO BOLZANO

I.

Naquela segunda metade de novembro, como eu estava dizendo, eu tinha diminuído minhas visitas ao *Lily*, mas isso não quer dizer que tenha deixado de ir lá. Eu tinha me afeiçoado àqueles bancos bambos e às mesas que pareciam precisar de uma limpeza superficial há pelo menos uma dúzia de anos.

De vez em quando, Luis soltava uma piada sobre torta sem gosto, mas eu relevava. Assim como eu fingia não saber que aquele ágil velhinho com quem ele andava, Elmar, tinha um passado de caçador ilegal.

Eu me divertia mostrando a eles as fotos do meu progresso na construção do trenó, e guardava como tesouro os conselhos que me davam. No *Lily* eu estava com pessoas que talvez não fossem minha gente (e não seriam mesmo se eu decidisse passar em Siebenhoch o resto da minha vida), mas na companhia das quais eu me sentia seguro. Elas me conheciam e eu as conhecia.

Por isso, Thomas Pircher me pegou desprevenido.

Por isso e pelo fato de que a causa do que aconteceu no *Lily* nasceu a oito mil quilômetros de distância de Siebenhoch, nos escritórios extraluxuosos do canal.

Mike e eu tínhamos compromissos. Compromissos contratuais. Mister Smith tinha um exército inteiro de advogados pagos para garantir que os contratos fossem cumpridos até a última cláusula. Para ganhar dinheiro é preciso ser inflexível.

O que interessava a Mister Smith era multiplicar o seu dinheiro, não fazer uma boa ou má programação televisiva. O canal investia em um produto e esperava receber sua margem de lucro. Portanto, uma vez que com a série *Road Crew* a margem de lucro havia crescido de temporada a temporada, o cheque que Mister Smith destinara para a pré-produção de *Mountain Angels* também continha uma soma com diversos zeros. Era plausível, de fato, que aquele projeto pudesse ter a mesma repercussão positiva obtida por *Road Crew*. Isso, para o sumo imperador do canal, significava espaços publicitários. Isto é, dinheiro. Simples, coerente. Depois, no entanto, tudo foi para a puta que pariu. Tinha acontecido o 15 de setembro. Nenhum *factual*, dissera Mike para Mister Smith. Em vez disso, um documentário. Noventa minutos de adrenalina pura.

Mister Smith demonstrara um interesse comedido e, apesar dos pareceres contrários de muitos especialistas do canal, havia aceitado. Naquele momento, porém, as chances a nosso favor haviam diminuído e tinham começado as pressões.

Pressões? Enquanto eu buscava recompor os pedaços da minha psiquê, o que Mike teve que suportar não foram pressões. Foi uma avalanche de proporções bíblicas.

É verdade, eu havia assinado todos os contratos, a linha narrativa do documentário era minha, o assunto me dizia respeito diretamente, mas para Mister Smith e o canal havia só um Deus no céu, um só capitão no *Pequod* e um único diretor do filme: Mike. E foi sobre ele que despejaram todo o choro. SMS a todo momento do dia e da noite, contínuos e-mails e telefonemas, funcionários da FedEx entregando cartas cada vez mais mal-humoradas. Mike nunca me contou nada disso. Ele poderia (e, em certo sentido, inclusive deveria) ter falado, mas queria me proteger.

E eu sou muito grato.

Em novembro, a paciência de Mister Smith chegou ao limite. Ele havia

assinado um cheque e exigia ver aonde tinha ido parar o seu dinheiro. Mike fez tudo o que os heróis fazem em apertos com esse: amenizou, inventou desculpas para justificar a lentidão do trabalho e se exibiu em salamaleques dignos de um mandarim. Defendeu a mim e ao projeto com unhas e dentes o máximo possível.

Enfim, teve que ceder.

Na manhã de 30 de novembro, às nove em ponto, ele se encontrava em uma sala de reuniões no último andar do edifício do canal, nervoso como um condenado à morte, para mostrar a montagem provisória de *No ventre da Besta*.

O público, restrito e selecionadíssimo, era composto por Mister Smith, alguns membros da equipe de criação, duas executivas aborrecidas e um cara do marketing com óculos de chifre, tatuagens em ambos os braços, traje completo da Dolce & Gabbana, que tomava notas continuamente em um iPad e que Mike tinha apelidado de I. I.

Idiota Integral.

A projeção saiu melhor que o previsto. Mister Smith percebeu que daria lucro, para se dar um ar de entendido ofereceu alguns conselhos (os quais Mike ignorou), e inclusive os líderes da equipe de criação e as duas executivas admitiram entre dentes que talvez nem todo o dinheiro investido tivesse ido para o ralo.

Mas quem mais o parabenizou foi o Idiota Integral. Distribuiu tapinhas camaradas, apertou mãos, disse “uou” pelo menos vinte vezes e não parou em nenhum momento de fungar. Depois disso, pegou as suas anotações e foi falar com a imprensa.

É preciso reconhecer. O Idiota Integral sabia como fazer o seu trabalho. Ele criou uma tempestade que, inevitavelmente, foi desaguar no meu nariz.

Literalmente, no meu nariz.

3.

Em 1º de dezembro, depois de passar o dia arrumando a casa, ajudando Werner a consertar um cano no banheiro de Welshboden que havia congelado e tentando explicar Darwin para Clara (ela vira um documentário na televisão e não conseguia entender como é que os tiranossauros tinham se transformado em galinhas, o que me obrigou a trazer à baila Yodi), após a janta fui ao vilarejo com a intenção de tomar uma cerveja, trocar uma ideia com a dupla mágica Elmar & Luis para então me enfiar sob as cobertas e curtir oito horas merecidas de sono.

Foi o cansaço que me impediu de perceber os olhares quando entrei no *Lily*.

Olhos que me encararam por um gélido instante e depois voltaram a olhar para outro lado. Nenhuma resposta ao meu costumeiro “hallo!” em um já quase passável *dialokt*.

Alguns até mesmo se levantaram e saíram. Como em um filme de faroeste.

Fiz o pedido e me sentei à mesa dos meus dois parceiros de bebedeira preferidos.

— Noite fraca, hein?

Elmar estalou a língua, depois levantou o jornal criando uma barreira entre mim e ele.

Admirado, arqueei uma sobrancelha na direção de Luis.

— Boa noite, Salinger — foi o cumprimento dele.

Esperei a cerveja. Que não chegou.

Pigarreei.

— Quais são as novidades, rapazes?

— Rapazes — grasnou Elmar. — Você pode chamar qualquer outro disso.

Em geral o *Lily* era um concentrado de conversas, tosses e xingamentos bilíngues. Na noite de 1º de dezembro: silêncio. Ouvi alguém murmurar. Algumas cadeiras arrastando no chão. Nada além da sensação de ter todos os olhos fixos em mim. Luis estava inclinado sobre a caneca de cerveja quase vazia, como se estivesse tentando prever o futuro naquela papinha morna.

— Luis? — falei, cutucando o cotovelo dele.

— Não me encoste, Salinger. Não. Encoste.

Eu me retraí, sentido.

— Que diabo está acontecendo aqui? — explodi.

— Está acontecendo isto — foi a resposta rouca de alguém atrás de mim que me jogou à mesa uma edição do *Alto Ádige*, seguida por uma do *Dolomiten*.

— Você sabe ler, não? — acrescentou Elmar.

Eu nunca o vira com aquela expressão. Em geral era um velhinho sereno com uma dentadura que tinha a tendência de lhe escapar, sobretudo quando precisava se virar com palavras de mais de três sílabas. O desprezo com que ele pronunciou aquela frase me fez mal.

Bastaram as manchetes.

— Mas não...

— Você não sabia?

— Sim, eu sabia, mas...

— Então você não é mais bem-vindo aqui.

Fiquei boquiaberto.

— Eu posso explicar.

— O que você gostaria de explicar? — Luis quase rosnou.

— Eu gostaria de explicar o meu ponto de vista — falei, tentando ostentar uma calma que eu não sentia.

— Escreveram alguma bobagem? Dois jornais diferentes escreveram bobagem? É isso que você está tentando dizer? Um complô contra você? Ou será que você quer que eu leia o que está escrito? Talvez você tenha um problema com a linguagem.

Houve muitas risadas.

Risadas maldosas. Eu não podia acreditar que era o alvo daquela humilhação. Não ali, não no *Lily Bar*. Não com aquelas pessoas.

— Não...

Naquele momento eu senti a mão que tocava no meu ombro.

— Você não ouviu o que o Luis disse? Trate de desaparecer.

O sangue subiu até o cérebro. Mas resisti ao impulso de agarrar aquela mão e tirá-la de cima de mim.

— Eu só quero explicar a minha versão de...

— Você fala demais — disse o barbudo do outro lado do balcão, Stef, o dono do *Lily*. — E precisa dar o fora. Quem está dizendo é aquele que paga as contas deste lugar.

Eu não tinha escolha. Era evidente. O clima estava pesado. Mas,

exatamente como Kurt, Evi e Markus, eu também achei que fosse uma tempestade banal aquilo que, na verdade, era um furacão.

— Escutem — falei. — Há um mal-entendido. O filme vai sair? Sim. O filme vai falar do acidente? Sim. Vai ser um produto de merda? Não. Eu vou aparecer como herói? Não. Acima de tudo — continuei, pronunciando bem as palavras e olhando Luis nos olhos —, o filme vai difamar os homens do Socorro Alpino das Dolomitas? — Fiz uma breve pausa, rezando para que acreditassem em mim. Porque aquela era a verdade e eu queria que eles soubessem. — De jeito nenhum.

Luis balançou a cabeça.

— Aqui diz que vai se chamar *No ventre da Besta*.

— Verdade.

— Diz que você e o seu amigo são os autores.

— Sim, está correto.

Luis me olhou como se dissesse: “Está vendo? Eu tenho razão.”

— Mas não é verdade que vai ser uma especulação, como está escrito aqui. Não é verdade que vai ser um... — Procurei a frase e li em voz alta: — “...ato de denúncia contra a ineficiência do Socorro Alpino”.

Elmar estalou de novo a língua.

— Precisam acreditar em mim. Posso mostrar um trecho para vocês, posso...

— Há quanto tempo você está em Siebenhoch, Salinger?

— Quase um ano.

— Quanto tempo duraram as filmagens desse seu filme de merda?

— Três meses, mais ou menos.

— E você ainda não entendeu?

— O quê? — perguntei, magoado.

— O que acontece na montanha fica na montanha — respondeu por Luis a voz da pessoa que estava com a mão no meu ombro. — *Walscher* estúpido.

Foi a clássica gota d’água.

Explodi.

— Tire suas mãos de mim — sibilei, levantando num sobressalto.

O homem, um guia dos Alpes mais ou menos da minha idade, superava em pelo menos dez centímetros a minha altura, e o olhar dele, ofuscado pelo álcool, não era menos mau do que o meu. Chamava-se Thomas Pircher. Certa vez eu havia inclusive lhe oferecido uma cerveja.

— Ou então? — O cara bateu. Rápido. Acertou meu nariz. — Ou então eu lhe ensino uma nova maneira de cagar, imbecil. Pela orelha, quem sabe?

Balancei para trás, encurvado pela dor, enquanto o sangue pingava no chão. Alguns aplaudiram, outros assoviaram.

Ninguém veio me ajudar.

O homem me agarrou pelo cabelo, deu dois tapas em mim e me acertou no plexo solar. Desabei no chão e me arrastei para trás da mesa de Luis e Elmar.

— Quer mais?

Não respondi, estava ocupado demais tentando respirar. Thomas virou uma cerveja na minha cara. Depois me deu alguns chutes nas costelas.

Era um espancamento no mais puro estilo bolzano. Se eu não tivesse reagido logo, teria saído de maca do *Lily*.

Sacudi a cabeça e tentei me levantar. Não tinha jeito. O mundo girava e parecia que não queria parar de rodar. Os gritos aumentaram. Alguém incitou Thomas a bater mais forte. Outros escarneceram. Não há o que dizer, eles estavam mesmo se divertindo.

— Escutem... — balbuciei, tentando um truque tão velho quanto o mundo.

Era pouco provável que funcionasse, mas Thomas Pircher mordeu a isca, o anzol e a linha.

O energúmeno se abaixou para escutar o que eu estava murmurando. Incrível a ingenuidade de certas pessoas.

Ergui rápido a cabeça e o golpeei no queixo. A dor na nuca foi forte, mas suportável. Mitigada pelo grito que o meu agressor soltou. Não perdi sequer um segundo. Levantei, peguei uma cadeira e a descarreguei nas costas dele.

Thomas caiu na hora.

Fiquei imóvel, desafiando todos os presentes a me encararem.

— Quem mais está a fim? — gritei.

Neste momento, vi o meu reflexo na vitrine do *Lily*. A perna da cadeira na mão direita, o rosto reduzido a uma máscara de sangue e uma expressão de louco nos olhos. Experimentei um sabor de desgosto e inutilidade. Eu poderia gritar a minha inocência até me esgoelar, mas os fregueses do *Lily Bar* acreditariam somente na tinta daqueles jornais.

Talvez no dia seguinte, à luz do sol, algum deles colocasse em dúvida aquilo que os escritorezinhos tinham anotado no papel ao copiar os

comunicados de imprensa do Idiota Integral. Dentro de uma semana, quase todos me ouviriam. Em seis meses, eu até poderia fazer algumas piadas com Thomas Pircher, que gemia no chão. Mas naquela noite não, naquela noite ninguém me daria ouvidos. Qualquer coisa que eu pudesse dizer em minha defesa soaria falsa e vazia.

Deixei cair a perna da cadeira, limpei-me com a manga do casaco e voltei para casa.

4.

Annelise estava acordada. Melhor assim. Eu não teria como justificar o nariz inchado e o sangue de nenhuma forma. Expliquei o que havia acontecido e ela ficou furiosa. Ameaçou pedir que Werner interviesse, e levei muito tempo para acalmá-la. Era inútil protestar. Quando o filme saísse, as coisas se ajeitariam. Nesse meio-tempo, era preciso fazer vista grossa.

— Mas...

— Nada de mais. O que você quer fazer? Registrar queixa? Em um lugar em que as brigas acontecem inclusive nos salões de bingo das paróquias?

— Mas...

— Só vou ter que trocar de bar, e daí? Tem o problema da escolha, eu acho.

Annelise me medicou e prometi ir me consultar no pronto-socorro, coisa que eu fiz no dia seguinte, acompanhado por Werner que, não preciso dizer, estava já ciente de todos os detalhes da rixa no *Lily*.

No Hospital San Maurizio, descobri que nem o nariz nem as costelas estavam quebrados. Eu sentia uma dor do cão e os médicos me prescreveram alguns analgésicos. Agradei a Werner pela carona e me despedi, entrando em casa. Naquele fim de tarde tive uma longa conversa telefônica com Mike, que me explicou o que eu ainda não havia entendido sobre o “vazamento de notícias” idealizado pelo Idiota Integral, que quis dar uma aura de “obra amaldiçoada” para o nosso documentário. Enfim, morto de cansaço, eu me entoquei nos fundos de Welshboden para construir o trenó que queria dar de presente para Clara no Natal.

5.

Na noite entre 2 e 3 de dezembro, sonhei com a Besta. Dentro. Na neve. Entre aqueles maxilares que queriam me triturar. Sensação de hostilidade total.

Vá embora, sibilava a Besta.

Vá embora.

DER KRAMPUSMEISTER

I.

Anos antes, Annelise me falara sobre isso e, com o rosto inchado ou não, eu não perderia aquilo por nenhum dinheiro do mundo agora que estava em Siebenhoch.

Em 5 de dezembro, festa de São Nicolau (que aqui é chamado de San Nicolò), o Alto Ádige festejava o santo seguindo os ditames do seu estilo consagrado, um meio-termo entre o burlesco e o sombrio.

Annelise me mostrara algumas fotografias e diversas filmagens no YouTube daquelas celebrações. Eu tinha me tornado um entusiasta. Rebatizara o 5 de dezembro como a Festa do Diabo Sul-Tirolês. Uma espécie de Halloween mais antigo e sem gatinhas sexy para arruinar o clima. Annelise ficou ressentida. Não era uma festa do diabo, ela me recriminou, era uma festa em que o diabo era *escorraçado*. Eu só podia ser cego para não ver a diferença. Pedi desculpas e tentei ser perdoado de todas as maneiras para não estragar o clima, mas mantive a minha opinião.

O fato de que, no fim da celebração, o santo escorraçasse os diabos me soava um final consolatório imposto por uma produção sem imaginação.

Em 5 de dezembro acordei cedo, eufórico como um menino na véspera de Natal. Não cabia em mim. Annelise e Clara observavam incrédulas a minha animação. Cheguei até a telefonar para Werner e perguntar se a festa, apesar da neve, aconteceria normalmente. Werner me fez perceber que parara de nevar havia um bom tempo, e que talvez eu não soubesse, mas, naquela região, a neve não era bem uma novidade.

Por volta das seis, com Siebenhoch imersa na escuridão, Werner bateu à nossa porta e nos encontrou prontos para sair. Eu não queria perder nem um segundo.

Ao longo de todo o trajeto para Siebenhoch, Clara, contagiada pelo meu entusiasmo, encheu o avô de perguntas. Ele fez o seu melhor para conter

aquela enxurrada. Não, os diabos (que se chamavam *Krampus*) não a levariam embora, no máximo ela ficaria com o nariz pintado de carvão. Não, não eram diabos de verdade, eram locais fantasiados de diabo. Não, apesar do que continuava repetindo o criação do pai dela, os *Krampus* não eram maus de verdade.

— Muito maus, acredite, nove letras — murmurei dando uma piscadela com ar conspirador.

— Filha não acredita — sentenciou Clara, com o narizinho empinado. — Filha acredita em três letras.

— “Mãe”?

— “Avô”.

— E você faria bem em acreditar também, Jeremiah — resmungara Werner.

Fiquei quieto.

Siebenhoch era uma joia de arquitetura de montanha. Pequenas casas grudadas umas às outras e à igrejinha atrás da qual se estendia o cemitério, branco, debaixo de uns bons cinquenta centímetros de neve.

Era dali que os *Krampus* saíam.

A praça estava repleta de pessoas, a maioria turistas, todos equipados como se tivessem que desafiar o inverno siberiano, com as máquinas fotográficas prontas para imortalizar os diabos do Alto Ádige.

Em uma banquinha, compramos uma xícara de chocolate quente para Clara, duas cervejas para mim e Annelise, e procuramos um lugar adequado para aproveitar o espetáculo.

Era possível intuir certo movimento atrás da igreja. Os jovens do vilarejo davam os últimos retoques nos trajes, as crianças eram como enxames correndo no gelo, animadas. Nas janelas começava-se a ver os rostos dos idosos. Não havia nem sinal do pároco, que faria sua entrada só em um segundo momento, travestido de São Nicolau, para escorraçar os terríveis *Krampus*.

— Você está vendo aquele lá?

Werner indicou um homem com bigodes pendentes sentado sobre os degraus em frente à igreja, segurando um cachimbo apagado entre os lábios enquanto deleitava-se com a multidão.

— Aquele cara com o chapéu vermelho?

— É uma lenda viva. O *Krampusmeister*.

— O mestre dos diabos? — perguntei, fascinado.

— É ele que prepara as fantasias. “Krampusmeister” é um termo que usamos só aqui em Siebenhoch e nos orgulhamos muito disso. Desde que existe Siebenhoch existe um Krampusmeister.

— Eu pensava que eram os jovens que faziam isso.

Werner balançou a cabeça.

— *Nix*, existem regras que devem ser respeitadas, Jeremiah, algumas tradições. É preciso estar atento aos detalhes quando se fala das fantasias dos Krampus. Do contrário ele poderia ficar irritado — acrescentou, brincalhão.

— O Krampusmeister? — perguntei, olhando o homem místico com o cachimbo na boca, sem conseguir dar a ele um nome apesar de ter certeza de que já o vira.

— Não, o diabo.

Desatei a rir.

— Que loucura.

— O que é loucura, papai?

Coloquei Clara nos ombros (ela estava cada vez mais pesada) e lhe indiquei o homem com o cachimbo.

— Está vendo aquele homem com o chapéu vermelho sentado nos degraus?

— Não está com frio no bumbum, papai?

— Ele, não.

— E como não?

— Ele é o Krampusmeister — falei com tom solene. — O alfaiate do diabo.

Clara soltou uma longa exclamação maravilhada.

Pisquei para Annelise.

— Isso mesmo. É ele que faz a roupa dos Krampus, não é verdade, vovô Werner?

— Um verdadeiro Krampus tem que ter chifres, e devem ser chifres originais, de carneiro, de cabra, de vaca ou de cabrito-montês.

— Tem que matar para pegar os chifres deles? — perguntou Clara.

Pela primeira vez desde que eu o tinha conhecido, vi Werner enrubescer.

— Claro que não. São chifres que caem... sozinhos.

— Como as folhas?

— *Genau*. Bem assim. Não quer outro chocolate quente, Clara?

— E não dói quando os chifres caem?

— Eles nem se dão conta. Tem certeza de que não quer...

— E o que mais os Krampus precisam ter?

Foi o rumor da multidão que salvou meu sogro daquele interrogatório.

Os Krampus chegaram em fila indiana, distanciados por cerca de dois metros um do outro. O que vinha à frente empunhava uma tocha, que ele segurava alto como a flama olímpica.

— Como os chifres dele são *compriiiiiidos* — disse Clara em um sopro.

A procissão avançava a passo de marcha. Uma marcha lenta, quase fúnebre.

Aos poucos as vozes da multidão se calaram. Brilharam os flashes, mas esses também logo cessaram. Siebenhoch estava imersa em silêncio.

Cada Krampus era diferente do outro, mas todos vestiam peles de animal, tinham sininhos na cintura e seguravam na mão direita chicotes de sorgo. Alguns eram de nervos de boi. Realmente assustadores.

Sobretudo com aquele silêncio.

— Eles são feios mesmo, papai — balbuciou Clara.

Notei o tremor na voz dela, por isso acariciei a sua perna para tranquilizá-la.

— São de mentira. Máscaras.

Clara não rebateu, não na hora. Os Krampus se dispuseram em meia-lua, a alguns metros da multidão que, por instinto, havia recuado. O Krampus com o archote se posicionara bem no centro do destacamento, de costas para a igreja. O archote dardejava sobre a sua galhada de chifres.

— Eles não me parecem de mentira, papai. Não têm cereais na cara.

— É porque não são zumbis, pequena. São Krampus. Mas não são de verdade. São máscaras.

Clara não era a única que tinha perdido a coragem. Notei que quase todas as crianças, inclusive alguns adolescentes, confiantes até aquele momento, haviam se calado e se agarravam aos casacos dos pais.

— Quantas letras tem a palavra “máscaras”, Clara? — perguntou Werner.

— Tem... tem... não sei.

Clara deslizou para os braços de Werner, com metade do rosto escondida na concavidade do pescoço do avô e a outra metade voltada para a praça. Ouvi Werner sussurrar palavras de conforto e o vi fazer um pouco de cócegas nela, mas notei também o corpinho de Clara se sobressaltando com o

primeiro estalo de chicote.

Deixei escapar uma exclamação de surpresa, voltando a concentrar minha atenção ao que acontecia na praça. Os chicotes de nervo golpearam as pedras da rua. Um crepitar seco que ecoou por todo o vilarejo. Acendi um cigarro.

Ao primeiro golpe seguiu um segundo. Depois um terceiro e um quarto, num crescendo.

Track! Track! Track!

No ápice daquele paroxismo, o Krampus com o archote soltou um grito assustador, gutural e violento. Os chicotes pararam de bater no chão. O barulho cessou. E os Krampus se lançaram contra a multidão, emitindo berros animalescos.

Eu sabia que isso aconteceria. Era a parte divertida da festa.

Os Krampus se jogavam na multidão, assustavam os casaizinhos, gritavam com os turistas, deixavam-se fotografar, filmar, contornavam a cabeça das pessoas com os chicotes de sorgo, faziam alguns meninos dançarem ao som de golpes (leves) nas pernas e emporcalhavam com fuligem o rosto das crianças menores.

Annelise tinha me falado sobre isso e eu vira também nas filmagens.

Mas mesmo assim, fui pego desprevenido.

A multidão recuou. Ondeou, gritou. Um cara corpulento me empurrou para fora do perímetro da praça, esmagando-me em um portão.

Os Krampus empurravam e se metiam onde encontravam brechas. Perseguiam as pessoas e exultavam com os tombos que provocavam.

Perdi de vista Werner e Clara, perdi de vista Annelise.

Vi um Krampus aterrorizar um garoto de não mais do que dezesseis anos, que deu no pé com a namoradinha logo atrás, enquanto um outro, com uma máscara que o fazia parecer uma cruz entre *A Coisa* e Michael Myers com chifres, passou tão perto de mim que consegui sentir o odor caprino das peles que ele usava e também o odor acre do álcool que havia ingerido.

Aí está um detalhe que tanto Werner quanto Annelise haviam omitido. A maior parte dos Krampus, antes do show, calibrava-se bem nos bares do vilarejo. Oferecer bebida a um Krampus trazia sorte, assim dizia a tradição.

Estilo bolzano, certo?

Saí do meu esconderijo para procurar Clara. O fato de que ela estivesse assustada de verdade me preocupava. A multidão, porém, era uma massa de corpos impenetrável, muitos turistas vinham dos vilarejos adjacentes onde a

festa dos Krampus era menos sugestiva, e Siebenhoch transbordava de gente. Precisei ampliar a volta atravessando algumas vielas laterais. Foi em um desses bequinhos que um Krampus me viu.

Apareceu de repente, em contraluz. Grandes chifres de carneiro sobre a testa, máscara de madeira com tachinhas escuras como uma paródia ferrosa de uma barba não cultivada. Pareceu-me gigantesco.

A aparição me causou um sobressalto, mas não havia nada a temer. Era apenas um adolescente usando uma máscara feia. Então o Krampus falou e a situação assumiu outro tom.

— Ei, Amerikaner.

Reconheci a voz.

Thomas Pircher.

— Não quero confusão, ok? — falei, provocando a hilaridade de alguém que estava se divertindo com o espetáculo.

Era uma cena que eu já vira e não estava a fim de repetir. Parei.

O Krampus avançou.

— Você — disse ele.

— Vai tomar no cu — respondi.

Virei para dar no pé.

— Onde você pensa que vai, Amerikaner? — disse um segundo Krampus, surgindo do nada.

— Atrás da minha filha. Com licença.

— Você foi um menino comportado, Amerikaner, ou temos que levar você para o inferno?

Eu já estive no inferno, pensei. Não um inferno de fogo e enxofre, mas um inferno branco, gélido e antigo.

— Um ótimo menino. Ainda não arrebentei a sua cara, certo?

— Certo — disse a voz atrás de mim.

O chicote de sorgo me acertou em cheio. Não era grosso, mas era flexível e doeu. Atingiu o meu nariz ainda dolorido. Derrapei na neve fresca e caí no chão, xingando. O Krampus se inclinou sobre mim e me encheu a cara de fuligem, pressionando com vontade o nariz até que voltou a sangrar.

— Está vendo o que acontece com os meninos maus? Acontece que...

— Parem com isso.

Não foi São Nicolau quem me salvou. Foi o Krampusmeister. Bastou a sua presença para que os dois Krampus saíssem de fininho, escarnecendo e

ululando para o céu.

O Krampusmeister me ofereceu um lenço. Segurava o cachimbo entre os dentes e me olhava com intensidade.

— Obrigado — falei, enquanto tentava tirar o misto de sangue e carvão do rosto.

Eu não queria que Annelise ou Clara se assustassem ao me ver reduzido àquele estado. Afinal de contas, eu que insistira em ir à maldita festa do diabo.

— O senhor é o Krampusmeister? — perguntei. — Werner me disse que é o senhor que faz as fantasias.

— *Genau*. Devo preservar as tradições. Beba um pouco disto.

Ele me ofereceu uma garrafinha.

Eu, que estava com a cabeça inclinada para trás para parar a hemorragia, fiz um sinal.

— Não, obrigado.

— Como preferir, mas lhe faria bem. Quem está oferecendo é o Krampusmeister. Essa é uma das minhas tarefas também.

— E me diga, quais são as outras?

— Garantir que os rapazes não causem muitos problemas. Se for o caso, tentar remediar.

— Com lencinhos limpos e grapa?

— Conhaque.

O sangue tinha parado de escorrer, mas eu sentia uma dor do cão no nariz. Precisava colocar gelo. Contentei-me com um pouco de neve.

— Amanhã vai estar que nem novo. Diga-me uma coisa.

— Sim.

— O senhor pensa em prestar queixa pelo que aconteceu?

— Não, não tem nada a ver com a festa. É que entre ele e eu existe um ressentimento.

— Ótima decisão — disse o Krampusmeister. — Porque, veja, a tradição do Krampus é muito importante para nós. Os Krampus punem os maus e escorraçam os espíritos malignos. Eles pegam esses espíritos para si.

— Então vem São Nicolau e os escorraça.

— Sim, mas, em todo caso, depois da festa, quando as pessoas forem embora e o pároco tirar a barba falsa e a roupa vermelha, os jovens que personificaram os Krampus têm de se confessar e pedir a bênção.

— Melhor não brincar com o diabo.

— O senhor diz isso como se achasse divertido.

— É mais forte do que eu.

— Por isso os Krampus implicaram. O senhor adora brincar com o diabo. Mas o diabo, mesmo quando ri, está sempre muito sério. Eu tenho a minha própria teoria sobre isso, é claro, depois de tantos anos refletindo sobre ele e sobre o melhor modo de colocá-lo em cena. Quer ouvir?

— Com prazer.

— Acredito que faça parte da punição que Deus idealizou para ele, isso de ele nunca poder rir de verdade. O diabo está sempre sério.

Tirei o lenço cheio de neve do nariz.

— É um paradoxo. Se eu rio, faço o jogo do diabo, se não rio, *eu sou* o diabo. Em ambos os casos perdi.

O Krampusmeister assentiu lentamente.

— Bem assim. O diabo, por aqui, vence sempre. A última risada é dele.

Nós nos separamos e, somente ao reencontrar Annelise e Clara, pensei que eu poderia ter perguntado como ele se chamava. Eu tinha certeza de já ter visto aquele rosto.

E que era importante.

2.

Eu tinha perdido a chegada salvadora de São Nicolau. Vi apenas os Krampus, já amansados, serem levados para dentro da igreja (saía uma luz alógena muito forte de dentro dos portões escancarados) por alguns sacerdotes vestidos de anjo.

São Nicolau estava distribuindo saquinhos de papel vermelho fechados por um laço. Clara segurava triunfante um deles na mão. Mostrou-me.

— Veja, papai, ganhei de São Nicolau.

— Dele em pessoa?

— Parece o Papai Noel, mas não é o Papai Noel. É *muuuuito* mais legal.

De fato, com a barba branca e a roupa vermelha, São Nicolau poderia ser uma versão mais magra do bom velhinho Santa Klaus. E ele não fazia “ho-ho-ho”.

— Por que ele é *muuuuito* mais legal? — perguntei, mais para adiar o momento de explicações sobre o estado da minha cara.

— Porque o Papai Noel não expulsa os monstros, né?

Lógica incontestável.

Annelise pegou meu rosto entre as mãos enluvadas e o virou primeiro à direita e depois à esquerda.

— O que aconteceu?

— Krampus — respondi. — Uma batalha épica. Eram pelo menos trinta. Aliás, talvez quarenta. Cem, sim, eu diria que eram cem.

— Papai?

— Sim, querida.

— Não seja palhaço.

— Quem ensinou você a falar assim com seu pai?

— O que aconteceu? — Agora era Werner, com olhos de falcão bem apertados.

— Eu tropecei. Um Krampus fez um gordão pular e, para não ser esmagado, escorreguei pelo chão. Depois, já que estava ali, ele me pintou a cara.

Não convenci Annelise e certamente não convenci Werner, mas foi o suficiente.

Inclinei-me para Clara e, juntos, descobrimos o que o santo lhe dera.

Tangerina, amendoim, chocolatinhos e um bonequinho de panpepato em forma de Krampus que a minha filha ficou bem contente em me ceder. O panpepato não estava no topo dos meus doces preferidos, pelo contrário, e talvez São Nicolau fosse de fato mais legal que o Papai Noel (mesmo que eu tivesse certeza de que o meu trenó vermelho igualaria as contas), mas sem dúvida Jeremiah Salinger não se deixaria intimidar por um cara bêbado e, além do mais, com chifres. Rodei o bonequinho nas mãos e depois, com uma mordida, arranquei a cabeça dele e mandei para dentro com muito prazer.

3.

Sofremos para fazer Clara dormir naquela noite. Era um daqueles momentos em que um pai espera sempre encontrar a tecla OFF escondida em algum lugar na cabeça da própria prole. Os Krampus e São Nicolau que “levantou o cajado todo de ouro e disse: ‘Saíam daqui, Krampus! Deixem em paz essas crianças boazinhas’ e eles começaram a bater os pés e gritar. Papai, você tinha que ver como eles gritavam! E daí São Nicolau fez que ia bater neles, mas era de mentira, né? E eles ficaram de joelhos, depois chegaram aqueles meninos com asas e...”. Resumindo, havia motivos para que ela passasse a noite em claro, e nós com ela.

Por volta das onze e meia, ela começou a bocejar, à meia-noite finalmente se entregou e logo em seguida me dirigi à cozinha, para um lanchinho noturno à base de speck maturado e uma cerveja gelada.

Meu nariz doía.

— Não quer me contar o que aconteceu?

— Eram milhões, Annelise.

— Chega.

Ainda com um pedaço de speck na boca, resmunguei.

— Aquele cara de novo, Thomas Pircher.

— Ele podia quebrar o seu nariz.

— Não foi tão feio como parece. Alguns empurrões. Só isso.

Annelise encostou na minha bochecha, onde o chicote de sorgo tinha me arranhado sério.

— E isso?

— Unhadas.

— Vocês se atracaram como mulherzinhas?

— Veja o estado em que ficou o meu esmalte.

— Bobo. O que você está pensando em fazer?

Amassei a latinha e arremessei no cesto de lixo.

— Nada. Quero terminar o presente para Clara, comprar uma árvore...

— ...de plástico.

Revirei os olhos. Eu detestava os pinheiros natalícios de plástico, mas sabia que era um dinossauro em termos de ciência ecológica.

— ...made in China, decorar da maneira mais espalhafatosa possível e

passar um Natal maravilhoso.

— Tem certeza?

— Eu amo você, Annelise, você sabe disso, né?

— Também amo você. E aposto que está vindo aí um “mas”.

— *Mas* detesto quando você dá uma de certinha. Os homens são assim. Nós não conversamos, nós caímos na porrada. É o nosso modo de resolver os conflitos.

Annelise cruzou os braços.

— Não é disso que eu estava falando.

— Daqui a alguns meses, Mike vai ter terminado. Vamos organizar a estreia aqui, em Ortisei ou Bolzano. O I. I. disse...

— Quem?

— I. I. Idiota Integral. O gerente de marketing do canal. Ele disse que é uma ótima ideia. No e-mail, usou duas vezes a palavra “empolgante”, e quatro vezes o termo “épico”.

— Você acha que as pessoas vão entender?

— Vão, sim — busquei tranquilizá-la, mesmo que eu não estivesse seguro.

Era possível que nem sequer tentassem ver aquele maldito documentário. E, para ser sincero, nem eu tinha certeza de que queria vê-lo. Só de pensar nisso já me dava náusea.

Assim, para afastar essa ideia, voltei a pensar no Bletterbach.

OITO LETRAS E UM TRENÓ

I.

Esperei uns dois dias. O tempo necessário para que o nariz desinchasse um pouco. Mais tarde, após uma rápida pesquisa na internet, tomei coragem, com a desculpa de sair para comprar os enfeites natalinos, e fui ao tribunal de Bolzano.

Era um edifício quadrado, no puro estilo fascista, que surgira na pouco criativa Piazza Tribunale. Em frente ao prédio, deparei com o olhar do Mussolini em baixo-relevo de dimensões ciclópicas fazendo a saudação romana (“Crer! Obedecer! Combater!”, dizia a inscrição), em seguida me joguei nos arcanos jurídicos italianos.

Os funcionários foram muito gentis. Apresentei-me explicando do que eu precisava e me direcionaram ao terceiro andar, onde esperei que o promotor público de plantão tivesse um minuto para me ceder. Quando apareceu, o homem se desculpou pela demora, criticou-me por não ter marcado hora por telefone e me apertou a mão com firmeza.

Ele se chamava Andrea Zeller. Era um homem jovem, um pouco curvo, ossatura fina e gravata escura. Eu sabia, porque havia lido nos arquivos on-line da crônica local enquanto o esperava, que, por trás daquele aspecto quase modesto de burocrata, escondia-se um tubarão do fórum.

Zeller também devia ter feito as suas pesquisas enquanto eu o esperava, porque não foi necessário explicar quem eu era. Ao contrário dos habitantes de Siebenhoch, porém, ele não demonstrou qualquer hostilidade em relação a mim. Aliás, quando lhe expliquei que precisava da ajuda dele para um novo projeto, ele se revelou feliz em poder cooperar.

Ele me levou a um bar ali perto, onde conseguiu uma mesa discreta, e quando nos serviram o café esfregou as mãos, ajustou os óculos e me perguntou:

— Em que posso ajudá-lo, Sr. Salinger?

— Como eu lhe disse, estou trabalhando em um documentário que trata de um homicídio ocorrido no Alto Ádige em 1985. Estou tentando contatar o procurador público e o capitão dos carabinieri que acompanharam as investigações. Acredito que os dois já tenham se aposentado. O capitão dos carabinieri se chamava Alfieri, Flavio Massimo Alfieri, um nome de imperador — brinquei, diante da expressão impassível do procurador —, e o procurador público se chamava Marco Cattaneo. Talvez o senhor...

— Do Dr. Cattaneo eu lembro bem. Infelizmente ele faleceu há uns dez anos. No que diz respeito ao capitão Alfieri, não tenho nenhuma informação. Posso lhe dar o número do comando provincial dos carabinieri. Talvez lá eles saibam de algo. Mas não espere grande coisa, eles são muito zelosos quanto à vida particular dos seus próprios homens. De que homicídio se trata? O ano de 1985, por aqui, não foi muito bom.

— O senhor é daqui?

Zeller começou a brincar com um isqueiro banhado a ouro, nervoso.

— Nasci no bairro de Oltrisarco e cresci em Gries, onde ficam as cantinas do vinho Santa Maddalena. Em 1985 eu tinha acabado de me formar, mas me lembro bem do clima em que se encontrava toda a cidade. O grupo Ein Tirol havia declarado guerra à Itália e a tensão era visível. Se o seu documentário fala disso, temo que...

— Não é o terrorismo que me interessa. Não é o meu gênero. O que me interessa é um homicídio ocorrido próximo a Siebenhoch, no Bletterbach.

O promotor se esforçou para recordar.

— Infelizmente não me vem nada à mente.

— Os jornais não falaram muito sobre isso. Estavam atentos demais à tempestade que causou dezena de mortos.

— Disso eu lembro. Aquele temporal provocou muitos danos. Não me surpreende que o delito não tenha recebido muito destaque. Alguém chegou a ser preso?

— Nunca. O processo, até onde sei, ainda está aberto.

Os olhos de Zeller brilharam.

— As investigações por homicídio não são arquivadas nunca, pelo menos até que o réu seja condenado, mas, se depois de, quantos?, trinta anos ninguém foi incriminado, é possível que a papelada tenha sido transferida para o arquivo do tribunal. Se quiser, eu posso lhe dar alguns números de telefone para que economize um pouco de tempo, o que me diz?

Eu me iluminei.

— Seria muito gentil da sua parte.

2.

O encarregado do arquivo me encarou:

— Aqui não tem nada.

— Você está dizendo que os documentos foram perdidos? — perguntei atônito.

— Não, estou dizendo que eles não estão aqui.

— E onde poderiam estar?

— Na delegacia em questão. Talvez a polícia esteja atrasada com o arquivamento. Eles estão com pilhas e pilhas de...

Eu o interrompi.

— Um atraso de trinta anos? Será possível?

Não era problema dele.

— De qualquer forma — bufei, mal-humorado —, não era a polícia que estava conduzindo as investigações, mas os carabinieri.

O funcionário se mostrou impassível.

— Então o senhor deve perguntar a eles.

Saí furibundo daquele arquivo. Eu tinha dado com os burros n'água e estava atrasado para comprar os enfeites natalinos. Deixei o carro na Piazza Vittoria, atrás do monumento, e fui na direção da turba febril do centro histórico de Bolzano, aquilo que a população local chama de “os Pórticos”. Comprei estrelas coloridas, Papais Noéis de vários tamanhos e pelo menos dez quilos de lantejoulas e papel prateado. A nossa casa ia brilhar.

Enfieei tudo no porta-malas e, antes de voltar para Siebenhoch, decidi fazer uma última tentativa. Liguei para a sede da legião do comando provincial dos carabinieri.

À terceira chamada, uma voz entediada me atendeu.

Expliquei quem eu era e soltei inclusive o nome do promotor público. A voz ficou menos entediada e mais atenta.

Pedi notícias sobre o capitão Alfieri.

— Eu poderia falar com ele?

— Difícil, Sr. Salinger. Ele está morto.

— Sinto muito.

— Era um bom oficial. Agora, se o senhor não tem nada mais a...

— Na verdade — enfatizei —, tenho sim.

— Diga.

A voz dava sinais de nervosismo. Tentei ser o mais conciso possível.

— Estou tentando encontrar um dossiê. Uma velha investigação que o major Alfieri acompanhou.

— O senhor deveria se dirigir ao arquivo do tribunal.

— Já fiz isso, e me disseram que o dossiê não está lá.

— Estranho — disse a voz —, muito estranho.

Eu não tinha dúvidas de que, na sede do comando provincial dos carabinieri, alguns traseiros seriam chutados.

— Quer o código de arquivamento?

— Se possível, Sr. Salinger.

Ditei para ele.

Ouvi o homem resmungar alguma coisa para si mesmo. Depois escutei o inconfundível rumor de um teclado sendo violentado por mãos pouco afeitas à sua forma.

Por fim, uma exclamação divertida.

— Agora eu lembro, claro. O caso do Bletterbach. Mistério resolvido, Sr. Salinger. O processo não está no arquivo.

— Ele está com vocês?

— Está com aquele mala do Max Krün. Em Siebenhoch.

Eu estava desconcertado.

— Como?

— O senhor é de lá, disse que é de Siebenhoch.

— Eu moro lá.

— Então o senhor o conheceu com certeza. O chefe da Florestal.

— Conheço, sim. Só não entendo por que o processo está com ele.

— Porque Krün é um grande filho da mãe! — exclamou jovial o carabinieri do outro lado da linha. — Teimoso como uma mula. Essa história de 1985...

— O senhor estava lá?

— Não, em 1985 eu estava tranquilo em Pozzuoli, queria ser mecânico e as moças sorriam para mim, Sr. Salinger. Não me considere mais velho do que sou. Mas o modo com que Krün conseguiu enganar todos aqui é quase uma lenda. Por isso eu lembrei. Que figura, aquele Krün.

— Fiquei curioso. Por favor, explique.

— Tecnicamente a investigação tinha sido confiada a nós, entende?

— Sim.

— Portanto, por alguns anos o dossiê permaneceu aqui, em Bolzano. Depois a história caiu no esquecimento e a papelada foi para o arquivo. Porém, sendo uma investigação de homicídio, não estava realmente arquivada. Estava em uma espécie de limbo burocrático. Acontece com frequência. O senhor ainda está aí? Escute que agora vem a melhor parte. Krün não aceitava isso de jeito nenhum, então começou a fuçar leis e normas. O senhor deve saber que, em Siebenhoch, Max Krün exerce o cargo de protetor da ordem ad interim. Ora, segundo uma lei desenterrada por Krün, um código que vem lá do estatuto Albertino e que não foi nunca anulado, o funcionário público que exerce a função de protetor da ordem pode requisitar a documentação concernente a qualquer crime circunscrito ao seu território de pertencimento e mantê-la por quanto tempo quiser, neste caso específico, até que o papel mofe.

Ele emitiu um zurro tão forte que por pouco não me furou o tímpano.

— O senhor está dizendo que a papelada está no quartel da Florestal de Siebenhoch? — perguntei, no fim daquela espécie de risada.

— Isso mesmo, Sr. Salinger — confirmou a voz ao telefone, ficando séria. — Posso acrescentar um segredo? Eu não gostaria que o senhor entendesse mal o que vou dizer.

— Por favor.

— Há vinte anos essa história de Krün não é mencionada aos recém-chegados para evitar que caçoem dele. Fazemos isso porque, para nós, aquele homem é um exemplo. Nós o admiramos.

— E por quê?

— Os garotos assassinados eram amigos dele — declarou secamente o carabinieri. — O que o senhor teria feito em seu lugar?

3.

Cada um deles tinha procurado um caminho para fugir do Bletterbach. Os membros da equipe de socorro. Werner, Max, Günther e Hannes. E onde tinham ido parar?

Günther havia cavado a própria cova tentando afogar aquela história no álcool. Hannes perdeu a razão. Werner tinha escapado de Siebenhoch. E Max? O que Werner dissera sobre Max?

Max tinha transformado o seu uniforme na armadura do defensor de Siebenhoch. Agarrara-se ao seu papel para não sucumbir. Agora eu tinha a prova disso.

Oito letras: “obsessão”.

4.

Na manhã da véspera de Natal, Werner me encontrou nos fundos de Welshboden quando o sol ainda não tinha aparecido por detrás das montanhas. O trenó estava pronto, o verniz havia secado.

— Parece que você tem talento para esse tipo de trabalho.

Tive um sobressalto.

— Espero não ter acordado você — comentei.

Werner sacudiu a cabeça, depois voltou a olhar para o trenó.

— Tenho certeza de que Clara vai gostar.

Eu não estava tão certo disso. Os meus olhos só achavam defeitos.

— Espero que sim — murmurei.

— Garanto que vai.

— E se não funcionar? Tenho medo de ter montado os patins com muita pressa e...

— Mesmo que fosse o trenó mais lento do planeta e se despedaçasse no primeiro teste, foi você que fez. Com as suas mãos. É nisso que Clara vai pensar, um dia.

— Será?

— Ela vai crescer, Jeremiah. Vai crescer rápido, e você não vai mais poder protegê-la. Eu sei, já passei por isso. Mas sabe o que um pai pode fazer?

Eu não queria responder. Sentia um nó na garganta. Então esperei que ele continuasse.

— Um pai pode dar somente dois presentes para a filha: respeito por si mesma e belas lembranças. Quando Clara for uma mulher, ou mãe, o que ela vai lembrar deste Natal? Que o trenó era mais lento do que uma tartaruga ou que você o fez com as próprias mãos?

Sorri, agradecendo aquelas palavras.

Notei que ele estava com os olhos um pouco úmidos.

Havia lembranças demais no ar daquela manhã.

— De qualquer maneira, só há uma forma de descobrir — disse ele, afastando o constrangimento e a melancolia. — É preciso testar.

Pensei que ele estivesse brincando.

Werner *não era* alguém que brincasse.

Se alguém nos tivesse visto, dois adultos encorpados se revezando para

deslizar no gramado cheio de neve de Welshboden, empolgados como dois meninos e falando palavrão como dois estivadores a cada vez que caíamos de cara na neve, penso que teriam nos considerado malucos. Mas nos divertimos demais.

Quando o sol espiou nas montanhas, estávamos ofegantes e sorridentes.

— Eu diria que funciona, não?

— Eu diria que devo agradecer a você, Werner.

Foi Clara que distribuiu os presentes, logo após a ceia: uma incumbência que parecia agradá-la tanto quanto desembulhá-los.

A casa de Siebenhoch se encheu de exclamações de estupor e júbilo. Pareceu que Werner nunca tinha desejado nada além daquela gravata com bolinhas rosa (“Assim você usa algo colorido, vovô, o rosa combina com você”), Annelise abraçou o blusão com a rena como se fosse uma velha amiga (“O nome dela é Robertina, mamãe, ela gosta de gerânios”) e de minha parte eu nunca tinha visto nada mais bonito que aquele par de luvas tão coloridas que chegava a incomodar os olhos.

Além das luvas, ganhei o último romance do meu autor preferido (de Annelise), uma caixa de ferramentas (de Werner) e uma fotografia da equipe do Kiss com a frase “Melhoras, amigo!” (de Mike), que umedeceu um pouco os meus olhos.

— Gostou das luvas, papai?

— Cada dedo tem um carinho diferente! São incríveis, querida! — Vesti as luvas, pavoneando. — Simplesmente maravilhosas...

— Quantas letras tem “maravilhosas”, papai?

— O número de beijos que você merece, querida.

E a rodei no ar enquanto Clara fingia se rebelar.

Belas recordações, certo?

Quando a situação se acalmou, tomei a palavra.

— Acho que o seu presente está em algum lugar, filha. Mas não sei bem onde...

Clara, que acabara de desembulhar o presente de Werner (um livro animado) e também o que Mike lhe havia enviado pelo correio de Nova York (uma camiseta do Kiss com “Clara” escrito nas costas), virou a cabeça para mim, com os olhinhos parecendo duas estrelas.

— “Em algum lugar”, três letras?

Desarrumei meu cabelo para parecer confuso.

— *Pai* está velho. *Pai* não lembra bem.

— O três letras está mentindo.

— Pode ser — respondi. — Mas algo me diz que você deveria colocar casaco e luvas.

Em um instante, com o casaco abotoado pela metade e o sapato dependurado, Clara estava na porta de casa. Antes de abri-la, virou-se para Annelise.

— Posso?

— Não é um pônei, meu bem.

— Eu não quero um pônei, mamãe. Posso sair?

— Ano passado você queria um pônei.

Clara bateu o pé no chão, impaciente.

— Ano passado eu era *pequena*, mamãe. Eu sei que os pôneis ficam mal em casa. Eu *sei*. Agora posso sair?

Annelise mal teve tempo de concordar, uma lufada de vento já tinha trazido minúsculos flocos de neve sobre nós.

— Papaaaai!

Sorri. Annelise beijou minha bochecha.

Então saímos para admirar a minha obra de arte.

— É lindo demais! Todo vermelho.

— Vermelho-flamejante, querida, ou ele se ofende. Trenó Vermelho-Flamejante, apresento-lhe Clara. Clara, apresento-lhe...

Não terminei a frase. Clara já estava montada sobre seu novo presente.

— Você me ajuda, papai?

Como resistir àquele rostinho lindo? Nas duas horas seguintes, talvez até mais, não fiz outra coisa além de empurrar Clara para cima e para baixo no gramado na frente de casa, pouco iluminado pela lua, até transformá-lo numa espécie de campo de batalha.

Então me joguei no chão, derrotado.

— Pai está velho — ofeguei. — Clara está com sono. Amanhã nós vamos a Welshboden e vou ensiná-la a usar o trenó na descida. É mais divertido. E talvez eu consiga evitar algum estiramento.

— Clara não está com sono. Pai não está velho. Só um pouco velho — protestou a menina.

Annelise a pegou pela mão.

— Está na hora de dormir. Amanhã você brinca com o seu novo trenó. — Ela me lançou um olhar que dizia que para Salinger também havia chegado o momento de desembulhar o presente de Natal. Aquele tipo de presente vetado para menores de que eu tanto gostava. — Isso se o seu pai ainda estiver inteiro amanhã de manhã.

Admito.

Eu não deveria ter descoberto. Não é bonito saber dos presentes antes da véspera, eu sei. E não é bonito também andar pela casa revistando as gavetas como um cão farejador.

Não, isso não se faz.

Mas a curiosidade tem onze letras que me caem perfeitamente bem. Além do mais, devo acrescentar a meu favor que Annelise não tinha sido nada cuidadosa na escolha do esconderijo. Eu levava menos de meia hora para encontrá-lo. E devo dizer que ler “Victoria’s Secret” tinha me arrepiado de verdade.

6.

De qualquer forma, o segredo de Victoria vazou em um piscar de olhos. Uma menina muito má, essa Victoria, muito má mesmo.

A MAIORIA DAS COISAS MUDA

I.

Voltei a pensar no Bletterbach por volta de 28 de dezembro. Reli as anotações e repassei o que havia descoberto no tribunal de Bolzano.

Na noite do dia 30, fiz a minha aposta.

2.

A mulher que abriu a porta era pequena, tinha cabelo escuro em forma de capacete, olhos grandes e luminosos.

— Verena? — perguntei.

Ela logo me jogou na fogueira.

— Você é o diretor sobre o qual todo mundo fala, né? O genro de Werner.

— Salinger. Autor, não diretor. — Mostrei a garrafa de Blauburgunder que eu havia adquirido para a ocasião. — Posso entrar?

Batia um vento de gelar os ossos e Verena pareceu se dar conta disso apenas naquele momento. Ela abriu caminho, desculpando-se. Depois fechou a porta.

— Aposto que você está procurando Max.

— Ele não está?

— Reunião em Bolzano. Você teve azar, mas fique à vontade. Posso lhe oferecer algo para beber?

— Com prazer.

Pendurei o casaco, os sapatos e o chapéu e a segui até a cozinha. Verena me acomodou em uma mesa coberta por uma cesta cheia de todos os bens de Deus. Frutas, potes de conserva em azeite, conservas em vinagre, geleias. Tudo rigorosamente feito em casa.

— Parecem ótimas.

— São as pessoas de Siebenhoch — explicou. — Ou querem agradecer, ou querem pedir desculpas. Meio a meio.

Eu ri com ela.

— Werner também recebeu a sua bela dose de cestas natalinas. E eu corro o risco de ganhar uma indigestão.

— Que pena — disse a mulher. — Eu tinha pensado em dar para você um pouco das nossas.

Rimos.

O chá estava fervendo e o assoprei. Verena havia preparado uma xícara para ela também. Tentei imaginá-la em 1985 e não foi difícil. Ela não devia ter sido muito diferente da mulher que estava à minha frente. A esposa do Chefe Krün parecia ter por volta de trinta anos, e no entanto já estava

atravessando os cinquenta.

— Essa garrafa é um “obrigado” ou um “desculpe”?

— Os dois, para dizer a verdade. Eu queria agradecer Max por não ter me multado e...

Verena me interrompeu, erguendo os olhos para o céu.

— Então ele fez a cena preferida dele com você também.

— Que cena?

Verena imitou a expressão severa (aquela de policial mau) do marido.

— Ei, estrangeiro, fique atento com esse dedo aí no nariz, que por aqui nós odiamos aqueles que colocam os dedos no nariz. Nós os penduramos na frente da prefeitura e então jogamos tiro ao alvo com a cabeça deles...

O chá me desceu atravessado.

— ...usando uma pregadeira elétrica — concluiu a mulher, piscando.

— Exatamente essa cena. Só que era um excesso de velocidade.

— Metade da garrafa é um “obrigado”, e a outra metade? — perguntou ela.

Eu não havia esquecido que Werner estava de olho em mim. Mas não queria tampouco perder a chance de fazer algumas perguntas. Então falei, entre sério e espirituoso:

— Nós somos amigos, certo?

— Há mais de dez minutos.

— De onde eu venho, isso é suficiente para construir um império.

— Então eu diria que somos amigos. Abra o jogo.

Tomei um gole de chá.

— Eu gostaria de perguntar a Max sobre o Bletterbach.

O sorriso de Verena trincou. Uma ruga funda apareceu no espaço entre as sobrancelhas. Foi apenas um segundo, depois o rosto voltou a relaxar.

— No Centro de Visitantes não lhe deram brochuras suficientes?

— Eles foram magníficos — respondi com cautela —, mas eu queria saber algo mais específico em relação aos homicídios de 1985. Simples curiosidade — acrescentei após uma pausa.

— Simples curiosidade — repetiu ela, brincando com a xícara de chá. — Uma simples curiosidade sobre uma das histórias mais feias de Siebenhoch, Salinger?

— É a minha segunda natureza — falei, tentando dar um tom leve à tirada.

— Reabrir velhas feridas? Isso também faz parte da sua segunda natureza?

— Eu não quero parecer...

— Você não parece. Você é — interrompeu-me a mulher, seca. — E agora pegue a sua garrafa e vá embora.

— Mas por quê? — perguntei, surpreso com tanta veemência.

— Porque desde 1985 eu não posso mais comemorar o meu aniversário, é uma razão suficiente para você?

— Não...

A data era 28 de abril. A festa de aniversário.

Tudo ficou claro. Enrubesci.

Respirei fundo.

— Talvez Max não tenha a mesma opinião que você. Talvez ele gostasse de contar e... — Eu me interrompi.

Ódio e dor. Foi o que eu li nos traços dela.

Uma dor enorme.

— Isso está fora de questão.

— Por quê?

Verena cerrou os punhos.

— Porque... — hesitou, enxugando uma lágrima. — Por favor, Salinger. Não fale sobre isso com ele. Não quero que ele sofra.

— Então, por que não me fala você sobre isso?

A julgar pelas emoções que se acavalaram em seu rosto, na mente de Verena houve uma batalha rápida e cruenta.

Esperei em silêncio o êxito do conflito.

— Promete que você não vai falar para ele?

— Prometido.

B de “biltre”.

B de “babaca”.

S de “sorriso”.

— Pode ter certeza disso.

— Não é para um filme, certo? — perguntou ela.

— Não, é uma espécie de hobby.

Foi uma escolha infeliz de palavras, admito. Mas, se eu tivesse dito a verdade, ela teria me expulsado da casa. Sem contar que, naquele ponto, nem eu sabia mais qual era a verdade.

Era simples curiosidade o que me impulsionava a fazer todas aquelas perguntas? Ou para mim também a história do Bletterbach tinha virado uma

obsessão?

— O que você quer saber?

— Tudo que você sabe — respondi, ávido.

— Tudo que eu sei é que odeio aquele lugar. Desde 1985 não ponho os pés lá.

— Por quê?

— Você ama a sua esposa, Salinger?

— Sim.

— O que você sentiria por um lugar onde a sua esposa perdeu um pedaço de si mesma?

— Ódio.

— Exato. Eu odeio o Bletterbach. E odeio o trabalho que o meu marido faz. Odeio aquele uniforme. Odeio quando ele vai perseguir os caçadores ilegais, odeio quando ele faz o show dele com os recém-chegados. — Ela olhou ao redor. — Odeio essas malditas cestas de fruta.

Ela passou a mão sob o nariz e retomou o fôlego.

— Max é uma boa pessoa. A melhor. Mas aquele caso o marcou, e eu gostaria muito de ir embora daqui. Mandar para o inferno a Florestal, Siebenhoch e esta casa. Mas é impossível. É como uma cicatriz. — Ela indicou a meia-lua em torno da minha órbita. — Só que a de Max é aqui. — Ela colocou a mão no coração. — Você até pode ir embora, mas as cicatrizes sempre vão junto. Elas fazem parte de você.

— Entendo.

— Não — respondeu Verena. — Você não entende.

Mas, na verdade, sim. A Besta era minha testemunha.

— Deve ter sido duro — falei.

— Duro? — bufou Verena. — Você diz duro? Eu o reconstruí pedaço por pedaço. Havia dias em que queria abandoná-lo. Ir embora daqui, largar tudo e me render.

— Mas você não fez isso.

— Você teria abandonado a sua esposa?

— Eu teria ficado.

— No início ele não queria falar. Eu insisti para que fosse a um psicólogo, mas ele me respondia sempre da mesma maneira. Ele não precisava de um doutor, só precisava de um pouco de tempo. Tempo, ele dizia — sussurrou, balançando a cabeça. — Era só uma questão de tempo.

— Dizem que é o melhor remédio.

— Até que ele mata você. — Foi a resposta amarga de Verena. — E a história do massacre do Bletterbach é uma maldição. Você sabe dos outros? Hannes havia matado Helene, Werner tinha ido embora sem se despedir de ninguém. Fez as malas e desapareceu. E, mesmo antes de ir, os dias em que ele não aparecia eram mais numerosos do que aqueles em que a gente podia trocar um “oi”. Ele tinha se transformado em outro. Taciturno, ríspido. Dava para ver que não conseguia mais ficar aqui. E além disso havia Günther.

Verena passou as mãos nos braços, como se estivesse arrepiada.

— Eu sentia medo ao ver Max e ele sentados conversando. Eles ficavam horas e horas, bem aqui, falando sem parar, com a porta fechada. Não bebiam, e dou graças a Deus por isso, mas quando Günther ia embora os olhos de Max tinham um brilho... — Verena procurou as palavras. — Ele ficava com olhos de cadáver, Salinger. Você gostaria de ver os olhos do cadáver da sua esposa?

Só havia uma resposta para aquela pergunta.

— Não.

— Depois as visitas diminuíram. Günther tinha uma namorada, era daqui, Brigitte, e a relação ficou mais séria. Ele passava menos tempo com Max e eu estava feliz por ele ter dado um sossego. Sem Günther, parecia que Max ficava melhor. Porém, a cada ano, por volta do fim de abril, ele virava outra pessoa...

Verena começou a mexer nervosamente na aliança.

— Na primeira vez, em 1986, eu tinha dezenove anos. Aos dezenove anos você pensa que a morte é uma coisa que ocorre com os avós ou com os alpinistas que dão o passo maior do que a perna. Pensei inclusive que uma festa poderia fazer bem a Max. Sabe, distraí-lo.

— Você se enganou?

— Foi a primeira e única vez em que o vi irritado. Não — corrigiu-se ela —, irritado não expressa a ideia. Eu me assustei e me perguntei se valeria a pena lutar por uma pessoa que parecia fora de si. Será que eu realmente queria passar o resto dos meus dias ao lado de um louco? Mas depois eu compreendi que não era raiva o que ele estava sentindo, mas dor. Evi, Kurt e Markus eram os seus únicos amigos, e ele os vira em pedaços. Eu o perdoei, mas nunca mais comemorei o meu aniversário. Não com Max. No ano seguinte, um dia antes da data, ele pegou o carro e foi para a velha casa de campo da família dele, para encher a cara e esquecer. Desde então isso virou

um hábito, talvez um ritual. É um bom acordo, e pelo menos Max não terminou como Günther e Hannes.

— Werner também se salvou.

Uma careta no rosto de Verena.

— Werner é mais velho que Max e tem outra cabeça. Como chefe do Socorro, ele já tinha visto de tudo. Max, na época, era um pouco mais do que um menino, mesmo que para mim, ingênua como eu era, ele parecesse um adulto. Além do mais, ele tinha o telegrama que mantinha aberta a ferida.

Diante da minha cara de espanto, ela deu uma risada.

— Você não sabe de nada, não é?

— Um telegrama?

— Quer ver?

— Com certeza.

Verena saiu da cozinha e voltou com uma fotografia. Tirou-a da moldura. Junto com a fotografia (Kurt, Max, Markus e Evi com o vento no cabelo), caiu da moldura um telegrama amarelado. Verena o apoiou na mesa e o desamassou.

— Este é o motivo por que Max não fica em paz.

— O que está escrito?

Verena me mostrou.

“Geht nicht dorthin!”

— Não desçam lá — murmurei.

A data assinalada embaixo era “28 de abril de 1985”.

— Foi mandado por quem?

Verena suspirou, como se tivesse ouvido aquela pergunta não se sabe quantas vezes.

Virou o telegrama.

— Oscar Grünwald. Era um colega de Evi, um pesquisador.

— E como...?

— Uma das primeiras incumbências que o Chefe Hubner fez questão de ceder a Max foi a de ir pegar os telegramas e as correspondências urgentes, lá em Aldino. Siebenhoch era muito pequeno para ter uma agência dos Correios, e o carteiro era um velho que precisava ir para lá e para cá com uma motinha de antes da guerra. Max odiava ter que fazer isso, dizia que não era parte das suas funções. — O olhar dela ficou um pouco vago. — Ele era apegado ao uniforme. E tinha razão. Ele se doava muito... — Ela afastou o

pensamento com um gesto. — Era uma espécie de acordo informal entre o Chefe Hubner e o pessoal dos Correios. Quando chegava algo importante, alguém da Florestal dava um pulo até Aldino e se encarregava de entregar ao destinatário.

— Isso não é ilegal?

Verena bufou.

— As pessoas confiavam no Chefe Hubner, e em Max também. Se for por isso, então qual era o problema?

— Nenhum problema — respondi, enquanto toda a minha concentração estava voltada para aquele retângulo de papel.

“Não desçam lá!”

— Naquela manhã, Max desceu até Aldino para pegar a correspondência. Evi já tinha ido para o Bletterbach e Max colocou o telegrama no bolso, esquecendo-se dele praticamente na hora. Aquele dia foi um caos total, mesmo antes do massacre. Max teve muito pepino para resolver.

— Mesmo?

— Estava chovendo e houve alguns desabamentos. Max teve que fazer as avaliações. Estava sozinho, o Chefe Hubner tinha tido um infarto e se recuperava no San Maurizio de Bolzano. Depois, ao anoitecer, um caminhão tombou e Max teve muito a fazer. Havia sido um acidente feio, e Max temeu não chegar a tempo ao meu aniversário. Mas conseguiu, porque quando ele promete uma coisa você pode ter certeza de que vai fazer de tudo para cumprir a palavra.

— E o telegrama?

— Eu o encontrei no bolso do casaco dele, quando ele voltou do Bletterbach. Se soubesse as consequências do meu gesto eu o teria queimado, mas em vez disso eu o mostrei, e Max fez uma cara que nunca vou esquecer. Foi como se eu tivesse enfiado uma faca no coração dele. Ele me olhou e disse apenas: “Eu poderia.” Nada mais, mas estava claro o que ele queria dizer. Poderia tê-los salvado. Foi assim que começou a obsessão dele.

— Não faz sentido.

— Eu sei disso, e você também. Mas Max? Naquelas condições? Depois de ter visto os corpos despedaçados dos únicos amigos que ele tinha aqui em Siebenhoch? Eu disse, ele mudou. Começou a ficar em cima dos carabinieri, atormentando-os com telefonemas dia e noite. Saiu inclusive no soco com aquele capitão...

— Alfieri.

— Que no fim nunca registrou denúncia, mas o fato permanece. Max dizia que ninguém estava fazendo nada para achar o assassino dos amigos dele. Não era verdade, mas se eu o fazia perceber isso ele ficava furioso. Quando ele entendeu que as investigações iam dar em nada e logo seriam arquivadas, começou a investigar sozinho. Ele nunca parou de fazer isso.

— Fiquei sabendo que os documentos das investigações estão na caserna de Siebenhoch.

— Não. Estão com Max, na casa dos avós dele. Na casa dos Krün, onde ele cresceu. Ele guarda tudo lá.

O chá já estava frio. Bebi de qualquer maneira, porque precisava fumar e esse me pareceu o único modo de afastar a vontade. Não funcionou.

— Ele investigou sobre esse Oscar Grünwald?

— Ele nunca me deixou ver o arquivo, o que guarda trancado na casa de campo da família, mas eu estou convencida de que Max tem um dossiê sobre cada um dos habitantes de Siebenhoch.

Fiquei arrepiado.

— É a maneira que encontrou de continuar — disse Verena. — Manter viva a raiva. Max é órfão. Os pais dele morreram em um acidente de carro quando ele tinha poucos meses. Ele cresceu com a avó. *Frau* Krün. Uma mulher rígida. Morreu com quase um século. O marido dela tinha sido vítima do desabamento da mina em 1923, e desde aquele dia *Frau* Krün não usou outra cor a não ser preto. Com a morte do marido, ela perdeu tudo, não existiam seguros de vida na época. Eles eram muito pobres, talvez os mais pobres de toda a região. Max era um menino doce, tímido. Era muito bom na escola, mas de qualquer modo *Frau* Krün não aceitaria nada além das melhores notas. Os únicos amigos que Max tinha eram Kurt, Markus e Evi. Com eles Max podia não ser o soldadinho que *Frau* Krün queria criar; ele podia relaxar. A morte deles o condenou à solidão.

— Trinta anos de raiva. Ele não corre o risco de se destruir assim?

— É por isso que eu estou aqui, não?

Permanecemos em silêncio, absortos.

— E você? — perguntei.

— Eu o quê?

— O que você pensa disso?

Verena brincou um pouco com a fotografia. Seus dedos desenharam

pequenos círculos em torno do rosto de um Max imberbe e tranquilo.

— Agora eu vou parecer uma montanhesa supersticiosa, mas não sou. Tenho um diploma de enfermeira e me considero uma ótima profissional. Competente, preparada. Como muitos aqui no vilarejo podem testemunhar. Eu gosto de ler, fui eu que insisti com a administração local para fazer chegar a banda larga em Siebenhoch. Não acredito em fábulas, em monstros debaixo da cama ou na Terra plana. Mas sei que o Bletterbach é um lugar amaldiçoado, assim como sei que fumar faz mal. Ocorreram mortes demais lá dentro. Pastores desaparecidos no nada. Lenhadores que falam de luzes estranhas e pegadas ainda mais bizarras. Lendas, mitos, fogos-fátuos. Você pode ver isso como quiser, mas mesmo a lenda mais absurda tem um pequeno fundo de verdade.

Pensei no povo de Fanes.

Verena prosseguiu:

— Aposto que, depois de ter ouvido todas as maldades que circulam sobre você, vai ser fácil acreditar em mim se eu digo que, no passado, aconteceram muitos processos sumários por aqui. Bruxas, sobretudo, mas nenhuma fogueira. Siebenhoch tinha o próprio sistema para fazer justiça. Pegavam aquelas pobrezinhas e largavam sozinhas no Bletterbach. Nenhuma voltou. Existem muitos boatos sobre esse lugar, e nenhum agradaria ao pessoal do Centro de Visitantes.

— O horror atrai — falei.

— Não esse tipo de horror. Você esteve lá?

— Levei a minha filha.

— Você gostou?

— Clara se divertiu muito.

— Eu perguntei sobre você.

Raciocinei alguns instantes.

— Não, não me diverti. Assim... é loucura dizer isso, o mundo todo é velho, mas lá eu senti o peso do tempo.

Verena assentiu.

— O peso do tempo, sim. O Bletterbach é um gigantesco cemitério. Todos aqueles fósseis são ossos. Cadáveres. Cadáveres de criaturas que... eu não sou fundamentalista, Salinger. Tampouco beata. Sei que Darwin tinha razão. As espécies evoluem e, se não evoluem quando o habitat muda, elas se extinguem. Mas acredito em Deus. Não no Deus com a barba branca que está

sentado no alto dos céus, essa é uma versão reducionista, mas acredito em Deus e na maneira dele de fazer funcionar a máquina que chamamos universo.

— Um projeto inteligente.

— Sim. E acredito que exista um motivo para Deus ter eliminado aqueles seres.

Pareceu que toda a cozinha tinha ficado mais escura e estreita. Uma pontada de claustrofobia.

Verena olhou o relógio afixado sobre a pia e arregalou os olhos.

— Está tarde, Salinger, você tem que ir embora. Não quero que Max o encontre aqui.

— Obrigado pela história.

— Não me agradeça.

— Então espero que a garrafa valha o preço que eu desembolsei para comprá-la.

Verena pareceu aliviada pela minha tirada. O interrogatório havia terminado.

— Depois eu te conto.

Levantamos.

— Salinger?

— Não, eu não vou falar para Max.

Verena ficou tranquila. Não muito, mas o bastante para que aquela ruga entre as sobrancelhas se desfizesse.

Apertou minha mão.

— Ele é um bom homem. Não faça mal a ele.

Eu estava procurando a melhor maneira de me despedir quando ouvimos a porta se abrir e o passo cansado de Max.

— Salinger? — disse ele, espantado por me ver. — Ao que devemos essa visita?

Verena mostrou a garrafa de Blauburgunder.

— Ele me falou sobre uma multa evitada, senhor xerife.

Max deu uma risadinha.

— Não precisava.

— Já sou quase alguém daqui — brinquei. — De qualquer forma, ficou tarde. Eu esperava tomar um copinho com você, mas Annelise deve estar preocupada.

Max olhou o relógio que ele tinha no pulso.

— Não está tão tarde. Seria uma pena você ir embora de boca seca. — Ele atravessou o hall da entrada a passos largos. — Vou pegar o saca-rolhas e...

Não terminou a frase. Ficou paralisado na porta da cozinha. Eu vi Verena dar um passo na direção dele, depois parar e levar a mão à boca.

Max se virou e sibilou, gélido:

— O que significa *isso*?

Ele apontava para a fotografia e o telegrama sobre a mesa.

— Eu me atrapalhei, Max. Bati na moldura e...

— Bobagem — disse Max. Os olhos dele estavam fixos nos meus. — Um monte de bobagem.

— É culpa minha, Max.

— E de quem mais?

— Eu queria trocar uma ideia com você. Por isso vim aqui.

— Mas você não estava — intrometeu-se Verena, quase comendo as palavras. — E eu pensei que seria melhor se fosse eu a falar com ele.

— É culpa minha, Max — reafirmei com firmeza. — Verena não tinha nenhuma intenção de...

Max deu um passo ameaçador na minha direção.

— De fazer o quê?

— Contar.

Max tremia.

— E Verena sabe por que você se interessa tanto por essa história?

— O que você quer dizer?

O homem desatou a rir com desprezo.

— Que você quer fazer uma boa grana.

Fiquei petrificado.

— Esse cara de pau falou para você que ele quer fazer dinheiro com um belo filminho sobre o massacre do Bletterbach? — disse Max para a esposa.

— Fique à vontade, senhor diretor. Pode pegar os nossos cadáveres e exibir na frente da metade do mundo. Pode cuspir na tumba deles. Não é assim que você ganha para viver, Salinger?

— O que os jornais publicaram é mentira. Eu vou provar isso logo que o documentário sobre o Ortles estiver pronto. E posso garantir que não tenho nenhuma intenção de filmar nada sobre a história de Kurt, Evi e Markus.

Max deu mais um passo na minha direção.

— Não ouse pronunciar o nome deles.

— É melhor eu ir embora, Max. Sinto muito pelo incômodo. E obrigado pelo chá, Verena.

Não tive tempo de virar para a porta; Max me agarrou pelo pescoço e me esmagou contra a parede. Um crucifixo de madeira caiu no chão e se quebrou.

Verena deixou escapar um grito.

— Experimente aparecer de novo aqui nas redondezas — rosnou o Chefe Krün —, e eu vou lhe trazer um mar de problemas. Um mar de problemas. Se você tem um pouco de juízo na cabeça, seu estúpido de merda, trate de ir embora. A gente não precisa de chacais aqui em Siebenhoch.

Agarrei as mãos dele, tentando me soltar. A pressão era forte, não consegui mais do que pegar um pouco de oxigênio e dizer:

— Eu não sou um chacal, Max.

— Suponho que em Hollywood funcione assim, que vocês estejam acostumados a esse tipo de porcaria. Mas aqui em Siebenhoch nós temos uma coisa chamada moral.

Ele me soltou.

Eu estava arfando.

Max me bateu. Um soco firme com a direita, preciso, no malar. Uma explosão de luzes e desabei no chão. Quando ergui a cabeça, Max se alçava sobre mim.

— Considere isso como um aviso. E agora desapareça, se não quiser mais.

Dolorido, agarrei o casaco e saí.

3.

Por sorte Clara estava dormindo.

Entrei tentando fazer o mínimo de barulho possível. Tirei os sapatos, o gorro e o casaco. A casa estava imersa na escuridão, mas eu não precisava acender a luz para me orientar.

Consegui me esgueirar para o banheiro e lavei o rosto. Metade da minha cara estava cor de berinjela.

— Salinger...

Senti o estômago revirar.

Annelise tinha o cabelo arrepiado e uma expressão alarmada. Mesmo sem maquiagem, ela me pareceu lindíssima. Pegou meu rosto com as mãos e observou o inchaço.

— Quem fez isso com você?

— Não foi nada, fique tranquila.

— Aquele cara? O do *Lily Bar*?

— É apenas feio de olhar.

Exibi-me em algumas caretas idiotas, tentando tranquilizá-la.

A dor me fazia lacrimejar.

— Dessa vez não vamos deixar passar. Vou chamar os carabinieri.

Eu a segurei.

— Deixe assim, por favor.

— O que está acontecendo, Salinger?

Ela não estava com raiva. Estava assustada.

— Foi Max.

— O Chefe Krün? — Annelise parecia chocada. — Ele estava bêbado?

— Não estava bêbado e, em certo sentido, eu mereci.

Annelise se soltou de mim.

Tenho certeza de que parte dela já havia intuído o que eu estava tramando. As horas trancado no escritório diante do computador. As saídas repentinas. Eram indícios que o cérebro dela não podia deixar de registrar. Só que ela não queria admitir. Naquele momento, porém, foi impossível não entender.

— No que você está trabalhando?

A voz dela era plana, monocórdia. Eu teria preferido que ela gritasse.

— Em nada.

Annelise pressionou o dedo sobre o inchaço.

— Dói?

— Porra, sim — protestei.

— As suas mentiras doem mais. Eu quero a verdade. Agora. Logo. E trata de ser convincente.

— Podemos ir para a cozinha? Preciso beber alguma coisa.

Annelise se virou e, sem nem uma palavra, desapareceu no corredor imerso na sombra. Eu a segui. Antes, porém, espiei no quarto de Clara. Estava dormindo encolhida em um canto. Ajeitei as cobertas. Depois desci para a cozinha.

Annelise já tinha me servido uma cerveja sobre a mesa.

— Fale.

— Antes de tudo quero que você saiba que não é um trabalho.

— Não é?

— Não. É um modo de manter o cérebro ativo.

— Tomando porrada de metade do vilarejo?

— Isso são danos colaterais.

— Eu também sou um dano colateral?

Notei que a voz dela tremia. Tentei pegar suas mãos. Consegui apenas encostar nelas. Estavam geladas. Annelise se retraiu, levando as mãos à barriga.

Comecei a explicar tudo, evitando usar a palavra “obsessão”.

— E não é um trabalho — concluí. — Eu preciso disso para...

— ...para?

— Porque sem isso parece que eu enlouqueço. — Inclinei a cabeça. — Eu devia ter falado antes com você.

— É isso que você pensa? Que deveria ter me falado antes?

— Eu...

— Você tinha prometido. Um ano sabático. Um ano. E no entanto... Quanto durou? Um mês?

Não falei nada. Ela tinha razão.

B de “biltre”.

— Meu Deus, você é como uma criança. Você se joga nas coisas sem refletir sobre as consequências. Não consegue nem mesmo...

— Annelise.

— Não diga nada. Você tinha prometido. Mentiu para mim. E o que vai

dizer para Clara amanhã? Que bateu sem querer em um punho?

— Vou inventar alguma história engraçada.

— É o que você sempre faz, não é? Inventa histórias. Eu deveria ir embora, Salinger. Pegar a menina e ir embora. Você é perigoso.

Essas palavras foram como um choque.

Senti as vísceras se contraírem. A dor desapareceu.

— Você não está falando sério, Annelise.

— Estou sim.

— Eu errei — admiti. — Eu sei. Menti para todo mundo. Para você, para Werner. Para todos. Mas não mereço isso.

— Você mereceria algo pior, Salinger.

Tentei articular uma defesa, mas Annelise tinha razão. Eu tinha demonstrado que era um péssimo marido e um pai pior ainda.

— Você está mal, Salinger. — O tom de Annelise mudara. Havia um vestígio de pranto em sua voz. — Você precisa daqueles medicamentos. Eu sei que você não está tomando.

— Os medicamentos não têm nada a ver com isso, eu só queria...

— Provar a si próprio que continua o mesmo? Que não mudou? Você correu o risco de morrer naquela geleira. Se pensa que isso não mudou você, então é realmente um idiota.

Fechei a boca. Eu sentia o palato seco, a língua reduzida a uma tira de couro.

Vá embora.

— É inútil fingir que não é assim. Você mudou. Eu mudei. Inclusive Clara mudou. É natural que seja assim. Não se sai ileso de certas experiências.

— Não, não se sai ileso.

— Você acha que eu não percebi? Eu vejo você. Eu conheço você. Eu vejo esse olhar.

— Que olhar?

— O olhar de um animal enjaulado.

— Eu estou quase fora.

Annelise balançou a cabeça, desiludida.

— Você acredita mesmo nisso, Salinger? Quero que me olhe nos olhos. Quero a verdade. Mas saiba que, se não sair apenas e somente a verdade da sua boca, eu vou ligar para o meu pai, vou pegar Clara e nós vamos passar a noite em Welshboden.

— É que...

Não concluí a frase. De repente aconteceu. Alguma coisa dentro de mim se rompeu.

Desatei a chorar sem parar.

— A Besta, Annelise. A Besta está sempre aqui comigo. Às vezes ela fica em silêncio, às vezes ela para, acontecem dias lindos, dias em que eu não penso nela nem sequer um segundo. Mas ela está sempre dentro de mim. E sibila, sibila, a voz dela, eu não consigo, a voz dela...

Annelise me abraçou. Senti seu corpo quente apertado contra o meu. Afundei naquele calor.

— Eu sempre tenho medo, Annelise. Sempre.

A mulher que eu amava me embalou como tantas vezes eu a tinha visto embalar Clara. Aos poucos, as lágrimas cessaram. Ficaram apenas os soluços.

Depois nem esses.

Annelise me afastou com doçura.

— Por que você não me falou sobre isso?

— Porque eu não quero tomar aqueles malditos medicamentos.

Annelise ficou rígida.

— Você precisa deles.

Agora eu também entendia.

— Sim. Tem razão.

Annelise suspirou fundo.

— Prometa.

Confirmei.

— Tudo que você quiser.

— O ano sabático. Começa agora.

— Sim.

— Nada mais de massacre do Bletterbach.

— Sim.

— E você vai começar a tomar os medicamentos. — Ela fixou os olhos nos meus. — Você vai tomar?

— Sim — menti.

O REI DOS ELFOS

I.

Em 31 de dezembro, Clara ainda estava dormindo quando entrei em seu quarto. Sentei-me na beirada da cama e a acordei. Carrancuda, a menina me encarou com olhos cheios de sono.

— Papai?

— Acorda, preguiçosa, temos que ir.

— Onde?

— No castelo do rei dos elfos — respondi, radiante.

Os olhinhos de Clara brilharam de curiosidade. Sentou-se rapidamente na cama.

— Onde mora o rei dos elfos?

— Em uma montanha bem longe. E muito, muito bonita.

— Você vai me levar mesmo até o rei dos elfos?

— Juro do fundo do coração, pequena — respondi, dando uma piscadela.

— Quantas letras tem “coração”?

— Sete. — Foi a resposta.

Exatamente como “ternura”, pensei.

Clara levantou-se pulando da cama e correu para a cozinha, onde Annelise já havia preparado um lanchinho leve. Em menos de meia hora nós estávamos prontos.

Eu tinha organizado tudo, com a cumplicidade de Werner e de algumas pessoas que eu havia conhecido durante as filmagens de *Mountain Angels*. Era um presente. Não para Clara. Era um presente para Annelise. Eu queria que ela voltasse a confiar em mim. Queria que voltasse a me olhar como me olhava antes de 15 de setembro.

Por isso, quando entramos no carro, eu estava quase tão animado quanto Clara. Dei a partida e logo desemboquei na rodovia.

Com exceção de alguns caminhões e dois ou três automóveis, tínhamos a

estrada toda para nós. Liguei o som e comecei a cantar com toda a força os principais sucessos do Kiss.

Clara tapava os ouvidos, Annelise via o meu show em um meio-termo entre diversão e dúvida.

Devia ser surpresa, e eu a tinha mantido por fora dos meus planos o suficiente para que ela não percebesse o que eu reservara para a nossa virada de ano sul-tirolesa, mas não tanto que fizesse surgir nela outras dúvidas sobre o que eu estava fazendo.

Nada de Bletterbach, resumindo.

Não sei até que ponto ela confiou, mas estava lá, comigo, e isso bastava para que eu me sentisse cheio de energia e esperança. O ano que despontava, 2014, devia ser o ano da virada.

O ano da recuperação.

— Vai estar frio?

— Muito.

— Clara vai ficar doente.

— Clara não vai ficar doente.

— Então é você que vai pegar uma gripe.

— Pássaro de mau-agouro.

— Não quer mesmo me dizer aonde a gente está indo?

Não respondi.

Eu não me esforçara tanto para estragar a surpresa no último momento. Portanto, boca fechada. Sobretudo, não fiz menção ao modo como chegaríamos no castelo do rei dos elfos. Annelise se recusaria, eu sabia. Colocá-la diante do fato consumado era uma sacanagem, mas a intenção era boa.

Aumentei o volume do rádio e comecei a me esganiçar com *Rock'n'roll All Nite*.

Chegamos a Ortisei, primeira etapa da viagem. A cidadezinha estava coberta por uma colcha de neve, mas fervia de atividades.

Deixei o carro no centro e devorei um café da manhã exagerado. Clara liquidou uma fatia de crostata que parecia tão grande quanto ela. Quando estávamos bem alimentados, conferi a hora.

— Estamos atrasados para pegar nossa carruagem especial.

Annelise olhou ao redor.

— Eu pensava que a surpresa fosse esta aqui.

— Ortisei?

— Estou enganada?

— Não está frio o suficiente.

— Para mim parece frio o suficiente, Papai Urso.

Aspirei o ar a plenos pulmões.

— Para o Papai Urso isto não é frio. Isto é um calorzinho.

— No termômetro está dizendo menos sete.

— Calor tropical.

— Papai? Se chegarmos tarde a carruagem especial se transforma em abóbora?

— Melhor a gente se apressar. Nunca se sabe. Mas a mamãe tem que fazer uma promessa, ou nada de carruagem especial.

— O que a Mamãe Ursa tem que prometer? — perguntou Annelise, cheia de suspeitas.

— Ela tem que ficar de olhos fechados.

— Por quanto tempo?

— Até o Papai Urso dizer para abrir.

— Mas...

— Mamãe! Você quer que a carruagem especial se transforme em abóbora? Eu quero ver o castelo do rei dos elfos!

A intervenção de Clara foi decisiva. Partimos e, em menos de quinze minutos, estávamos no destino.

— Posso?

— Ainda não, Mamãe Ursa.

— Que cheiro é esse?

— Ignore.

— Parece querosene.

— Ar de montanha, querida. Concentre-se nisso.

Eu a ajudei a sair do carro e a levei pelo braço até a frente do hangar.

— Agora a Mamãe Ursa pode abrir os olhos.

Annelise obedeceu. Sua reação foi a que eu havia previsto.

— Pode esquecer — afirmou, cruzando os braços.

— Vai ser divertido.

— Pode esquecer.

— Voar é o sonho da humanidade. Ícaro. Leonardo da Vinci. Neil Armstrong. Um pequeno passo para o homem...

— Ícaro se deu mal, gênio. Se você realmente acha que eu vou subir nesse negócio, caro Jeremiah Salinger, você não me conhece o suficiente.

— Mas por quê?

— Porque ele não tem como ficar lá em cima. Não tem asas.

Eu a conhecia. Ah, como eu a conhecia. Por isso, em vez de retrucar, peguei Clara nos braços e me aproximei do helicóptero.

— É um B3 — falei. — É uma espécie de burro voador.

— Ele come palha?

— Palha e querosene.

— É o querosene que dá esse fedor?

— Não diga isso tão alto, ou o B3 vai se ofender.

— Desculpe, Sr. Burro Voador.

— Acho que ele perdoou você.

— Como você sabe?

— O papai sempre sabe tudo — falei em tom solene.

Perguntei-me por quanto tempo ainda uma frase desse tipo conseguiria acabar com as discussões.

— A gente vai usar o burro voador para ir ao castelo do rei dos elfos?

— Exato. Está vendo aquele senhor ali? — perguntei, indicando o piloto do B3, que vinha ao nosso encontro. — Ele vai guiar o burro voador para nós.

Clara começou a bater as mãos, empolgadíssima.

— Posso perguntar como se faz para ficar no ar?

— Melhor do que isso — respondeu o piloto. — Você gostaria de se sentar perto de mim para me ajudar a pilotar?

Clara se acomodou na cabine do helicóptero sem nem sequer responder.

Voltei-me para Annelise.

— Querida?

— Você não presta — respondeu ela.

O voo durou menos de quinze minutos. Não havia vento em altitude e as nuvens não obstruíam a vista. A paisagem, lá embaixo, era digna dos gritinhos de Clara. Inclusive Annelise, quando se acostumou ao rumor das turbinas, teve que admitir que era encantador. De minha parte, eu estava ocupado demais aproveitando as expressões de maravilha da minha filha para pensar na Besta.

Ou em todas as gargantas escavadas pelas torrentes lá embaixo.

Pousamos em um torvelinho de neve e gelo. Descarregamos as mochilas. Agradei o piloto e o helicóptero partiu, deixando-nos sozinhos. A três mil metros de altitude.

— Aquele é o castelo do rei dos elfos?

O refúgio Vittorio Veneto, sobre o Sasso Nero, era um pedaço de história feito de tijolos, pedra e cal. Havia sido construído pelos pioneiros do alpinismo e tinha os sinais do tempo como troféus. Aqueles muros tinham salvado sabe-se lá quantas milhares de vidas no curso dos seus cento e vinte anos de história. Logo ele seria derrubado, porque o derretimento do pergelissolo minara a sua base. Doía no coração pensar que aquele lugar não existiria mais.

O silêncio, agora que o helicóptero desaparecera no horizonte, era inacreditável. À nossa volta havia apenas céu, neve e pedra. Nada mais. Annelise estava com os olhos brilhando.

Cutuquei a bochecha dela.

— Menos vinte e cinco, meu bem. Isso é o que o Papai Urso chama de “frio”.

— Vamos, papai?

Da porta, um velho vestido de preto espiava, com os olhos estreitos e pouco cabelo na cabeça. Seu rosto anguloso expressava um sorrisinho.

— O senhor é Salinger — disse ele, pegando a minha mochila. — E a senhora é Annelise, a filha de Werner Mair, certo?

— Eu mesma.

— E você deve ser Clara. Gostou da minha casa, *du kloane* Clara?

A menina encarou por alguns instantes aquele estranho personagem, que de fato se assemelhava a um elfo, e depois, em vez de responder, ela fez uma pergunta:

— Você mora aqui, senhor?

— Há mais de trinta anos.

— Então você que é o rei dos elfos?

O homem olhou maravilhado primeiro para mim e depois para Annelise.

— Acho que essa menina acaba de conquistar uma dupla porção de doce. Venham, por favor.

Fora o rei dos elfos e uns dois ajudantes (duendes, segundo Clara), não havia mais ninguém. O castelo era todo nosso. Clara estava animadíssima. Annelise não ficava atrás.

Eu estava orgulhoso de mim mesmo.

Comemos cedo, como se faz na montanha. Uma porção extraordinária de polenta e funghi, speck, batatas salteadas e a água mais pura que eu já havia bebido. Talvez fosse a altitude, talvez a felicidade de estar lá em cima com as pessoas que eu mais amava, mas aquela água me subiu à cabeça. O pós-jantar foi interminável, no bom sentido. Ficamos conversando com o gestor do refúgio e seus ajudantes.

Ele esbanjou anedotas, uma mais incrível que a outra. Clara estava encantada. Muitas vezes interrompi a narração para pedir mais detalhes, e o gestor do refúgio, em vez de se irritar, pareceu feliz de ter um público tão atento. Às onze brindamos com grapa e nos preparamos para a última parte da surpresa.

Persuadi Clara e Annelise a colocar uma dupla camada de blusões e casacos forrados e, armados de lanternas, saímos na noite.

Poucos passos bastaram para nos projetarmos em outro mundo. Um mundo de uma vastidão e beleza absolutas. Sentamos na neve. Peguei a garrafa térmica com o chocolate quente e a passei a Clara.

— Quer ver uma mágica, filha?

— Que mágica?

— Olhe lá em cima.

Clara ergueu a cabeça.

Nada de poluição luminosa. Nada de neblina. Nem sequer uma nuvem. Poderíamos agarrar as estrelas, uma a uma. Annelise se apoiou no meu ombro.

— É magnífico.

Não respondi. Teria sido supérfluo. Mas reconheci aquele tom. Era a voz da mulher que tinha me escolhido como seu companheiro. Não desconfiada, não defensiva.

Simplesmente apaixonada.

— Sabe uma coisa, Clara?

— Se você não disser, eu não tenho como saber.

— O que você está vendo é o tesouro do rei dos elfos. Ele não tem dinheiro nem carro. Tem só duas roupas no armário, mas é o elfo mais rico do mundo. Não acha?

— Aqui é onde nascem as estrelas, papai?

— Pode ser, filha, pode ser.

Ficamos olhando as estrelas até que o meu relógio indicou que era meia-

noite.

Brindamos e nos abraçamos. Clara me deu um beijo estalado na bochecha e riu do eco que isso causou. Ela disse que era a montanha nos cumprimentando.

Voltamos para o castelo muito mais ricos do que quando tínhamos saído.

2.

Annelise nunca percebeu nada. O truque era simples: tomar sonífero toda noite, antes de me deitar. Por isso: nada de pesadelos, nada de gritos, nada de suspeitas.

Nesse meio-tempo, eu me esforçava para ser o marido mais solícito do mundo e um pai digno desse nome. Continuava mentindo a Annelise sobre os psicotrópicos, mas tinha intenção de manter a promessa. Eu esqueceria o massacre do Bletterbach, aproveitaria o meu ano sabático e me curaria.

Era importante. Para mim. Para Clara e Annelise. E para Werner. O pai da minha esposa não disse nada, porém eu via a recriminação no olhar dele a quilômetros de distância. Não sei quanto Annelise lhe contara (creio que, conhecendo-a, pouco ou nada), mas não havia modo de escapar aos seus olhos de ave de rapina.

Nunca.

Passei a primeira semana de janeiro andando de trenó com Clara. Não escondo: na minha idade, eu me divertia como uma criança. Atrás da casa de Werner, abria-se um descampado em descida no qual o trenó vermelho-flamejante corria como um foguete. Não era perigoso porque o espaço subia novamente em um doce declive que permitia frear com toda a segurança.

O lado leste de Welshboden, no entanto, era outra história, e fui taxativo com Clara: nada de trenó naquela pista camicase. Ali a inclinação era íngreme e terminava na floresta, onde grandes troncos estavam só esperando para transformar a minha princesa em carne moída. Até eu tinha medo daquela descida. Portanto: *verboten*.

Os dias em Siebenhoch transcorreram em uma rotina feliz. Eu brincava com Clara. Eu dormia que nem pedra. Comia com apetite, e o hematoma no rosto era uma vaga mancha amarelada que logo desapareceria. Eu fazia amor com Annelise. Tínhamos voltado a fazer. No início com cautela, depois cada vez com mais paixão. Annelise estava me perdoadando.

Eu descia até Siebenhoch o menos possível, somente para fazer compras. Eu comprava cigarro no posto de gasolina de Aldino. Nunca mais coloquei os pés no empório de Alois.

De vez em quando pensava no Bletterbach, mas me obrigava a espantar essa pulga. Não queria perder a minha família. Sabia que a ameaça de

Annelise não advinha de um medo ou de uma raiva momentâneos. De qualquer forma, eu não tinha nenhuma intenção de colocá-la à prova.

Em 10 de janeiro eu conheci Brigitte Pflantz.

3.

Havia muito o que escolher nas prateleiras. Diversos tipos de brandy, conhaque, bourbon, vodca e grapa. Nunca fui um entusiasta da vodca e, quanto à grapa, eu podia contar com a reserva especial da família Mair, portanto já as tinha excluído a priori. Annelise não gostava de conhaque e eu também não era muito fã, porém um bourbon de vez em quando...

Escutei uma voz de mulher, mas não o que ela dissera.

— Desculpe? — perguntei, virando-me.

— Atrapalho?

Ela tinha cabelo loiro e ressecado, que caía nas laterais do rosto. A maquiagem em torno dos olhos estava borrada.

— Não, eu estava um pouco distraído.

— Acontece — disse ela.

A desconhecida não parava de me olhar. Notei que tinha dentes grandes e manchados de nicotina. Estava com hálito de álcool e eram dez da manhã.

— O que posso fazer por você? — perguntei, esforçando-me para ser gentil.

— Você não faz ideia de quem eu sou?

— Acredito que não — respondi, constrangido.

Ela estendeu a mão. Correspondi ao cumprimento. Ela usava luvas de pele.

— A gente nunca se conheceu pessoalmente. Mas você sabe quem eu sou.

— Mesmo?

A firmeza do seu olhar me deixava inquieto.

— Com certeza. Eu sou uma pessoa importante. Para você, Salinger, sou inclusive fundamental.

As luvas escuras retornaram aos bolsos de um casaco que tinha visto invernos demais.

— Posso chamar você de Jeremiah? — pediu.

— Você seria a única pessoa a fazer isso, com exceção de Werner e minha mãe.

— É um belo nome. É bíblico, sabia?

— Pois é...

— Por que gritas pela tua ferida? — recitou a mulher. — Incurável é a tua dor. Eu te tratei assim pela tua grande iniquidade, porque foram grandes os

teus pecados.

— Eu não sou um grande fã de religião, senhora...

— Senhorita. Pode me chamar de Brigitte. Brigitte Pflantz.

— Certo, Brigitte — falei, pegando uma garrafa ao acaso e acomodando-a no carrinho. — Agora, se você não se importa...

Brigitte bloqueou minha passagem.

— Você não deveria falar assim comigo.

— Senão a fúria do Senhor se abaterá sobre mim por milhões e milhões de anos?

— Senão você nunca vai saber o que aconteceu no Bletterbach.

Fiquei imóvel.

A mulher confirmou.

— Isso mesmo.

O meu cérebro fez *clique*.

— A namorada de Günther Kagol. *Aquela* Brigitte.

— Tem gente por aí que jura que você quer fazer um filme sobre isso.

— Nenhum filme — respondi, brusco.

— Que pena. Eu sei de muitas coisas. Muitas mesmo.

Por um momento fiquei tentado. Mas resisti.

— Prazer em conhecê-la, Brigitte.

Desviei o carrinho e fui embora.

4.

Naquela noite, após a janta, respondi alguns e-mails de Mike. Depois abri a pasta “Coisas”. Arrastei o arquivo *B* até a lixeira. Olhei para ele por algum tempo.

Depois o coloquei de volta no lugar.

Não significava nada, disse a mim mesmo. Mas eu não queria apagá-lo.

Eu ainda não estava pronto.

5.

Andar de trenó. Brincar com bolas de neve. Provar novas receitas. Fazer amor com Annelise. Tomar soníferos. Dormir sem sonhar. Depois de novo, do início.

Em 20 de janeiro decidi abrir mão dos soníferos. Nenhum pesadelo.

Em 21 de janeiro, a mesma coisa. E também em 22, 23 e 24.

Eu estava no sétimo céu. Sentia-me forte. Recusar entrar no jogo de Brigitte Pflantz tinha me deixado mais consciente da batalha. Toda manhã eu acordava e dizia: “Você consegue, você já fez isso uma vez, poderá fazer de novo e de novo.”

Em 30 de janeiro, em um dos dias mais frios do ano, bateram à minha porta.

CASA DOS KRÜN

I.

Foi Annelise quem abriu. Eu estava empenhado em arrumar a cozinha. Mike definiria isso como “coisa de frouxo”, mas lavar a louça é uma das poucas tarefas que tem o poder de me acalmar.

— Tem uma visita para você.

Percebi na hora que alguma coisa não estava bem. O tom de Annelise era gélido.

Virei-me, com espuma de detergente até os cotovelos.

— Quem...?

Com o chapéu nas mãos avermelhadas pelo frio, em pé na minha cozinha, estava a última pessoa no mundo que eu esperava ver.

— Olá, Max — cumprimentei, deixando escorrer um pouco de água para me lavar. — Quer um café?

— Na verdade — respondeu ele —, quem gostaria de lhe oferecer um café sou eu. E gostaria de lhe mostrar algumas coisas sobre aquele assunto que a gente... falou. Não vai tomar muito tempo.

Annelise ficou vermelha e saiu da cozinha sem dizer uma só palavra.

Max me olhou, confuso.

— Espero que eu não...

— Espere aqui — murmurei.

Annelise estava sentada na minha poltrona preferida. Olhava a camada de neve e Clara, que construía o enésimo boneco.

— O que ele quer com você? — sibilou.

— Pedir desculpas.

Annelise voltou o olhar para mim.

— Você acha que eu sou boba?

Tinha razão. O que era aquele “assunto” sobre o qual Max queria conversar, se não a história do massacre do Bletterbach?

— Se quiser eu o mando embora sem pensar duas vezes. Mas eu também tenho que pedir desculpas a ele. — Beije-a na testa. — Vou cumprir a promessa. Não quero perder vocês.

Será que eu estava mesmo convencido de que conseguiria manter a distância necessária?

De que Max e eu apertaríamos as mãos como duas pessoas civilizadas e, quando o Chefe Krün trouxesse o tema Bletterbach, eu interromperia a conversa, agradeceria e voltaria para casa com a consciência limpa?

Acredito que sim.

Eu estava sendo sincero, e foi isso que a persuadiu. Mas não havia uma voz dentro de mim, uma voz fastidiosa que, enquanto Annelise me tocava com uma carícia, implorava que eu expulsasse a chutes Max da minha casa e voltasse a lavar os pratos?

— Faça o que deve fazer, Salinger. Mas volte para mim. Volte para nós.

2.

— Vamos com o meu. — O Chefe Krün apontou para a caminhonete da Florestal.

— Max — falei. — Se você quer se desculpar, eu aceito suas desculpas. E saiba que eu sinto muito por ter metido o nariz nos seus negócios. Foi um erro. Mas eu não tenho intenção de começar a discutir com você sobre o massacre. Eu prometi à minha esposa que vou esquecer essa história, ok? São águas passadas.

Mesmo?

E por que eu sentia o coração bater tão forte? Por que não via a hora de subir na caminhonete e começar a escutar o que Max tinha para me dizer?

Oito letras: “obsessão”.

Max chutou um montinho de neve, balançando a cabeça.

— Eu bati em você porque percebi que está enfiado até o pescoço nessa história do Bletterbach. E se você chegou ao ponto de ter que fazer uma promessa a Annelise, quer dizer que está numa situação pior do que eu imaginava. Não minta para mim, Salinger. Eu estou vendo na sua cara, claro como o sol.

Não havia nenhuma palavra que não correspondesse à verdade.

Parte de mim ainda estava remoendo sobre o massacre do Bletterbach. Mais cedo ou mais tarde eu voltaria a escavar, a indagar e a fazer perguntas.

E aí o que aconteceria com a minha família?

Foi nesse ponto que eu cedi?

Não.

Continuei mentindo para mim mesmo.

— Errado.

— Não diga bobagens, Salinger. É o que você espera. Que eu lhe dê novas notícias, detalhes, indícios. — Max se aproximou e me apontou o dedo. — E é essa a minha intenção. Vou mostrar a você tantos becos sem saída que você vai perder de uma vez por todas a vontade de acabar como Günther. — Um suspiro. — Ou como eu.

— Eu prometi, Max.

Um protesto fraco. A voz fastidiosa estava abafada. Longe. Quase um pranto.

— Venha comigo e garanto que você não vai quebrar sua promessa.

Virei-me para as grandes janelas da sala. Ergui a mão para acenar à silhueta em contraluz de Annelise. Ela fez o mesmo. Depois sumiu.

— Por quê? — perguntei com um fio de voz.

— Eu quero poupá-lo de trinta anos de dor, Salinger.

3.

O tráfego era escasso, uns dois jipes e uma Mercedes preta que avançava na direção oposta à nossa. Passamos Welshboden e, em uma bifurcação, a caminhonete guiada por Max embocou em uma estrada de terra que subia entre as árvores.

Chegamos à casa dos Krün pouco depois das duas horas da tarde.

— Bem-vindo à terra dos meus antepassados.

— Foi aqui que você cresceu?

— Verena lhe falou?

— Ela me contou alguma coisa sobre a sua infância. Falou de *Frau* Krün.

— Para mim ela era *Omi*, minha avó. Era uma mulher inflexível, mas também justa, e sobretudo muito forte. Éramos pobres e, para que não faltasse nada, *Omi* tinha que se mostrar dura com todo mundo. Era uma viúva que estava criando um órfão. No vilarejo, confundiam a dureza dela com soberba. Era difícil compreender que, por trás daquela postura, havia algo bem diferente. A morte do meu avô tinha despedaçado o coração dela, mas a parte que sobrava estava cheia de amor. Ela tinha um coração enorme, a minha *Omi*. — Max me concedeu um sorriso. — Venha.

A casa dos Krün era uma residência de montanha com o teto coberto de telhas que precisavam de uma boa manutenção. Sob as calhas dava para ver o que havia restado dos ninhos das andorinhas. Uma macieira retorcida sobre si mesma fazia as vezes de cornija na porta de entrada, que rangeu um pouco nas dobradiças.

Na parte interna não havia luz.

— Nada de energia elétrica — explicou Max, acendendo um lampião a querosene. — Eu tenho um gerador, mas prefiro guardar para emergências. Se quiser, preparo um café.

Ao ser iluminada, a casa assumiu um aspecto menos espectral. Sobre a lareira havia uma fotografia manchada pela umidade.

— O pequeno Max e *Frau* Krün — disse Max, enquanto preparava a moka. — Fique à vontade, por favor.

Além da mesa e de um par de cadeiras, no cômodo, a *Stube* — como chamavam no Alto Ádige aquela espécie de salão multifuncional (cozinha, quarto, sala, tudo perto da estufa de cerâmica que dava o nome ao ambiente:

a *Stube* por excelência) —, havia dois arquivos de metal.

O Chefe Krün interceptou o meu olhar.

— Trinta anos de investigações. Testemunhos cruzados. Provas recolhidas. Pistas falsas. Possíveis suspeitos. Trinta anos de vida passados reunindo o nada. Trinta anos jogados fora.

— Uma bela fatia de torta com sabor de nada.

Max arqueou a sobancelha.

— Você falou com Luis?

— Estilo inconfundível.

— Há uma coisa que nem mesmo Luis tem coragem de dizer: as vítimas do Bletterbach não são apenas Kurt, Evi e Markus. São também Günther e Hannes. Verena. Brigitte. Manfred. Werner. E eu.

Observei as chamas na lareira. Segui o rastro das faíscas, que Clara chamava de “diabinhos”, até vê-las se apagarem na parede enegrecida por sabe-se lá quantos anos de fumaça e chamas.

Max suspirou.

— Eu fechava os olhos e ouvia a voz de Kurt. Inclusive os passos de Evi ou a risada de Markus. E quando abria os olhos eu os *via*. Eles me acusavam. Você está vivo, diziam.

Fiquei arrepiado.

Você está vivo.

Acendi um cigarro.

— Eu tinha ficado sozinho. Com quem poderia falar? Verena não ia entender. Werner foi embora, Hannes... Hannes fez aquela coisa horrível com a esposa dele. Sobrava Günther. Ele queria saber. E bebia. Eu também queria saber. Eu queria encontrar o filho da puta que havia me condenado à solidão e eliminá-lo. Bem assim. Eu tinha decidido que o enforcaria. O tempo passou. Günther sofreu o acidente. Eu me casei. O Chefe Hubner morreu. Verena não queria que eu aceitasse o posto dele, mas eu queria me tornar o Chefe Krün. Eu me via como o *Saltner* de Siebenhoch, sabe o que é?

Era uma palavra que eu nunca tinha ouvido.

— Antigamente todo vilarejo tinha o seu *Saltner* — explicou. — Ele era escolhido entre os jovens mais fortes para velar sobre os vinhedos e os estábulos. Era um cargo prestigiado. Todos deviam confiar nele: se tivesse um só voto contrário, o jovem era descartado. Havia muito em jogo. Se o *Saltner* quisesse, poderia fazer um acordo com os foras da lei e saquear toda a colheita

do ano, condenando a comunidade à morte certa. Eu me sentia como o Saltner.

Joguei o cigarro nas chamas. Tinha fumado menos da metade.

Minha cabeça girava.

— O Saltner protege o seu povo, e você queria fazer o mesmo pelos habitantes de Siebenhoch — falei.

— Fiz isso ao longo de todos esses anos, mas hoje...

A voz dele falhou.

— Aqueles que morreram lá embaixo eram os meus melhores amigos, Salinger, pessoas que eu amava. Mas, se eu pudesse voltar no tempo, pegaria Verena e iria embora sem olhar para trás. Para o diabo com o Saltner. Para o diabo Evi, Markus e Kurt. Parece cruel? Não é. Sei que, quando você tiver escutado tudo, vai perceber que não vale a pena.

— Pode ir embora a qualquer momento. O que detém você em Siebenhoch?

Max demorou alguns segundos.

— O massacre do Bletterbach se tornou a razão da minha vida. — Seu rosto quadrado estava marcado por uma careta amarga. — Esse é o tipo de obsessão de que estou tentando salvar você. Se trinta anos atrás alguém tivesse me mostrado o conteúdo desses arquivos, se alguém tivesse me alertado... talvez tudo pudesse ter sido diferente. Para mim e para Verena.

Lembrei as palavras da esposa dele. A angústia que haviam me transmitido.

Pensei em Annelise. E em Clara. Eu a vi crescer ao lado de um pai cada vez mais distante, doente.

Volte para nós.

— Conte.

Max se levantou. O arquivo se abriu com um estrondo.

— Começamos pelas investigações oficiais — falou.

— Foram os carabinieri de Bolzano que as acompanharam.

— O capitão Alfieri e o promotor de plantão. Cattaneo. O promotor eu nunca encontrei. Era apenas uma voz no telefone. O capitão Alfieri era uma ótima pessoa, mas se via que teria preferido se ocupar de outras coisas. De um ponto de vista investigativo, o massacre do Bletterbach era uma grande sarna para se coçar. A começar pela cena do crime.

Ele me mostrou uma grande pasta alaranjada. Era espessa como um dicionário. Tamborilou os dedos nela.

— Esse é o relatório final da polícia científica. São mais de quatrocentas páginas. Eu precisei pedir ao médico de Aldino que me ajudasse a decifrar algumas passagens. Desperdício de tempo. Nenhum rastro orgânico, nenhuma digital, nada. A chuva e a lama levaram tudo embora — sentenciou ele, recolocando a pasta no arquivo de metal. — E, de qualquer forma, o resultado da análise dos técnicos chegou quando tanto o promotor público quanto o capitão Alfieri haviam entendido que nenhum culpado seria preso pelo homicídio.

— Mas você queria encontrar aquele desgraçado — falei.

— Eu fui insistente. Muito insistente. Mas era como bater a cabeça na parede. Ninguém mais queria ouvir falar do Bletterbach. Cheguei a partir para cima do capitão Alfieri.

— Luis mencionou alguns suspeitos...

— Vamos chegar lá. Antes eu quero lhe mostrar outra coisa.

Ele pegou uma pasta. Virou-a, sem abri-la, e deslizou-a à minha frente.

Max fez um gesto de encorajamento.

— A cena do crime. Abra. Veja.

A primeira fotografia foi um chute na cara. As outras também. A maior parte era em branco e preto, poucas coloridas. Todas eram repugnantes.

— Meu Deus...

Max tirou-as da minha mão, com delicadeza. Depois, como o mais obscuro dos prestidigitadores, começou a mostrá-las uma a uma.

— Esta é a barraca. Kurt tinha escolhido esse lugar para que...

Voltaram à minha mente as palavras de Werner.

— Para que o vento não a levasse embora.

— Quer alguma coisa forte para beber? Você está pálido.

Eu o tranquilizei com um gesto.

— De quem era essa mochila?

— De Markus. Como você vê, está rasgada. Pensamos que Markus poderia ter jogado no agressor para se defender. Ele foi o único que tentou fugir. Veja essas.

Outra foto.

Outro horror.

— Essas são as botas de Markus. O cadáver foi encontrado descalço. Ele estava usando um blusão. Nenhum casaco. Kurt também. Aliás, Kurt estava de regata. Está vendo isso? É o saco de dormir dele. É provável que tivessem

acabado de deitar-se quando foram atacados. — Max parou por um segundo. — Fui eu que o reconheci. Era um presente meu. Não dá para ver, mas eu tinha mandado costurar as iniciais dele bem aqui.

Uma pancadinha no instantâneo.

Depois. Outra fotografia. E mais outra.

— Kurt. Kurt. Kurt.

Toda vez que ele pronunciava o nome do amigo, jogava na mesa outra foto.

— O patologista disse que o assassino feriu Kurt sem matá-lo logo. Provavelmente ele foi o primeiro a reagir e o assassino não queria que os outros conseguissem fugir. Ou então, o que é outra possibilidade, o assassino quis puni-lo pelo heroísmo. Rendeu Kurt e o manteve vivo para ver o que ia fazer. O assassino golpeou Kurt, depois matou Evi, seguiu Markus e voltou atrás.

— Seguiu Markus?

— Ele conseguiu escapar. Uma fuga breve.

Encarei as fotografias sobre a mesa.

Apontei para os ferimentos no corpo de Kurt.

— Ele foi torturado?

— Segundo o médico legista, quando o assassino voltou até Kurt, ele já estava morto. Essas marcas foram feitas post mortem. Ele atacou o cadáver.

— Como se ele fosse a vítima predestinada? — arrisquei.

Max deu um meio sorriso.

— Também pensei assim, Salinger. Depois achei que a vítima predestinada fosse Evi. Depois Markus. É uma ciranda infernal.

Ele parou, me encarando.

— As fotos de Evi são...

Concordei.

— Continue.

— Evi...

Acho que eu gritei. Levantei e corri para fora, afundando a cara na neve. Vomitei tudo o que havia comido no almoço. Depois gritei de novo, disso me lembro.

Senti Max me erguer e me levar para dentro da casa dos Krün. Ele me acomodou na cadeira perto do fogo. Estapeou-me uma, duas vezes. Voltei a respirar.

— Sinto muito, Max.

— É humano.

Aponte para as fotografias.

— Não é.

— Eu estava falando da sua reação.

Acendi um cigarro.

— Por que ele a decapitou?

— De todas as perguntas, Salinger, essa é a mais inútil. Não tem resposta.

— *Tem* que ter.

Max se sentou.

— Suponha que você encontre o assassino. Suponha que você esteja na frente dele e possa perguntar: por quê? O que você acha que ele responderia?

— Eu não sou psiquiatra. Não sei.

— E se fosse essa a resposta dele? “Não sei.” Se não tivesse um motivo? Ou se tivesse um motivo tão idiota que parecesse ridículo? Se o assassino respondesse: fiz aquilo porque não estava gostando da chuva. Ou então porque o cachorro mandou. Ou porque estava entediado. Como você reagiria?

Eu entendia o que ele estava dizendo, mas não concordava.

— Encontrar o motivo significa encontrar o assassino.

— Pode ser. Mas sem um indício? É inútil se concentrar tanto nas motivações. Foi o que eu pensei. Encontre o culpado e o motivo virá. Melhor se concentrar nos suspeitos.

— Quantos?

— *Todos*. Ninguém excluído.

Ele abriu uma portinha do arquivo. Tirou de dentro a enésima pasta. Na capa estava escrito “M. Krün”.

— Essa é a investigação sobre o suspeito Max Krün — explicou ele.

Ele abriu um mapa sobre a mesa.

— Veja. Eu marquei tudo. O nosso trajeto. O possível trajeto de Kurt, aliás, *três* diferentes trajetos que Kurt poderia ter feito. Eventuais vias de fuga.

— E esses números?

— São os horários. Os que estão em vermelho são os possíveis horários de Kurt, Evi e Markus. Os que estão em preto são mais precisos porque se referem à nossa equipe de socorro. Essas aqui são as fotocópias do boletim de ocorrência de um acidente rodoviário. Como você pode ver, não tem apenas a minha assinatura. A outra é de um comandante do corpo de bombeiros.

— O acidente que houve antes da festa de aniversário?

— Um caminhão tombou logo abaixo de Siebenhoch. — Max indicou a estrada que levava para fora do vilarejo, dois quilômetros abaixo do supermercado Despar, na direção de Aldino. — Ele estava transportando herbicidas. Levamos três horas só para endireitá-lo e liberar a via: se a carga tivesse vazado seria um problemão. Eu estava com pressa, não queria perder a festa de Verena, mas fizemos tudo com o maior cuidado. Tiramos uma foto Polaroid para o seguro. Esta.

Ela retratava um caminhão caído. O número da placa era perfeitamente reconhecível.

— Dezenove e vinte. A data e a hora no verso não foram escritas por mim, mas pelo comandante dos bombeiros. A gente se separou por volta das oito. Poucos minutos depois, eu estava na caserna compilando outras papeladas. Por volta das nove da noite eu fui para casa, troquei de roupa e corri para a festa de aniversário de Verena. Às dez e meia cortamos o bolo. Está vendo?

Uma foto de grupo. O relógio por trás dos rostos alegres indicava dez e meia.

— Alguém viu você enquanto estava na caserna?

— Ninguém. Álibis confirmados: às oito e às dez e meia.

— Um intervalo de duas horas e meia. Em que hora se calcula que tenha ocorrido a morte de Kurt e os outros?

— Segundo o perito criminal, entre as oito e as dez da noite. Veja agora.

Max chamou minha atenção para o mapa do Bletterbach. Pegou uma régua e começou a medir.

— Em linha reta entre Siebenhoch e o local do homicídio são uns dez quilômetros. Se ignorarmos a falta de estradas, os desníveis e aquele inferno de água e lama, alguém que caminhe em boa velocidade poderia chegar ao ponto em que encontramos os corpos em duas horas, duas horas e meia. Quanto tempo para matá-los? Isso o informe não diz, ninguém sabe direito. Mas sabemos que Kurt tentou se defender e que Markus fugiu. Digamos, quinze minutos? Vinte? Mais duas horas e pouco para voltar. Quanto dá isso?

— Cinco horas, mais ou menos. Sem contar a tempestade autorregenerativa e todo o resto. O imputado Max Krün está absolvido.

Max confirmou.

— Que loucura — acrescentei, arrepiado.

— Loucura?

— Que você tenha se submetido a um processo assim.

— É disso que estou tentando salvar você, Salinger.

Eu pensei que nunca chegaria àquele nível de paranoia. Pensei que, no entanto, Max havia tido trinta anos para escavar o abismo em que se precipitara. Eu, em menos de três meses, já tinha corrido o risco de destruir meu casamento.

Max tinha amontoado outras pastas em cascata sobre a mesa.

— A pista do serial killer. Luis falou sobre isso com você?

O dossiê continha artigos de jornal. Alguns faxes. Mapas rabiscados. Folhas escritas com uma caligrafia nervosa e praticamente ilegível.

— O que é isso? — perguntei.

— Anotações. Transcrições de telefonemas, para ser preciso.

— Com quem?

— O promotor público. Eu o ajudei a procurar relações com o Bletterbach.

— E encontrou?

— O cara em questão não estava em Siebenhoch, mas em Nova Ponente. Perto. Plausível, portanto. Mas em dezembro de 1985. Duas semanas de férias passadas esquiando com a esposa e os filhos.

— Ele tinha família?

— Você acha muito estranho?

Esposa e filhos. Engoli essa também.

— Na verdade, não.

Max fechou a pasta.

— Culpado, mas não pelo massacre do Bletterbach.

A pasta seguinte era muito mais volumosa. Ele tirou de dentro uma folha A3 sobre a qual estavam coladas uma dezena de 3x4 numeradas. Cada número correspondia a uma legenda que remetia a outras anotações em outras pastinhas.

— E esses?

— Caçadores ilegais ativos naquele período. Markus era um grande pé no saco. Culpa minha, imagino. Eu tinha vinte e três anos, praticamente um menino. Para sobressair aos olhos dele, eu inventava um monte de aventuras de perseguição aos caçadores ilegais. Bobagens para impressionar aquele rapazinho e me sentir mais forte do que era. Na realidade, as perseguições aos

caçadores ilegais começavam e terminavam no escritório do Chefe Hubner.

— Nenhuma emboscada nos bosques ou coisas do gênero?

— Até parece! — disse Max, divertido. — O Chefe Hubner pegava o telefone, ligava para os caçadores ilegais e perguntava: “Pegou alguma coisa esta noite?”, só isso. Mas eu sabia quem eles eram e investiguei cada um. Sem achar nada. Eram caçadores ilegais, não assassinos. Existe uma bela diferença entre matar um cervo e massacrar uma pessoa.

— E a história da droga?

Max me mostrou outro documento.

— Pouca coisa. Markus foi pego com um pouco de haxixe no bolso. E nem era de boa qualidade. Um colega de escola tinha vendido para ele. Chefe Hubner deu uma bronca nele e depois jogou fora a prova do crime. Você acha possível matar alguém por uns gramas de haxixe?

— Mas você investigou mesmo assim.

Max me olhou torto.

— Óbvio.

Foi o suficiente.

— Verena? — perguntei, duvidando.

— Veja os deslocamentos dela naquele dia. Uma ida à cabeleireira. Duas comprinhas para a mãe, aqui e aqui, e depois foi para casa preparar o bolo com algumas amigas.

— E além do mais ela é muito delicada.

— Nunca se sabe.

Pensei em Annelise. Onde Annelise estava em abril de 1985? Em um berço. Ela era uma menina de poucos meses. Suficiente como álibi.

Mas era também para Max?

— Werner? Aqui! — exclamou ele, abrindo uma gaveta do arquivo. — Günther? Sirva-se. Brigitte? Certo. Hannes? Para Hannes eu tinha inclusive uma bela motivação. Desde que Kurt havia se mudado para Innsbruck, os dois não se dirigiam mais a palavra. Mas ele também foi descartado. Tinha passado o dia fora do vilarejo, trabalhando. Está tudo escrito aqui, se quiser, fique à vontade. Depois investiguei Mauro Tognon. O pai de Evi e Markus.

— Você o rastreou?

— Naturalmente — respondeu Max, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Um verdadeiro merda, se você quer saber a minha opinião. E não só a minha. Eu tenho a ficha penal dele. No cartão de visitas dele estava

escrito “caixeiro-viajante”, mas ele não era. Tognon era um charlatão, um trapaceiro e muito violento. Sobretudo com as mulheres. E essa foi a sorte dele.

— Como assim?

— Em 1985 ele estava em cana. Tentativa de homicídio. De uma das tantas pobrezinhas que ele seduzia e depois se divertia espancando.

— Um grande filho da puta.

— Pode dizer isso bem alto.

Do bolso da camisa, ele extraiu o telegrama. Aquele que Verena havia me mostrado.

Geht nicht dorthin!

Não desçam lá!

Eu não o tinha esquecido, e não tinha esquecido o nome de quem o enviara.

— Quem é Oscar Grünwald?

— Eu conhecia Oscar Grünwald. Tinha cruzado com ele algumas vezes quando acompanhava Markus a Innsbruck para visitar a irmã. Um tipo esquivo, solitário. Evi gostava muito dele. Para mim, ele era meio abobado. Evi o apresentou como um pesquisador muito importante, mas logo descobri que não era nada disso. Ele havia sido expulso da universidade e se virava fazendo de tudo. Lavador de pratos, perito civil, jardineiro e guia turístico. Era geólogo, mas tinha também uma segunda graduação. Em paleontologia.

— Estudava fósseis — falei, pensando em Yodi.

E no Bletterbach.

— Você também fez a relação?

— O Bletterbach é uma enorme coleção de fósseis a céu aberto.

— Foi a mesma coisa que eu pensei.

— E por que ele tinha sido expulso da universidade?

— Conflitos entre acadêmicos, digamos assim. Demorei muito para descobrir. A universidade de Innsbruck é muito discreta sobre os assuntos internos. Além disso, fora o telegrama, eu não tinha nada em mãos.

— O que o capitão Alfieri achava disso?

— Alfieri não sabia do telegrama.

— Como é possível?

— O telegrama podia ser uma prova contra ou a favor, dependendo de como você quisesse ver. Ou mesmo uma coincidência. Não significava nada.

— Não é verdade — rebati com ímpeto. — Para mim parece óbvio. Grünwald sabia que alguém ia matá-los no Bletterbach e tentou avisá-los. Está escrito claramente: “Geht nicht dorthin!” Não desçam lá!

Max continuou impassível:

— Ou então podia ser uma ameaça. Não desçam lá *ou vocês vão se dar mal*. Não pensou nisso?

— De qualquer modo era o bastante para investigar, não acha? Talvez os carabinieri...

Max cerrou os punhos.

— Ninguém se interessava em descobrir quem tinha assassinado os meus amigos. Era evidente desde o início. Aqueles eram os anos das bombas. Os carabinieri tinham outras coisas na cabeça. Se eu tivesse levado o telegrama para Alfieri e contasse para ele sobre Grünwald, ia perder tempo. Só uma pessoa podia descobrir o assassino. Eu. O telegrama era o meu lembrete. A minha condenação. Porque, se em vez de me esquecer dele e colocá-lo no bolso eu tivesse prestado atenção, poderia tê-los salvo.

— É isso que atormenta você, certo?

— Também. Sob o meu ponto de vista, esse telegrama faz de mim culpado por omissão de socorro. Logo, cúmplice do assassino.

— Isso é bobagem, Max.

— Eu procurei Grünwald. Procurei por toda parte. Perdi muito dinheiro. Sem achar nada. Ele tinha desaparecido. O telegrama é a última prova da existência dele.

— Uma pessoa não pode desaparecer assim. Devia ter algum amigo, algum conhecido, alguém.

— Eu tinha deparado com a pessoa mais solitária do planeta, Salinger. Mais do que eu — murmurou ele. — Pelo menos havia três fantasmas para me fazer companhia.

4.

Tinha ficado tarde. Max guardou as pastas no arquivo, trancou-o à chave e subimos na caminhonete cinza e verde da Florestal, com o aquecimento no máximo.

— Não é verdade — falei, quando estava dentro do veículo. — Você não estava sozinho. Verena estava com você.

— Verena é outra coisa. Verena é o motivo pelo qual eu não acabei como Günther.

Ele engatou a marcha e partimos. Ficamos em silêncio até alcançarmos nosso destino.

Max estacionou e apagou os faróis.

Escutei o tique-taque do motor.

— Verena queria ter tido filhos — confessou Max, fitando o nada. — Ela teria sido uma ótima mãe. Eu falei que não podíamos nos permitir isso, mesmo que não fosse verdade. Falei que não era o momento. Eu vivia adiando. O verdadeiro motivo era o medo. Eu tinha medo que acontecesse comigo o que havia acontecido com Hannes. Um belo dia você acorda e vai tirar o cadáver do seu filho do meio do bosque.

Vi Clara me acenar da janela da sala. Respondi ao gesto dela.

Hora de descer.

Fui abrir a porta do carro.

Max me parou.

— Aquele dia eu chamei você de assassino. Você não é um assassino. Eu sei o que aconteceu no Ortles. Não foi culpa sua.

Não respondi. Não logo, pelo menos. Eu receava que minha voz saísse embargada.

— Obrigado, Max.

Era bonito ouvi-lo dizer aquilo.

— Você tem essa menina, Salinger. Você pode ser feliz. Essa não é a sua gente. Não é o seu lugar. Você não acha — ele apontou a minha filha na janela — que tem algo melhor pelo que lutar?

5.

Naquela noite eu estive de novo *dentro*. Dentro da Besta. Apesar dos soníferos.

Não gritei. Ao meu lado, Annelise dormia placidamente, com uma expressão pacífica que eu achava encantadora. Acordei chorando e com a sensação de ter perdido tudo que fazia a vida valer a pena.

Abracei minha esposa. Agarrei-me a ela. Quando as batidas do meu coração se acalmaram, consegui inclusive afastar as lágrimas. Tentando não perturbar o sono de Annelise, eu me levantei. No banheiro, abri a portinha do armário e peguei a cartela dos comprimidos que eu fingia tomar todas as manhãs. Aquelas pastilhas não eram a salvação, eram apenas um substituto químico. Fechei o armário. Eu não queria fazer nada em relação àquilo. Duplicaria a dose de soníferos, se necessário. Mas não deixaria que fosse a química a decidir as minhas emoções.

Eu consigo, pensei. Eu consigo sozinho.

I^o DE FEVEREIRO

I.

Em 1^o de fevereiro, aconteceram três coisas. Começou uma tempestade de neve, quase matei uma pessoa e telefonei para Mike.

2.

Os últimos três dias de janeiro pareciam não querer passar. Aquele frio desgraçado, eu tinha ouvido Werner resmungar, queria acabar com todos nós.

Se em dezembro as temperaturas tinham se mantido na média local — frias o bastante para congelarem a ponta dos dedos apesar das luvas, mas não o suficiente para suscitar saudade do clima ameno de casa (ao menos era assim comigo, mas eu amo o frio) —, janeiro escancarara as janelas para uma perturbação siberiana que tinha toda a intenção de transformar o nordeste italiano em uma espécie de tundra ártica habitada somente por ursos e animais peludos.

Siebenhoch cintilava sob uma camada de gelo traiçoeiro e duro como uma couraça.

As pessoas dali estavam acostumadas, mas o vilarejo não tinha apenas autóctones e foram muitos os turistas que quebraram braços e fêmures. Nem eu me livrei das quedas.

Cheguei a pensar que caminhar no gelo não era uma simples habilidade, mas uma verdadeira arte que se transmite geneticamente. Isso explicava por que Clara e Annelise desfilavam com a graça de duas bailarinas enquanto eu parecia uma cruz tosca entre um ganso sem uma pata e um palhaço com pimenta entre as nádegas.

De noite, o reflexo da lua no gelo das montanhas tornava desnecessário o uso de lâmpadas. Tudo ficava iluminado por uma luz espectral, azulada. Algumas vezes era um espetáculo encantador, outras, era algo muito próximo do assustador.

Sobretudo enquanto, sonolenta, a minha mente vagava até a garganta negra do Bletterbach.

Quando acordei naquele 1º de fevereiro, com a língua entorpecida pelos soníferos, descobri que estava sozinho, sem a carícia do corpo de Annelise a meu lado.

Espreguicei-me e esperei que as ideias fossem claras, depois me levantei com calma e me aproximei da janela para observar a paisagem. A floresta envolta pela neve, os telhados pontiagudos de Siebenhoch confundindo-se com a bruma seca gerada pelo vento impetuoso que levantava escamas de gelo. O sol não passava de uma manchinha no horizonte. Mais do que vê-lo, era preciso imaginá-lo.

Um bom café me fez voltar ao mundo dos vivos.

Annelise já estava de pé havia algum tempo. Dia de faxina na casa dos Salinger. Não que eu fosse louco por certas incumbências (era eu que lavava a louça, botava roupas na máquina e passava roupa, Annelise arrumava as camas e passava aspirador — assim funcionava o nosso acordo), mas depois de um banho rápido pus mãos à obra. Ao meio-dia a casa estava lustrosa como um espelho.

À uma hora, o transtorno de acumulação dominou Annelise. Ela tinha o olhar angustiado quando sentenciou:

— A gente vai morrer de fome.

Na prateleira havia quilos de massa de diversos formatos, açúcar refinado e mascavo, sal marinho e sal-gema, potes de conserva (ervilha, feijão, grão de bico, sopas de vários tipos, polpa de tomate), cerveja em quantidade, frutos secos (nozes, avelãs, amendoim, figo, ameixa, maçã, pera, inclusive tâmaras), e tudo o que bastaria a um regimento para sobreviver a um inverno duas vezes mais longo do que aquele que teríamos que superar.

— Meu bem — falei —, você não acha que está exagerando?

— Não brinque, Salinger.

— Só estou dizendo que, pelo menos até 2030, esta casa não vai se transformar no *Hotel Overlook*.

— Salinger...

— Sério, Annelise. Agora você pode me dizer. Onde colocou o meu machado, querida?

— Não brinque com essas coisas.

Comecei a revirar os olhos, rangendo os dentes.

— Wendy? Querida? O meu machado? Onde está o meu machado?

Annelise me lançou um olhar irritado. Ela odiava esse filme.

— A minha interpretação não é convincente?

— Não.

— Quer que eu melhore? Então me dê meu machado.

— Pare.

— Ok.

Beijei a ponta do nariz dela, peguei papel e caneta e me resignei a dar uma saída com a qual não contava.

Precisei de pelo menos dez minutos para anotar tudo que Annelise queria que eu comprasse e de uma eternidade para chegar ao supermercado. Uma caminhonete havia tombado no meio da estrada, paralisando a circulação.

Quando cheguei a poucos metros do carro, dei-me conta de que entre os homens do socorro rodoviário estava também Max. Dei uma buzinazinha. O Chefe Krün se virou com cara de quem estava pronto para morder. Reconheceu-me e relaxou.

Abaixei a janela.

— Salinger — cumprimentou-me, tocando o chapéu.

— Friozinho, hein?

— É o que dizem.

— Vai continuar?

— Ao menos toda esta semana.

— Alguém se machucou?

— Turistas — resmungou Max. — Puro teatro. Seriam capazes de provocar uma avalanche espirrando. Sabe o que é pior do que pessoas da cidade?

— Não faço ideia.

— Pessoas da cidade fazendo de conta de que *não são* da cidade.

Ri com ele.

Desde que Max tinha aberto para mim os arquivos da casa dos Krün, não tínhamos mais conseguido nos ver. Eu queria agradecer. Mas sentia uma espécie de pudor, mais do que um constrangimento, que me impediu de dizer a coisa certa no momento certo.

Perdi a chance, como se diz nesses casos.

— Está indo ao mercado?

Mostrei a lista de Annelise.

— Minha esposa teme que o inverno seja longo.

— Ela não está completamente errada.

— Pelo menos tenho uma desculpa para ficar parado gastando combustível.

— Agora vá embora antes que eu lhe dê uma multa. Você está bloqueando o trânsito.

Despedimo-nos com um aperto de mãos e fechei a janela. Estava realmente frio.

Talvez, disse a mim mesmo, enquanto passava pelo guincho que erguia o carro tombado, fosse melhor assim.

Talvez o que eu vira na casa de montanha da família Krün devesse ficar como um não dito, uma daquelas coisas que não faz bem remexer. Não à luz do sol, pelo menos.

De qualquer forma, o Bletterbach era o último dos meus pensamentos naquele 1º de fevereiro. Posso jurar.

Por isso, o que aconteceu me pegou desprevenido.

4.

Saí do supermercado com três sacolas transbordando de cheias, coloquei-as no porta-malas e entrei no carro. Liguei o aquecimento e acendi um cigarro.

Abri a janela apenas o suficiente para não morrer sufocado.

Apoiei a cabeça no assento e fechei um pouco os olhos. Deixei-me embalar pelo ronco do motor e tirei uma soneca. Limpar a casa tinha me cansado mais do que o previsto. O sono não durou muito. A brasa do cigarro lambeu levemente meus dedos e acordei de supetão, xingando. Abri a porta e joguei fora a bituca incandescente.

Eu não a vi desaparecer na neve. Olhei ao redor, desconcertado. Não vi o letreiro luminoso do supermercado, à minha esquerda. Não estava vendo nada. Por um momento pensei que tivesse ficado cego. O céu e a terra eram idênticos.

— Só neve — falei, tentando acalmar as batidas do coração.

O velho tamborzinho tinha começado a dar seus saltos mortais. Levei uma mão ao peito.

— Uma horrível tempestade de neve, nada mais. Fique calmo.

Werner me falara sobre essas tempestades. Elas não eram apenas nevascas. As nevascas estão para as tempestades de neve como os temporais estão para as tempestades autorregenerativas. As tempestades de neve chegam em silêncio e são piores que a névoa.

Elas cegam.

Senti um nó no estômago. Estava tudo branco.

Fechei novamente a porta, ofegante. Eu sabia o que estava para acontecer, mas não queria aceitar. Apesar disso, tive que engolir toda a dose de merda que aquele 1º de fevereiro tinha reservado para mim.

Chegou. Ah, se chegou.

TEPT. Transtorno do estresse pós-traumático.

O sibilo.

A voz da Besta.

Começou como um ruído, uma rádio sintonizada em um canal inativo. Depois de poucos instantes, tornou-se tão concreto quanto o volante em que eu me agarrava com todas as forças. Tentei lutar, controlei a respiração, fiz tudo que os médicos aconselham a quem está para ter um ataque de pânico.

Não adiantou nada.

Paralisia total.

Vá embora.

Aquela voz. E o cheiro dela. O cheiro da Besta. Um cheiro metálico, que deixava uma camada de insensibilidade na boca. Um cheiro antigo. Antigo a ponto de revirar o estômago. Porque a Besta era antiga. Tão antiga que... finalmente gritei.

Com a mão esquerda, encontrei a trava da porta. Joguei-me para fora. Bati o joelho no chão e a dor foi uma bênção.

O sibilo desvaneceu.

Permaneci imóvel, de quatro no asfalto enquanto a neve penetrava aos poucos nas dobras das roupas. O contato gelado me ajudou a recuperar o controle.

Sacudi a cabeça. Sequei as lágrimas. Levantei.

— Estou vivo — falei.

Vivo e no meio de uma tempestade de neve. A visibilidade não chegava a dois metros.

Voltei para o carro. Acendi os faróis. Engatei a marcha e parti sentindo os pneus derraparem.

Ela apareceu do nada.

Estava com a boca escancarada, os braços abertos como Cristo na cruz. Usava um casaco azul totalmente inadequado para aquele frio. Freei a menos de dez centímetros das suas pernas.

Brigitte Pflantz olhou primeiro para mim, depois para o céu.

Em seguida caiu no chão, abruptamente.

5.

Fui logo socorrê-la. Estava tonta, mais pelo álcool que pela queda.

Tive que arrastá-la para dentro do carro; ela não conseguia ficar em pé.

— Brigitte? Está me ouvindo, Brigitte?

A mulher apertou o meu pulso. Os olhos dela estavam febris.

— Casa.

— Tenho que levar você para o hospital.

— Casa — repetiu ela.

— Não acho que seja uma boa ideia. Você precisa de ajuda.

— A única ajuda de que preciso, Salinger, é a ajuda do Senhor. Mas faz tempo que Ele me abandonou. Você pode me ajudar a ficar ereta. Eu mostro o caminho.

Afiveleri o cinto de segurança nela. Partimos.

Brigitte morava em uma velha casa de paredes descascadas. As persianas estavam fora dos trilhos, inchadas pela umidade.

Dentro estava pior ainda. Era a casa de uma alcoólatra no último estágio, disse a mim mesmo assim que Brigitte, depois de lutar com a bolsa, conseguiu enfiar as chaves no buraco da fechadura. Havia garrafas por todo lado. Todos os móveis tinham uma camada de gordura e poeira por cima. O cheiro era o da jaula de um animal.

Acomodei Brigitte no sofá. Só então me dei conta de que a mulher estava vestindo um par de sapatilhas primaveris. Tirei-as com delicadeza. Os pés dela estavam azuis, bem como as mãos e os lábios. Ela batia os dentes. Tinha os olhos amarelados, de quem sofre de icterícia, e as pupilas dilatadas não perdiam nenhum dos meus movimentos. Consegui encontrar por ali umas cobertas manchadas com algo que podia ser vômito seco. Eu já me acostumara ao fedor e fiz pouco caso.

Ajeitei as cobertas sobre ela e comecei a esfregá-la.

— Tem certeza de que não quer que eu chame um médico? — perguntei após um tempo.

— Estou melhor. Pode parar agora. Ou sabe-se lá o que a sua esposa ia dizer.

Deixei as cobertas sobre ela e acendi um cigarro. Então percebi que eu estava molhado de suor. Agora que o medo passara, eu estava com raiva.

Poderia tê-la matado. Então soltei:

— Como diabo lhe dá na cabeça sair vestida assim nesse tempo horrível? Você podia cair morta, porra!

— Eu sou alcoólatra, Salinger. Você não percebeu? — murmurou. — Isso é o que os alcoólatras fazem. Arriscam machucar a si mesmos e os outros.

Ela sorriu.

Foi isso que me pegou. Era um sorriso doce.

— Se quiser beber alguma coisa, fique à vontade — disse ela, seu rosto retomando a cor aos poucos. — Seu único problema vai ser escolher. E obrigada por não ter me atropelado.

— Não adianta nada agradecer — resmunguei.

Brigitte endireitou a coluna, alisando as cobertas como se fossem um vestido de festa.

— Na verdade, adianta, sim. É sempre bom dizer obrigado. Na noite em que Günther morreu, eu deveria ter agradecido a ele, mas não o fiz. Sente-se.

Um chiado insistente nos tímpanos, como se aquelas palavras tivessem me levado a outro nível.

Encontrei uma cadeira quase soterrada de velhos jornais. Liberei-a e me acomodei nela.

— Você sabe que Günther se suicidou? Não foi um acidente de carro. Ele conhecia as estradas de Siebenhoch e dos arredores melhor que ninguém. Poderia encarar aquela curva de olhos fechados. E naquela noite ele não tinha bebido mais que o normal. Eu sei. Eu estava lá. Estava com ele antes que acabasse com a própria vida.

— E por que você queria ter agradecido a ele?

— Ele disse que queria parar com a história do Bletterbach e com o álcool. Porque estava arruinando a minha vida. Ele queria dizer que ia se matar. Mas eu estava bêbada demais para entender. Ele também se sentia culpado por isso, pensava que fosse por causa dele que eu enchia a cara. Ele me amava, sabe?

Ela me encarou, desafiando-me a contradizê-la.

— Foi uma história bonita, a de vocês? — perguntei.

— Não tanto quanto a de Kurt e Evi, não. Nós não éramos nem Kurt nem Evi, infelizmente — zombou ela. — Mas funcionava. A gente se gostava e, quando não bebíamos, havia inclusive momentos em que éramos felizes. Pena que, com o passar dos anos, esses momentos foram se tornando mais raros.

Pode pegar aquela ali, por favor? Estou com sede.

— Melhor não.

— É o meu remédio, Salinger. Dê para mim.

Eu poderia ter me negado. Ter me levantado daquela cadeira bamba e saído sem me despedir. Ela estava melhor, o risco de congelamento havia passado, eu não tinha mais nenhuma responsabilidade em relação a ela. Porém, não fiz isso. Não fui embora.

Como sempre, menti para mim mesmo.

Convenci-me de que eu estava fazendo aquilo por ela. Enquanto eu estivesse lá, enquanto ela sentisse que devia falar, ela evitaria se embriagar. Eu lhe concederia apenas um gole para ela se aquecer. Afinal de contas, ainda estava enrijecida pelo frio.

B de “besteira”.

Mas eu não fiquei para descobrir novos detalhes sobre o massacre do Bletterbach. Fiz isso para afastar a Besta. Se me concentrasse na história do Bletterbach, eu não pensaria em todo aquele branco que a tempestade fizera cair sobre Siebenhoch, nem na velocidade com que a minha mente havia desabado. Um prego para substituir outro prego.

Eu estava com medo. Medo do que tinha me acontecido no estacionamento do supermercado.

E se eu tivesse sofrido aquele ataque ao lado de Annelise? Ela perceberia que eu ainda me negava a tomar os remédios? O que ela teria feito? Teria ido embora como havia ameaçado fazer? E se o ataque, meu Deus, tivesse acontecido na presença de Clara? Como a minha menina teria reagido?

Peguei a garrafa de cerveja que estava sobre a mesa para Brigitte. Ela bebeu tudo em um segundo.

— Você tem nojo de mim, Salinger?

— Sinto muito por você.

— E por qual motivo?

— Porque você tem um grande problema com esse troço.

— Eu estou bem, meu caro. Agora que Günther não está mais aqui, estou realmente bem.

— Vocês não eram apaixonados?

— O amor não é tão simples como nos filmes. Não em Siebenhoch, pelo menos. Eu percebi que estava apaixonada de verdade por Günther quando ele se matou.

Ela explodiu em uma risada gutural, inclinando a cabeça para trás.

— Ele fez aquilo para me salvar, entende? Era isso que ele queria me dizer. Que ia tirar a própria vida porque sabia que estava me matando. E não estou falando só do álcool. Estou falando do massacre. Era com essa história que ele estava me matando. Que ele estava *se* matando. Por isso eu sinto muito não ter agradecido.

Brigitte se levantou, deixando cair as cobertas no chão sujo.

Tropeçando um pouco, ela chegou até um armário de madeira escura. Abriu uma gaveta e deixou cair algumas garrafas vazias. Nem se deu conta disso.

Sentou-se e eu lhe passei as cobertas. Ela as colocou no colo e entregou-me um velho álbum de fotos com capa de couro.

Desde que Max me mostrara os instantâneos tirados no local do crime, eu tinha uma péssima relação com fotografias.

— Pode pegar, não morde.

Peguei o álbum e o apoiei nos joelhos. Demorei um pouco para abri-lo.

— É você?

— *Era* eu — corrigiu-me Brigitte. — Diziam que eu poderia ter sido atriz.

A mulher à minha frente estava a anos-luz de distância do esplendor da jovem loira que me encarava do álbum. A mão na cintura, o olhar provocante. Cabelo comprido e short deixando à mostra um par de pernas que não fariam feio em alguma passarela.

— Essa é de 1983. Eu tinha vinte anos recém-completados. Trabalhava como garçoneite em Aldino. Eu tinha mandado encurtar a saia do uniforme em uma costureira. Poucos centímetros a menos era um ótimo investimento. Os clientes disputavam para ver quem me dava a melhor gorjeta. No fim do expediente, alguns tentavam tirar minha calcinha.

— E conseguiam?

Logo me arrependi da pergunta, que podia ser mal-interpretada em diversos sentidos, mas Brigitte a tomou como um elogio.

— Alguns sim, outros não — respondeu ela, charmosa. — Eu não era uma menina fácil, mas se você fosse muito legal comigo, não tivesse cicatrizes feias no rosto e estivesse com tudo em cima, então, *quem sabe*, você poderia cruzar a linha. E pensar que até os dez anos minha mãe me fez estudar com as freiras. A única coisa que sobrou daquele período são as citações da Bíblia. Se me ouvisse...

Ela deu uma risadinha, tentando beber de uma garrafa já vazia. Fechou a cara.

— Na geladeira deve ter algo gelado — disse, indicando-me uma porta.

O cheiro da cozinha era nauseante. As janelas estavam fechadas e, quando acendi a lâmpada, espantando-me com a luz elétrica ainda ativa, tive a impressão de ver o rabo de um rato desaparecer em um canto da parede. A geladeira roncava, plácida. Dentro dela, além de comida pronta congelada, havia apenas cerveja e destilados.

Peguei uma latinha de Forst e voltei para a sala.

— Beber sozinha é um crime.

— Estou bem assim.

— Trinta anos atrás eu faria você ficar de pau duro só com o olhar, Salinger. E agora você se nega a beber uma cerveja comigo?

— Talvez trinta anos atrás, assim como hoje, eu fosse casado.

— Homem casado é uma lenda — respondeu Brigitte. — Você acha mesmo que nenhum homem casado deu uma passeada por aqui?

— Não duvido.

Meu tom deve ter incomodado Brigitte que, desdenhosa, ordenou que eu virasse a página. Obedeci.

A segunda fotografia retratava Brigitte abraçada a uma moça que não pude deixar de reconhecer. Morena, olhos celestes e sardas no nariz.

Evi.

— Era a minha melhor amiga — explicou Brigitte. — Mesmo que a gente fosse como o dia e a noite. Ela muito doce, adulta, inteligente, e eu... — Sacudiu-se. — Aquela putinha da Brigitte Pflantz.

— Definição sua?

— Definição de Siebenhoch.

— Você se chateava?

— Tinha Evi para me consolar. Éramos inseparáveis de verdade. Eu era filha única e ela tinha apenas Markus, e nós duas queríamos uma irmã. A gente se adotou. Passávamos os dias rindo à toa. Tentávamos ficar o maior tempo possível juntas, ainda que eu tivesse o meu trabalho, e ela, a mãe dela. — Brigitte ficou sombria. — Aquela escrota.

Calou-se.

Esperei.

Brigitte me encarou, depois bebeu da latinha. Deixou escapar um arrote.

— Era uma alcoólatra. E louca. Eu a escutava gritar. Todo mundo a escutava gritar. E sabíamos muito bem que, quando ela ia à cidade, perfumada e reluzente, ia se prostituir.

— Evi sabia disso?

— Pode apostar. Sabia muito bem. O Senhor é minha testemunha. Mas sabe de uma coisa? Nada conseguia roubar o seu sorriso. Parece piada: sua mãe é uma puta alcoólatra de primeira categoria e você ainda tem força para sorrir? Mas Evi era assim. Consequia sempre ver o lado bom das coisas.

— E qual seria?

— Você devia perguntar para ela, eu sou a cópia escarrada daquela escrota da mãe dela. Mas pelo menos eu tive o bom senso de ligar as trompas. Nada de filhos para mim, meu caro. Nem morta. Eu queria ser livre. Brigitte Pflantz pegaria o avião e seria atriz em Hollywood, treparia com os atores mais lindos do planeta e ninguém nunca tentaria mandar nela. Ninguém.

— Nem Günther.

— Günther veio depois. Mas antes de Günther veio Kurt.

— Eu não sabia que você e Kurt... — falei, confuso.

Brigitte parou no ar o gesto de levar a latinha aos lábios.

— Eu não me refiro àquilo. Nunca trepei com Kurt, embora a ideia não me desagradasse; ele era um cara lindo. Loiro, alto, olhos penetrantes. Quis dizer que Evi se apaixonou por Kurt e eu fiquei de fora.

Ela ficou em silêncio, refletindo.

— Como um incêndio no bosque. Basta uma faísca e pega fogo em tudo. Bem assim, para Kurt e Evi foi a mesma coisa. Foi mais ou menos naquela época que nós tiramos essa foto, em 1981. O ano da formatura de Evi e da ida dela para Innsbruck.

— Você gostou da ideia?

— De que ela fosse embora?

— Sim.

— Todo mundo falava de ir embora, ela estava fazendo isso. Eu a admirava.

— E Kurt? Como ele reagiu a isso?

— Ele foi atrás. Acho que isso responde a sua pergunta.

— E você se sentiu deixada de lado? Palavras suas...

— Você suspeita de mim, Salinger?

— Não suspeito de ninguém, não estou brincando de investigador.

— Parece o contrário. E, sim, eu fiquei sentida. Porque aconteceu tudo em pouquíssimo tempo. Em um dia Evi e eu éramos inseparáveis, no dia seguinte ela só falava de Kurt. Kurt isso, Kurt aquilo. Depois começou a me dar bolo. Brigitte havia desaparecido do radar, meu caro. Um incêndio, e salve-se quem puder. A faísca foi acesa no Bletterbach. É estranho o senso de humor do destino, não?

— Parece que sim.

— Você faria a gentileza de pegar um drink para uma senhorita, Salinger? A cerveja acabou.

— Não é meio cedo?

Brigitte deu de ombros.

— A última — falei, ao retornar da cozinha.

— Ou então? Você vai me dar uns tapas na bunda?

— Vou embora.

Brigitte se inclinou na minha direção.

— Não quer que eu lhe fale sobre Kurt e Evi? Tudo gira em torno deles, não?

— Diga você.

— Kurt era cinco anos mais velho que Evi. Era um belo rapaz, tinha uma fila na porta dele. — Seus olhos brilharam em um lampejo de malícia. — Com ou sem aliança no dedo, as mulheres o comiam com os olhos.

— Kurt se aproveitava disso?

— Se sim, ele era bastante esperto para não ser flagrado por ninguém. Mas, de qualquer forma, se você quer saber, ele não era desse tipo. Kurt só tinha olhos para a montanha. Seu exemplo de vida era o pai, Hannes. Queria ser como ele, um socorrista. E foi o que ele fez até se mudar para Innsbruck. Aqueles dois lá eram muito parecidos, ainda que brigassem como cão e gato e tenham acabado não se falando mais. — Ela engoliu a cerveja. — Evi passava muito tempo no Bletterbach. Você sabia que ela estudava Geologia?

— Ouvi dizer.

— Essa paixão dela começou lá, no Bletterbach. Quando tinha tempo livre e eu não estava disponível, ela pegava a mochila e ia lá olhar os fósseis.

— Você não ia junto?

— Com todos aqueles espinhos? Está brincando? Você viu as pernas que eu tinha?

Sorri.

— Nada de espinhos para a Miss Siebenhoch.

— Não havia nada desse tipo no vilarejo, mas aposto que eu ficaria em primeiro lugar. De qualquer modo, foi durante um daqueles passeios que os caminhos de Kurt e Evi se cruzaram. Quer dizer, eles se conheciam, mas até aquele momento nunca tinham se visto de verdade. Faísca. Incêndio. Sabe o que Kurt gostava em Evi? Aquele jeito dela de sempre ver o lado bom das coisas. Kurt era um cara bronco. Igual ao pai dele. Evi, por outro lado, era radiante. Não se podia implicar com ela. E era extremamente inteligente. Veja a última página.

Havia uma pastinha de plástico muito volumosa.

— O que é?

— O meu álbum dos prêmios de Evi. Pode olhar.

Eram em sua maioria recortes de jornal. Às vezes, simples artigos curtos. Evi Baumgartner (aliás: Tognon, observei) ganhou o prêmio por... Merece reconhecimento por... Cientista local...

— Cientista?

— Ela era o mais próximo de um cientista que a gente já tinha visto por aqui — respondeu Brigitte. — Olhe mais à frente. Aí está a prova do que estou dizendo.

Havia alguns pequenos fascículos. Os cabeçalhos eram da universidade de Innsbruck.

— Publicações — explicou ela.

— Mas Evi ainda não tinha terminado a graduação quando... aconteceu.

— Quando foi assassinada, você quer dizer?

Confirmei.

— Eu lhe disse que ela era competente. Brillhante. Os professores dela não demoraram muito para perceber que tinha potencial. Evi apareceu muito pouco em Siebenhoch nos seus últimos três anos de vida. Muitas pesquisas a fazer, muito estudo. Ela teria seguido carreira, pode acreditar.

Brigitte pegou um fascículo dos meus dedos.

— Veja este. É a primeira publicação dela. Ela estava emocionadíssima quando me contou por telefone. Na verdade, para mim foi meio que uma sacanagem, mas ela disse que eu estava sendo maldosa como sempre.

— Por que sacanagem?

— É a contestação das teses de outro pesquisador da universidade. Uma coisa técnica e complicada, mas não é esse o ponto. Para mim era óbvio que

Evi tinha sido manipulada. Foram os professores dela que a convenceram a publicar essas páginas para acabar com aquele estudioso. Não uma ideia dela. Entende o que eu quero dizer?

— Ela foi um bode expiatório.

— Mas não acaba aqui. O cara foi na casa de Kurt e Evi, furioso. Acusou-a pelo golpe, e como. Mas depois de duas horas com Evi, eles se tornaram amigos. Quer dizer, você destrói o meu trabalho e eu me torno o seu melhor amigo? Impossível para todo mundo, mas não para Evi. Porque ela era assim.

Eu estava com a boca seca.

Acabara de encontrar um motivo.

— Lembra o nome do estudioso?

— Não, mas está escrito aí.

Procurei, já sabendo o que ia encontrar.

Oscar Grünwald. O homem do telegrama.

Geht nicht dorthin!

— Parece que você viu um fantasma, Salinger.

— Ainda está valendo a oferta daquela cerveja?

Brigitte indicou a porta da cozinha.

— Uma para você e uma para mim.

Voltei a me sentar e tomei uns goles da garrafa. Depois acendi um cigarro. Refleti um pouco e Brigitte ficou silenciosa me encarando.

— O que foi? — perguntei.

— Você.

— Eu o quê?

— Por que você se interessa por essa história? Não quer mesmo fazer um filme?

— Eu não sou diretor.

— Então por quê?

— Não interessa.

Brigitte soprou entre os dentes, produzindo uma espécie de assobio estridente.

— Sabe com quem você parece?

— Não acho que vou gostar de saber.

— Günther. Você também quer descobrir quem é o assassino.

Não era uma pergunta.

Não houve uma resposta.

— Günther dizia que conhecia diversos segredos sobre o massacre do Bletterbach. Segredos inconfessáveis. Coisas que mandariam Siebenhoch pelos ares. Ele dizia isso quando estava muito, muito bêbado. Uma vez tentei convencê-lo a falar. Eu o fiz se embriagar de propósito. Porque me dava nos nervos todo aquele lero-lero de segredos que nunca eram revelados. Achava uma falta de respeito.

— Falta de respeito?

— Era eu que limpava o vômito dele, que comprava aspirinas para a sua ressaca, que justificava quando ele faltava no trabalho. Era eu que o abraçava quando ele tinha pesadelos. E ele nunca me contou nada. Nada. Quando ele morreu, por alguns dias pensei que fosse homicídio.

— Você quer dizer que alguém podia tê-lo matado para que ele se calasse?

— Sim. Mas era uma ideia estúpida.

— Por que estúpida?

— Ele já estava se matando sozinho. Um pouco de paciência e ele morreria de qualquer forma.

— Tinha você para protegê-lo.

— Mas quem iria me proteger?

Fiquei em silêncio.

— Às vezes ainda penso nisso — retomou ela. — Seria mais heroico, não?

— A voz de Brigitte tremeu. — Günther assassinado quando ia expor a verdade sobre o massacre do Bletterbach.

Ela estava chorando.

— Sinto muito, Brigitte.

Brigitte ergueu a cabeça rapidamente, com os olhos faiscantes.

— Vá embora, Salinger, vá embora e feche a porta.

Eu não queria deixá-la sozinha, não naquelas condições. Mas deixei. Deixei-a sozinha com sua escolta de bebidas alcoólicas e uma legião de demônios.

6.

Lá fora, a tempestade não tinha parado de recobrir Siebenhoch com neve e gelo. Percorri os quilômetros que me separavam de Clara e Annelise dominado por mil pensamentos.

Pouco antes de chegar em casa, parei e desliguei o motor. Peguei o celular e aguardei que da outra parte do oceano Mike me atendesse.

No sétimo toque, a voz dele, sonolenta.

— Salinger? Porra, você sabe que horas são?

— Para você é sempre cedo demais. É loira?

— *Redhead*, sargento — brincou Mike. Escutei-o fechar uma porta. — Então — disse ele, com uma ponta de preocupação na voz. — Como você está passando, parceiro?

— Indo. E você?

Indo significava de mal a pior.

— Mister Smith quer me crucificar, e eu errei os testes de áudio duas vezes seguidas. Parceiro, é sério. Está tudo bem? Está tomando as pílulas mágicas?

— Como você sabe?

— Mike McMellan sempre sabe tudo.

— Você falou com Annelise?

— *Yep*. Estamos preocupados com você, cabeçaço.

Fechei os olhos com força. Não queria me comover.

— Preciso de um favor.

— Annelise me falou que você está fissurado pela história de um homicídio.

— Um massacre — corrija, sem nem mesmo pensar.

— Que seja. É verdade?

— Sim.

Do outro lado do oceano, silêncio. E um rumor que no início eu não consegui definir. Depois compreendi. Mike estava mastigando *nachos*.

— Ela me disse que se eu ousasse ajudar você ela ia me arrancar, sabe...

— Ela seria capaz mesmo de fazer isso.

— Você está tão mal assim, parceiro?

Dessa vez fui eu que fiquei em silêncio.

— Preciso saber.

— Quem cometeu um crime trinta anos atrás? Você enlouqueceu de vez?

— Eu não sou tão idiota — respondi, ainda que parte de mim sugerisse o contrário, sobretudo depois do que Brigitte me contara. — Só quero descobrir se sou capaz. Se eu ainda consigo contar uma história como se deve.

— Mas é óbvio que...

— Não depois do Ortles.

— Caralho, Salinger, você quer que eu massageie o seu ego? Quer que eu diga que você é o melhor escritor da atualidade? Se quiser, eu faço. Pego o avião hoje mesmo e vou aí pôr você na cama, mas saiba que, se é esse o verdadeiro problema, então não sei mais o que esperar de você.

— Você não entende.

Eu o havia ofendido. Soube disso mesmo antes de terminar a frase.

— Porque eu não estava lá, certo? — disse ele.

— Não por isso.

— Você é um babaca, Salinger.

— Se você estivesse no meu lugar, não teria acontecido nada.

— Não é verdade.

Eu havia refletido bastante sobre isso. Noites inteiras.

— Você não teria feito a cagada de descer naquele buraco. A esta hora, *Mountain Angels* seria o novo factuel da empresa McMellan-Salinger, Mister Smith estaria bem contente no seu escritório contando dinheiro, e nós... nós estaríamos pensando na segunda temporada. Ou em fazer um filme.

— A gente está fazendo — murmurou Mike, que eu nunca ouvira tão desanimado.

— Eu odeio esse filme.

Um suspiro.

— Eu também. Mas temos um contrato.

— Eu sei. E agora preste atenção — falei, voltando a fingir uma voz normal —, porque eu preciso da sua ajuda.

— Pode falar.

— Você tem que rastrear todas as informações possíveis sobre uma pessoa.

— Quem é?

— Tem papel e caneta?

— *Por supuesto.*

— Ele se chama Oscar Grünwald. Era pesquisador na Universidade de

Innsbruck, ou algo do gênero. Quero descobrir tudo o que tem para saber.
Solte o 007 que existe em você.

— Salinger?

— Quer que eu soletre?

— Tem certeza de que é uma boa ideia?

— Só faça.

Silêncio.

Depois, a voz de Mike.

— É uma bela história, pelo menos?

Sorri, e pela primeira vez naquela tarde eu fui sincero.

— É magnífica, Mike. Assim que eu tiver um pouco de tempo, conto tudo para você.

— Então que renda bons frutos.

— *Bye, man.*

— Parceiro?

— Diga.

— Tome cuidado.

7.

Clara estava vestida de vermelho. Vermelho-escuro. Vermelho-sangue. Estava com as mãos nas costas, muito pálida, com os lábios roxos. Olhos arregalados e fixos. Eu me agachei, abrindo os braços. Queria que ela viesse até mim, que me abraçasse. Eu queria aquecê-la.

Eu queria me aquecer.

— Por que você não vem aqui, filha?

— Está ouvindo, papai?

Eu não estava ouvindo nada e disse isso a ela.

Clara inclinou a cabeça para mim.

— Por que você está chorando?

— A voz está dizendo que vai vir pegar você. Está dizendo que desta vez... — Clara fungou, a respiração dela subia em nuvenzinhas. Estava frio. Muito frio. — Está dizendo que dessa vez eu também tenho que ir junto.

Eu queria me aproximar. Abraça-la. Consolá-la.

Não conseguia me mexer.

— Cinco letras, papai.

— “Calor”?

— Cinco letras, papai.

Estava com os pés descalços, percebi só naquele momento. Não estavam azuis. Estavam pretos.

Como os de um cadáver.

— Cinco letras, papai.

— Não, filha, *não*.

Clara ergueu a cabeça de supetão. Seu olhar estava vazio.

Ela gritou.

Eu gritei.

8.

Cinco letras. Besta.

O ATELIÊ DO DIABO

I.

Quando bati à porta de Manfred Kagol, era já 5 de fevereiro. A tempestade se tornara apenas uma recordação e, embora o sol não conseguisse penetrar o gelo nem mesmo nas horas mais quentes, era agradável passear ao ar livre.

O idealizador do Centro de Visitantes morava em uma das casas mais antigas e belas de Siebenhoch. A riqueza daquelas construções antigas, porém, não era ostentada; estava nos detalhes. Grades elegantes nas janelas, um murinho que na primavera devia virar uma explosão de glicínias, e por todo lado acabamentos sóbrios, mas muito luxuosos. A única concessão à vaidade, debaixo de um alpendre de ardósia coberto de neve, era uma Mercedes preta de última geração.

Quem me recebeu foi uma mulher de uns cinquenta anos.

— Sra. Kagol?

— Eu sou a governanta. O senhor é Salinger?

— Sim, sou eu. Marquei hora. Desculpe-me pela gafe.

Segui a mulher até uma *Stube*, onde ela me acomodou em uma poltrona de pele. A *Stube* da casa dos Kagol pertencia a um tipo completamente diferente daquele em que Max havia passado a sua infância, e a estufa, embutida na parede, era uma obra de arte da alvenaria. Eu não era um especialista, mas, a julgar pela habilidade com que a maiólica havia sido trabalhada, devia ser resultado das mãos de um grande artesão. Nas paredes revestidas de madeira, as obras entalhadas deviam ter custado uma fortuna. Tudo ali dentro significava dinheiro e poder.

— Peço desculpas por fazê-lo esperar, Sr. Salinger.

O aperto de mão de Manfred foi forte e decidido.

— Posso lhe oferecer algo para beber?

— O que o senhor tomar está bom para mim.

— Sou abstinente — disse Manfred, quase pedindo desculpas. — Pode ser

uma água mineral?

— Claro, água mineral.

A governanta desapareceu.

Quando retornou com dois copos com uma rodela de limão no fundo e um cântaro que me pareceu de cristal puríssimo, Manfred agradeceu e a dispensou. Logo que ficamos sozinhos, com a porta bem fechada, ele serviu a água.

— Dizem que brindar com água dá azar — afirmou, erguendo o copo. — Mas espero que o senhor não seja supersticioso.

— Sou muitas coisas, Sr. Kagol. Mas não supersticioso — respondi, fazendo tilintar o meu copo no dele.

— O senhor me intriga, Salinger. Fale mais sobre isso.

— Sou pai. Marido. Roteirista. E um péssimo esquiador.

Manfred riu educadamente. Alisou os bigodes, pendentes e cinzentos como ferro.

— E está aqui como roteirista, Sr. Salinger?

— Não, estou aqui como escritor.

— Nós recebemos diversos artistas da madeira por essas bandas — afirmou Manfred, indicando algumas obras nas paredes. — Alguns bispos, algumas bruxas, muitos alpinistas e uma infinidade de gente polêmica. Mas escritores? Nem sombra. Estou curioso.

Procurei ser convincente. Eu havia me preparado bem. Tinha tido quatro dias para digerir o que Brigitte havia me contado. Fizera anotações. Sobretudo, eu havia pensado. Tinha criado uma bela historinha para enredar Manfred Kagol. Torcendo para que ele não fosse contar tudo para Werner. Nesse caso, eu me daria mal.

— Como o senhor sabe, estou em Siebenhoch como visitante. Depois do terrível acidente...

— Conheço os detalhes. Sinto muito que tenha lhe acontecido uma tragédia como aquela. Espero que não tenha deixado sequelas.

— No início foi difícil, mas agora estou bem melhor. Tão melhor que estou entediado.

Por pouco Manfred não se engasgou com a água mineral. A sua risada o fez perder a camada de elegância, revelando o que ele deve ter sido antes de ganhar dinheiro.

Um montanhês com grandes ambições.

— De fato — falou, depois de se recompor. — Siebenhoch não é Nova York.

— Mas a tranquilidade de Siebenhoch é o que eu precisava. Além do mais — acrescentei, fingindo um desconforto que eu não sentia de verdade —, foi aqui que eu descobri essa minha... vocação.

— A escrita?

— Sempre achei que os escritores fossem pessoas sérias, Sr. Kagol. Gente com milhões de graduações e cara de CDF. Mas eu acordei um dia e pensei: por que não escrever um livro sobre este lugar? Sobre seus mitos, suas lendas. Uma biografia de Siebenhoch.

— Uma biografia de Siebenhoch? Eu não gostaria de estragar seu entusiasmo, Sr. Salinger, mas já existe um bom número de livros que falam desta região. Não quero parecer presunçoso, mas muitos deles foram financiados pela minha fundação.

Eu esperava uma objeção do gênero.

— Eu li todos eles, Sr. Kagol. Do primeiro ao último. Mas nenhum retratou este lugar como um ser vivo. Como se fosse uma pessoa que nasceu, teve uma infância e depois cresceu.

— Perspectiva interessante, a sua.

— Não é por isso que o senhor leria o meu livro? Curiosidade?

Manfred ergueu o copo.

— É uma ótima ideia. Porém não entendo como eu poderia ajudá-lo. Quer que eu financie a publicação?

— Não, não estou buscando um editor. Nunca coloque o carro na frente dos bois, dizia a minha *Mutti*. Primeiro vou escrever, depois vender.

— Ótima filosofia. Mas eu ainda não...

— Segundo muitas pessoas, o senhor salvou Siebenhoch de uma morte lenta e dolorosa.

— Exagero.

— Mas eu acho que o senhor teve uma intuição excepcional. E não me refiro apenas ao Centro de Visitantes. O senhor manteve vivas as tradições de Siebenhoch. É isso que me interessa.

Os olhos de Manfred brilharam.

Golpeado e derrubado.

Ele assentiu com ímpeto.

— Sem as tradições, o que seria Siebenhoch, Sr. Salinger?

— Um vilarejo turístico como tantos. Com o Bletterbach no lugar das praias. Animadores vestidos de tirolezes e canções nos elevadores. Aí é que está, o senhor é o Krampusmeister. Eu gostaria de começar o livro com o homem que costura a roupa do diabo.

— O homem que costura a roupa do diabo. Gostei. Posso chamá-lo de Jeremiah?

— Como preferir, mas todos me chamam de Salinger. Exceto a minha mãe e Werner.

— Que assim seja, então. Venha comigo, Salinger.

2.

Ele me conduziu ao longo de uma escada íngreme que nos levou ao subsolo. Havia um forte cheiro de resina no ar. Quando acendeu a luz, tudo ficou claro para mim.

Sorri, admirado.

— É aqui que nasce a magia?

— O ateliê do diabo, para parafrasear as suas palavras, Salinger.

Era um cômodo enorme que devia se estender pela planta da casa inteira. A protagonista indiscutível do espaço era uma mesa gigantesca sobre a qual estavam as fantasias amassadas de Krampus, máscaras e diversos tipos de máquina de costura.

Ao longo de todo o perímetro daquela espécie de subterrâneo, havia estantes impressionantes, armários e patamares entulhados com todo tipo de objeto.

— Extraordinário.

— Eu tento usar os materiais tradicionais. Como se vê, aquelas ali são todas tintas naturais. Ferro para o azul, por exemplo. Mercúrio. Prata. Nada que não se possa encontrar aqui ao redor.

— Essas também?

Indiquei um recipiente de vidro cheio de conchas.

— Vou lhe mostrar um dos meus tesouros.

Ele tirou um livro de um armário. Parecia antigo. Notei que cada página estava protegida por uma camada de celofane.

— O que é?

— As anotações de um professor de escola. De 1874. Foi mandado a Siebenhoch pelo Kaiser. O Império Austro-húngaro fazia questão de educar seus cidadãos. O sonho dos Habsburg era construir uma monarquia iluminada em que ninguém fosse analfabeto e tudo funcionasse perfeitamente. *Her* Weger viveu aqui por cinquenta anos. Casou-se com uma moça local e o senhor pode encontrar o túmulo dele atrás da igreja, uma simples cruz de ferro, como ele havia pedido no seu testamento.

— Weger... — falei. — Não me parece que ainda exista algum Weger em Siebenhoch.

— Ele teve um filho, mas morreu de difteria. Uma história triste. Weger

não merecia isso. Era uma pessoa inteligente e com ideias bastante avançadas para a sua época. Aqui está a prova. — Ele tocou com o indicador na capa do livro. — No fim do século XIX, a Europa estava totalmente imersa pelo Positivismo. Dizia-se que a ciência resolveria qualquer problema. Uma espécie de Iluminismo elevado à enésima potência. Em todos os lugares se construíam fábricas, linhas férreas. Logo chegaria a luz elétrica em todas as estradas. Os Habsburg estavam entusiasmados pelos escritos dos grandes pensadores da época, e Weger também os tinha estudado. Mas depois ele os deixou de lado.

— Por quê?

Embora eu tivesse me apresentado na casa de Kagol com o objetivo de extrair informações sobre o irmão falecido do homem mais rico de Siebenhoch, aquela história me fascinava.

— Porque ele havia compreendido que certas coisas não se pode e não se deve eliminar.

— Por exemplo?

Manfred abriu os braços em um gesto que queria abarcar todo o seu ateliê.

— As antigas tradições. Muitos tentaram erradicá-las, Salinger. Primeiro a Igreja Católica, depois os iluministas, Napoleão, e por fim os Habsburg. Mas um simples professor de escola tinha se dado conta de que, se as antigas tradições desaparecessem, não se perderiam apenas algumas vestimentas estranhas ou alguns provérbios: morreria a alma do povo. Então ele começou a escrever isto.

Mostrou-me algumas páginas. Weger tinha uma escrita elegante e densa. Um alemão polido cheio de palavras que eu não consegui traduzir. Mas, sobretudo, aquele genial professor de escola demonstrava ser um artista frustrado.

— Essas ilustrações são extraordinárias.

— Precisas como fotografias, não é verdade? Mas Weger não se limitou apenas a transcrever velhas fábulas ou a desenhar vestes tradicionais. Ele começou a colecioná-las.

Manfred me conduziu para o fundo do salão.

— Naturalmente — explicou ele, abrindo um grande armário na parede —, não são originais. São reproduções muito fiéis. Os mesmos tecidos, os mesmos adornos. Como se vê — acrescentou, fazendo tilintar um cinturão entalhado —, isto aqui são conchas.

Eu estava fascinado.

— Aquelas ali também são cópias?

— São verdadeiras. Eu comprei com meu próprio dinheiro.

Eram máscaras de Krampus. Manfred colocou luvas de látex e as depositou com cuidado sobre a mesa, para mostrá-las à luz crua do néon.

— Esta é a mais antiga. Segundo se estima, deve remontar ao final do século XIV. Extraordinária, não acha?

Eu não conseguia parar de olhá-la.

— É uma obra-prima.

— Dá medo?

— Para dizer a verdade, não. Eu definiria mais como curiosa, divertida. Certamente não é assustadora.

— Porque as coisas mudam, Salinger. As pessoas modificam o próprio conceito de horrível de acordo com o decorrer da História e da mudança dos hábitos. Mas, na época, pode acreditar, esta máscara devia causar muito medo.

— Nada de cinema. Nada de televisão e nada de Stephen King.

— Só a Bíblia mal traduzida e compreendida pior ainda. E longas noites de inverno.

— Com o Bletterbach atrás de casa — murmurei.

Nem me dei conta de ter dito isso. Eu estava hipnotizado pela máscara do Krampus. Por aqueles olhos vazios, principalmente.

— Tem medo do Bletterbach?

— Posso ser sincero?

— Por favor — respondeu Manfred, recolocando os seus tesouros em local seguro.

— Eu acho assustador. Um cemitério pré-histórico.

Manfred se virou para mim, encarando-me.

— Não são palavras suas, verdade?

— De fato, não — respondi, constrangido. — Mas eu as considero muito adequadas. São de Verena, a esposa de...

— A esposa do Chefe Krün. Ela também estava citando outro.

— Mesmo?

Manfred suspirou.

— Não são coisas que devemos falar aqui, Salinger. Péssimas lembranças. Eu preferiria continuar a nossa conversa à luz do sol, se não se importar.

3.

Manfred examinava uma fotografia, uma tomada aérea do Bletterbach, pendurada ao lado de uma cabeça de cervo entalhada em madeira de pinho.

— Percebe algo de estranho nesta imagem, Salinger?

— Falta o Centro.

— Exato. Sabe quem tirou esta?

— Não.

— A mesma pessoa que chamava o Bletterbach de “cemitério pré-histórico”.

— O seu irmão Günther?

— Ele mesmo. Estava a bordo do Alouette do Socorro. Deu essa foto para mim de presente de aniversário. Dizia que só um idiota como eu podia pensar em fazer dinheiro com aquele lugar horroroso. Estava convencido de que ninguém podia gostar do Bletterbach.

— Estava enganado.

— Muitos se enganaram, na época. Mas eu tinha certeza. Estava convencido. — Virou-se para mim e, nos seus olhos, vi uma determinação que poucas vezes tivera oportunidade de ver na vida. — Eu sabia que ia funcionar. A questão não era se as pessoas se interessariam pelo Bletterbach, mas se seria eu a conseguir pegar aquele tesouro.

— Acho que não entendi.

— O turismo estava estourando em todos os cantos. No Vale de Aosta, na Suíça. Na Áustria. Só aqui que ninguém tinha se dado conta, porque todos estavam ocupados demais colocando bombas ou pedindo leis especiais. Mas, cedo ou tarde, alguém também teria essa ideia.

— E o senhor queria ser o primeiro.

— Eu queria o Bletterbach, Salinger. Eu sentia que era o homem certo no momento certo.

— O tempo lhe deu razão.

Satisfeito, Manfred concordou.

— É o que dizem, sim. O tempo me deu razão. A minha família não era rica. Ninguém em Siebenhoch era rico. Não naquela época, pelo menos. Os jovens estavam indo embora, os velhos só reclamavam, e os adultos? Iam embora ou reclamavam porque não conseguiam ir embora. A minha família

tinha quatro vacas. Quatro. Talvez o senhor devesse começar assim o seu livro, com quatro vacas. Porque foi daquelas quatro vacas que começou a história do renascimento de Siebenhoch.

— Por favor, me explique.

— Não há muito o que explicar. Meu pai morreu e eu herdei tudo.

— E Günther?

— É a lei do primogênito. O primeiro filho herda tudo, mas deve prover e dar a metade do valor da propriedade ao segundo filho, em dinheiro. A metade — disse ele —, ou um terço ou um quarto, de acordo com o número de irmãos. O importante era que a terra e as posses não fossem divididas.

— Por quê?

— Porque dividir o terreno estéril do Alto Ádige significava destruir uma família. Fazê-la passar fome, ou pior. Quando meu pai morreu, eu vendi as vacas. Günther não se incomodou. Disse que eu tinha todo o tempo do mundo para lhe dar a parte que lhe cabia. Ele pensava que eu era louco, mas confiava na minha capacidade. O que arrecadei na venda das vacas investi na minha primeira empresa. Uma empresa de construção.

— Para construir o Centro de Visitantes?

— Isso já existia na minha cabeça, mas não foi a minha primeira obra. As bases do Centro só foram escavadas em 1990. A Kagol EdilBau nasceu em 1982, no dia do meu trigésimo aniversário, data que escolhi porque eu era jovem e idealista e me parecia uma coisa muito... simbólica. Mas deu sorte, de qualquer maneira. A primeira encomenda da Kagol EdilBau foi a reforma do teto de um aviário, em Aldino. Eu estava enfiado na merda de galinha até o último fio de cabelo, mas acredite, estava radiante.

— Quatro vacas e um saco de adubo. Eu poderia usar como título.

— Seria maravilhoso, mas temo que venderia poucos exemplares.

— Günther trabalhava com o senhor?

Manfred ficou sério.

— É a segunda vez que você traz meu irmão para a conversa, Salinger. Por quê?

— Sou curioso. — Escolhi as palavras como se estivesse pisando em ovos.

— Além do mais, a julgar pelo que ouvi dizer, Günther faz falta a muita gente na cidade.

Manfred pareceu surpreso.

— Mesmo?

— Falaram muito dele para mim.

— Em relação ao alcoolismo? — perguntou ele, sem que o seu rosto exibisse qualquer expressão.

— Em relação aos homicídios no Bletterbach.

— Quer escrever sobre essa história?

— Acho que não — respondi sem pensar. — Talvez alguma menção para dar um ar um pouco amaldiçoado ao Bletterbach.

— Não sei se essa ideia me agrada, Salinger.

— O livro vai falar do vilarejo, e esse acontecimento faz parte da história daqui.

Manfred concordou, embora em seus olhos houvesse uma sombra de suspeita.

— Aconteceram muitas coisas horríveis, naquele dia. E nos dias seguintes.

— Werner me contou. Ele próprio foi embora.

— Com toda a pressa, sim. Uma noite ele decidiu e foi. Assim me disseram.

— O senhor não estava aqui?

— Eu estava fora do vilarejo.

— Negócios? — pressionei.

— Em 1985, a Kagol EdilBau se tornara a Kagol EdilBau Srl. Eu tinha um escritório em Rovereto, vivia viajando por todo o norte da Itália. Tinha canteiros de obra abertos em Friuli, no Vêneto, e estava para concluir um negócio muito importante em Tirol. A construção de uma estrutura de esqui. Eu já não estava mais sozinho. No ano anterior tinha contratado, além dos funcionários administrativos usuais, dois jovens arquitetos com ideias muito inovadoras. Um deles ainda trabalha para mim, o outro emigrou para a Alemanha. Projetou muitos estádios e um arranha-céu nos Emirados Árabes.

— Caramba — comentei.

— Em 1985 eu quase não apareci em Siebenhoch. Nem nos anos seguintes. Eu vinha ao vilarejo nos feriados, e mesmo nesses momentos não estava de fato presente. — Suspirou. — O senhor tem arrependimentos, Salinger?

— Muitos.

— Então vai entender por que eu sou tão hostil à ideia de ver escrita aquela história horrível.

— Sem problema — respondi. — Eu estou interessado nos Krampus e nas

lendas. O resto é contexto. Posso deixar aquilo para lá. Não quero perturbar ninguém com um livro que, se me conheço, nem sequer vou ter a capacidade de concluir.

— Posso me redimir?

— Só se me deixar fumar aqui dentro.

Manfred abriu uma janela.

— Eu o acompanharia com o maior prazer, Salinger, mas parei.

Fomos interrompidos por um raspar súbito na porta. Manfred prestou atenção.

Eram os cachorros dele. Dois dobermanns que me cheiraram e depois foram fazer festa para o dono. Manfred correspondeu ao afeto deles com amor sincero.

— Ulisse e Telemaco.

— Nomes importantes.

— Eles são tudo que eu tenho.

— Nenhuma família?

— Tenho a empresa. Tenho o Centro de Visitantes. Três hotéis, dos quais dois em Siebenhoch, e sou o Krampusmeister. Mas nenhum filho. Nenhuma família. Eu não tinha tempo.

— Por causa do trabalho?

Manfred acariciou novamente a cabeça dos dois dobermanns, deitados a seus pés.

— O trabalho, sim. O que me fez perder inclusive Günther.

Manfred se apoiou no espaldar da poltrona. Bebeu um copo de água enquanto eu saboreava a fumaça do Marlboro.

O frio proveniente da janela entorpecera metade do meu rosto.

— Apesar da distância, eu estava ciente de tudo que acontecia no vilarejo. Eu sabia de Günther e do seu problema.

— O álcool?

— Sim, mas Günther era... — Manfred assumiu um tom sombrio. — Um fraco. Parece mesquinho? Por favor, não minta.

— Sim, parece.

— Ele era meu irmão, mas para mim era uma vergonha. Eu era a prova de que era possível realizar os próprios sonhos, apenas usando a força de vontade. Eu tinha transformado quatro vacas em um império que crescia dia a dia. Cheguei a faturar números de nove dígitos, Salinger. Os políticos vinham

puxar meu saco dia sim, dia não. Eu atraía inveja como se fosse uma bela merda no meio de um bando de moscas. Mas eu espantava as moscas. Bastava uma palavra minha e uma empresa de transporte perdia metade das encomendas, bastava um sinal meu e as empresas de material de construção desabavam como castelos de areia. Eu tinha ideias inovadoras, e essas ideias davam frutos. O mundo era meu. — Ele me mostrou a mão fechada em punho. — Günther, por sua vez, era um fraco. Como nosso pai. Ele também bebia como uma esponja. Morreu de cirrose hepática.

— Mas Günther tinha visto aquele...

— Aquele massacre? E daí? — interrompeu-me Manfred, com desprezo. — Sabe quantos operários mortos eu vi ao longo da minha carreira? Pedreiros esmagados por toneladas de cimento ou caídos dos andaimes, técnicos destroçados por explosivos. Uma infinidade de mortos. Mas você acha que eu comecei a beber e a sentir pena de mim mesmo?

— Talvez Günther não fosse como o senhor.

Manfred suspirou.

— Günther não era como eu, não. Era sensível demais. Grande e forte como um urso, com um linguajar que faria a nossa pobre mãe desmaiar, mas tinha um coração de ouro. Só entendi isso depois, quando a euforia daqueles anos passou. Para mim, os anos 1980 e 1990 foram uma espécie de festa em que eu trabalhava dezoito horas por dia, sete dias por semana. Sem nunca me concentrar nas coisas importantes.

— Coisas como família?

— E Günther. Muitas vezes eu dizia que era filho único. A morte dele não era nada além do epílogo digno de uma vida desperdiçada. Um bebum a menos, falei para mim mesmo, e voltei a assinar contratos, verificar projetos e deixar assessores puxarem o meu saco como se nada tivesse acontecido. Mas bem no fundo a gente era parecido, Günther e eu.

— Por que você diz isso?

— Porque Günther tinha o álcool e eu tinha o trabalho. Era a minha droga. E quando eu comecei a reduzir, passei a olhar para trás. E a pensar de novo em Günther. Percebi que tinha me comportado como um babaca. Comecei a me perguntar se eu teria conseguido salvá-lo.

— De que forma?

Manfred me olhou como se eu tivesse acabado de desembarcar de Marte.

— Eu era e sou rico, Salinger. Poderia ter levado Günther a alguma clínica

especializada para que ele ficasse limpo, poderia ter lhe pagado uma viagem ao redor do mundo, com putas à vontade. Eu poderia ter comprado tudo que fosse necessário para tirar da cabeça dele aquele demônio. Em vez disso, eu o deixei sozinho. Aqui. Esta é a casa em que nós crescemos e onde Günther morava. Eu a reformei quase toda.

— Quase?

— Quando compreendi o que tinha feito a Günther, fiquei louco. Não sei por quê, mas impliquei com essas paredes. Eu queria demolir tudo. Mas era a minha casa. A nossa casa. Então decidi reformá-la de cima a baixo. Porém, não tive coragem de tocar no quarto dele, que permaneceu exatamente como ele o deixou na última vez em que esteve lá.

— Eu não sou um especialista, mas isso me parece uma grande loucura — confessei.

— Às vezes eu também acho isso. Quer ver o quarto?

Fui com ele até o andar de cima.

Enquanto o restante da casa dos Kagol era mobiliado com cuidado e com móveis de grande valor, o quarto que Manfred me mostrou tinha o aspecto de um casebre.

As tábuas na parede estavam pretas de fuligem, a cama estava destruída por cupins e as janelas eram de um vidro opaco, que quase não deixava passar a luz do sol.

Havia uma garrafa sobre o criado-mudo ao lado da cama desarrumada. E debaixo da garrafa havia duas notas de mil liras.

— O que me diz, Salinger?

Ele ia acrescentar algo, mas uma voz o interrompeu. Era a governanta. Um telefonema urgente de Berlim. Manfred resmungou:

— Negócios.

Desculpou-se e desceu os degraus de dois em dois.

Fiquei sozinho diante daquela espécie de máquina do tempo. Impossível resistir. Embora eu ouvisse a voz de Manfred em um murmúrio distante, atravessei a porta do quarto de Günther.

4.

O que eu estava fazendo era errado. Em certo sentido, tratava-se de uma profanação. Eu estava mexendo nos armários (e debaixo da cama e do criado-mudo...) de um homem morto havia mais de vinte anos. Um homem que tivera uma vida breve e desgraçada. Günther não merecia o que eu estava fazendo.

O pensamento não me parou nem sequer por um instante.

Eu tinha apenas aquela chance de conseguir verificar se o que Brigitte me contara tinha ou não um fundo de verdade. Eu me iludira achando que bater um papo com Manfred me daria alguma nova informação. Mas Manfred não dissera nada que pudesse esclarecer minhas dúvidas.

Eu ofegava enquanto meus dedos se moviam velozes entre sapatos furados, remédios vencidos, pijamas, roupas de baixo. Havia inclusive um espelho, mas preferi não ver meu reflexo. Procurei, o tempo estava passando rápido.

Um segundo. Dois segundos, três segundos...

Rápido. *Rápido.*

Se de fato Günther tinha alguns suspeitos, era ali, naquele tesouro inesperado, que eu encontraria os indícios certos. Eu sentia isso, assim como sentia a poeira de décadas irritar minhas narinas. Tentei nos bolsos dos casacos e também nos das calças. Entre receitas médicas e cartões-postais. Procurei em duas mochilas de montanhismo. Procurei em um saco de dormir devorado por traças. Procurei em cada maldito buraco daquele quarto. Sem achar nada além de velhas contas, lencinhos sujos e algumas moedas fora de circulação. Eu estava molhado de suor.

Então eu a vi.

Dentro de um armário. Uma caixinha de música. Parecia vibrar, de tão promissora. Peguei-a, prendendo a respiração.

Parei e aguicei o ouvido. A voz de Manfred, monótona, continuava vindo do fundo da escada.

Mexa-se.

Virei a caixinha de música, encontrando o lugar das pilhas. Abri com as unhas. Foi uma precaução totalmente inútil: o ácido das pilhas tinha vazado, transformando-as em pequenas esponjas com um cheiro acre que ardia as narinas. Nenhuma melodia trairia o que eu estava fazendo.

Isto é, profanar a tumba de Günther Kagol.

Abri. Emitiu um chiado e nada mais. Dentro, estavam guardados alguns papéis datilografados com aparência oficial. Desdobrei-os e tentei ler. Havia carimbos e algumas manchas circulares. *Cerveja*, pensei. *Ou talvez lágrimas*.

Li.

Perdi o fôlego.

Foram os cachorros que me salvaram.

Ouvi os latidos e depois a voz de Manfred, que os tranquilizava. Coloquei os papéis no bolso, guardei a caixinha de música, fechei o armário e fingi que estava interessado na moldura da janela.

— É chumbo, certo?

Esperei que ele não percebesse minha respiração ofegante.

— Como se fazia antigamente — respondi.

Ele me encarou, alisando os bigodes.

— Quer me fazer alguma outra pergunta ou...?

— Eu já abusei da sua hospitalidade por tempo demais, Manfred. Gostaria de fotografar o seu laboratório um dia desses. Se o senhor não se importar.

— Com todo prazer. Mas eu queria dizer... — disse ele, deixando seu olhar completar frase.

— Nada de Bletterbach. Que os mortos descansem em paz.

As folhas datilografadas queimavam nos bolsos da minha calça.

5.

Os minutos seguintes que passei na companhia de Manfred desapareceram da minha memória. Foram apagados. Recordo apenas a ansiedade por sair de lá e me debruçar sobre meu tesouro.

Quatro páginas. O papel era amarelo e se desmanchava entre os dedos. A data anotada embaixo era 7 de abril de 1985. Vinte e um dias antes do massacre.

Reli de uma vez só. Depois de novo. Não conseguia acreditar no que Günther havia descoberto. Por um segundo, coloquei-me no lugar dele e o que senti foi indescritível. Compreendi por que ele havia se matado de tanto beber.

Aquelas folhas datilografadas eram um parecer de risco hidrogeológico. Uma perícia que, em poucas linhas, com alguns gráficos e diversas referências a mapas cadastrais, demonstrava como a construção do Centro de Visitantes do Bletterbach não só era danosa ao ecossistema da garganta, mas também era perigosa.

As bases do Centro de Visitantes haviam sido escavadas em 1990, cinco anos depois que uma jovem estudiosa de geologia, escrevendo aquelas quatro páginas, fizera um adversário que nem mesmo o seu sorriso conseguiria conquistar. A assinatura no fim daquele documento, que dava parecer contrário à construção do Centro de Visitantes do Bletterbach, de fato, era a de Evi.

Eu ainda conseguia ouvir o tom de desprezo com que Manfred falara de Günther. Mas um homem que se negava a aceitar o alcoolismo do irmão seria também um assassino?

Talvez não, eu dizia a mim mesmo enquanto relia o parecer pela enésima vez.

No entanto, Manfred Kagol havia mostrado ao mundo inteiro que ele era alguém com quem era melhor não brincar. Sobretudo naquela época. Para usar suas próprias palavras, Günther tinha o álcool e ele, o trabalho.

Mas havia muito mais por trás dele. Aquelas quatro vacas de que ele se orgulhava tanto não eram apenas quatro animais deixados como herança por um pai beerrão. Eram um símbolo. O símbolo da sua ascensão social. O Centro de Visitantes, por outro lado, era o sinal concreto do seu triunfo.

JAEKELOPTERUS RHENANIAE

I.

Na manhã seguinte, atualizei o arquivo no laptop escrevendo tudo o que eu havia descoberto, anexando uma reprodução escaneada do documento assinado por Evi e colocando ali todas as hipóteses, as perguntas e as pistas a seguir que me vinham à mente.

Eram muitas.

Depois fiz uma longa caminhada, no frio, esperando que um pouco de movimento me ajudasse a afastar aquela sensação de ameaça iminente. Não funcionou. No almoço, belisquei aqui e ali e respondi com monossílabos as perguntas de Annelise até que ela, aborrecida, parou de falar.

Eu só pensava no parecer de Evi. Com aquelas poucas páginas, ela havia paralisado as obras do Centro de Visitantes por cinco anos. Diante da concorrência, no campo do turismo cinco anos são longos como eras geológicas.

Pensei também que, se Evi não tivesse sido assassinada em 28 de abril de 1985 e tivesse podido continuar sua batalha pela preservação do Bletterbach, ao qual era evidentemente muito afeiçãoada (não havia sido ali, por acaso, como me confidenciara Brigitte, que tinha desabrochado seu amor por Kurt? Não era ali que Evi encontrava paz quando a mãe tinha suas crises de raiva?), talvez o Centro de Manfred Kagol ainda fosse um projeto na mente do seu idealizador.

Nada de Centro, nada de grana.

Dinheiro.

Um belo motivo, tão antigo quanto a humanidade. No fim das contas, até Roma fora edificada a partir da cena de um crime.

Rômulo que mata Remo por uma questão banal de limites territoriais.

— Papai?

Não ergui a cabeça do prato para responder.

— Oi, filha.

— Sabia que os escorpiões não são insetos?

— Como?

— Os escorpiões não são insetos. Sabia?

— É mesmo?

Clara confirmou.

— São aranhas! — exclamou, empolgada com aquela descoberta. —
Disseram na TV.

Eu nem a escutei.

— Coma as batatas, querida — resmunguei.

Clara ficou emburrada. Não notei. Estava ocupado demais seguindo minha linha de raciocínio.

É possível matar por dinheiro?

Tentei calcular quanto o Centro de Visitantes podia faturar por ano. Se as estatísticas que eu havia encontrado on-line não mentiam, o número de turistas que todo ano pagavam a entrada girava em torno de sessenta e cem mil. Uma bela cifra, da qual eram tiradas as despesas para a administração, a manutenção e todo o resto. Porém o fluxo de dinheiro não vinha apenas dali. Porque pelo menos metade dos visitantes que abria a carteira para admirar o cânion dolomítico se hospedava nos hotéis de Siebenhoch.

E também em Siebenhoch eles comiam, compravam suvenires, produtos de primeira necessidade e tudo o mais.

— Papai?

— Diga, meu bem — respondi.

— O que nós vamos fazer hoje de tarde?

Esforcei-me para engolir um pouco do picadinho, só para deixar Annelise contente. Estava ótimo, mas eu sentia o estômago embrulhado. Ainda com aquela sensação sob a pele.

— Não sei, filha.

— Vamos andar de trenó?

Na minha mente, o dinheiro que girava em torno do Centro de Visitantes se transformava em um rio de ouro.

— Vamos.

Quem era o principal beneficiário daquela fortuna? A comunidade, mas sobretudo Manfred Kagol. O homem que tinha vendido quatro vacas para se tornar... o quê?

— Promete?

Baguncei o cabelo dela.

— Prometo.

Quatro vacas e o teto de um galinheiro como trampolim para se tornar o dono de Siebenhoch, no fim das contas. Era seu o Centro de Visitantes, eram seus os dois principais hotéis do vilarejo.

Era sua a maior fatia do lucro.

Manfred Kagol.

Tirei a mesa. Depois me afundei na minha poltrona preferida. Liguei a televisão. Meus olhos viam, o cérebro não registrava.

Clara me seguiu como um cachorrinho, o focinho voltado para mim.

— Papai?

— Diga, cinco letras.

— No que você está pensando?

— Estou vendo o jornal.

— Acabou, cinco letras com i no final.

Era verdade.

Sorri.

— Acho que o cinco letras com i no final precisa refrescar as ideias.

— Vamos brincar de trenó?

Balancei a cabeça.

— Depois.

— Quando?

— Antes eu tenho que fazer uma coisa.

— Mas você prometeu!

— Só umas duas horas, nada mais.

Levantei-me.

— Aonde você vai?

— Vou dar um pulo em Bolzano. Quando eu voltar, andamos de trenó, ok?

2.

Eu precisava de provas. E o único lugar em que podia encontrá-las era no cartório. Ali eu conseguiria reconstruir a história do Centro de Visitantes.

Depois?

Depois, pensei pouco antes de o telefone tocar, eu daria um jeito.

3.

— Acordei você, parceiro?

— São duas da tarde e eu estou dirigindo.

— Sempre me confundo com o fuso horário.

— Fez os deveres de casa, Mike?

A ligação estava muito ruim. A voz de Mike chegava entrecortada.

Xinguei.

Por sorte percebi a saída para um posto de gasolina. Liguei a seta, encontrei um espaço livre e estacionei. Desliguei o viva-voz e coloquei o celular no ouvido.

— Primeira premissa. Foi um trabalhão. Segunda premissa. É uma confusão. Em que tipo de situação você se meteu?

Acendi o isqueiro e aspirei a primeira tragada de cigarro da tarde. O fumo me fez tossir um pouco.

— Uma história estranha.

— Começo pela conclusão. Grünwald. Não se sabe que fim ele teve. Desapareceu, da noite para o dia.

— Em que período? Em 1985?

— Abril ou talvez maio de 1985.

— O que significa abril ou talvez maio? Pode ser mais preciso?

A voz de Mike ficou estridente.

— Mas por que você não faz isso sozinho, se é tão bom em criticar o trabalho dos outros?

— Porque você é um gênio, Mike. E eu, um humilde escrevinhador.

— Continue.

— E você é a única pessoa no mundo que pode me ajudar a tirar vantagem disso.

— E?

— Chega, não sou uma atendente de chat erótico.

— Se você fosse uma atendente de chat erótico eu economizaria: tem ideia de quanto custa uma ligação intercontinental?

— De qualquer forma você está usando o telefone do canal, certo?

— Quer que eu leia o horóscopo para você, já que estamos nessa?

— Quero que você comece a contar. Abril ou maio de 1985.

— Oscar Grünwald desaparece. Ele devia fazer uma conferência em Ingolstadt, que é um lugar na...

— ... Alemanha.

— Mas não deu as caras. A conferência era em 7 de maio, para ser exato. Para o lugar dele foi chamado um certo doutor Van Der Velt, holandês. A julgar pelas credenciais desse Van Der Velt, o pessoal saiu ganhando. Grünwald estava difamado, Salinger.

— O que quer dizer com “difamado”?

Enquanto Mike falava, eu tinha encontrado um bloco de notas e uma caneta no porta-luvas. Apoiei o bloco na coxa e comecei a rabiscar.

— Quero dizer que as universidades tinham começado a negar verbas para ele.

— Diga algo que eu não sei.

— O fim da credibilidade acadêmica de Grünwald começou em 1983. Aconteceram muitos ataques da parte das universidades.

— Innsbruck?

— Innsbruck, Viena. Duas publicações da universidade de Berlim e uma da universidade de Verona.

— Como assim?

— A pergunta é outra. Quem era realmente Oscar Grünwald?

— Um geólogo e um paleontólogo — respondi.

— Correto, mas reducionista. Oscar Grünwald — a voz de Mike havia tomado a cadência tediosa de quem está lendo, e fiz o meu melhor para transcrever tudo o que ele me disse — nasceu na Caríntia, em um subúrbio de Kla...

— Klagenfurt.

— Isso. Em 18 de novembro de 1949.

— Em 1985 ele tinha trinta e seis anos.

— Trinta e seis anos, duas graduações e um doutorado. Paleobiologia. Um cara competente, eu diria.

— Competente?

— Um gênio, eu acho.

— O que você sabe sobre geologia e paleontologia?

— Estudei um pouco nesses dias. A verdadeira pergunta é: você, o que sabe?

— Sei que a geologia é o estudo das rochas e a paleontologia estuda os

fósseis.

— Já ouviu falar do Permiano?

— É o período das grandes extinções, certo?

E era também o estrato mais profundo do Bletterbach. As peças do quebra-cabeça começavam a se encaixar.

— O Permiano remonta de duzentos e cinquenta a duzentos e noventa milhões de anos atrás. Naquele período houve a maior extinção em massa da história do planeta. Quase cinquenta por cento das espécies vivas desapareceram. Cinquenta por cento, Salinger. Você não sente arrepios?

— Tantos que posso passar um pouco deles para você.

— Existem muitas teorias sobre isso. Aumento da radiação cósmica, que é como dizer que eles acabaram como hambúrgueres em um gigantesco forno micro-ondas, diminuição da produtividade dos mares, inversão dos polos magnéticos, aumento da salinidade dos oceanos, diminuição do oxigênio, aumento do ácido sulfídrico na atmosfera causado por bactérias que fizeram o trabalho sujo. E, por fim, tem a minha preferida, a que todos conhecem.

— O asteroide?

— Uma gigantesca, maravilhosa, apocalíptica bola de boliche que acertou o planeta ameaçando dividi-lo em dois. Hollywood à enésima potência. E sem dublês, parceiro. Mas Grünwald se encheu bem rápido desses estudos.

— Por quê? Você conseguiu entender? — perguntei.

— A crônica falta de verbas que desde sempre aflige a categoria de grandes cérebros como ele. Grünwald não era do tipo que se contentava em ficar sentado formulando teorias.

— Queria provas.

— Só que, na paleontologia, buscar provas é um tantinho caro. Ninguém lhe dava dinheiro suficiente para organizar suas pesquisas. Eu sei que não devia dizer isso, visto que ele é um cara que nem sequer conheço, mas simpatizei com ele. Quem é que não gosta dos loucos? Só que ele deveria ser roteirista, e não cientista, pode acreditar.

— Por quê?

— Todos que estudavam o Permiano se perguntavam: bola de fogo ou terremoto? Micro-organismos flatulentos ou vulcões ativos? Grünwald, por sua vez, fez uma pergunta muito mais interessante. Por que alguns sobreviveram e outros não? Genética? Sorte? E assim chegamos à teoria dos nichos ecológicos. Isto é, a teoria que desgraçou a vida dele.

— Que diabo é isso?

— Lugares físicos em que as condições apocalípticas do Permiano chegaram em uma versão, digamos, mais suave, permitindo que as espécies vivas escapassem daquele cataclismo. Ele foi massacrado.

— Por quê?

— Segundo a hipótese de Grünwald, ainda poderiam existir alguns lugares onde era plausível a existência de exemplares biológicos não evoluídos que haviam sobrevivido às grandes extinções de massa...

— Sobrevivido, mas não evoluído? Nos dias de hoje? *Jurassic Park* sem aquela coisa dos sapos e do DNA?

— Isso mesmo. — Eu imaginava ele balançando a cabeça, desconsolado.

— Ele tinha uma posição como pesquisador em Innsbruck e o bombardearam. Ninguém queria saber dele. Nada de artigos nem de livros.

— Como ele ganhava dinheiro para sobreviver?

— Era geólogo. Organizava viagens sobre os Andes, onde tinha alguns contatos com a população local. Era também consultor, mas não rejeitava ganhar alguma grana como guia turístico ou vendedor ambulante. Ele se virava com o que aparecia. Depois, em 1985, ele some.

— E ninguém o procurou?

— Que eu saiba, não — foi a resposta, seca, de Mike.

Pensei em Brigitte. No álbum de triunfos de Evi.

— Evi Baumgartner — murmurei.

— Como?

— Evi Baumgartner — repeti, observando uma ave de rapina, talvez um falcão, desenhar lentas espirais no céu límpido daquele dia.

— E quem é?

— Se você procurar entre os textos que acabaram com a credibilidade acadêmica de Grünwald, tenho certeza de que vai encontrar o nome dela.

E um motivo para o crime.

Escutei Mike teclar no seu computador.

— Nada.

Chamei a mim mesmo de idiota.

— Tente com “Tognon” — falei, lembrando que esse era o sobrenome de Evi no cartório.

Outra metralhada.

— Bingo. Universidade de Innsbruck. E não um dos textos que acabaram

com a credibilidade do nosso amigo, mas o texto a partir do qual todos os outros atiraram com as mãos cheias. Quem é essa Evi?

— Uma das vítimas do Bletterbach.

— O que você disse?

— Eu disse que era uma das vítimas do Bletterbach. A história que estou tentando reconstruir.

Mike resmungou alguma coisa. De novo ouvi o barulho de dedos que se moviam freneticamente sobre o teclado.

— Escreve-se com *c* e *h* no fim?

— Bletterbach? Sim, por quê?

Mike imitou a voz de barítono dos trailers de cinema.

— Uma reviravolta, parceiro.

— Você pode parar de ser imbecil?

— Não estou sendo imbecil. Você está bem no meio de um nicho ecológico.

— Impossível. Esse negócio é ficção científica.

— É mesmo? — disse Mike. — Vou citar em linhas gerais o livro do nosso amigo Grünwald. “O Alto Ádige tem um microclima próprio. Na teoria, deveria ter um clima continental, mas está no meio dos Alpes. Então nada de clima continental. Estando nos Alpes, deveria ter um clima alpino, certo? Errado. Os Alpes o protegem dos ventos do norte, os Alpes o protegem dos influxos do Mediterrâneo, mas os Alpes não ditam o clima da região: criam um clima diferente, um microclima.” O que, para deixar registrado, para Grünwald era a condição primária a fim de que se desenvolvesse um nicho ecológico. E agora — acrescentou — segure-se firme, porque isso é divertido.

— Pode mandar.

— “No Alto Ádige crescem espécies de plantas de ginkgo que estão extintas na Europa há milhares de anos. E mesmo assim elas estão debaixo das Dolomitas, caçoando das nossas convicções científicas, e estão bem acompanhadas. Por exemplo, o Nautilus. Na teoria, ele foi extinto há quatrocentos milhões de anos. No Alto Ádige, foram encontrados restos fósseis de *duzentos* milhões de anos atrás.”

— Você está dizendo que, enquanto no resto do mundo o Nautilus estava extinto, aqui ele ainda deu suas nadadas por mais duzentos milhões de anos? Ficção científica, Mike.

— Não, nichos ecológicos. E olha que eu verifiquei em vários textos.

— Mas...

— Escute. Em uma das últimas publicações de Grünwald, fala-se exatamente do Bletterbach. Em uma revista que é um misto entre *Arquivo X* e *Doctor Who*. Sabe, aquelas que preveem o fim do mundo a cada duas semanas.

Meu coração acelerou.

— E daí?

— Grünwald tinha encontrado no Bletterbach um dos possíveis sítios em que se podia recuperar material biológico vivente que sobrevivera ao Permiano. Uma espécie bem precisa. E, caralho, eu não estou falando do peixinho Nemo. Vou mandar uma imagem.

Esperei que o celular emitisse o *bip*.

Olhei.

E fiquei olhando fixo para a tela, boquiaberto.

Uma espécie de escorpião com o rabo de uma sereia. O corpo alongado e coberto por uma carapaça que o fazia parecer uma lagosta. Eu nunca tinha visto nada tão hostil.

A palavra que me veio à mente foi esta mesmo: “hostil”.

Seis letras.

— Que diabo é isso?

— *Jaekelopterus Rhenaniae*. Desculpe a pronúncia.

Tentei imaginar que tipo de mundo devia hospedar uma criatura como aquela. Um planeta fervilhante de monstros privados de qualquer emoção a não ser o estímulo à predação que Deus um belo dia decidira eliminar.

Mike continuou:

— Um gigantesco antepassado das aranhas modernas. Aliás, dos escorpiões.

— Alguma coisa se acendeu no meu cérebro, mas quando tentei agarrá-la já havia sumido. — Um artrópode. Mas um artrópode marinho. Vivia na água. Tinha dois metros e meio de comprimento. A garra tinha cinquenta centímetros.

— E Grünwald acreditava que um desses trecos andava pelo Bletterbach?

— *Embaixo* do Bletterbach. Ele fala de grutas e lagos subterrâneos. Esse treco vivia em água doce. E era um predador do qual era melhor ficar longe.

Esse último comentário de Mike eu quase não ouvi. *Siebenhoch*, eu pensava.

Cujo nome antigo era *Siebenhöhlen*. Sete grutas.

— Você ainda está aí, Salinger?

— Tem papel e caneta? — perguntei, arfando. — Tem outra pessoa sobre a qual eu gostaria que você pesquisasse: Manfred Kagol. É um empresário local.

— Quando ele morreu?

— Falei com ele ontem. Quero saber tudo o que você conseguir descobrir a respeito dele. Concentre-se especialmente na fortuna dele.

— É rico?

— De dar nojo.

— Mas o que esse cara tem a ver com o *Jaekelopterus Rhenaniae* e Grünwald?

— Obrigado, Mike.

4.

O interior do cartório de Bolzano era bem iluminado, moderníssimo. Os funcionários, para minha sorte, foram muito gentis, mesmo quando tentei explicar do que eu precisava.

Tive que esperar meia hora, que passei tentando colocar em perspectiva aquilo que Mike havia descoberto sobre Grünwald. Estranhas teorias, aquelas. Bizarrras. Mais adequadas a um filme do que ao mundo conservador da universidade.

Dei-me conta de que Grünwald era o único protagonista daquela história de quem eu não tinha uma fotografia. Eu o imaginava como uma espécie de cientista maluco, vestido entre um Indiana Jones e um burocrata do século XIX, só que muito mais desajeitado. Não sei por quê, visto que se tratava de um homem que tinha conduzido pesquisas sobre os Andes, mas eu não o via às voltas com um paredão íngreme: eu o imaginava mais como um homem que tropeçava nos próprios pés, talvez com uma gravata-borboleta no pescoço.

Certamente Grünwald fora um homem obcecado pelo trabalho. Tinha sacrificado tudo pelas suas teorias. Mike não falara nada sobre flertes ou casamentos. O fato de que ele havia desaparecido de um dia para outro sem que ninguém percebesse deixava subentendida uma vida social próxima ao zero. Um solitário com um único objetivo. Encontrar os nichos ecológicos e assim resgatar a honra perdida.

Balancei a cabeça, perplexo.

Obcecado o bastante para matar a mulher que tinha acabado com sua carreira? Talvez. O que significava aquele telegrama? Evi queria descer nas grutas sob o Bletterbach para refutar outra vez as teorias de Grünwald e a mente dele não tinha suportado aquele enésimo ultraje?

Será que a tão doce Evi era, na realidade, uma escrota tão embriagada por sua rápida ascensão no mundo acadêmico a ponto de insistir sobre como as teorias de Grünwald eram ridículas, a fim de se exhibir para os peixes grandes da universidade?

Eu não a via assim, com aqueles olhos límpidos e tudo o que haviam me contado sobre ela. Mas, por outro lado, eu me dizia enquanto passeava para um lado e para outro no corredor do cartório, dos mortos sempre só se fala

bem.

Havia ainda outra possibilidade.

Talvez Evi houvesse repensado, ela que amava tanto o Bletterbach e que o conhecia melhor do que ninguém. Talvez tivesse se dado conta de que as teorias de Grünwald sobre os nichos ecológicos não fossem assim tão malucas e tivesse decidido explorar as grutas embaixo do Bletterbach, esperando encontrar uma prova que reabilitasse a credibilidade de Grünwald, que ela havia contribuído para destruir.

Certo, era uma possibilidade.

Mas: escorpiões gigantes do Permiano?

Conte outra.

E no entanto...

Tive uma visão fugaz. As fotos que Max me mostrara, as que foram tiradas na cena do crime. As amputações. Os braços retorcidos, despedaçados.

As feridas.

A decapitação de Evi.

Aquelas horríveis mutilações podiam ser compatíveis com as garras de meio metro do *Jaekelopterus Rhenaniae*? E se...

Uma voz me fez voltar à realidade.

O funcionário que me acompanhou até uma espécie de sala de leitura de pé-direito altíssimo tinha uma barba que lhe caía sobre a camisa, o olhar escondido por grossos óculos de grau. Ele me indicou uma escrivaninha de metal, muito feia, mas funcional, sobre a qual estavam empilhadas diversas pastas de documentos.

— Bom trabalho.

Sentei-me fazendo estalar as costas. Suspirei. E comecei a ler.

5.

Isto foi o que eu descobri: o Centro de Visitantes do Bletterbach fora inaugurado em 8 de setembro de 1990. As obras tinham ocorrido tranquilamente e sem empecilhos.

Um arquiteto austríaco famoso fora chamado, e ele realizara o projeto tentando “preservar a natural beleza do local, conjugando-a com a tecnologia e a funcionalidade das obras modernas”, fosse lá o que isso queria dizer.

Não achei a perícia assinada por Evi. Não estava lá. Ou melhor, estava no índice do fascículo, mas alguém a havia subtraído. E eu sabia muito bem quem tinha sido.

Verifiquei, porém, de cima a baixo todo o resto da documentação, cada vez mais perplexo.

Um ano depois do parecer de Evi, em 1986, um certo Dr. Rossetti, geólogo, fez uma segunda perícia, muito mais longa e articulada, que demonstrava como, para resumir, o Centro de Visitantes era um projeto mais do que factível.

Em particular, sugeria o Dr. Rossetti, “não existe possibilidade de perigo de deslizamento, uma vez que o estrato superior do local é composto por materiais graníticos que se conjugam bem com a capacidade da estrutura apresentada em exame pela Kagol EdilBau”. Quatro vacas transformadas em um império.

Em 1988 foi feita uma terceira perícia, também favorável à construção do Centro de Visitantes, assinada por um certo engenheiro Pfauch. Era a fotocópia exata da que havia sido redigida pelo Dr. Rossetti dois anos antes. *Estranho*, disse a mim mesmo.

Alguma coisa no fato de que haviam sido apresentados dois pareceres favoráveis no intervalo de dois anos aguçava a minha curiosidade. Então me dirigi à biblioteca pública.

Eu queria entender o porquê de toda aquela pressa.

6.

Cheguei logo, ofegante e com uma simpática enxaqueca prestes a estourar. Nem meio quilo de aspirina poderia aliviar aquela dor.

Ela não me impediu. O que eu havia descoberto no cartório me dera água na boca.

Preenchi formulários de requisição, esperei, descobri que meu celular estava sem bateria, esperei mais. Por fim me afundei no trabalho. Outras páginas de bloco de notas, outras anotações.

Pelo menos uma vez, respostas.

Em 1986, poucos meses depois de ter assinado a perícia em favor dos projetos de Manfred, o Dr. Rossetti havia sido preso por uma triste história de subornos.

Você queria construir um superhotel de setenta andares em uma praia arenosa, local de reprodução das tartarugas marinhas? Bastava ter à disposição algumas dezenas de milhões de libras e o Dr. Rossetti era o homem certo para o seu caso.

A prisão de Rossetti devia ter sido uma pedra no sapato da Kagol EdilBau, e por isso Manfred, encontrando-se em uma notável saia justa, precisou contratar um novo perito, o engenheiro Andreas Pfauch.

No currículo deste eu não encontrara nenhuma mancha, nada de desvios ou sombras, mas eu me sentia legitimado a ficar em dúvida.

Pfauch, quando redigira aquele último e decisivo parecer, tinha noventa e três anos. Um homem quase centenário podia mesmo ser considerado confiável? Tudo podia ser verdade, inclusive que monstros dotados de carapaças e garras vivessem no Bletterbach, mas a história me cheirava a embromação.

Agradei os funcionários da biblioteca e fui para casa. No caminho, parei na farmácia. A enxaqueca tinha se tornado um Permiano em miniatura.

7.

Não me lembro de quase nada do trajeto de Bolzano até Siebenhoch, apenas da escuridão e do fluir agitado dos meus pensamentos. Em vez de me concentrar na estrada, minha cabeça estava toda voltada para Manfred Kagol, para o Centro de Visitantes e para o fim daqueles pobres jovens.

Voltara à minha mente um detalhe que Mike descobrira ao investigar a vida de Grünwald, e que no momento eu não tinha percebido. Agora isso assumia uma nova dimensão.

Quando Grünwald fora cortado do mundo acadêmico, cortado no sentido sobretudo econômico, como ele fizera para ganhar o próprio pão? Entre outras coisas, Mike tinha dito, redigira pequenos relatórios de consultoria. E que tipo de consultoria um geólogo podia oferecer?

Perícias.

Nenhuma criatura monstruosa embaixo do Bletterbach, pobre Grünwald. Os verdadeiros monstros habitavam *em cima* do Bletterbach, eram bípedes e não tinham garras.

Talvez, ousei inclusive pensar, movida por um sentimento de culpa, Evi tivesse confiado a perícia sobre a construção do Centro de Visitantes a Grünwald, para ajudá-lo a ganhar ao mesmo tempo o almoço e a janta, limitando-se a assiná-la. Assim, juntos eles haviam jogado fora os planos de Manfred. Isso explicaria também o misterioso desaparecimento de Grünwald pouco tempo depois do massacre do Bletterbach.

Mike diria que essa parte da explicação era um pouco forçada demais e que, sobretudo, eu não tinha provas, mas eram detalhes que eu podia remediar continuando a pesquisa. O ponto central era outro.

A perícia fizera Manfred perder bastante grana. Sobre isso não havia dúvidas.

E depois, o que tinha acontecido?

Manfred esperara o momento certo, e para sua sorte a tempestade autorregenerativa garantira a cobertura ideal para o massacre. Ele tinha matado Kurt, Evi e Markus. Depois se livrado de Oscar Grünwald.

Mais uma vez, a voz de Mike na minha cabeça me contradisse.

E o Chefe Krün?

Era verdade, Max tinha um dossiê que incluía o homem mais rico do

vilarejo e o excluía dos suspeitos, mas os homens ricos podiam comprar álibis à prova de bomba. Álibis em que todos deviam ter acreditado, até aquele paranoico obsessivo do Max, mas não Günther. Günther tinha chegado às mesmas conclusões que eu, mas não tivera coragem de denunciar o irmão.

Então eram essas as revelações aterradoras que ele tinha mencionado, quando bêbado, a Brigitte.

Tudo fazia sentido.

O homem que estava para transformar Siebenhoch em um dos principais centros turísticos da região era, na realidade, um assassino brutal. O dinheiro que cada habitante do vilarejo manuseava todo dia pingava o sangue de três inocentes. Evi, Kurt e Markus. Restava uma pergunta.

O que fazer?

Falar novamente com Brigitte, disse a mim mesmo. *Talvez qualquer detalhe possa lhe voltar à memória.* Talvez Günther tivesse mencionado alguma coisa que ela havia deixado de lado. Sim, Brigitte podia ser a chave de tudo.

Cheguei em casa e não me dei conta de que as luzes estavam apagadas. Estacionei e escondi o bloco de notas no bolso interno do casaco. Depois peguei a chave.

— Onde você esteve?

A voz de Werner.

Tive um sobressalto.

— Você me assustou.

— Onde você estava?

Eu nunca o vira naquelas condições. Ele tinha olheiras escuras, a pele tão repuxada que chegava a ser reluzente, e estava com os olhos vermelhos, como se tivesse chorado. Cerrava e relaxava os punhos como se quisesse me bater a qualquer momento.

— Em Bolzano.

— Você viu o telefone?

Peguei o celular. Estava descarregado.

— Ops.

Werner me agarrou pela gola do casaco. Apesar da idade, ele tinha uma força de aço.

— Werner...

— Manfred me ligou. Disse que você quer escrever um livro. Você fez um monte de perguntas a ele. Você mentiu para mim — rosnou. — Mentiu

para a sua esposa.

No lugar do estômago eu tinha um abismo.

As luzes apagadas. Nenhuma voz. Podia significar apenas que Annelise tinha concretizado a sua ameaça. Tinha ido embora.

Desequilibrei-me.

— Annelise sabe disso?

— Se sabe, não fui eu que disse.

— Então por que não tem ninguém em casa?

Werner me largou. Deu um passo para trás, olhando-me com desgosto.

— Elas estão no hospital.

— O que aconteceu? — gaguejei.

— Clara — disse Werner.

E caiu no choro.

A COR DA LOUCURA

I.

Não me deixavam vê-la. Eu devia ter paciência. Aguardar, ler uma revista. Esperar a chegada de sabe-se lá quem. Dez letras: “impossível”.

Comecei a gritar.

Disseram para eu ficar tranquilo.

Berrei ainda mais forte e enchi de socos um atendente. Para se defender, ele me empurrou na parede. Bati a cabeça em um extintor.

Alguém chamou a segurança. Seis letras: “inútil”.

Nem a visão dos uniformes conseguiu me fazer recuperar o controle. Xinguei os dois policiais que me seguraram como se eu fosse um criminoso. Eu não era, mas pertencia à mais perigosa das espécies vivas: era um pai enlouquecido pelo terror.

Não tiveram escolha.

Jogaram-me no chão e me algemaram. Ouvi o som do metal se fechando e fiquei furioso. Recebi uns socos bem certos nos rins. Por fim, me colocaram à força em uma cadeira plástica, incômoda.

— Sr. Salinger...

— Tirem as algemas.

— Só quando o senhor estiver calmo.

À nossa volta reunira-se uma pequena multidão. Uma dupla de enfermeiros, um funcionário da limpeza que não parava de fungar. Alguns pacientes.

— A minha filha — balbuciei, tentando conter a raiva. — Eu quero ver a minha filha.

— Não é possível, senhor — disse um enfermeiro, falando mais para os policiais do que para mim. — A menina está na unidade de terapia intensiva junto com a mãe. O médico disse que...

Ergui a cabeça de supetão, babando.

— Estou pouco me lixando para o que o médico disse, eu quero ver a minha filha!

Comecei a chorar.

Chorar me fez bem.

Talvez tenha contribuído para que sentissem pena de mim. Com certeza me acalmou.

No fim, o policial que tinha me algemado falou:

— Se o senhor pedir desculpas ao enfermeiro, talvez o colega e eu possamos esquecer o que aconteceu e soltá-lo. Mas só se me garantir que não vai ter um ataque de fúria. Combinado?

Senti que tiravam as algemas. Serviram água para mim.

Estava morna, mas bebi toda.

— Quando eu vou poder...?

Foi o enfermeiro que por pouco eu não havia quebrado ao meio que me respondeu:

— Logo, tenha só um pouco de paciência.

— Paciência. Nove letras — murmurei. — São muitas, nove letras.

— Como?

— Nada, desculpe.

Esperei. E esperei.

Havia um cheiro forte de desinfetante no ar. Clara odiava esse cheiro. Ele a fazia se lembrar de quando, no ano anterior, se recuperara de uma intoxicação alimentar e eu, como sempre, não estava lá com ela porque estava imerso na montagem de *Road Crew*. Quando Annelise conseguiu me contatar, Clara já havia sido submetida à lavagem estomacal. Corri para o hospital. Clara era um serzinho de pouco mais de um metro, estendida em uma maca que parecia grande demais para ela, pálida com a camisola asséptica que a haviam feito vestir. Ela me encarava com um olhar que eu jamais esqueceria.

“Por que você não me protegeu?”, diziam os seus olhos.

Porque eu estava ocupado. Estava longe.

Eu era um idiota.

E ali estava eu, com a cabeça entre as mãos, cada vez mais aterrorizado, esperando que alguém me explicasse o que havia acontecido. Com aquele cheiro nas narinas ficando mais forte a cada segundo.

Duas horas depois, Annelise, cansadíssima, veio ao meu encontro. Levantei-me e corri para abraçá-la, mas ela se afastou e, quando tentei beijá-

la, ela deu um passo para trás.

— Como ela está?

— Onde você estava?

— Como ela está? — repeti.

— Onde você estava?

Era um jogo destinado a continuar infinitamente. Ela me acusava e eu tentava compreender o que ela estava me escondendo. Senti a raiva aumentar de novo, incontrollável.

— Diga como diabo está a minha filha! — gritei.

De soslaio, vi o enfermeiro se inclinar no seu assento.

— Tudo bem, senhora?

— Sim, tudo bem. Obrigada — respondeu Annelise, mecanicamente.

— Responda, cacete — sussurrei rangendo os dentes.

Eu estava fora de mim.

Como se a culpa do que estava acontecendo fosse dela.

— Ela pegou o trenó e sofreu um acidente.

— Que tipo de acidente?

— Ela foi a Welshboden — respondeu Annelise, com o olhar perdido. — Não notei. Eu achei que ela estivesse brincando no jardim. Mas ela pegou o trenó e foi até Welshboden. Foi arrastando, entende? Uma menina de cinco anos.

Eu conseguia imaginar a cena. Clara subindo a estrada até a propriedade do avô. Uma menina resoluta de cinco anos ofegando na lateral da rodovia sob os olhares curiosos dos motoristas que passavam, arrastando com teimosia um trenó de madeira quase tão pesado quanto ela.

Por que ela tinha feito isso?

Porque eu havia prometido que naquela tarde brincaríamos juntos. E ela tinha ficado com raiva. Porque eu havia quebrado a promessa. A enésima promessa. Eu precisava ir a Bolzano, remexer no passado de Manfred.

Depois...

— Werner a perdeu de vista por um momento, ele estava no sótão. E Clara... — Annelise fechou os olhos. — O lado leste, Salinger. A toda velocidade.

O lado ao qual eu a tinha proibido de ir. Aquele que dava direto no bosque.

— Como ela está?

— Traumatismo craniano. O médico disse que é uma sorte ela ainda estar viva. Eu vi o trenó, Salinger. Ele está...

Tentei pegar a mão dela. Annelise se afastou com um gesto brusco.

— Vão ter que operar?

— Ela está com a cabeça toda enfaixada, sabe? É tão pequena. Tão indefesa. — A voz de Annelise era como um choro sem lágrimas. — Lembra quando ela nasceu? Lembra como parecia frágil?

— Você tinha medo de quebrá-la.

— Lembra o que você disse para me dar segurança? Lembra, Salinger?

Eu lembrava.

— Que eu protegeria vocês. As duas.

— Tentei ligar para você. O telefone estava desligado e eu... — Ela balançou a cabeça. — Eu não sabia de nada. Os médicos estavam lá, e a ambulância. Meu pai estava chorando e me dizendo que Clara era forte e que ia ficar bem. E... — balbuciou — a neve, Salinger. A neve estava vermelha. Tão vermelha. Vermelha demais.

Pela segunda vez tentei abraçá-la. Pela segunda vez a minha esposa se retraiu.

— Onde você estava?

— Em Bolzano. Fiquei sem bateria. Mike me ligou. Acabamos falando demais. Eu me esqueço sempre do carregador e... e...

Não consegui continuar.

Vermelha. A neve vermelha.

Neve.

A Besta, pensei. A Besta cumpriu sua promessa.

Exatamente como no meu sonho.

— Por que você foi a Bolzano?

— Eu queria dar um presente para vocês.

— Você é um *mentiroso*.

— Por favor.

— Você nunca está com a gente. Nunca.

— Por favor.

Aquelas palavras doíam como punhaladas.

— Você nunca está com a gente — repetiu ela.

Depois se fechou em um silêncio que era mais doloroso do que mil palavras. Fomos nos sentar.

Esperamos.

Por fim, quando eu já havia perdido a noção do tempo, um médico veio ao nosso encontro.

— Sr. e Sra. Salinger? Os pais de Clara?

2.

A caveira da minha filha.

Eu olhava a radiografia do crânio de Clara presa ao painel iluminado e ficava repetindo: “Daqui a duzentos milhões de anos isso vai ser o fóssil dela.” Não conseguia parar de olhar, e isso me impedia de escutar o que o médico estava tentando explicar. Ele havia circulado com um marcador uma área mais escura. Ali Clara havia batido em um maldito abeto vermelho. O traumatismo. Parecia uma mancha muito insignificante. Do tamanho de uma joaninha. Toda aquela preocupação por uma manchinha minúscula.

Eu não conseguia entender.

— Doutor. — Bati o dedo na chapa. — Não pode ser tão grave, certo? É só uma manchinha. Uma joaninha. Oito letras.

O médico se levantou, aproximou-se do painel luminoso e, usando um lápis, percorreu o círculo do marcador.

— Se esse hematoma se reabsorver sozinho, como falei, a menina vai poder voltar para casa sem necessidade de nenhuma intervenção. Caso contrário, ela vai precisar ser submetida a uma operação.

Passei da tonteira à apreensão.

— O senhor está dizendo que vai precisar abrir a cabeça da minha filha?

O médico se retraiu. Deu dois passos para trás, até a escrivaninha, como se quisesse deixar o maior espaço possível entre as minhas mãos e o pescoço dele.

Eu tinha certeza de que ele estava ciente do que acontecera no corredor com os dois policiais e o enfermeiro.

— Sr. Salinger. — Ele pigarreou, tentando manter um tom reservado e profissional. — Se o hematoma não for absorvido sozinho, uma intervenção cirúrgica será necessária. Não quero deixá-los alarmados, mas há o risco de que, por causa do traumatismo, a filha de vocês perca a visão. Talvez parcialmente, talvez totalmente.

Silêncio.

Eu me lembro do silêncio.

Depois, o choro de Annelise.

— Podemos vê-la? — Ouvi-me perguntar.

Caminhei logo atrás do médico, um vazio assustador na minha cabeça.

3.

Ela estava em um quarto, sozinha. Tinha tubinhos por todos os lados. Maquinários complicados zumbiam. Um *bip* de vez em quando. O médico deu uma olhada na prancheta clínica.

Observei as lajotas sob os meus pés, examinei as rachaduras no reboco das paredes, encarei o metal reluzente da cama sobre a qual Clara estava dormindo. Depois, enfim, consegui encontrar coragem para olhar minha filha. Ela era tão pequena. Eu queria dizer alguma coisa. Uma oração. Uma canção de ninar. Não falei nada. Não fiz nada.

Acompanharam-nos para fora do quarto.

Lembro-me do néon. As poltroninhas de plástico. Annelise tentando segurar as lágrimas. Lembro-me de estar diante de um espelho, em um banheiro que fedia a água sanitária. Lembro-me da raiva que vi no meu olhar. Eu sentia que ela espremia meus intestinos. Ela me obrigava a olhar o mundo por detrás de uma lente vermelha, animalesca, que eu não reconhecia como minha. Era a pior raiva, aquela que eu estava sentindo. Aquele tipo de sensação obscura que faz você cometer o impensável.

Era uma fúria enjaulada em uma prisão de impotência. Eu não podia fazer nada por Clara. Eu não era cirurgião. Não tinha sequer fê de verdade, portanto minhas orações soavam vazias. Assim como minhas maldições. O que eu amaldiçoaria, se meu conceito de Deus era tão nebuloso que se tornava evanescente? Eu podia amaldiçoar a mim mesmo, e o fiz mil vezes. E eu podia tentar confortar Annelise. Mas as palavras que saíam da minha boca soavam vazias. Do mesmo gosto que o café que bebemos às três da madrugada, sentados em uma mesinha da lanchonete no primeiro andar do hospital de Bolzano.

Eu precisava me desfogar, ou então ia explodir. Pensei de novo no sonho. Clara sem os olhos. Clara que corria o risco de ficar cega.

Oito letras: “vermelho”. Sete letras: “amarelo”. Quatro letras: “azul”. Cinco letras: “preto”. De novo sete letras: “violeta”. De novo quatro letras: “rosa”. E azul-claro e verde e todas as esfumaturas do mundo, perdidas. Desaparecidas. Nunca mais cores para Clara.

Nenhuma cor exceto uma. Eu tinha certeza.

Seis letras: “branco”.

O branco perseguiria a minha filha até o fim dos sonhos dela. A cegueira era branca. Transformava o mundo em uma paleta de névoa e gelo.

Enquanto eu via Werner nos procurar com o olhar e erguia o braço para chamar sua atenção, compreendi que era tudo culpa do branco.

Da Besta.

Era uma ideia louca, eu tinha consciência disso. Mas longe de fugir dessa loucura, eu me joguei de cabeça nela. Melhor a loucura do que o pesadelo em que eu me encontrava.

Então, tive fé na loucura.

Se eu descobrisse o assassino do Bletterbach, derrotaria a Besta. E dessa forma salvaria a vida de Clara.

UMA ÁRVORE É ASSASSINADA

I.

Deixei o hospital ao amanhecer. Tentei convencer Annelise a ir comigo. Eu lhe disse que ela precisava descansar e comer de forma decente. Recuperar-se, na medida do possível. Pela sua aparência, estava prestes a ter uma crise nervosa. Pressionava um lençinho entre os dedos, girava-o seguindo o fluxo dos seus pensamentos. Tinha envelhecido dez anos em poucas horas. Ela respondeu que não sairia de lá sem a filha. Toquei a testa dela com um beijo. Ela nem sequer me olhou. Tive vontade de dizer que a amava.

Não o fiz.

Deixei-a com Werner e voltei a Siebenhoch, sozinho. Quando atravessei a porta, senti um aperto no peito. A casa estava escura, espectral. Faltava a voz de Clara para iluminá-la. Chorei um pouco, em pé, o vento desarrumando meu cabelo. Não tinha força nem sequer para fechar a porta. Fiquei ali, imóvel. Quando a aurora enfim se transformou em manhã e eu já tinha perdido a sensibilidade nas mãos por causa do frio, encontrei forças para enfrentar o silêncio e entrei.

Enchi o estômago com ovos e preparei uma abundante dose de café que me provocou um espasmo, mas pelo menos me acordou do torpor. Fumei dois cigarros, um atrás do outro, observando o vento sacudir a copa das árvores. Liguei o laptop quase sem me dar conta e anotei tudo o que eu descobrira sobre Manfred e sobre Grünwald. As duas perícias. O *Jaekelopterus*. Tudo. Depois de um tempo, percebi que eu estava batendo no teclado como se quisesse destruí-lo. Coloquei ainda mais energia nisso. No fim, meus olhos lacrimejavam.

O massacre do Bletterbach estava envenenando minha alma. Mas eu não conseguia parar de pensar nele. Liguei para Werner.

Não, nenhuma novidade. Sim, Annelise estava bem.

— Tem certeza?

— E você, o que me diz, Jeremiah?

— Que você está com muita vontade de quebrar a minha cara.

— Neste momento não, rapaz. Quero apenas que os médicos me digam que Clara vai se recuperar.

— Ela vai se recuperar.

Eu tinha certeza disso.

Clara se recuperaria porque eu ia derrotar a Besta.

2.

O vento empurrara para o Alto Ádige uma grande frente nebulosa proveniente dos Balcãs. Ia nevar, grasnava o rádio do carro. *Mais branco*, pensei, e o desliguei. Estacionei bem atrás do cemitério de Siebenhoch.

Matei tempo em um bar, onde consumi um café e um sorvete. Até que, tentando ser discreto, fui à casa de Brigitte. Eu andava de cabeça baixa, como as poucas pessoas com que cruzei no caminho.

O vento gelado trazia o cheiro da neve. Eu o amaldiçoei, e ao fazer isso me senti ainda mais determinado. Tudo, desde que salvasse Clara.

Fiquei paralisado.

Uma Mercedes preta, último modelo, estava estacionada na entrada. Uma espécie de gigantesco besouro reluzente com os vidros fumê. Parecia inocente, um carro como tantos outros. Mas não era. Eu conhecia aquele carro. Eu o tinha visto muitas vezes desde a minha chegada a Siebenhoch. Era o carro de Manfred Kagol.

Escondi-me atrás de um pórtico.

Esprei enquanto os primeiros flocos de neve começavam a cair do céu cinza-pérola.

Ele apareceu.

Estava usando um sobretudo de pele de camelo, com a gola levantada e um chapéu de aba larga cobrindo-lhe metade do rosto. Mas era ele, eu o reconheci na hora. Notei que, ao sair, ele havia trancado a porta com duas voltas de chave. Ele possuía a chave da casa e se movia como se fosse o dono dela. Se me espantei? Nada disso.

Apertei no peito a sacola plástica que eu tinha trazido. Se antes eu podia ter dúvidas sobre aquilo que estava prestes a fazer, ver Manfred sair daquela casa eliminou-as por completo.

A Mercedes manobrou. Uma borrifada branca do tubo do escapamento, depois partiu silenciosa.

Contei até sessenta. Um minuto era mais que suficiente. Com passos largos alcancei a casa de Brigitte e toquei a campainha. Uma, duas, três vezes.

Não foi necessária uma quarta.

3.

O meu sorriso era tão falso quanto uma moeda de três euros, mas a expressão surpresa de Brigitte não podia ser um engano.

— Olá, Brigitte.

Ela vestia um roupão xadrez rosa e branco. Apertou as bordas no peito, talvez para se proteger do frio.

Colocou um tufo de cabelo atrás da orelha.

A voz dela saiu rouca:

— Salinger. O que você está fazendo aqui?

— Eu vim bater um papo.

Não esperei que ela me convidasse. Entrei e pronto. Depois de um instante de hesitação, ela fechou a porta.

Lá dentro estava a nojeira de sempre, mas Brigitte devia ter se esforçado para colocar as coisas um pouco em ordem. As garrafas sobre a estante haviam desaparecido, e alguns móveis mostravam sinais de rearranjo. A mesinha diante do sofá estava desobstruída, nenhuma latinha amassada, nenhuma garrafa de Forst. Os jornais velhos, em vez de estarem espalhados por todo lado, tinham sido empilhados em um canto. Vi as cobertas com que eu a salvara do congelamento dobradas com cuidado, o álbum com capa de couro apoiado sobre elas como um troféu.

Levantei o saquinho plástico e o desembulhei.

— Eu trouxe o café da manhã.

— E você toma café da manhã com Four Roses?

— Eu, não — foi a minha resposta.

Encontrei um copo na cozinha. Passei sob o jato da torneira e o enxuguei o melhor possível. Voltei para a sala.

Brigitte estava sentada no sofá, com uma coberta nos ombros. As pernas nuas. E depiladas, não deixei de observar. Tinha limpado a casa e depilado as pernas.

Manfred.

Derramei a bebida no copo e entreguei para ela.

— Saúde.

Brigitte virou a cabeça para o outro lado. Aproximei-me. Coloquei o copo entre os dedos dela. Depois apertei-os com força. Brigitte ganiu.

— O que você quer, Salinger?

— Conversar.

Brigitte deixou escapar uma risadinha.

— Sobre o quê?

— Sobre a morte de Evi. — Uma pausa. — E de Günther.

— Não diga o nome dele, Salinger. Eu não estou bêbada o suficiente para aguentar.

— Você recebeu uma visita, né?

Brigitte não respondeu. Fechou as mãos em torno do copo.

— Não interessa.

— Tem razão. Mas eu trouxe isto.

Peguei o parecer. Não o desdobrei. Segurei firme entre o indicador e o médio, como uma carta de baralho.

— O que é isso?

— A prova que Günther nunca mostrou para você.

— Onde você encontrou?

— Pergunta errada.

— Qual é a pergunta correta, Salinger?

— Está com sede?

— Não.

— Eu tinha um amigo — falei. — Um tal de Billy, que era *roadie* do Kiss. Ele tinha uma receita pessoal para o café da manhã. Três quartos de leite, um quarto de Four Roses, um ovo cru e chocolate em pó. Adicione duas colherinhas de açúcar e mexa bem. Depois o sol vai voltar a brilhar. Quer um pouco de sol, Brigitte?

— Filho da puta. O que são essas folhas?

Eu via nos olhos dela que Brigitte estava morrendo de vontade de beber. Era uma alcoólatra. Uma alcoólatra crônica. Os alcoólatras não sabem resistir a um jogo. E eu não queria que ela resistisse. Eu era um canalha. Mas não senti nenhum remorso.

— O motivo para o homicídio de Evi.

Brigitte começou a tremer.

— Você descobriu?

— Quem descobriu foi Günther — foi a minha resposta. — Eu nunca teria chegado lá sem ele.

O queixo de Brigitte tremeu. Começou a chorar. Só então eu me dei

conta de que ela estava maquiada. O delineador começou a escorrer em grossos riachinhos escuros. Achei-a patética. Pior. Fiquei com ódio dela. Não passava de uma meretriz bêbada que tinha mentido para mim.

Com o ódio encontrei força para ser mais duro.

— Vamos falar de Evi, pode ser?

— Vá embora.

— Eu não sou um policial, Brigitte. Não tenho vocação para interrogatórios. Uma lâmpada apontada na cara e toda aquela coisa de filme. Eu não sou assim. Mas aprendi a escutar as pessoas. Eu fazia entrevistas com elas, tinha longos bate-papos. E sempre conseguia persuadi-las a dizer o que jamais pensariam em confessar a um desconhecido. Fazia parte do meu trabalho.

Brigitte me mostrou os dentes.

— Meter o nariz onde você não foi chamado?

— Escutar as pessoas. Observá-las. Perceber quando dizem a verdade. E você mentiu. Beba. Vai ser mais fácil aliviar o peso da consciência. Eu sei que você está *morrendo* de vontade de fazer isso.

Brigitte jogou o copo em mim. Esquivei-me por um triz, mas não consegui impedi-la de pular em cima de mim. Fedia a álcool e suor. Mas era fraca. O seu organismo estava destruído por todos os anos de abuso. Levei pouco tempo para reverter a situação. Eu a levantei e coloquei à força no sofá. Então soltei os pulsos dela. Brigitte se encolheu, com as pernas debaixo da coberta, em posição fetal. Um olhar cheio de ódio.

— Passe essa garrafa, seu merda. Já que está aqui eu vou aproveitar.

Deus me perdoe, mas enquanto eu lhe passava o Four Roses eu sorria.

4.

Dois goles grandes bastaram para acalmá-la. Depois de quatro, a anestesia do álcool tinha deixado as pálpebras dela pesadas, os maxilares frouxos. Arranquei a garrafa das suas mãos.

— Devolva.

— Você odiava Evi, não é verdade?

— Devolva a garrafa.

Restituí a garrafa, mas fiquei atento para que ela não bebesse demais. Eu não a queria desfalecida no chão. Concedi apenas um gole, depois peguei a garrafa de volta.

— Como você percebeu?

— Aquele álbum não é o álbum das vitórias de Evi. É o álbum da vida desperdiçada de Evi.

— Você é mesmo um cavalheiro, Salinger — disse ela, sarcástica.

— E você transa com o irmão do seu namorado morto.

Brigitte me observou.

— Você não entende porra nenhuma, Salinger.

— Então me explique.

— Dê a garrafa para mim.

Dei. Depois acendi um Marlboro.

— Nem sempre odiei Evi — disse Brigitte encarando o líquido claro na garrafa. — Ela era a minha melhor amiga. Nós nos dávamos bem. A gente se completava. Ela era o dia, eu era a noite. Tínhamos um plano.

Um pouco de Four Roses escorreu pelo queixo dela. Ela o secou com um gesto preguiçoso.

— Durante o último ano dela na escola, nós não parávamos de falar disso. A gente gostava de ter um segredo só nosso. Era uma coisa aventureira e... exclusiva. Éramos cúmplices. Tínhamos economizado. Estava tudo certo. Queríamos ir embora. Sair daqui. E queríamos fazer isso juntas.

— E Markus?

— Ele iria nos encontrar quando fizesse dezoito anos.

— Qual era o destino?

— Milão. Era a capital da moda, os jornais viviam repetindo isso. Eu seria modelo e Evi estudaria para ser geóloga.

— Evi deixaria a mãe sozinha?

— Era uma puta alcoólatra, Salinger. Não tinha escolha. Além disso, Evi tinha dito que, depois de se formar, ela pagaria um tratamento para a mãe com o salário. Tinha sempre uma solução, a querida Evi — acrescentou com certa amargura.

— Era uma desculpa ou ela realmente acreditava nisso?

— Realmente acreditava. Era uma pessoa que sonhava acordada, mas não era mentirosa. E isso a tornava ainda pior, sabe? Mas eu me dei conta só depois. Na época estávamos animadas, felizes. Aí ela encontrou Kurt e se apaixonou.

— E você foi deixada de lado.

— Você tem boa memória, Salinger.

Brigitte deu um risinho irônico antes de se servir uma outra dose de bourbon.

— É o meu trabalho.

— Quando ela foi embora eu fiquei com ódio. Odiei-a com todas as minhas forças. Eu me senti abandonada, entende? Ela disse que ia me escrever e que íamos nos telefonar todos os dias. E por um tempo, no primeiro ano, pelo menos, foi assim. Depois... não tinha como durar. Ela tinha Kurt e uma nova vida em Innsbruck, e eu?

— E você?

— Eu tinha perdido o controle. Eu virei Brigitte, a putinha. Não estava nem aí para o que os outros diziam. Eu bebia o quanto queria e trepava com qualquer um que tivesse um pau entre as pernas. Estava com raiva, furiosa com o mundo. Perdi o trabalho em Aldino, mas encontrei outro muito mais rentável. Um clube noturno em Bolzano. Eu rebolava no palco, esfregava as tetas na cara daqueles maníacos e fazia com que se embebedassem. Ganhava dez por cento sobre os pedidos, e as gorjetas iam para uma caixinha comum que a gente dividia no fim de semana entre as meninas. — Uma pausa. — Fora os extras, mas esses eram só para mim.

— Extras?

— Eu comecei a me prostituir. Em 1984 eu tinha começado a usar cocaína. O remédio mágico que apagava todas as tristes lembranças e me fazia vender energia. Eu não sentia nada, nada me tocava. Só a euforia.

— A cocaína é cara.

— Bastante cara.

Ela fechou os olhos. Uma careta enquanto a chama incandescente do bourbon lhe descia da garganta ao estômago.

— Quando Evi morreu, eu fiquei *feliz*. A minha melhor amiga tinha sido picada em pedaços, e como eu reagi? Peguei o carro e fui até Bolzano. Cheirei tanta daquela coca que foi um milagre eu não acabar no cemitério. Dei de graça para todos que tinham vontade. Em dado momento eu me vi nua, no chão, no meio de pelo menos cinco caras que bebiam e me fodiam. Depois alguém me deu outra carreira e não lembro mais nada.

— E Günther?

— Günther foi um anjo. Foi ele que me tirou da coca.

— Mas não do álcool.

Brigitte balançou a cabeça.

— Errado. Os primeiros meses foram um inferno. Eu queria o meu pozinho mágico. Queria encher a cara. Günther tirou uma licença. Ele passava dia e noite trancado aqui em casa, de guarda. Quando ele saía, me trancava à chave. Se pudesse, eu o teria matado, mas dentro de mim havia uma voz que entendia o que Günther estava fazendo. E entendia também que aquela era a minha chance de mudar de vida. Eu podia me tornar...

— Melhor?

— Normal, Salinger. E por um tempo foi assim.

Brigitte mordiscou os lábios até começar a sair sangue. Quando percebeu, ela se secou com a mão e ficou olhando as manchinhas vermelhas nos dedos por alguns minutos.

— Günther começou a investigar a morte de Evi.

— Ele falou para você?

— Não, eu descobri sozinha. E comecei a olhar para ele de maneira diferente. Não era mais o homem que me tirara da rua e me dera uma nova vida. O meu salvador de armadura cintilante. Günther tinha passado para o lado inimigo. Tinha se tornado...

— Uma foto no álbum das perdas de Evi?

— Evi — disse ela, com desprezo. — Evi, sempre Evi. Mas ela estava morta. Morta e enterrada. Aquela escrota estava debaixo de três metros de terra. E com ela aquele desgraçado do Kurt que a tinha roubado de mim. Mesmo depois de morta, ela continuava me atormentando. Acredita? Era uma espécie de maldição. Günther não fazia nada além de repetir como era injusto o que tinha acontecido. Horas e horas discutindo sobre quem podia ter sido,

como e quando e... porra! — gritou. — Porra! Eu não aguentava mais toda aquela história. Só havia um jeito de manter Günther perto de mim.

— Fazer com que ele enchesse a cara.

Brigitte confirmou.

A expressão raivosa se tornou desesperada.

Ela levou as mãos ao rosto.

— Deus nunca vai me perdoar por isso, não é, Salinger?

— Não foi você.

Escutei Brigitte chorar, submissa, a maquiagem escorrendo sobre o queixo. Acendi um cigarro e senti uma dor na base da nuca.

De repente compreendi o que eu estava fazendo. Dei-me conta de ter obrigado uma mulher destruída a confessar a sua dor, trazendo à tona o seu demônio. Voltei a ficar lúcido, ao menos por alguns instantes. Clara estava no hospital e, em vez de ficar ao lado dela e da minha esposa, eu estava torturando uma vítima daquela história horrível. Torturando, exatamente isso.

Com vergonha de mim mesmo, apaguei o cigarro e me aproximei do sofá.

Acaricieei a cabeça de Brigitte. Tirei o Four Roses das mãos dela.

Ela nem percebeu. Continuava chorando e gemendo como um animal ferido. Joguei a garrafa na parede. Ficou em mil pedaços, inundando a sala de cacos.

Brigitte ergueu o olhar para mim.

— Desculpe — falei.

— Eu mereço.

Senti o instinto de abraçá-la. Ela deve ter se dado conta, porque balançou a cabeça.

— Não adianta me consolar, Salinger.

— É que...

Brigitte assentiu.

— Eu vejo nos seus olhos. Você está furioso. Por quê?

— Minha filha. Minha esposa. — Gesticulei, percebendo que era incapaz de explicar a confusão que tinha na cabeça. — Essa história. Eu...

Não consegui articular mais nada.

— Não sou uma puta, Salinger. Não como você imagina.

Olhei fixo para ela, sem entender.

Brigitte indicou a porta de entrada.

— Manfred. Não somos amantes.

— Eu o vi entrar aqui. Pensei...

— Pensou errado.

— Eu não entendia como você tinha dinheiro para...

— ...para beber? — concluiu Brigitte, desconsolada.

— Para pagar as contas — corrija-a. — Eu pensei errado.

Brigitte não respondeu logo. Deixou o olhar vagar por um tempo. Acomodou-se no sofá e alisou o cabelo.

— O massacre do Bletterbach, Salinger. No fundo, de que se trata a história do massacre do Bletterbach?

— De um homicídio — respondi.

— Você pode fazer melhor do que isso, Salinger.

— Evi, Markus e Kurt?

— Errado. De culpa. A minha. E a de Manfred. Você sabia que, quando Günther estava vivo, ele e o irmão não se falavam?

— Manfred estava ocupado demais com o trabalho. Os negócios cresciam e ele não tinha tempo para mais nada.

— Eles não se davam bem nem antes. Ele falou para você das quatro vacas? Ele sempre faz isso. Diz que foi dali que nasceu o seu império.

— Não é verdade?

— É. Só que Günther não concordava. Pelo contrário. Achava que era falta de respeito com a família. Mas Manfred era teimoso e em uma bela manhã, sem dizer nada a ninguém, carregou as quatro vacas e levou-as embora. Günther nunca quis nem sequer um centavo dele. Dizia que era um alpinista que tinha esquecido as suas raízes. — Ela fez um gesto de desdém com a mão. — Aí, quando Günther morreu, anos depois do funeral, Manfred apareceu aqui com um buquê de flores. Vestido como um galanteador. Disse que queria falar comigo. Ele disse “falar” e eu pensei “tregar”. E eu me perguntei, por que não? Vamos ver se o dele é grosso como o do irmão. Mas Manfred não estava interessado. Ele queria se redimir. Tinha ouvido dizer por aí que Günther me amava. E um rico só conhece um modo para se livrar da culpa.

— Dinheiro.

— Toda semana ele aparecia aqui com um envelope. A gente conversava um pouco, e quando ia embora ele deixava o envelope bem à mostra. Se estava viajando a negócios, chegava aqui um cheque pelo correio. O dinheiro nunca era suficiente para que eu pudesse ir embora. Senão ele ia perder seu

modo de aliviar a consciência. Estava me usando, entende? Teria sido melhor se ele tivesse me comido.

— Ele nunca fez isso?

— Às vezes eu o provocava. Aparecia nua ou ficava me fazendo de morta. Manfred deixava o dinheiro e ia embora. Ele nunca me tocou, nenhuma vez. Mesmo hoje, depois de tantos anos, ele vem aqui, traz o dinheiro e vai embora. Em certo sentido, eu sou e permaneço sendo a puta dele, Salinger.

Pensei em quão desagradável era um comportamento daqueles. Manfred tinha usado Brigitte para ficar com a consciência limpa. Com aquele dinheiro, ele acreditava que estava honrando o irmão morto. Aliviar a culpa usando Brigitte e o seu demônio.

Mostrei as folhas do parecer de Evi.

Brigitte olhou, ávida.

— Isso é um parecer de risco hidrogeológico. Veja a assinatura, reconhece?

— Evi.

— Ela ainda não era formada, mas na época isso não importava muito. Bastava um diploma de geômetra. Além do mais, tinha uma boa credibilidade acadêmica. Ao menos por aqui era o suficiente, não é assim?

— O que você está tentando me dizer?

— Esta foi a sentença de morte de Günther.

Brigitte leu. Quando levantou os olhos para mim, vi um poço de desespero negro e profundo.

— Ele guardou isso... por todo aquele tempo.

— Deve ter sido difícil para ele.

— O irmão dele — murmurou Brigitte. — O irmão dele. E eu...

Ela não terminou.

Brigitte se apoiou nas costas do sofá, prostrada.

— Vá embora, Salinger.

5.

Saí assustado comigo mesmo.

Quase não a vi.

A Mercedes preta de Manfred.

6.

A ligação de Werner veio enquanto eu buscava uma vaga no estacionamento subterrâneo do hospital de Bolzano. Cheguei como um relâmpago. Annelise correu na minha direção. O branco não roubaria a visão da minha filha. Meu pesadelo não tinha sido premonitório. A operação não era necessária, o hematoma estava se absorvendo sozinho.

O corredor rodou à minha volta.

Annelise me indicou o quarto.

— Ela está esperando você.

Corri.

Dessa vez não parei para olhar as lajotas verdes sobre as quais as solas de borracha dos meus sapatos rangiam ou as rachaduras no reboco das paredes. Eu não tinha medo de enfrentar a realidade.

Clara estava pálida, com os olhos azuis cercados por uma tinta violeta. Todos aqueles malditos tubos ainda saíam do braço dela, mas pelo menos eu sabia que ela estava fora de perigo.

— Papai — chamou ela.

Ouvir de novo a sua voz foi maravilhoso.

Eu a abracei. Tive que me esforçar para não esmagá-la. Clara se agarrou a mim com todas as forças. Eu sentia os ossos dela despontando. Podia envolver a cintura dela com as mãos. Afastei as lágrimas.

— Como você está, cinco letras?

— Estou com dor de cabeça.

Eu a acariciei. Precisava tocá-la. Queria confirmar que não era um sonho.

— O médico — começou a voz de Werner atrás de mim — disse que ela tem uma cabeça dura.

— Como eu — respondi, sem parar de acariciar o rosto cor de cera de Clara. — Você tem cabeça dura, filha?

— Eu fiz uma coisa feia, papai.

— Como?

— Eu quebrei o trenó — disse ela.

E aí caiu no choro.

— A gente constrói um novo. Você e eu.

— Juntos, papai?

— Sim. E vamos fazer um mais bonito ainda.

— Já era bonito.

— Não importa. De que cor você gostaria que fosse o novo trenó?

Clara se soltou de mim outra vez sorridente.

— Vermelho.

— Você não enjoou de vermelho? O que acha de rosa?

— Eu gosto de rosa.

Por um momento pareceu que ela queria acrescentar algo, mas deve ter repensado, porque balançou a cabeça e se acomodou no travesseiro com um gemido de dor que não me escapou.

— Quando ela vai receber alta?

— Em alguns dias — respondeu Werner. — Eles querem deixá-la ainda um pouco em observação.

— Parece sensato.

Clara semicerrou os olhos. Agitou a mão. Segurei-a entre as minhas. Estava fria. Assoprei um pouco. Clara sorriu. A respiração dela ficou lenta.

Por fim, adormeceu.

Fiquei olhando para ela. E libertei as lágrimas.

— Como está Annelise?

— Não quer ir para casa. Está muito cansada. Mas resiste até o fim.

A minha Annelise.

— E você?

Werner não respondeu logo.

— Eu preciso da sua ajuda, Jeremiah.

Virei-me para ele, surpreso.

Werner era o fantasma de si mesmo.

— O que você quiser.

7.

Não compreendi até o último minuto. Nem mesmo quando Werner pegou um machado afiadíssimo, sentiu o fio com o polegar e o carregou consigo. Ele avançou pela neve e eu o segui.

Quando chegamos ao fim, no lado leste de Welshboden, senti minha pressão baixar.

Embora tivesse nevado, debaixo da camada de neve fresca podia-se entrever o sangue de Clara. Vermelha demais, dissera Annelise.

Esforcei-me para não vomitar.

Werner se ajoelhou, o machado apoiado ao lado. Juntou as mãos e inclinou a cabeça. Estava rezando. Depois agarrou um punhado de neve, neve suja do sangue da minha filha, e jogou no tronco de um abeto. Não, não de *um* abeto.

Do abeto que tinha tentado matar a minha filha.

Aproximei-me. A cerca de quarenta centímetros de altura, via-se o ponto de impacto. A casca solta, uma mancha escura que só podia ser sangue. E um tufo de cabelo. Arranquei-o e, com delicadeza, enrolei no meu dedo, próximo à minha aliança. Troquei um cumprimento com Werner. Eu tinha entendido por que ele havia me levado até lá. Werner me passou o machado.

— O primeiro golpe é seu por direito.

Senti o peso da ferramenta. Era bem balanceada.

— Onde?

— Golpeie aqui — disse Werner, com ar de especialista. — Vamos dar a direção da queda.

Quando golpeei o tronco, a reverberação subiu por meus pulsos até o pescoço. Gemi. Mas não desisti. Esperei que a dor passasse e golpeei de novo.

Werner me parou.

— Agora do outro lado. Vamos derrubar esse filho da puta.

Contornamos o abeto.

E golpeei.

Lascas saltavam ao redor, com risco de ir parar nos meus olhos. Não importava. Golpeei de novo. E de novo. Werner me parou. Indicou a ferida que jorrava resina.

Achei o cheiro ruim.

— Agora eu.

Werner pegou o machado das minhas mãos. As pernas bem fixadas ao chão. Os movimentos fluidos de quem tinha realizado aquela operação milhares de vezes. Ergueu o machado. A lâmina cintilou, sinistra. Então ele gritou com todo o fôlego que tinha.

E golpeou.

E golpeou.

E golpeou.

8.

A árvore caiu no chão em um turbilhão de neve. Uma lasca cortante como navalha, talvez a última tentativa de o abeto se defender, assobiou a poucos centímetros da minha orelha.

A neve se assentou. Um corvo da montanha emitiu seu canto lúgubre. Voltou a quietude.

Olhei Werner. Ele estava suado e com uma luz cruel e desesperada no olhar.

Finquei o machado no tronco. Tirei o maço de cigarros.

— Quer um?

Werner balançou a cabeça.

— Estou morrendo de vontade de fumar, mas nessas condições corro o risco de enfartar. Talvez eu devesse parar.

— Pois é — falei, aspirando a primeira, longa tragada.

Nas narinas, um sabor de resina.

— É preciso proteger nossos entes queridos — disse Werner. — Sempre.

Eu o encarei.

— Sim.

— Você está fazendo isso?

Balancei a cabeça.

— Eu estou...

Por um momento, senti o impulso de contar tudo. As suspeitas sobre Manfred. A história complicada do Centro de Visitantes. As perícias. O parecer de Evi. Pensei em abrir o jogo até sobre Grünwald. As teorias extravagantes, as conexões com Evi. E Brigitte. Sim, eu quis contar inclusive como, enlouquecido, eu incentivara o alcoolismo daquela mulher para revirar o passado de Siebenhoch. Eu quis me abrir com alguém. Porque a história do massacre do Bletterbach estava me arrancando dos meus entes queridos. Exatamente como havia dito a guia, o Bletterbach me fazia descer às profundezas.

Até sobre a Besta eu quis contar para ele. Explicar o que acontecera no estacionamento do supermercado. Todo aquele branco maldito. E o sibilo.

Quase o fiz.

O que me impediu foi o rosto avermelhado dele, ofegante. Os braços

cansados caídos nas laterais do corpo, as rugas em torno do olhar de falcão.

Werner me parecia um velho. Fraco.

Ele não entenderia. Fiquei quieto.

ALGUÉM MORRE, ALGUÉM CHORA

I.

— Está errado — murmurei enquanto afundava no seu mel.

Annelise levou a ponta dos dedos até os meus lábios. Lambi-os. Estavam salgados. Minha excitação aumentou. Com ela aumentou também a sensação de incômodo.

Algo não estava certo. Tentei dizer a ela. Annelise fechou minha boca com um beijo. Estava com a língua seca, áspera. Não parou de se mover.

Toquei seu seio. Annelise arqueou as costas.

Penetrei mais fundo.

— Está errado — repeti.

Annelise parou. Encarou-me com os olhos cheios de acusação.

— Veja o que você fez.

E finalmente me dei conta.

A ferida. Horrível. Um corte da garganta ao estômago.

Eu via o pulsar do seu coração, coberto por uma teia de veias azuizinhas.

Dos lábios de Annelise saiu um grito que era o estrondo de uma árvore que caía.

2.

Os soníferos não faziam mais efeito. Joguei-os no lixo.

3.

Às cinco da manhã, encharcado de suor, me enfiei sob o jato quente do chuveiro. Eu esperava que a água expulsasse o frio que sentia nos ossos.

Arrumei a casa, varri o gelo da entrada, apesar dos músculos das costas estarem doloridos, e às sete e meia eu estava pronto para ir ao hospital.

Eu tinha dois objetivos para aquele dia. Comprar o maior urso de pelúcia que conseguisse encontrar e convencer Annelise a voltar para Siebenhoch.

Fazia dois dias que ela estava no quarto do hospital junto com Clara. Ela precisava sair, ou entraria em colapso. Os sinais de aviso estavam todos lá. Mãos trêmulas, olhos vermelhos. Quando falava, era com uma voz estridente que eu tinha dificuldade em reconhecer. Expressava-se com monossílabos, sem jamais focalizar o interlocutor. Eu não duvidava que fosse também culpa minha. Tínhamos ainda muito o que conversar, Annelise e eu.

Eu diria a verdade para ela?, perguntei a mim mesmo.

Sim.

Mas só quando pudesse escrever a palavra “fim” no documento do Word salvo no meu laptop e que já contava com várias páginas em espaço simples. Só então eu a chamaria à parte e lhe revelaria o êxito das minhas investigações. Ela ficaria com raiva, claro, mas entenderia.

Era por isso que eu a amava.

Não duvidei nem por um instante que essa minha interpretação estivesse totalmente errada. Porque Annelise não era idiota, e o que eu dizia a mim mesmo enquanto agarrava o casaco e saía para pegar o carro não era a verdade. Era uma visão parcial (e boba) da verdade.

Era como dizer: “merda”.

Cinco letras.

Com o mesmo número de letras vocês vão ter: “praça”.

Coloquem ali uns bons trinta centímetros de neve já transformada em gelo, o campanário estreito e alto e um cruzamento: Siebenhoch. Adicionem um grande tumulto. Palavras ao vento, rostos contritos, alguns surpresos, outros que se limitam a balançar a cabeça. E um carro vindo do norte.

O meu.

Oito letras: “Salinger”.

4.

Notei as luzes piscando de uma patrulha dos carabinieri. E também as de uma ambulância. Minha garganta secou.

A ambulância estava com as sirenes desligadas, em frente à casa de Brigitte. Encostei o carro em um lugar proibido.

— O que aconteceu? — perguntei a uma turista enterrada em uma echarpe de lã de cores berrantes.

A mulher se abaixou até a altura da janela aberta.

— Parece que se ouviu um tiro.

— Quem...?

— Uma mulher. Dizem que se matou.

Ouvi de relance a última parte da frase. Já estava fora do carro. Os curiosos tinham formado uma pequena multidão. Avancei até que a mão de um carabiniere me afastou de maneira grosseira.

Não dei bola. Fiquei ali estático enquanto um paramédico, em pé na frente da porta de Brigitte, tagarelava ao telefone. Eu via a respiração se condensar em nuvens azuis. A multidão me empurrou para a frente. Fiquei olhando para o paramédico, atordoado, até que ele colocou o telefone no bolso e voltou para dentro.

Tentei espiar.

Não vi nada.

Quando os enfermeiros, com uniformes fosforescentes brilhando à luz do sol espectral de fevereiro, saíram empurrando uma maca com um lençol debaixo do qual se entrevia o contorno de um ser humano, a multidão ficou em silêncio, prendendo a respiração.

Tive que desviar o olhar da maca que era empurrada com força para a traseira da ambulância. Cerrei os punhos, cravando as unhas na pele.

— Você.

Reconheci a voz na mesma hora.

Manfred. Desconcertado. O casaco de pele de camelo aberto deixava entrever uma camisa amarrotada, metade para dentro e metade para fora da calça. Não usava gravata e tinha a barba de um dia.

Levantou o braço e apontou para mim.

— Você — trovejou ele.

Muitos se viraram na minha direção.

Manfred levou um instante para me alcançar. Parou a menos de dois metros de distância. Do bolso interno do casaco, tirou a carteira.

Não parou em nenhum momento de me olhar nos olhos. Com ódio.

Pegou a primeira nota, amassou e jogou em mim. Eu a senti deslizar para o chão.

— Aqui está o seu dinheiro, Salinger.

Uma segunda nota foi parar no meu rosto.

— Não é isso que você quer? Para isso servem os filmes. Para ganhar dinheiro. Você quer mais?

A terceira me acertou bem no peito. Por fim, Manfred, tremendo, jogou a carteira em mim.

Não pisquei, estupefato por aquela agressão.

— Eu vi você sair da casa dela, Salinger. Ontem.

O carabinieri encarava primeiro a mim, depois Manfred, indeciso sobre o que fazer. Ambos o ignoramos. Havia um vazio à nossa volta.

Manfred deu um passo adiante.

— Você a matou, *verme nojento*.

Ele tentou se jogar em mim, mas o carabinieri o deteve. Apareceu um uniforme cinza-esverdeado. Chefe Krün.

Ele me segurou por um braço.

— Não fui eu quem matou Brigitte, Manfred. Foi você, seu babaca — gritei, antes que Max conseguisse me arrastar para longe dali. — E nós dois sabemos por quê.

Max me levou contra a minha vontade até um beco onde eu não via a casa nem Manfred. Apenas o reflexo das luzes piscantes da placa de um barbeiro.

Fechei os olhos.

— Ela morreu mesmo?

— Suicídio.

— Tem certeza?

Max confirmou.

— Usou uma espingarda de caça. Apertou o gatilho.

— Quando?

— Os vizinhos ouviram um disparo pouco antes de amanhecer, foram eles que me avisaram. A porta estava entreaberta. Eu a vi e chamei os carabinieri e a ambulância.

— Não foi suicídio.

Max olhou para mim.

— São acusações muito graves, Salinger.

— Foi Manfred.

— Ela se matou sozinha.

— Como você pode ter certeza?

— Ela estava bêbada. — Uma breve hesitação em sua voz, como se quisesse acrescentar um “como sempre”, mas tivesse se arrependido antes de falar. — Havia garrafas por todos os lados. A Sra. Unterkircher a encontrou ontem à noite. E Brigitte estava bêbada de dar nojo.

— E o que a Sra. Unterkircher fez por Brigitte? — perguntei, amargo.

— O que todos nós fizemos durante anos, Salinger. Nada.

Não consegui sustentar o olhar dele.

— Brigitte não se suicidou. Ela foi assassinada. Por Manfred.

— Repito: são acusações fortes.

— Sei disso.

— Você tem provas?

Acendi um cigarro. Ofereci a ele um segundo.

— Não.

— Então mantenha a boca fechada. Já é difícil o bastante assim.

— Diga a verdade, Max, você não notou nada de estranho? Nada que pudesse...

— Nada de nada.

— Você disse que a porta estava aberta.

— Brigitte bebia, Salinger. Os bêbados esquecem as crianças no carro no verão, se esquecem de desligar o gás e depois acendem um desses aí.

Ele estava certo.

Mas eu sabia que também estava errado.

— Talvez eu não devesse dizer isso — falou Max —, mas Brigitte tinha uma fotografia na mão.

— Uma fotografia de Evi?

— De Günther.

— Você acha que é uma pista?

— Acho que é uma carta de despedida, Salinger. Nada mais, nada menos.

Trocamos outras poucas palavras. Então nos despedimos. Ele voltou para o local do suicídio, eu, para o carro. Quando me sentei no banco do motorista,

notei que havia uma nota de cinquenta euros amassada dentro do meu casaco.

Joguei-a pela janela.

Liguei o motor e fui embora.

5.

Cheguei em Bolzano às nove. Não consegui encontrar o maior urso do mundo, mas o que apareceu no quarto de Clara no meio da manhã estava muito perto disso.

— Como você está, filha?

— Estou com dor na cabeça.

— Menos do que ontem?

— Menos do que ontem.

Clara acariciou o focinho áspero do urso de pelúcia e depois ficou séria. Era a mesma expressão que eu já tinha visto no dia anterior. Como se ela tivesse algo importante para me revelar, mas não encontrasse coragem de falar.

Sorri.

Acariciei o queixo dela, forçando-a a olhar para mim.

— O que foi, filha?

— Nada.

— Cinco letras — falei.

— “Mamãe”?

— Não.

— “Papai”?

Balancei a cabeça.

Clara deu de ombros.

— Então não sei.

— “Falso” — falei.

Ela passou a mão na cabeça. Buscava o cabelo para enrolar ao redor do dedo, o mesmo gesto de Annelise quando se sentia sob pressão.

Não encontrou nada, porque sua cabeça ainda estava envolta em uma pesada camada de bandagens. A mão caiu no colo. Tinha de novo desviado o olhar do meu.

— Você sabe que pode me contar tudo?

— Sei.

— Você acha que eu estou com raiva por causa do trenó?

— Um pouco.

— Mas tem mais alguma coisa, certo?

Clara tentou de novo tocar o cabelo, mas eu agarrei sua mão e a beijei. Depois fiz cócegas nela. Clara deu uma risadinha, escondendo o rosto na barriga do urso de pelúcia.

— Quando quiser, você me diz — falei.

Clara pareceu aliviada com aquela proposta. Com uma expressão solene, estendeu a mão.

— Negócio fechado.

— O que vocês dois estão tramando?

Era Annelise, acompanhada por Werner. Levantei-me e a abracei. Annelise devolveu o gesto, mas de uma maneira fria, distante. Sob o cheiro do sabonete, percebi sua pele suada.

— Você tem que descansar.

— Foi você quem comprou esse urso? — perguntou ela. — Antes não estava aqui.

Era a sua tática. Mudar de assunto.

— Sim, é um presente. E você precisa dormir em uma cama de verdade.

— Eu vou ficar aqui até Clara receber alta. Depois vamos para casa. Juntas. Passou por mim e sentou-se na cama de Clara.

— Ok — falei.

Brincamos juntos por uma hora.

Esforcei-me para não pensar na morte de Brigitte e me concentrei em Clara. Estava fraca e pálida, mas pelo menos enxergava, e logo eu a colocaria no carro e levaria para casa.

Em segurança.

Nunca mais, jurei, eu permitiria que acontecesse algo ruim a ela.

Era um juramento fadado a ser quebrado. Acontece sempre assim, quando juramos que nada vai manchar a vida de nossos entes queridos.

Tudo que eu podia fazer por Clara era lhe dar de presente algumas boas memórias.

As palavras de Werner ecoavam com força na minha cabeça. Tais como o estrondo do abeto vermelho abatido pela dor de dois homens em frangalhos.

Por volta das onze, junto com o enfermeiro que trazia a refeição para Clara, entrou também o médico. Ele me reconheceu e estendeu a mão. Eu a apertei, constrangido.

— O senhor tinha razão, Salinger — disse ele depois de também cumprimentar Annelise.

— Era só uma joaninha — murmurei, corando.

— Oito letras no fim das contas não são muitas — disse ele, explodindo em uma gargalhada que envolveu a mim e Annelise.

Clara, disse o médico, estava reagindo bem. Eles lhe haviam administrado medicamentos que facilitariam a reabsorção do hematoma. Minha filha tinha corrido um grande risco, mas o perigo havia passado.

— Ela vai ser submetida a uma tomografia e, com base nos resultados, decidiremos se terá alta ou se vamos mantê-la um pouco mais.

— O que é tomografia, papai?

Clara já acabara de comer. Fiquei surpreso com aquele apetite, era um bom sinal. Ajudei-a a limpar a boca com um guardanapo branco, um gesto que eu tinha deixado de fazer no ano anterior e que me fazia muita falta.

— É como um radar. Lembra o que é?

Eu tinha explicado a ela durante o nosso voo para a Europa. Não tinha dúvidas de que ainda se lembrava. A memória dela era prodigiosa.

— Um tipo de rádio que ajuda os aviões a não baterem.

— Só que a tomografia é um radar que serve para ver dentro das pessoas.

— Como é?

— Bom... — falei, procurando o médico com o olhar.

— Parece com uma máquina de lavar gigante. Você vai se deitar na cama e vamos pedir para você ficar imóvel. Consegue ficar parada?

— Por quanto tempo?

— Quinze minutos. Talvez meia hora. Não mais.

Clara ficou em silêncio, pensativa.

— Acho que consigo. — Depois, voltando-se para mim, perguntou baixinho: — Vai doer, papai?

— Nem um pouco. Só vai ser chato.

Clara pareceu aliviada.

— Vou inventar alguma história.

Beijei-a e meu celular tocou. Lancei um olhar mortificado para Annelise e cogitei desligar a chamada. O polegar se deteve no botão vermelho.

Era Mike.

— Desculpem.

Saí e atendi.

— Parceiro?

— Espere — pedi.

Entrei em um banheiro torcendo para que estivesse deserto.

— Fale rápido.

— O que está acontecendo?

— Estou no hospital. Clara. Ela teve um acidente. Agora está melhor.

— Que acidente? Salinger, não brinque.

— Ela bateu em uma árvore com o trenó. Agora está fora de perigo. Está bem.

— Que diabo significa “fora de perigo”, Salinger? Que...

Fechei os olhos, inclinando-me em uma pia impecável.

— Ouça, Mike, não tenho tempo para explicar. Diga o que você descobriu. Aconteceram várias coisas aqui em Siebenhoch.

— Eu investiguei Grünwald de novo, mas, fora outros detalhes sobre as teorias dele, nada. Nada sobre a morte dele, quero dizer.

— O desaparecimento — corrija.

— Você realmente acha que ele só desapareceu, parceiro?

— Eu não acho nada.

— Tem certeza de que você está bem?

— Não, não estou bem. Mas, por favor, vá em frente.

Uma pequena pausa. Mike acendia um cigarro. Eu teria feito isso também, mas não era o caso de acionar o alarme de incêndio de um hospital apenas por um Marlboro.

— Lembra aquela Evi? Ela apareceu de novo.

— Em relação a Manfred Kagol?

— Exato.

— O parecer contra a construção do Centro de Visitantes.

— Você já sabia disso?

— Sim. O que mais você descobriu?

— Pouco ou nada. A perícia foi refutada e cinco anos depois o Centro de Visitantes abriu as portas.

— Merda.

Bati o punho na parede.

— O que foi, Salinger?

— Na sua opinião, quanto fatura a cada ano Manfred Kagol, graças ao Centro?

— Calculando os hotéis e as propriedades na área?

— Sim.

— Vários milhões de euros.

Senti a bÍlis subir novamente à boca.

— Você acha que Manfred poderia ter matado Evi? — sussurrei.

— E por que ele faria isso? — perguntou Mike, espantado.

— Porque ela foi uma pedra no sapato impedindo o andamento do projeto do Centro de Visitantes.

— Você está maluco, Salinger.

Eu não esperava uma resposta como essa.

— O que você está dizendo?

— Estou dizendo que, se eu fosse esse Manfred, teria beijado o chão sobre o qual Evi caminhava.

— Mas... o parecer...

— A perícia era contrária e bloqueou o projeto do Centro de Visitantes do Bletterbach. Só que aquele primeiro projeto não era de Manfred Kagol.

Vertigens.

Era tudo muito branco lá dentro.

— Que diabo você está dizendo, Mike?

— O primeiro projeto para um centro de visitantes no Bletterbach não partiu da Kagol EdilBau. Era de um consórcio de Trento, o EdilGroup80. O mesmo que construiu um monte de teleféricos nas redondezas.

Senti meu corpo afundar.

O chão sob meus pés tremeu. E me enterrou.

— Salinger? Você está aí?

— A perícia... o parecer de Evi *favoreceu* Manfred?

— Isso mesmo. De acordo com meus cálculos, em 1985 Manfred jamais poderia se permitir um projeto tão ambicioso. Evi deu um empurrãozinho, e dos grandes. Por que ele deveria matá-la?

Por nenhum motivo no mundo.

— Obrigado, Mike. A gente... — resmunguei. — A gente se fala.

Desliguei sem esperar pela despedida.

Fiz escorrer água na pia. Lavei o rosto.

Respirei.

Manfred não tinha matado Evi. Não era ele o assassino.

Olhei a minha imagem refletida no espelho.

Agora, pensei, agora você sabe como é o rosto de um assassino.

O assassino de Brigitte estava diante de mim naquele momento. Era eu.

— “Os mortos ressuscitaram?” — murmurei. — “Os livros dizem não, a noite grita sim.”

Era uma citação do meu livro favorito, aquele que me acompanhava aonde quer que eu fosse. A frase de John Fante assumiu outro significado na boca do assassino que me olhava transtornado para além do espelho.

Não suportei. Encurvei-me, atingido pela consciência do que eu tinha feito. Acabei batendo a cabeça na cerâmica da pia. A dor foi um alívio.

6.

Foi um enfermeiro quem me reanimou. Atrás do seu rosto franzino, vi o rosto exaurido de Annelise. Assim que me viu abrir novamente os olhos, ela saiu do banheiro batendo a porta.

— Sua esposa viu que o senhor não voltava e ficou alarmada. Deve ter tido uma queda de pressão.

Ele me ajudou a sentar. Eu respirava de boca aberta. Como um cachorro sedento.

— Eu consigo, eu consi...

— O senhor bateu feio aqui. Seria bom...

Tive uma tontura, agarrei-me a ele e me levantei com dificuldade.

— Estou bem. Tenho que ir. Tenho que...

O homem protestou. Eu nem ouvi.

Quando me vi na frente do quarto de Clara, não tive coragem de entrar. Eu ouvia a voz de Annelise e a tagarelice da minha filha. Acaricieei a porta.

Segui reto.

Eu não podia enfrentá-las.

7.

Desci a escada, segui para a cozinha. Desenterrei uma garrafa de Jack Daniel's e comecei a colocar para dentro. O primeiro gole foi como ácido descendo pelo esôfago. Tossi, cuspi. Aguentei firme. Segurei a náusea com estoicismo. Outro gole. Outro ácido. Eu só pensava na cabeça de Brigitte dividida em duas pelo tiro de espingarda. O sangue derramado no chão. Respirei fundo tentando aplacar a náusea. Eu não queria vomitar, não era aquele o meu propósito. Eu queria ficar bêbado. Queria aquele preto total e sem sonhos que eu tinha experimentado depois de ter batido a cabeça no banheiro do hospital. Antes que Annelise... Pensar em Annelise foi insuportável.

Bebi mais.

Desta vez o Jack Daniel's desceu sem queimar. Limpei a boca com o dorso da mão. Entrei na sala e me afundei na minha poltrona favorita.

Peguei um cigarro.

Eu tinha perdido a sensibilidade nas mãos. Gastei um bom tempo para fazer pegar a chama do isqueiro e, quando consegui, estava olhando para ela como um idiota, perguntando-me para que servia e por que achava tão importante aproximá-la daquele tubo branco preso entre meus dentes. Joguei o isqueiro longe e cuspi o cigarro.

Continuei bebendo e bebendo. Minha cabeça ficou pesada como chumbo.

Tentei levantar a garrafa de Jack Daniel's.

Não consegui. Escapou dos dedos.

E veio o escuro.

Quando me recuperei, eu estava deitado na cama. Olhei em volta, confuso. Eu estava imerso na penumbra. Como tinha chegado lá? A julgar pela confusão, eu devia ter me arrastado sozinho. Minha última lembrança foi o barulho da garrafa de uísque atingindo o chão.

Agucei a vista.

Tentei me mover.

— O que você estava pensando em fazer?

Tremi.

Eu não reconhecia a voz que emergira da escuridão.

— Quem é você? — perguntei. — Quem é você?

A voz se transformou em uma silhueta. Pareceu-me gigantesca. Movia-se

em pequenos saltos. *Os mortos, pensei, os mortos se movem assim.*

A sombra acendeu a luz.

Werner.

Levantei-me da cama com toda a força de vontade.

— Tive um dia ruim.

Werner não comentou.

— Você precisa encher o estômago. Consegue descer sozinho?

— Posso tentar.

Descer a escada foi doloroso. Cada movimento reverberava na minha cabeça como um golpe de martelo. Aceitei a dor. Eu merecia isso. Era um assassino.

Duas vezes assassino.

Primeiro os homens no Ortles, agora...

Werner preparou ovos, que eu engoli à força. Comi pão, uma fatia de speck. E bebi muita água.

Werner não disse nada até eu ter terminado. Só então notei a sua postura. Ele estava rígido na cadeira, o rosto contraído.

Pareceu-me que estava com dor, mas principalmente envergonhado.

— Eu não estava vigiando você, passei por aqui para pedir uma ajuda. As costas — disse. — A vida toda eu não fiz nada além de me vangloriar por não ter tomado nada mais forte do que uma aspirina, mas agora...

— Dói?

— Eu não sou mais um rapaz — falou, com pesar.

— Por que você não vai ao médico?

— Deixe estar, Jeremiah, eu nunca gostei de médico. Melhor, você não teria alguma coisa para a dor?

Tudo nele, o tom de voz e as palavras que tinha escolhido, contrastava com aquilo que eu via em seus olhos. Pessoas como Werner odeiam duas coisas: mostrar-se fracas e pedir ajuda. Levantei-me e fui ao banheiro. Peguei a caixa de analgésicos que tinham sido prescritos para mim na época do 15 de setembro.

— Vicodin — falei ao voltar para a cozinha.

Werner estendeu as mãos sobre a caixa.

— Posso pegar dois?

— Um é suficiente.

Ele fez a cápsula desaparecer na boca.

— Annelise não vai voltar para casa esta noite — falei. — Talvez ela nunca mais volte.

Werner pegou meu maço de cigarros. Acendeu um e eu fiz o mesmo.

— Em um casamento, existem momentos ruins e momentos bons. Os dois passam.

— E se não passarem?

Werner não respondeu.

Ficou olhando a fumaça subir até o teto, onde, achatando-se, tornava-se invisível.

Quando terminou o cigarro, esmagou-o no cinzeiro e levantou-se apoiado na mesa.

— É hora de eu voltar para Welshboden.

— Leve os comprimidos, podem servir.

— Amanhã eu vou estar bem, você vai ver.

— Leve mesmo assim. Eu não preciso.

Werner colocou-os no bolso. Ajudei-o a vestir o casaco.

Lá fora estava escuro.

— Jeremiah... — disse Werner. — Está ouvindo?

Agucei o ouvido. Tentei entender o que ele queria dizer.

— Não estou ouvindo nada.

— O silêncio. Está ouvindo?

— Sim.

— Desde que Herta morreu e fiquei sozinho, odeio o silêncio.

DOIS CONSPIRADORES E UMA PROMESSA

I.

O funeral de Brigitte foi realizado dois dias depois, em 10 de fevereiro.

A autópsia foi pouco mais do que uma formalidade, e o relatório do patologista foi desconsiderado. Brigitte tinha se suicidado. Max quis me contar isso pessoalmente naquela manhã, enquanto eu tentava limpar a casa, tendo em vista a volta de Clara e Annelise.

— Ela tinha um nível de álcool no sangue três vezes maior que o normal. Estava podre de bêbada, Salinger.

— Sim.

Max notou o hematoma na minha testa, onde eu tinha batido no hospital.

— E isso?

— Nada de mais.

Tomamos um café em silêncio. O tempo estava cinzento, sombrio.

— Clara volta hoje, ouvi dizer.

— Werner contou?

— Cruzei com ele na farmácia. Ele estava com uma cara de quem não está muito bem.

— Ele está com problemas na coluna.

— Ele deveria ir ao médico. Cinco anos atrás me deu um estiramento. Doía como o diabo. Aí Verena me arrastou até um fisioterapeuta. Duas sessões e eu estava novinho em folha.

— Você disse isso a Werner?

— Entra por um ouvido e sai pelo outro. É um cabeça-dura, mas você vai ver que, quando se der conta de que não consegue mais levantar Clara, ele vai fazer um check-up.

— Tomara.

Max remexeu a xicarazinha vazia, depois se levantou.

— Eu queria, bem, eu só queria dizer isso para você.

— Obrigado.

— Você vai ao funeral?

— Manfred vai estar lá?

— Ele que pagou tudo.

— Acho que vou evitar aparecer.

Max enfiou na cabeça o chapéu com o emblema da Florestal.

— Você é uma boa pessoa, Salinger.

Eu não era. Era um assassino.

2.

Escutei o badalar fúnebre do campanário até considerá-lo insuportável. Liguei a televisão a todo volume.

Às três da tarde Werner bateu à minha porta.

Eu já tinha vestido o casaco.

— Como está a coluna?

— Está bem.

— Tem certeza?

— Veja.

Ele se inclinou para a frente e voltou a ficar ereto como um soldado em posição de sentido.

— De qualquer jeito, uma consulta de rotina não lhe faria mal.

— Vamos — disse ele, apontando para o carro. — A nossa menina nos espera.

Elas já estavam na rua quando chegamos. Na rodovia tinha acontecido um acidente que nos atrasou. O nosso mau humor desapareceu assim que vimos Clara.

Ela estava usando um casaco vermelho, um boné enterrado quase até os olhos para protegê-la do frio e esconder o curativo que, segundo o médico, era preciso manter por alguns dias. Debaixo do braço, o urso.

Ela acenou com a mão.

Annelise sorriu de leve.

Foi uma festa levar Clara de volta para casa. Ela estava animada, não parou de falar até depois do jantar que eu tinha preparado com tanto cuidado. Os seus pratos preferidos, além de pelo menos metade daqueles que Annelise gostava. Eu tinha esgotado todo o meu talento culinário.

— A médica disse que eu fui muito corajosa.

— Mesmo?

— Ela disse que nunca viu uma menina tão corajosa.

Ela estufou o peito, orgulhosa.

A médica que tinha feito a tomografia devia tê-la impressionado muito. Clara não parava de falar dela.

— Ela me mostrou o meu cérebro. Ele estava todo cheio de cores. A médica disse que dava para ver os meus pensamentos. Mas eu só via manchas

coloridas. Você acha que a médica sabe ler os pensamentos, papai?

— A tomografia não serve para ler o pensamento. Mostra a eletricidade do cérebro. Dá para ver as emoções.

— Eletricidade? Como uma lâmpada?

— Sim.

— E com isso a médica conseguia entender as minhas emoções?

— Sim.

— Você sabe o nome da médica?

Eu sabia, mas fingi que não.

— Não faço ideia, querida.

— Elisabetta — falou ela. — Quantas letras tem “Elisabetta”?

— Dez.

— É um belo nome.

— Também acho.

— Você acha que quando eu crescer eu posso ser uma médica do cérebro?

— Claro, filha.

Continuamos assim até percebermos que os reflexos de Clara estavam mais lentos. Ela começava a murmurar as palavras e a balançar a cabeça. Estava pálida.

Werner se levantou da mesa.

— Acho que chegou a hora do vovô ir dormir.

— Vovô... — disse Clara, arregalando os olhos (que, como notei, estavam vermelhos e cansados). — Fique um pouco mais.

Werner deu-lhe um beijo na testa.

— Você não está cansada?

— Eu não estou cansada.

— Tem certeza?

— Um pouquinho.

Werner se despediu e eu levei Clara para a cama. Antes mesmo de apagar a luz ela já estava dormindo. Encostei a porta e descii para a cozinha.

Encontrei Annelise sentada, rígida. Tinha uma latinha de Forst nas mãos.

Não gostei do olhar dela e não gostei da maneira como ela bebeu de um só gole a cerveja.

— Precisamos conversar — falou.

Eu sabia sobre o que era e sabia como iria acabar.

Não teria um final feliz.

Então, peguei as mãos dela e abri meu coração.

— Eu sei o que você está prestes a me dizer. Mas não diga. Só peço um mês. Se em um mês você ainda quiser me dizer o que você está pensando, então eu vou ouvir. Um mês. Não mais. Faça isso por mim.

Annelise levou uma mecha de cabelo entre os lábios.

— Um mês.

— Não mais. Depois, se você quiser... — Não tive coragem de ir além.

— Por Clara — disse ela. — Por Clara.

Levantou-se.

— Mas você dorme no escritório. Eu... — A voz dela se rompeu. — Eu não consigo.

3.

Os dois conspiradores agiram com grande habilidade. Nem Annelise nem eu notamos qualquer coisa até o último momento.

Por volta das seis e meia, Werner apareceu carregado de mantimentos, cumprimentou-nos, não explicou nada e se trancou na cozinha junto com Clara. Annelise voltou a ver televisão, eu me retirei para o que havia se tornado a minha toca, o pequeno escritório onde eu passava as horas olhando para o teto ou tentando ler algo.

Impossível. A minha mente vagava. Eu me sentia como um equilibrista. Debaixo de mim se abria o abismo da solidão. Werner vira certo: o silêncio não combinava comigo. Eu não queria passar o resto da vida enfiado em uma caminha (tal como estava fazendo) escutando os ruídos de uma casa desprovida de vida.

Desde quando eu não ouvia Annelise rir? Há tempo demais.

Imerso naqueles pensamentos sinistros, perdi a noção do tempo. Por volta das oito bateram à porta. Era Clara. Estava usando um vestido elegante vermelho-fogo com uma faixinha no cabelo. Notei que ela tinha maquiagem ao redor dos olhos. Uma mistura fascinante do ridículo e do adorável.

— Oi, filha.

— Sr. Salinger — disse ela, dona de si. — O jantar está pronto.

Arregalei os olhos.

— Como?

— O jantar — repetiu ela, impaciente. — Está servido, Sr. Salinger.

— O jantar... — falei, atordoado.

— E coloque gravata.

— Eu não tenho gravata, querida. E não entendo o que...

Com poucos passos, Clara ficou a dez centímetros de mim. Como eu estava sentado, seus olhos estavam na mesma altura que os meus. Li uma segurança que podia ter herdado apenas de uma pessoa. Annelise. Ela apoiou os punhos nos quadris. Achei que estava linda de morrer.

— Você tem uma gravata, papai? Tem cinco minutos. Vamos.

Ela saiu, imperiosa.

Eu botei a gravata.

Quando desci, percebi que Werner tinha feito tudo muito bem. No centro

da sala não estava mais a minha poltrona preferida. Em seu lugar, a mesa posta para dois. Toalha de mesa branca, vinho aberto (olhei o rótulo, um Krafuss de 2008, devia ter custado uma fortuna), até mesmo uma vela que cintilava na semiescuridão em que a sala estava envolvida.

Sentada à mesa, Annelise.

Fiquei sem ar. Ela estava simplesmente belíssima.

Estava vestindo um tubinho preto que me fez lembrar a estreia de *Road Crew 2*, a noite que ela tinha batizado como “a apresentação para a sociedade” (quando fizemos a nossa entrada no cinema da Broadway, todos, até mesmo Mister Smith, tinham ficado boquiabertos, e Annelise me sussurrara aterrorizada: “não me deixe sozinha, não me deixe sozinha, não *se atreva* a me deixar sozinha”), um colar de pérolas que fazia sobressair o pescoço harmônico e o cabelo atrás da nuca em um coque impecável.

Ela se levantou e beijou de leve minha bochecha.

— Também é uma surpresa para você?

— Sim — respondi, sem parar de admirá-la.

Deslumbrado.

Meu Deus, como eu sentia falta dela.

— Senhores...

Era Werner. Estava usando um chapéu de cozinheiro, tinha se barbeado e, com aquele avental branco, parecia um cruzamento entre um chef francês e um urso-polar. Caímos na gargalhada.

Werner não se alterou.

— O jantar...

Costeletas de cordeiro, batatas com sour cream e cebolinha, uma variedade de queijos e embutidos vertiginosos, canederli na manteiga e dezenas de outras pequenas obras de arte culinárias. O vinho, além do mais, revelou-se à altura de sua fama.

Foi difícil quebrar o gelo. Era como se Annelise e eu estivéssemos no nosso primeiro encontro, e, mais do que isso, em um encontro às cegas. Eu estava quase perguntando: “E você, o que faz da vida?”

Mas então, aos poucos, nós nos soltamos. Falamos de Clara, porque era ela o que ainda nos mantinha juntos. Falamos do tempo, porque é assim que se faz entre adultos no mundo ocidental. Falamos de Werner. Exaltamos a delícia dos pratos que Clara, de paninho no braço e aquele gracioso vestido vermelho, nos servia (e a cada vez eu suava frio, “não deixe cair, não deixe

cair’’).

Apenas no terceiro copo me dei conta da motivação daquela noite.

— Hoje é...

— Você não tinha entendido?

Balancei a cabeça.

— Eu tinha esquecido.

Era 14 de fevereiro, Dia dos Namorados.

Como sobremesa, Werner preparara corações de castanha com chantilly.

O chef nos serviu pessoalmente.

— Papai? — perguntou Annelise.

— Madame? O jantar não está do seu agrado?

— Está delicioso. Mas eu não sabia que você era um prodígio na cozinha.

Onde você aprendeu?

— Um chef nunca revela seus segredos.

— Você não é um chef, papai.

— Digamos que, quando um velho montanhês se depara com aquele monstro horrível que vocês jovens da cidade chamam de “tempo livre”, ou encontra algo para fazer ou termina no manicômio.

Foi uma noite inesquecível.

O chef fez também o papel de babá e, enquanto Annelise e eu degustávamos um amaro e eu me concedia um cigarro, Werner colocou Clara para dormir.

Depois se despediu.

Ficamos sozinhos. O silêncio, enquanto eu admirava a suave curva dos ombros nus de Annelise, não me pesava. Pelo contrário.

Por um momento estive muito perto da felicidade.

Annelise levantou-se e deu um beijo na minha bochecha.

— Boa noite.

Ela subiu a escada, ouvi-a entrar no quarto e fechar a porta.

Eu não esperava nada diferente, mas mesmo assim senti uma fisgada.

No entanto, não havia sarcasmo nas minhas palavras quando, erguendo um copo para o alto, eu disse:

— Feliz dia dos namorados, meu amor.

4.

Dia após dia eu via Clara melhorar. Para entender isso eu não precisava do parecer dos médicos, apesar de sermos sempre pontuais quando se tratava de submetê-la às consultas. As bolsas sob os olhos desapareceram, e ela recuperou também um pouco do peso perdido após o acidente.

Retomamos nossos passeios. A montanha estava intransitável, mas Werner nos ensinou a usar sapatos de neve e era bom passar algum tempo assim, nos bosques ao redor de Siebenhoch. Caminhar na neve, conversar, observar os pássaros pularem de galho em galho e tentar encontrar alguma toca de esquilo (não achamos nenhuma, mas Clara me confidenciou que viu a casa de um gnomo). Eu procurava não cansá-la porque, de repente, me tornei um pai ansioso. Tinha medo de que ela tropeçasse, que suasse, que se cansasse. Esses cuidados davam prazer à Clara, mas depois de um tempo, quando eu me tornava sufocante, ela me lançava um olhar daqueles seus, e eu me dava conta de ter me tornado pior que a minha *Mutti* com sua obsessão com as correntes de ar. Então eu tentava me redimir.

Meu relacionamento com Annelise não melhorava. Éramos pessoas civilizadas, portanto nada de cenas ou de quebrar pratos, mas havia muitos silêncios e sorrisos tensos. De vez em quando eu a surpreendia olhando para mim e o meu mundo afundava em angústia. Eu sabia no que ela estava pensando.

O que eu sinto por este homem?

Posso perdoá-lo?

Eu ainda o amo?

Eu queria abraçá-la e gritar: “Sou eu! Sou eu! Você não pode me abandonar, porque sou *eu*, e se nos deixarmos nunca mais seremos felizes pelo resto da nossa vida!” Eu não fazia isso. Não teria sido um comportamento de Salinger, nem de Mair. Então, ou eu fingia não notar aqueles olhares, ou levantava a mão e a cumprimentava. Ela normalmente tremia por inteiro, corava envergonhada e retribuía o cumprimento.

Melhor do que nada, eu pensava. *Melhor do que nada*.

Eu colocava nisso todo o meu esforço, mas toda noite, ao ir para a cama, sozinho, eu me lembrava de muitos pequenos gestos feitos durante o dia e não parava de me reprovar. Talvez eu devesse dar a ela um buquê de flores; não

rosas, margaridas. Talvez eu pudesse levá-la para jantar em um restaurante. Talvez ela levasse a mal até mesmo esse gesto.

Eu caía em um sono agitado depois de horas me revirando entre os lençóis. Eu tinha pesadelos?

Sim. Vários.

A Besta, porém, não tinha nada a ver com isso. Eu sonhava que andava pela casa sem mobília de Siebenhoch, vazia, cego e incapaz de exprimir qualquer som. Eu sonhava com o silêncio.

5.

— Papai!

Clara estava no jardim. Tinha as bochechas vermelhas e o casaco aberto. Sorria.

— Venha, papai! Está quente! O vento está quente!

Sorri, alcançando-a.

— É o föhn, pequena.

— Que nem o secador de cabelo?

O ar quente acariciava meu rosto. Era agradável.

— Em alguns aspectos, sim. Só que esse föhn já existia antes de inventarem o secador de cabelo.

— É forte.

— Mas você deve ficar atenta.

— Como assim?

— Sabe como os antigos habitantes dos Alpes chamavam esse vento?

— Como?

— O vento do diabo.

Clara se inclinou na minha direção.

— Por quê?

— Porque faz você gripar — falei, abotoando o casaco dela.

Nunca palavras foram tão proféticas. Meio dia depois eu notei que Clara estava taciturna e sonolenta. Não era preciso um diploma em medicina para entender o que estava acontecendo.

— Febre — sentenciei depois de medir sua temperatura. Trinta e oito e meio.

A gripe durou cinco dias. Depois a febre passou e aos poucos Clara retomou a sua cor normal. Mas eu não ousava levá-la para fora, apesar dos resmungos.

Fevereiro terminou.

Em 1º de março, decidi que tinha chegado a hora. Alguns dizem que a gente se torna homem quando enterra os próprios pais, outros, quando você se torna pai. Eu não estava de acordo com nenhuma das duas filosofias.

Nós nos tornamos adultos quando aprendemos a pedir desculpas.

6.

A casa dos Kagol continuava magnífica, mas eu não estava no estado de espírito para apreciá-la. Fiquei estático diante da porta da frente, reunindo a coragem necessária para pronunciar as oito letras mais difíceis do mundo: “desculpa”.

Eu queria fazer isso, sentia essa necessidade acima de tudo para poder reconquistar o respeito por mim mesmo. Eu não tinha esquecido o que havia acontecido.

Brigitte.

Max dizendo: “Ela se matou, Salinger.”

Manfred jogando as notas de dinheiro em mim.

Eu o acusando de ter assassinado Brigitte.

Devia desculpas a Manfred. Sem isso, sentia que não seria mais capaz de reconquistar Annelise. Porque, para salvar meu casamento, precário como um dos bonecos de neve de Clara, eu tinha antes de tudo que reencontrar a mim mesmo. Não o Salinger que explorara o demônio de Brigitte para fazê-la falar, mas o Salinger que se esforçava para ser o melhor marido do mundo.

Respirei fundo.

Toquei a campainha.

Quem abriu, em vez da governanta de sempre, foi Verena, a esposa de Max. Assim que ela me reconheceu, começou a fechar a porta, mas eu a impedi.

— O que você está fazendo aqui, Salinger? — perguntou.

— Eu gostaria de ver Manfred.

A mulher balançou a cabeça.

— Impossível. Ele está doente.

— Acho que devo desculpas a ele — falei.

— Com certeza, mas agora não é o momento.

— Quando você acha que eu posso voltar?

Verena me olhou por um longo tempo com aqueles olhos grandes de menina.

— Nunca, Salinger.

Ela tentou de novo fechar a porta. Mais uma vez eu a impedi.

— Salinger! — exclamou, surpresa com a minha obstinação.

— O que foi?

— Não são coisas que lhe dizem respeito.

— Eu só quero pedir desculpas pelo meu comportamento.

— Essa é boa — disse ela, olhando para mim com raiva. — Apenas desculpas, certo? Você é um mentiroso, Salinger.

— Eu...

— Nada a ver com o massacre do Bletterbach, certo? Você prometeu não falar disso com Max, mas falou. Ele levou você para a casa dos Krün, certo?

— Sim — admiti. — Foi ele que me levou, eu...

— Ele teve que algemar você, suponho.

— Eu...

— Você só sabe dizer isso, Salinger. Eu. Eu. Eu. E *nós*? Você não pensa em nós? Sabe como eu descobri que Max levou você àquele buraco maldito? Porque ele voltou a ficar mal. Ele voltou a ficar mal-humorado e taciturno.

Uma pausa. Um suspiro.

A ira dela era palpável.

— Algumas noites ele volta tarde fedendo a álcool como não acontecia há tempos. Você está feliz, Salinger?

Baixei a cabeça, calado.

A fúria de Verena me mostrava quão patética e inútil era a minha tentativa de fazer as pazes com Manfred. Algumas coisas não se apagam. E, se perdoadas, são só depois de anos. Não depois de algumas semanas.

Idiota.

— Esqueça essa história, Salinger. O Bletterbach é apenas um cemitério de monstros.

— É o que eu estou fazendo.

— E vá embora daqui. — Os olhos de Verena brilhavam como os olhos de um inquisidor. — Vá embora de Siebenhoch e não apareça mais aqui. Nunca mais.

Ela estava prestes a dizer outra coisa. Uma gota de veneno, com certeza, mas a voz de barítono de Manfred nos alcançou lá de dentro.

— Já está bom, Sra. Krün.

Verena se voltou, confusa e constrangida.

Eu não estava muito diferente.

— Sr. Kagol, por que o senhor se levantou?

— Tudo bem, Verena. Pode ir embora.

— O senhor tem que descansar, sabe disso.

— Pode deixar. Mas primeiro quero trocar uma palavra com Salinger.

— Não! — exclamou Verena. — O senhor está proibido.

Manfred sorriu.

— Agradeço sua preocupação, Sra. Krün, mas a senhora é minha enfermeira, não meu médico...

— Cuidado — sibilou Verena, olhando para mim com maldade.

Despediu-se de Manfred, passou por mim e desapareceu na esquina.

Manfred fez sinal para eu entrar. Eu o segui sob o olhar atento de seus dois dobermanns. Ele não me ofereceu nada para beber. Apenas me convidou para sentar.

Notei que tinha tirado o bigode. Seu rosto parecia exposto e emaciado.

— Como está, Salinger?

— Eu estou aqui para...

— Eu sei.

Pigarreei.

— E o senhor como está, Manfred?

— Sendo o alfaiate do diabo, mais cedo ou mais tarde a gente fura o dedo — disse o Krampusmeister. — Tenho um pequeno problema no coração. Nada grave. O repouso e algumas injeções devem me ajudar a me recuperar, a Sra. Krün é uma enfermeira muito profissional. Graças a ela já estou muito melhor. Foi um período estressante para todos.

— Eu disse coisas horríveis, Manfred. Sinto muito.

Ele não disse nada. Inclinou-se para acariciar a cabeça dos dois grandes cães.

Estendi a ele o parecer de Evi.

Ele o analisou, sério.

— Ela teria tido um futuro esplêndido. Tinha razão, sabe? O consórcio de Trento teve que reconsiderar. Era gente à moda antiga, pensavam que tijolo e concreto armado nunca saíam de moda. Mas tijolo e concreto armado pesam. E não apenas no sentido literal, estou falando também no sentido figurado. O vidro, o aço, o alumínio, a madeira... eram esses os materiais do futuro. Eu sabia disso.

Pensei no Centro de Visitantes, com seu estilo moderno, arrojado.

— Quando soube que outros tinham tido a ideia de explorar o Bletterbach, pensei que ia morrer. Eu não tinha liquidez suficiente, entende?

Muitos canteiros abertos e pouco dinheiro. Logo aquele dinheiro estaria de volta nos meus bolsos, mas naquele momento? Dava no mesmo começar a vender castanhas assadas na estrada, e em um dia eu teria ganhado mais dinheiro do que tinha na minha conta bancária. Eu estava desesperado, aquilo pelo que eu havia lutado tanto corria o risco de desabar.

Ele balançou a cabeça.

— Então me veio à mente Evi. Ela era brilhante, inteligente. E ambiciosa. Além disso, era respeitada em Siebenhoch. Todos sabiam da mãe dela e de como ela tinha criado Markus sozinha. Eu não a contatei pessoalmente. Se tivesse feito isso, ela ia se sentir no dever de recusar. Disse uma palavra aqui e outra ali. O boato de que alguém ia construir um centro de visitantes no Bletterbach, e que ia fazer isso de acordo com os velhos métodos invasivos, logo chegou aos ouvidos dela.

Manfred estalou os dedos.

— Ela preparou o relatório em pouquíssimo tempo. Conhecía de memória cada pedra daquele lugar. O consórcio de Trento levou uma bela rasteira. Abriram um processo, e os processos duram uma eternidade. Tempo suficiente para liquidar as dívidas da Kagol EdilBau e apresentar o projeto.

— Vidro, alumínio e madeira.

— Isso mesmo.

— Mas...

— Também pensei isso, na época. Eu me perguntei se o pessoal do consórcio estava tão irritado a ponto de querer matar Evi. O senhor, Salinger, não fez nada além de seguir meus passos.

— Não os seus, Manfred. Os de Günther.

Manfred estreitou os olhos. Suspirou.

— Fiquei sabendo disso quando já era tarde demais. Günther jamais me falara disso. Ele descobriu o parecer e colocou na cabeça que o assassino era eu. O irmão dele, entende? Se ele tivesse me dito alguma coisa... se tivesse confiado em mim, talvez... — Manfred balançou a cabeça. — Vamos deixar os mortos onde eles estão. São mais felizes do que nós.

— Às vezes eu também penso assim.

Ficamos em silêncio ouvindo a respiração dos dois dobermanns e o föhn que fazia as persianas rangerem.

— Chamei o senhor de assassino, Manfred. Sinto muito. Eu não devia.

— O passado ficou para trás. E, de qualquer forma, eu fiz o mesmo com o

senhor.

— Tinha razão, o assassino sou eu.

— O senhor não matou ninguém, Salinger.

— Eu falei para Brigitte sobre a perícia. Eu disse a ela que Günther sabia disso e que...

Não consegui conter um soluço. Bem na minha frente eu via a expressão de Brigitte quando ela me mandou embora. Era a expressão de quem perdeu tudo.

— Brigitte me contou o que vocês conversaram, Salinger. Não escondo que em certo sentido já fazia um tempo que eu estava de olho em você. Tinha entendido que na verdade você estava indagando sobre os homicídios do Bletterbach. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde o senhor ia falar com Brigitte. Sabia que mais cedo ou mais tarde a questão da perícia de Evi viria à tona. Para mim estava morta e enterrada. Acredito que o senhor tenha me visto, naquela manhã, enquanto saía da casa de Brigitte. Eu o vi, Salinger. Estava estampado na sua cara. O senhor tinha encontrado o parecer e se desviara da estrada. Então pensei em consertar as coisas.

Lembrei-me da Mercedes preta.

— O senhor teve anos para se livrar daquele maldito parecer — falei, incrédulo. — Por que o deixou naquela caixinha de música por todo esse tempo?

Manfred olhou para o teto, na direção do quarto de Günther.

— Porque eu pensei que ali ele estivesse seguro. E porque seria *errado*.

— Então, quando fui embora, o senhor contou a sua versão para Brigitte.

— Não a minha versão, a verdade. O consórcio de Trento, as dificuldades econômicas da Kagol EdilBau. E como eu fiz chegarem duas palavrinhas nos ouvidos de Evi para que ela freasse o avanço dos meus concorrentes. Eu não queria que Brigitte tivesse uma ideia errada sobre isso. No final, ela me disse que se sentia melhor.

— Mas não era verdade.

— Não, não era verdade. Agora eu entendo, mas acredite em mim, ninguém poderia impedi-la. Foi a terceira tentativa daquela pobre mulher.

— De suicídio?

— Sim. Ela não se matou por Günther ou Evi, Salinger. Ela se matou porque se odiava, e quando uma pessoa chega a se odiar até o ponto de desejar a morte...

7.

Na metade de março eu chamei Annelise e lhe disse:

— Quero voltar para Nova York. Este lugar nos distanciou. E não quero perder você. Por nada nesse mundo.

A gente se abraçou e eu senti algo derreter dentro de mim.

Naquela noite, Annelise deixou a porta do quarto entreaberta.

Fizemos amor. Um pouco desajeitados, como se tivéssemos medo de nos ferir. No final, ficamos escutando as nossas respirações se aquietarem.

Adormeci iludindo-me de que o pesadelo acabaria.

CAIXA EM FORMA DE CORAÇÃO

I.

Werner estava no segundo andar de Welshboden, deitado no chão, virado para cima. O olhar vazio, uma mão no peito e outra dobrada atrás das costas em uma posição nada natural.

Imóvel.

2.

A porta estava aberta quando entrei chamando-o sem obter resposta. Não me preocupei. Pensei que estivesse firme em seu propósito de arrumar o sótão. Então, subi.

Annelise pedira que eu desse um pulo lá para ver como estavam as coisas. Fazia dois dias que seu pai dava notícias apenas por telefone e não aparecia. Ele dizia que estava limpando o sótão, e que sentia uma terrível dor de cabeça. Nada sério, mas não queria descer até nossa casa. Se fosse gripe, poderia nos contaminar.

Deixei a caixa com seis cervejas que eu trouxera comigo cair das minhas mãos. Procurei o celular, eu precisava de ajuda, de uma ambulância, de alguém.

— Werner...

Coloquei a mão no seu pescoço.

O coração batia. Seus olhos se fixaram em mim.

— Mal — murmurou ele.

As costas.

— Porra, Werner — falei, achando o celular. — Você precisa ir para o hospital.

Ele balançou a cabeça. Falar devia lhe causar uma grande dor.

— Nada de ambulância — disse ele. — Você me leva.

— Você caiu?

— Eu consigo. Você só tem que me ajudar.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Poucos minutos. Não se preocupe.

Ele tentou se levantar sozinho. Escapou-lhe um gemido.

Ajudei-o.

Era como carregar um peso morto.

Descemos a escada. Eu o fiz vestir um casaco, e tive que ajudá-lo a se deitar no banco traseiro do carro. Ele não estava em condições de ficar sentado. Estava com o rosto vermelho, as veias ressaltadas. Temi um infarto.

— Vou ligar para Annelise.

Ele ergueu a mão.

— Depois.

Mais do que sair de Welshboden, eu *voei* em direção a Bolzano. O aumento da temperatura tinha derretido o gelo nas estradas, então acelerei.

No pronto-socorro, busquei ajuda de alguns enfermeiros. Werner recusou a cadeira de rodas, mas quando entramos ele teve uma tontura e o colocaram à força sobre uma maca. Depois o levaram embora.

Fiquei aguardando, enquanto a sala de espera se enchia e se esvaziava como o movimento sistólico-diastólico de um coração. Ao mesmo tempo, eu pensava que era meu dever alertar Annelise. Mais de uma vez estive a ponto de ligar para ela.

Mas o que eu poderia dizer? Que Werner tinha caído porque, apesar da dor nas costas, ele decidira organizar o maldito sótão? E como ele estava? Qual era o estado de Werner? Eu não fazia ideia. Decidi que ligaria quando tivesse alguma informação a mais para oferecer.

Eu também esperava que fossem boas notícias.

3.

— Papai?

Eu tinha acabado de começar a ler para Clara a sua fábula favorita (*O Pequeno Polegar*) quando a menina, séria, me interrompeu. Fechei o livro e o coloquei sobre a mesa de cabeceira.

— Por que a mamãe estava chorando?

— A mamãe não estava chorando. Estava só um pouco triste.

— Mas ela estava com os olhos feios.

— Ela está preocupada com o vovô.

Clara franziu a testa.

— O que o vovô tem? Por que ele foi para o hospital?

— O vovô caiu. Ele está só com um pouco de dor nas costas.

— E a mamãe está triste por causa disso?

— Sim.

— Mas você explicou a ela que o vovô está só com um pouco de dor nas costas?

Sorri a contragosto. Clara tinha a capacidade de me mostrar o mundo através dos seus olhos. Um mundo simples, linear. No qual tudo iria às mil maravilhas.

— Sim. E o vovô também falou para ela.

— Mas ela está triste. Por quê?

— Porque o vovô está velho. E os idosos são um pouco frágeis. Como as crianças.

— É ruim ficar velho, papai?

Era difícil responder a essa pergunta. Sobretudo se quem a fazia era uma menina que, mesmo precoce, tinha apenas cinco anos.

— Depende de quem está com você. Se você está sozinho é ruim, mas se tem filhos ou netos queridos, aí não é tão ruim assim.

— Você tem medo de ficar velho?

Essa era uma pergunta que me constrangia. Respondi com sinceridade.

— Sim.

— Mas eu vou estar com você, papai.

— Então eu vou sentir menos medo.

— Eu senti muito medo, sabe?

— Quando, filha?

— A neve — disse ela, e seus olhos se encobriram de ânsia, como se estivesse revivendo aqueles momentos. — Tinha ido parar tudo na minha cabeça. Estava escuro. Eu não sabia mais onde era em cima e onde era embaixo. E além do mais a cabeça doía muito.

Eu não disse nada.

Sentia um nó na garganta.

Acaricieei-a até acreditar que ela estava dormindo. Mas, quando eu me preparava para sair do quartinho na ponta dos pés, Clara me chamou:

— Papai — disse, arregalando os olhos. — Você também teve medo?

Esforcei-me para manter o tom de voz calmo.

— O medo é natural, filha. Todo mundo tem medo.

— Sim, mas quando você sofreu o acidente... você teve medo?

— Sim. Muito.

— Teve medo de morrer?

— Tive medo de perder vocês — falei, beijando-a na testa. — Tive medo de nunca mais ver vocês.

— Você estava com raiva?

— De quem? — indaguei, surpreso com a pergunta.

— Eu estava com raiva.

— De mim?

— Também. Mas mais do vovô.

— Do vovô Werner? Mas por quê?

A mão de Clara se ergueu automaticamente, procurando o cabelo. Ela enrolou uma mecha ao redor do indicador e começou a girar com delicadeza.

— Você acha que eu tenho que pedir desculpas para ele? Agora que está doente, talvez eu devesse fazer isso.

— Como eu posso responder, se não sei o que aconteceu?

— Eu queria brincar com a boneca na caixa em forma de coração. Era linda.

— A caixa em forma de coração?

O rostinho de Clara se ergueu e se abaixou. Duas vezes.

— Tinha uma boneca dentro. No sótão.

— O vovô ficou irritado?

Foi como se eu não tivesse dito nada.

— A caixa era grandona assim. — Ela imitou o tamanho com as mãos. —

E estava cheia de coisas velhas. Fotos feias e uma boneca. Mas a boneca era linda.

Fotos feias.

— Que tipo de foto?

— Foto de filmes. Filmes de Halloween — disse ela, séria, diante da minha expressão perplexa. — Fotos de filmes de zumbi. Só que os zumbis estavam no chão. Talvez fossem zumbis quebrados, o que você acha, papai?

— Claro — falei, enquanto meu cérebro tentava traduzir o que Clara estava tentando explicar. — Zumbis quebrados.

Zumbis quebrados.

Uma boneca.

A caixa em forma de coração.

Zumbis.

Quebrados.

— O vovô disse que eu podia me machucar e eu falei que não era justo que ele ficasse com a boneca. Ele não é uma criança, eu, sim. Além do mais, eu estava com raiva porque todos me tratam como uma menina pequena. Eu não sou uma menina pequena.

— Então, assim que ele se distraiu você pegou o trenó.

Os olhos de Clara se encheram de lágrimas.

— Eu sabia que você tinha me proibido, mas eu queria mostrar que...

— Que você é uma menina grande.

— Você acha que eu tenho que pedir desculpas? Por ter ficado com raiva?

— Acho que... — falei com a voz rouca. — Não precisa pedir desculpas.

— Sorri. — Tenho certeza de que o vovô já perdoou você.

4.

Por que Werner não havia me contado? Por que não tinha me dito que ele repreendeu Clara pouco antes do acidente? Talvez, no frenesi que se seguiu, ele houvesse esquecido. Ou talvez se sentisse culpado e tivesse guardado para si o que aconteceu. *Werner era bom em manter segredos*, pensei.

Porém...

A caixa em forma de coração?

A boneca?

O que mais me angustiava e me impedia de pegar no sono, naquela noite, eram as fotos dos zumbis quebrados. O que mais eles poderiam ser além de cadáveres? Por que Werner tinha em casa fotos de cadáveres? E a quem pertenciam? Eu temia já saber.

Havia algo pior. Não um temor.

Uma certeza.

Werner estava escondendo alguma coisa.

5.

Naquela noite eu reabri o arquivo.

Atualizei-o.

Depois fui dormir.

A caçada tinha recomeçado.

6.

Esperei o momento certo. Fui paciente. A ocasião surgiu alguns dias mais tarde.

Werner desceria a Bolzano para consultar um ortopedista. Quando ele disse isso, estávamos almoçando juntos. Annelise se ofereceu para acompanhá-lo. Eu me ofereci para acompanhá-lo.

Werner recusou ambas as propostas, podia muito bem dirigir sozinho. Lamentamos. E nos mostramos contrariados.

Apenas Annelise foi sincera.

Calculei cada milésimo de tempo. Peguei em uma das gavetas da cozinha as chaves de reserva que Werner tinha confiado a nós. Esperei que Clara fosse dormir o seu cochilo da tarde e disse a Annelise que sairia para uma caminhada.

Infiltrei-me na casa de Werner às três da tarde.

Às três horas e seis minutos, eu estava no segundo andar, com a respiração ofegante.

Às três e sete, escalava a estreita escada que levava até o alçapão do sótão. Poucos segundos depois, senti o típico fedor de um lugar fechado.

Às três e dez acendi a pequena lâmpada que pendia de uma viga. Comecei a procurar. Mesmo sabendo que não havia ninguém por perto, e que mesmo se eu comesse a dançar ninguém ouviria nada, fiz tudo no maior silêncio.

Vinte minutos depois, encontrei a caixa em forma de coração. Coloquei-a na contraluz.

Havia impressões digitais recentes no pó.

Abri.

AS VESPAS NO SÓTÃO

I.

Quando eu era criança, passava mais tempo com a cabeça nas nuvens do que com os pés no chão. Meu pai sempre dizia isso. Ele era o exemplo perfeito do homem com os pés no chão. Aos dezoito anos escapara de um destino já traçado.

Há duzentos anos a família Salinger nascia e morria no mesmo vilarejo de duas mil almas, no Mississippi. Meu avô foi um camponês, meu bisavô tinha seguido a mesma profissão e assim por diante, até o desconhecido ancestral que decidiu que estava de saco cheio da Europa e embarcou para o Novo Mundo.

Exatamente como aquele Salinger de dois séculos antes, meu pai sonhava com algo melhor para si. Ele sonhava com as mil luzes de Nova York. Mas não era um cara com caraminholas na cabeça, como se costuma dizer. Ele não queria se tornar um corretor de Wall Street ou um ator da Broadway.

De modo mais simples, ele tinha ouvido falar que na Big Apple as pessoas não tinham tempo nem de preparar os próprios almoços e jantares, então pensou que a melhor maneira de se livrar dos vestígios do Mississippi era abrir um quiosque de hambúrguer e eliminar o arrastado sotaque sulista do seu jeito de falar.

Com o tempo e com o suor, o quiosque ambulante se transformara em uma pequena lanchonete no Brooklyn, um lugar onde se gastava pouco e se comia muito, mas o sotaque ficou grudado nele como uma goma de mascar debaixo das solas dos sapatos ortopédicos que o médico o mandara usar no trabalho.

Em 1972, ele conheceu uma jovem imigrante alemã, minha mãe. Gostaram um do outro, casaram-se, construíram casa e em 1975 eu nasci, primogênito e único filho da família Salinger de Red Hook, Nova York.

Entre os vizinhos, havia aqueles que zombavam de mim. Diziam que eu

era o filho do *redneck*, mas eu não ligava. A coisa boa desse país é que, de uma forma ou de outra, somos todos filhos ou netos de imigrantes. A lanchonete era um pequeno mundo acolhedor, que mantinha meu pai e minha mãe ocupados quatorze horas por dia, e eu tinha bastante tempo livre para me perder nos meus devaneios. Especialmente ler e caminhar pelo bairro.

Red Hook na época estava muito mal, havia heroína espalhada aos montes e a consequente violência que ela difundia. De noite nem mesmo as patrulhas se atreviam a colocar o nariz nos arredores do porto. Um menino pele e osso podia ser alvo para tóxicos e malucos em geral.

A minha *Mutti* (ela também nunca perdeu seu sotaque alemão, algo de que se lamentava com frequência) implorava para que eu não fosse caminhar. Por que eu não ficava em casa vendo TV como todos os bons meninos da minha idade? Dava-me um beijo na testa e ia para o trabalho.

O que mais ela podia fazer?

Apesar disso eu era muito cuidadoso, não era um rapazinho estúpido. Curioso, sim, mas estúpido? Jamais. Eu lia um monte de livros, que maravilha. Não podia me acontecer nada de mal. Eu acreditava que lá em cima, no céu, existia uma divindade que protegia os amantes dos livros das tristezas da vida terrena. Minha mãe era protestante tendendo a marxista, como ela adorava dizer, meu pai batista de tendência basta-que-não-venha-um-padre-encher-o-saco, os vizinhos de casa eram luteranos, hindus, muçulmanos, budistas, havia inclusive católicos.

A minha ideia do céu era vaga e democrática.

Portanto, sentindo sobre a cabeça a mão do Deus dos leitores, todas as vezes eu tranquilizava a minha *Mutti*, esperava vê-la sair pela entrada do pequeno edifício de tijolos vermelhos onde eu tinha crescido, e me esgueirava como um gato para me lançar em minhas andanças. “Esse menino gasta mais sapatos que uma equipe de maratonistas”, reclamava meu pai quando minha mãe lembrava que estava na hora de comprar um novo par, balançando o que restava dos últimos All Star comprados. Eu tinha fixação por All Star.

De qualquer forma, eu gostava de caminhar.

Sentia-me atraído principalmente pela zona antiga de Red Hook, o porto, os armazéns de trigo. Sigourney Street, Halleck Street e a Columbia, com os porto-riquenhos olhando para você com desconfiança, e que terminava no oceano, como a cauda enrolada de um escorpião.

Ou como um gancho, naturalmente.

Caminhar significava imaginar. Cada esquina um mistério, cada edifício uma aventura. Na minha cabeça tudo era esplêndido como em um filme.

Nada me assustava, eu tinha do meu lado o Deus dos leitores, certo? Errado.

Eu tinha dez anos, a melhor idade para desfrutar a liberdade sem se dar conta do peso que isso traz. O ar quente que soprava do oceano tinha levado embora grande parte da névoa e eu caminhava nos arredores de Prospect Park me deleitando com os raios do sol. Sentei-me em um banco, um burrito em uma mão e uma Coca gelada na outra.

Eu era o dono do mundo até ouvir o barulho. Um zumbido. Baixo, intenso.

Ergui a cabeça para o alto.

Não vi nenhuma divindade a fim de ler um romance entre os ramos do bordo acima de mim. Não vi nem mesmo o céu de primavera. Vi uma colmeia. Feia, espessa, verrugenta como uma batata. E dezenas de vespas me olhavam, zumbindo. A sensação que tive quando uma delas se destacou daquela espécie de fruta de papel (a primeira imagem que me veio à mente, logo que a vi) e pousou em minha mão, sugando um pouco da gordura do burrito, foi horrível. Aquela coisa que se movia era verdadeira, maldosa. E logo ia me machucar.

Machucar muito.

E de verdade.

Estúpido que eu era, em vez de deixá-la em paz, mantendo meus nervos no lugar e esperando que ela terminasse o almoço para sair correndo, comecei a agitar a mão, jogando-me no chão. Ela me picou três vezes. Duas na mão e uma no pescoço. A picada no pescoço inchou tanto que minha *Mutti* pensou que teria que me levar para o hospital. Não chegou a tanto, mas a partir daquele dia não acreditei mais no Deus dos leitores. Comecei a ter medo de qualquer inseto que encontrasse nas redondezas, e a lembrança do olhar de ódio de todas aquelas vespas retorna à minha mente toda vez que me dou conta de ter feito uma besteira.

Como naquele dia de março.

Foi nas vespas que pensei quando abri a caixa em forma de coração.

2.

Girei para trás, gritando.

Nenhuma vespa. Somente uma pilha de poeira e fotografias amareladas. Fotografias de zumbis quebrados. Os zumbis eram: Markus. Evi. Kurt.

Os zumbis quebrados do Bletterbach.

Horror puro.

Aquelas fotografias deviam fazer parte dos rolos tirados pelos técnicos da polícia científica na cena do crime. Provavelmente Werner as roubara, e talvez nem mesmo Max tivesse se dado conta disso... Ou será que Max sabia? A pergunta me tocou e foi embora rápido, seguindo o fluxo descontrolado da adrenalina nas minhas veias.

Os esarteamentos em primeiro plano. Os músculos ftiados feito carne para cachorro. Os membros amputados no meio da lama. Aqueles instantâneos eram um ferro em brasa que furava meus intestinos. Mesmo assim, eu não conseguia parar de olhar para eles.

Os rostos.

Os rostos me atacaram com ferocidade.

O de Markus, marcado pelos cardos sobre os quais ele tinha caído, grandes sulcos que pareciam garras de um animal. A expressão aterrorizada de quem sabe que está diante da morte.

O rosto de Kurt, distorcido em uma expressão que era a quintessência do desespero.

Evi.

O corpo sem cabeça, jogado entre as raízes retorcidas de uma castanheira. E a lama escura ao redor como uma auréola demoníaca.

— Olá, Evi — ouvi-me dizer. — Sinto muito por tudo isso. — Suspirei. — Eu ainda não tinha lhe dito isso, mas realmente sinto muito.

Havia dois outros objetos na caixa em forma de coração.

A boneca. Era de pano, recheada com algodão. A boneca da qual Clara tinha me falado. Daquelas que se fazem em casa usando trapos e muita paciência. Não tinha rosto, talvez tivesse sido rabiscado com um marcador e o tempo o lavara. O cabelo loiro estava puxado em duas tranças. Acariciei-as. Parecia com a minha filha.

Então me dei conta de um detalhe. Estava manchada. A boneca usava um

tipo de vestido de bailarina, longo, um avental branco em estilo tirolês. O avental estava manchado. Manchas largas e repugnantes. A cor era escura, polida. Eu soube por instinto do que se tratava. Deixei escapar da minha mão.

Quando caiu não fez som algum.

Aos arrepios se somou a náusea. Esfreguei os dedos na calça jeans tentando me livrar da sensação de ter tocado algo infectado. Comecei a respirar pela boca, ofegante como um animal. O outro objeto eu não fui capaz de tocar.

Um machado.

O cabo estava quebrado em duas partes, unidas entre si com barbante gasto. O fio da lâmina brilhava à luz da lâmpada pendurada sobre minha cabeça. Tirei a camisa e usei como luva para mover a lâmina. *Eu ia queimá-la*, pensei. A ideia de vesti-la novamente me repugnava tanto quanto a ideia de admitir o que eram as manchas na boneca sem rosto.

No fundo da caixa, espremido debaixo de todo o resto, havia um envelope de papel que tempos atrás devia ter sido amarelo, mas agora tinha a cor da barriga de um peixe.

Tomei fôlego e o peguei. Revirei-o entre os dedos, incapaz de fazer o simples gesto de abrir e olhar seu conteúdo. Era leve. Demorei uma eternidade para me decidir.

Duas fotografias, um pequeno retângulo de papel e uma folha dobrada em quatro.

Foi então, acredito eu, que perdi a noção do tempo.

Certa vez — era o início da nossa história, mas eu já estava apaixonado perdidamente — levei Annelise para ver o bairro onde eu cresci. Fiz isso com alguma hesitação, e só porque ela insistiu.

Já não era a Red Hook dos anos 1980, com as drogas nos saguões dos edifícios e os traficantes fumando apoiados nos postes de luz, mas eu me envergonhava um pouco daquelas casas de muros rachados e das calçadas sujas.

Mostrei a ela o porto, os armazéns datados do século XIX, o que restava do bar onde minha mãe me proibia de ir, e lhe ofereci um café no mexicano de quem eu tinha comprado pelo menos a metade das merendas na minha infância e boa parte dos lanches na minha adolescência.

Annelise adorou o bairro. Da mesma forma como a minha *Mutti* gostou dela quando, naquela noite, eu a apresentei com o pretexto de um jantar.

Tinha preparado tudo do bom e do melhor, a minha *Mutti*. Quando abriu a porta para nós, notei que ela vestira a sua melhor saia. Tinha até se maquiado.

Meu pai já tinha falecido, levado por um infarto enquanto preparava um dos seus fantásticos hambúrgueres com cebola, e ela se viu viúva, tendo que gerenciar uma lanchonete e as ambições artísticas de um filho desobediente.

Quando lhe falei que tinha uma namorada, ela não conteve a alegria. Claro, queria saber tudo. Claro, eu devia levá-la para jantar. Apresentá-la a ela. Era realmente tão bonita? Era realmente tão sensível? Era realmente uma boa menina? Claro, ela prepararia aquele jantar com semanas de antecedência. E assim foi.

Annelise estava mais do que feliz por conversar com ela em sua língua nativa, e era bonito ouvir minha mãe rindo como não acontecia há muito tempo.

Ela submeteu Annelise a um educado interrogatório.

Fiquei fascinado pelas histórias da minha amada. Os Krampus com os açoites, os picos nevados das Dolomitas. O jardim de infância de Cles todo feito de madeira, a escola primária com janelas que davam para vinhas a perder de vista, as férias em Siebenhoch e as excursões para as montanhas com Werner, a decisão de se mudar para lá, onde seus pais haviam crescido e

onde Werner era não só seu pai, mas Werner Mair, o grande homem que inventara o Socorro Alpino das Dolomitas. O Natal com a neve tão alta a ponto de forçá-los a ficar em casa o dia todo, as amigas com quem fazer compras em Bolzano e a decisão de ir para os Estados Unidos.

A minha *Mutti* se encantou sobretudo ao ouvi-la falar das paisagens. Pediu que Annelise as descrevesse mais e mais vezes, a ponto de eu me sentir até envergonhado por tanta insistência. Talvez ela tivesse chegado à idade em que os migrantes sonham em se estabelecer de novo em sua terra natal, embora eles saibam que aquilo ao que gostariam de voltar não existe mais.

Annelise falou de seus pais, do quanto eles a tinham mimado e bajulado — ela, filha única de um casal com idade um pouco avançada demais para ter esperança de ter filhos e que, por isso, se demonstrara muito protetor em relação a ela.

Ela contou da vez em que seu pai discutiu com a professora por um castigo que, segundo ele, sua filha não merecia (mas que na verdade foi merecido sim, disse Annelise, as bombinhas não caem na cabeça das pessoas porque os pombos as estão transportando, certo?), e explicou em detalhes todas as receitas que sua mãe tinha tentado lhe ensinar.

— Deve ter sido bom crescer em um lugar como esse, Annelise.

— Eu tive a infância mais linda do mundo, Sra. Salinger.

E como dizer que ela estava errada?

A neve, os prados. O ar fresco. Dois pais amorosos.

Siebenhoch.

Pena que fosse tudo mentira.

4.

Não o ouvi chegar; eu tinha perdido a noção do tempo, e talvez não apenas isso. Não ouvi o carro estacionar na garagem e não ouvi seus passos na escada. Senti apenas a sua mão me agarrando.

Gritei.

— Você — falei.

Tentei articular algo sensato. Não saiu nada.

Werner esperou.

Ele se abaixou sobre um joelho com um gemido de dor e agarrou a boneca. Soprou-a e a acariciou. Até que a colocou outra vez na caixa em forma de coração.

Eu acompanhava, tremendo, todos os gestos dele.

Ele tirou as duas fotografias das minhas mãos. Fez isso com delicadeza, sem me olhar nos olhos, passou-as no blusão que estava usando e colocou-as no envelope. Depois enfiou ali também os dois pedaços de papel amarelado, o grande e o pequeno.

Inseriu na caixa em forma de coração o envelope, a lâmina do machado e o cabo quebrado em dois. Por fim a fechou, pegou-a nas mãos e se levantou.

— Desligue a luz quando descer, ok?

— Onde... onde você está indo? — perguntei, enquanto um arrepio percorria meu corpo.

— Na cozinha. Precisamos conversar, e aqui não é o lugar mais indicado.

Ele sumiu, deixando-me sozinho.

Desci a escada agarrando o corrimão. Temia que minhas pernas não me aguentassem.

Encontrei-o sentado em sua cadeira habitual. Tinha até acendido a lareira. Fez sinal para eu me sentar. Tinha colocado o cinzeiro na mesa, junto a dois copos e uma garrafa de grapa. O retrato da normalidade. Se não fosse pela caixa sobre os joelhos, eu pensaria que tinha tido uma alucinação.

O machado. A boneca.

As fotografias...

Uma invenção da minha mente.

— É isso? — perguntei.

Werner pareceu surpreso com a minha reação, pelo menos tanto quanto

eu estava com a dele.

— Sente-se e beba.

Obedeci.

— Imagino que você tenha um monte de perguntas, certo?

Mais uma vez fiquei impressionado com o seu tom de voz. Não parecia agitado ou com medo.

Era o mesmo Werner que me oferecia uma velha história. Não sei o que eu esperava, mas certamente não era aquela normalidade toda: dois copos de grapa e a lareira crepitante.

Werner me encarando, o rosto inescrutável.

Entregou-me o copinho.

— Preciso de respostas, Werner, ou juro por Deus que a primeira coisa que vou fazer ao sair por aquela porta é chamar a polícia.

Ele retraiu a mão. Apoiou o copinho na mesa e acariciou a caixa.

— Não é tão simples.

— Fale.

Werner se recostou na poltrona.

— Você deve saber que eu a amei. Nós a amamos.

— Você é um mentiroso. Um maldito assassino.

Werner puxou uma cutícula em seu polegar até que começou a sangrar.

Levou-a até os lábios.

— Nós a amamos como se fosse nossa filha — disse depois de uma eternidade.

O conteúdo do envelope. As fotos de Kurt e Evi abraçados. Kurt e Evi acenando com a mão. Em ambas, nos braços de Evi, um recém-nascido.

Uma menina.

Loira.

O nome daquele recém-nascido estava no papel dobrado em quatro. Annelise Schaltzmann, dizia a folha, uma certidão de nascimento com o cabeçalho da República da Áustria. Nascida de Evi Tognon, solteira, em 3 de janeiro de 1985. Uma certidão de nascimento que dizia o impensável.

— Evi e Kurt tinham uma filha.

— Sim.

— Você ficou com ela.

— Sim.

— Annelise?

— Sim.

Passei a mão no rosto. Em seguida, de longe, ouvi a minha voz formular a mais terrível das perguntas.

— Foi por isso que você os matou?

A VERDADE SOBRE O MASSACRE DO BLETTERBACH

I.

— Ela era tão pequena. Nem chorava. Pensamos que estivesse morta. Estava toda respingada de sangue. Você tinha que ver, no meio daquela carnificina, os olhos dela. Aqueles olhos azuis, inocentes.

— Quem mais estava com você? — perguntei.

— Hannes, Max e Günther.

Senti o sangue fluir em minha cabeça.

— Pare de mentir.

— Você não entendeu, Jeremiah. Annelise... ela estava nos braços dele.

— Nos braços de quem?

— Do assassino — foi a resposta de Werner.

Os olhos dele fulguravam. Da caixa em forma de coração, ele tirou o envelope amarelo.

Desdobrou as fotografias. Depois a certidão de nascimento. Finalmente, o último pequeno retângulo de papel. Era uma carteira de motorista austríaca. No nome de Oscar Grünwald.

Ele mostrou-a para mim.

— Foi ele quem os matou.

— E por quê?

— Eu parei de pensar nisso há muitos anos.

Ele deixou a carteira de motorista em cima da mesa. Ficou um momento em silêncio.

— Você está mentindo — acusei.

Quando Werner voltou a falar, seu rosto estava distorcido em uma careta cruel.

— Foi a primeira coisa que vimos quando chegamos àquela maldita clareira. Grünwald manchado de sangue. O machado na mão direita e debaixo do braço aquela pequena criatura.

Imaginei a cena.

A chuva torrencial. A lama deslizando sob os pés. Pedras que assobiavam. As copas das árvores dobradas pela fúria dos elementos. O rugido surdo da tempestade autorregenerativa. Os cadáveres em pedaços no chão.

Tudo.

Fiquei sem ar.

— Assim que nos viu, ele começou a gritar: “Monstros! Monstros!” Max e Günther ficaram petrificados. Hannes viu Kurt e ele também começou a... Você já ouviu um louco gritar? Eu, sim, naquele dia, no Bletterbach. Mas eu estava enlouquecido também. Todos nós estávamos enlouquecidos. Hannes se jogou na direção de Grünwald, eu fui atrás dele. Com um grito terrível Grünwald correu na direção dele. Apertava a menina no peito e segurava o machado levantado sobre a cabeça. *Este machado.*

Ele apontou para a lâmina que eu não tinha ousado tocar.

— Eu vi a trajetória, vi só na minha mente, mas com extrema clareza. Foi como se o tempo tivesse parado. Não ouvi nada. Alguém tinha desligado o volume. Mas nunca na vida tive uma percepção tão nítida da realidade.

As mãos de Werner se agitaram no ar da cozinha de Welshboden. Apesar da lareira acesa, eu sentia o gelo nos ossos.

O gelo do Bletterbach.

Da tempestade.

Não existia mais a casa espartana de Welshboden com o seu sótão cheio de mistérios e a grapa sobre a mesa. Era apenas cenografia, papelão. As palavras de Werner tinham aberto uma brecha no tempo.

O cheiro da lama misturado ao do sangue. Percebi a eletricidade no ar.

O estrondo dos raios.

E os gritos de Hannes.

Mas Hannes não estava gritando, Hannes tinha morrido depois de explodir os miolos da sua esposa, enlouquecido pelo horror do Bletterbach. Aquilo que os meus sentidos percebiam era o *fóssil* do grito de Hannes. Aprisionado na mente de Werner por mais de trinta anos.

— A lâmina estava suja de sangue. Grandes grumos escuros. Eu me pergunto por quanto tempo ele tinha ficado lá, estático, com a menina junto ao peito e o machado enlameado com o qual tinha matado os três. Horas, talvez. Não sei, não quero saber. Naquele momento eu via apenas a trajetória do machado desenhada no ar e a corrida desenfreada de Hannes. Grünwald ia

acrescentar uma quarta vítima ao massacre. Então me joguei no meu amigo. Agarrei-o pela perna. Hannes caiu no chão. O machado passou por um triz. O rosto de Grünwald, Jeremiah. A expressão dele...

Werner esfregou as palmas das mãos na calça. Esfregou-as vigorosamente.

A realidade se rasgou um pouco mais.

Eu sentia o gosto da lama misturado ao do medo.

— Ele avançou na nossa direção. Em câmera lenta. Grünwald agitava o machado como um troféu de guerra, com a menina apertada ao peito. Tão apertada que eu fiquei com medo de que ele a sufocasse. Hannes tinha batido a cabeça, um corte na testa. A visão do sangue trouxe de volta o áudio.

Werner balançou a cabeça.

— Não sei por quê.

Uma gota de suor deslizou da têmpora dele até a curva da mandíbula.

Depois sumiu.

Pareceu-me vermelha.

— Pensei que o sangue de Hannes ia se misturar com o do filho dele. Achei que seria horrível. Aí Grünwald veio para cima de mim. Parecia ter dez metros de altura. Um gigante, uma criatura dos bosques saída de uma lenda. Os olhos dele estavam fora de órbita, tinha sangue no rosto, sangue nas roupas.

Werner pegou a garrafa de grapa e mandou para dentro um longo gole. E outro.

— Eu já vi feridos, mortos, na minha vida. Vi membros quebrados. Vi um pai carregando a perna de um filho, vi filhos implorando de joelhos para salvar seus pais com o crânio aberto por uma rocha. Vi o que faz a força da gravidade com um corpo depois de um voo de quatrocentos metros. Eu mesmo quase morri várias vezes. Ouvi a morte chegando. Como uma respiração rápida que leva você embora. Mas naquele dia, no Bletterbach, a morte era um gigante com um machado na mão que me olhava assombrado.

Werner me encarou.

— Era o Krampus. Nada de chicotes ou chifres, mas era o Krampus. Era o diabo. E... eu o ouvi murmurar.

— O que ele dizia?

— Parecia uma fórmula mágica. Ou uma maldição. Eu não sei. Não entendi, um raio tinha derrubado uma árvore a menos de dez metros de distância. Meus ouvidos assobiavam, eu estava com os tímpanos destruídos.

Mas era uma frase sem sentido, talvez apenas a fala de um louco. Eu pensei nisso por anos.

Werner passou a mão no cabelo branco. Senti um vazio no estômago. Eu sabia. Não era uma frase sem sentido. Era um nome em latim.

Com as mãos rígidas de um frio que vinha de outro lugar e de outro tempo, tateei o bolso e puxei o celular. Procurei na memória a imagem que Mike me enviara, e enfim mostrei a tela para Werner.

— O que é isso?

— *Jaekelopterus Rhenaniae*. Foram essas as palavras de Grünwald?

Werner as repetiu para si, mais de uma vez, como um mantra, como uma oração. Seus olhos estavam anos-luz de distância de Welshboden.

— Sim! — exclamou de repente. — É isso. *Jaekelopterus Rhenaniae*. Como você sabe?

— Grünwald estava convencido de que eles ainda existiam, no Bletterbach. O *Jaekelopterus Rhenaniae* é um ancestral dos escorpiões extinto no Permiano, justamente a época em que se originaram as camadas mais profundas da garganta. É esse o monstro do qual ele estava falando. O monstro... — Balancei a cabeça, incrédulo. — Evi tinha destruído a carreira dele com uma publicação que acabava com as suas teorias. Grünwald se tornou motivo de chacota do mundo acadêmico. Um pária.

Lembrei-me das palavras de Max.

— Ele era uma pessoa solitária. Não tinha ninguém. A não ser — indiquei a criatura no visor do celular — as suas obsessões. Estava caçando monstros e, quando Evi se colocou entre ele e os monstros, ele próprio se tornou um monstro.

Observei o rosto de Grünwald na carteira de motorista. Testa alta, uma incipiente calvície. Cabelo curto, olhos escuros, apertados, como se fosse míope, mas se envergonhasse de usar óculos.

Peguei as fotografias do massacre. Coloquei sobre a mesa uma ao lado da outra, pedaços de um mosaico de horror. Passei o dedo sobre elas. A ponta do dedo queimava.

— As pernas decepadas. Os braços. A decapitação. O *Jaekelopterus* caçava assim. Quarenta e seis centímetros de garras afiadas como lâminas.

Eu me sentei.

— Era louco. Louco.

Eu não queria acreditar. Parecia loucura, mas, ao mesmo tempo, tudo fazia

sentido.

De repente, a história de Grünwald se tornou uma perfeita sequência de pontos unidos por uma única linha que começava de *a*, passava por *b* até se tornar vermelha de sangue, no Bletterbach. As provas estavam todas ali, na minha frente.

Mesmo se as provas não fossem suficientes, parte de mim estava no Bletterbach, em abril de 1985. Eu tinha as costas dormentes pelo frio.

Eu podia vê-lo.

Podia ouvi-lo murmurar a velha maldição de milhões de anos.

Jaekelopterus Rhenaniae.

— O que aconteceu depois?

— Grünwald deu um grito terrível. Mas Günther foi mais rápido. O raio o acordara do estado de choque. Pulou para cima dele como um doido. Ele o agarrou pela cintura e o derrubou no chão. A menina rolou na lama e, se não fossem os reflexos de Max, teria caído no precipício. Ela começou a chorar. Era o choro de um gatinho, não de uma criança. Günther, enquanto isso, estava lutando com Grünwald. Eu me levantei e fui ajudar. Eu estava batendo às cegas. Arranquei o machado das mãos daquele desgraçado. Ergui para o alto e gritei até arrebentar as cordas vocais. Era uma reação que não me pertencia, era algo animalesco. Então percebi que o cabo estava pegajoso de sangue. Gritei de novo, mas dessa vez de horror.

Ele apontou para os dois pedaços de cabo amarrados juntos.

— Eu quebrei em uma pedra. Bati até meus dedos sangrarem. Quando terminei, Günther continuava batendo em Grünwald. Tinha transformado a cara dele em uma massa disforme de hematomas. Ele o está matando, pensei. Mas sabe de uma coisa, Jeremiah? — Ele deixou que a pergunta permanecesse suspensa no ar. — Eu também queria que aquela besta morresse.

Besta, disse ele.

— Mas eu não queria que Günther se tornasse um assassino — continuou Werner depois de uma eternidade. — Günther era uma pessoa instintiva, de coração puro. Se eu o tivesse deixado matar Grünwald, o remorso iria assombrá-lo. Gritei. Günther parou, com as mãos pingando sangue. Grünwald, debaixo dele, estava gemendo baixinho. Bolhas de sangue saíam dos lábios dele. Eu não senti nenhuma pena. Mande-o parar. E Günther, talvez apenas por força do hábito, obedeceu. — Um suspiro. — Max nesse meio-tempo tinha limpado o rosto da menina. Ela não estava mais chorando,

mas tremia de frio; tratamos de aquecê-la o melhor possível. Hannes, enquanto isso, tinha se ajoelhado ao lado do corpo do filho, soluçando como se não pudesse mais parar.

Werner respirou fundo. Um suspiro quase interminável.

— Eu sabia que, se tivesse ficado ali no meio daquele massacre sem fazer nada, ia enlouquecer. Que nem Hannes. Era preciso tomar uma decisão. E eu fiz a minha proposta.

— Que proposta? — sussurrei.

— Existem três tipos de justiça, Jeremiah. A justiça de Deus, mas Deus estava olhando para o outro lado naquele dia. Nenhum anjo apareceu para mostrar o caminho que devíamos seguir. Havia apenas uma menina que estava morrendo de frio, o choro de Hannes, o olhar assombrado daquele louco, e todo aquele sangue. — Uma pausa. — Depois, existe a justiça dos homens. Podíamos amarrar Grünwald e arrastá-lo para o vale. Entregá-lo à polícia. Mas eu já tinha experimentado a justiça dos homens, e não tinha gostado. Você se lembra do nascimento do Socorro Alpino das Dolomitas?

— A expedição em que seus amigos morreram?

— Eu fui processado. Disseram que era culpa minha. Como eu era o único sobrevivente, decidiram que tinha sido a minha negligência que os matara. O que aquele juiz podia saber? O que ele podia saber sobre como a gente se sente quando tem que cortar a corda de segurança que nos liga a um companheiro com a coluna quebrada? O que as leis sabiam sobre o que acontece nas montanhas? Nada. Para ele, contava apenas que eu estava vivo e os outros não. Logo, eu tinha que ser punido.

— Ai de quem está vivo — falei.

— Eu fui absolvido por um detalhe. A mesma lei que tinha me acusado me libertou por um inciso escrito por sabe-se lá quem e sabe-se lá por quê.

Werner balançou a cabeça com força.

— Nada de justiça humana.

— Qual é a terceira justiça?

— A dos nossos antepassados.

Ele cruzou os braços, esperando a minha reação. Não houve nenhuma. Fiquei imóvel até ele continuar com a história.

— Nossos antepassados conheciam a montanha. Nossos antepassados faziam orações para os rochedos e amaldiçoavam o gelo. No tempo deles não existia a justiça que hoje nós acreditamos honrar. Eles nasciam escravos e morriam

escravos. Passavam fome e sede. Viam os filhos morrer como animais. Enterravam na terra dura e faziam outros nascerem esperando que pelo menos aqueles se salvassem.

Ele olhou para o alto, na direção do teto e além.

Além do céu.

Além do espaço.

— Nossos antepassados tinham um modo de estancar o sangue dos vivos.

Percebi que eu estava sem respirar. As palavras de Werner me acertavam no peito como muitos pregos. Pregos de caixão, grandes e grossos. Expirei com força.

Enquanto isso, Werner tinha se levantado e desdobrado o mapa sobre a mesa.

— Este é o lugar onde o encontramos, amarramos e o colocamos nos ombros. Não havia necessidade de dizer nada. Todos nós conhecíamos a justiça de nossos antepassados. Nós nos revezamos, Günther, Max e eu. Hannes, não, Hannes não fazia nada além de chorar e chamar pelo filho. Ele implorava perdão por não tê-lo compreendido, por nunca ter dito o quanto se orgulhava dele. Mas os mortos são surdos às nossas súplicas, por isso tentamos consolá-lo. Em vão. Ele não ouvia nem mesmo a gente, e talvez — suspirou —, talvez porque a gente também, ao carregar aquele desgraçado para as grutas, a gente também estivesse morto.

Fiquei petrificado.

— As grutas.

Werner apontou no mapa para me mostrar o lugar exato.

— Desde sempre nossos antepassados jogavam ali assassinos, estupradores, agressores. Qualquer um que tivesse derramado sangue, qualquer um que tivesse tentado destruir Siebenhoch terminava ali. Não importava se fosse rico ou pobre, nobre ou plebeu. As grutas são grandes e escuras. Acolhem todos.

Vi um sorriso no rosto dele?

Rezei para que não.

— As bruxas — murmurei, lembrando o que Verena me contara. — As bruxas também iam parar lá embaixo.

— Sim.

— As bruxas eram inocentes.

— Eram outros tempos. Nós sabíamos que Grünwald era culpado. E nós o jogamos lá embaixo.

— Vocês... vocês não tinham medo de que ele pudesse escapar?

Werner exibiu uma expressão de escárnio.

— Ninguém nunca saiu das grutas do Bletterbach. Lá embaixo está o inferno. Lembra-se da mina? De vez em quando os mineiros desmoronavam a parede errada e morriam afogados. Existem lagos debaixo do Bletterbach. Alguém chegou a dizer poços de enxofre. Há um mundo inteiro.

— E vocês o jogaram lá.

— Era o lugar dele. Eu descii com Max, e Günther gritava da superfície de vez em quando. Quando a voz dele se tornou pouco mais do que um sussurro, Max e eu achamos um poço. Nunca vi uma escuridão tão impenetrável. Parecia uma pupila maligna e gigantesca.

— Grünwald ainda estava vivo?

— Estava respirando. Ofegante. Estava vivo, sim. Günther não era um assassino. Antes de jogar Grünwald no poço, eu peguei a carteira de motorista dele, o único documento que ele tinha.

— Por quê?

— Por dois motivos. Porque, se as correntes subterrâneas trouxessem o corpo para a superfície, eu não queria que descobrissem a identidade dele. Ele não merecia um nome no túmulo. E segundo porque eu queria algo que me lembrasse da raiva que eu sentia naquele momento. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde isso desapareceria. E queria que ela ficasse viva para sempre. Quando sinto que se atenua, subo até o sótão, abro esta caixa e olho nos olhos desse filho da puta. A raiva volta, e com ela também a sensação que experimentei jogando Grünwald nas cavernas. A sensação de ter feito justiça.

— A justiça dos antepassados.

— Quando saímos ao ar livre, Hannes já estava com um olhar ausente, enquanto Günther tremia como uma folha. — Werner cruzou os braços e olhou para o teto. — Anos mais tarde... pouco antes de ele morrer no acidente de carro, eu o encontrei podre de bêbado.

— Aqui em Siebenhoch?

Werner balançou a cabeça.

— Não. Em Cles, onde eu morava. Ele queria tirar um peso de si. Não parava de xingar e de se bater com um molho de chaves. Estava sangrando. Parecia um louco. Günther foi o último a deixar a boca da gruta e dizia que, quando nos afastamos de lá, ele ouvira vozes, vozes de mulher. Elas estavam pedindo ajuda. Era um coro, ele me disse isso mesmo, um coro.

— Meu Deus...

— Estávamos loucos naquela noite.

— O que aconteceu com a menina?

Apesar da certidão de nascimento e das fotografias, eu não conseguia chamá-la pelo nome.

— Encontramos um abrigo, ainda que miserável. Acendemos uma fogueira. Nos revezamos para cuidar dela. Estava com fome. Nós tínhamos apenas água e açúcar. Ela precisava de um médico, mas a tempestade não parava de nos bombardear.

Werner começou a bater na mesa.

— Foi um bombardeio de chuva, relâmpago, trovões. Durou séculos. Séculos que eu usei para pensar.

— No quê?

— Na menina. Ela nasceu na Áustria, depois que Kurt e Evi tinham se mudado, mas eles não haviam falado disso em Siebenhoch...

— Eles não eram casados.

— Exatamente. Kurt tinha medo da reação do pai. Markus sabia da menina, mas tinha morrido tentando escapar do louco que havíamos acabado de jogar nas grutas. Quem ficaria com aquela menina? Havia apenas duas possibilidades. A família de Kurt e a mãe de Evi.

— A alcoólatra.

— Exato.

— Não havia outros parentes?

— Tinha o pai de Evi, mas onde ele estava? E, acima de tudo, você entregaria aquela menina para um homem que abandonara a esposa depois de a transformar em uma puta que vivia bêbada? Além disso, ele era violento.

Balancei a cabeça.

— Então você decidiu ficar com ela.

— Não. Eu decidi que ia ajudar Hannes a conseguir a custódia dela. Pensei que Günther poderia colocar no meio também o irmão dele, Manfred...

— Por que Manfred?

— Manfred sabia como mexer os pauzinhos no meio da burocracia e, naquela época, ele estava começando a fazer alguns amigos na política. Tudo isso poderia nos servir. Um risco, mas... foi o que eu decidi naquela noite. Depois voltamos. Estava escuro, frio. Siebenhoch estava isolada do resto do mundo. Entregamos Hannes para Helene: estavam ambos destruídos pela

morte de Kurt. Mas eu não podia imaginar o que Hannes faria algumas horas depois... — Um suspiro. — Por alguns dias, eu ia cuidar da menina. Max e Günther eram solteiros, eu era o único que tinha uma esposa, entende?

— Você a trouxe para casa.

— Herta... você tinha que ter visto a cara dela. Estava assustada, apavorada, furiosa comigo porque eu tinha arriscado a vida, mas a visão da menina a transformou em outra pessoa. Pegou-a nos braços, trocou a roupa dela, limpou, alimentou e, enquanto Annelise dormia, pediu que eu lhe contasse tudo.

— Sobre a gruta também?

— Disse que tínhamos tomado a decisão certa.

Eu ouvi em algum lugar o canto de um corvo.

As chamas na lareira haviam se transformado em brasas.

— Naquela noite, Hannes matou Helene, foi encontrado catatônico com a arma ainda na mão. Max me disse. Ele correu para a minha casa como um doido, quase derrubando a porta. Em breve as estradas seriam liberadas, Hannes seria preso e a menina confiada aos serviços sociais.

— Foi então que você decidiu ficar com ela?

— Decidimos todos juntos. Max, Günther, Herta e eu.

— Com que direito?

— Aquela menina não merecia crescer em um orfanato. Ninguém merece. Werner se agitou, parecendo zangado.

— Nós a criaríamos rodeada do amor que Evi e Kurt já não podiam dar. O amor que alguém tinha decidido que eles não podiam mais dar — quase gritou. — Fazendo os dois em pedaços! Em pedaços!

Ele agarrou o cabo do machado e o jogou no chão.

— Ainda assim era um sequestro. De uma menor.

— Pense como quiser, Jeremiah. Mas tente ver como nós vimos naquele momento.

— Como vocês fizeram?

— Era preciso eliminar os vestígios. Voltamos ao Bletterbach. Examinamos minuciosamente a clareira em busca do que poderia levar a polícia à existência de Annelise. A boneca, uma mamadeira. Levamos tudo embora. Levamos embora também tudo o que sobrara do machado. Tínhamos medo de que a polícia encontrasse impressões digitais, jogando tudo pelos ares.

Pensei no que Max me mostrara sobre as investigações da polícia científica.

— Tempo desperdiçado.

— Isso nós sabemos agora, mas naquela hora? Voltamos para o vilarejo pouco antes de os tratores da defesa civil fazerem a sua entrada triunfal.

— Annelise...

— Esperei o fim das investigações preliminares trancado em casa. Eu ia ao supermercado em Trento com medo de que alguém me visse com uma sacola cheia de papinhas e fraldas para bebê. Via policiais prontos para me prender em todo lugar. Estava com medo até das sombras. Logo que foram declaradas encerradas as investigações, Herta, Annelise e eu partimos. No meio da noite eu a coloquei no carro e fugimos daqui.

— Para Cles?

— É o que as pessoas pensam. Não. Teria sido imprudente. Manfred nos ajudou. Sim, Manfred também sabe. Ele tinha uma propriedade em Merano, um pequeno apartamento. Longe o suficiente para que ninguém nos reconhecesse. Ficamos escondidos por quase um ano. Manfred e Max providenciaram documentos falsos. Nunca me disseram como tinham feito, e nunca perguntei a eles. Mas fizeram isso. E funcionou. Só depois a gente se mudou para Cles.

Werner acendeu um cigarro. Estava pálido, a testa cavada por rugas muito profundas.

A história chegava ao fim.

— Max e Günther nesse período fizeram as notícias circularem. Herta grávida: uma gravidez difícil, que tinha exigido cuidados e me obrigado a abandonar o Socorro porque eu tinha medo de deixar minha filha órfã. O tempo passava e as pessoas já não pensavam em nós. Quando chegamos ao vilarejo para um curto período de férias, todos chamavam Annelise pelo nome, como se a conhecessem desde sempre. — Werner deu de ombros. — Assim funcionam os boatos. Mas existe outra coisa que você precisa saber.

— A morte de Günther.

Werner cruzou os braços, os olhos lúcidos.

— Isso. A última vez que o encontrei, em 1989, ele estava já completamente fora de controle. Tinha encontrado o parecer de Evi e colocara na cabeça que o irmão dele estava por trás de Grünwald. Ele queria matá-lo, disse com todas as letras para mim. Tentei dissuadi-lo. Fazê-lo entender que era uma loucura. Mas alguns dias mais tarde...

— O acidente de carro.

— A cabeça dele não aguentou. E ele cometeu suicídio. Günther é a última vítima do Bletterbach.

Ele tinha acabado. Encheu um copo de grapa e entregou para mim.

Dessa vez eu aceitei.

— E agora? — perguntei.

— Agora é com você, Jeremiah. Tem que decidir. Em qual justiça você acredita?

Eu não sabia, então respondi com uma pergunta:

— Por que você nunca disse nada a Annelise?

— No começo pensei em fazer isso. Eu dizia para mim mesmo que ia esperá-la completar dezoito anos, quando ela estivesse madura o suficiente para entender. Guardei a caixa em forma de coração justamente para isso. Eu sabia que as minhas palavras, sem provas, só iam confundi-la. Talvez pensasse que o velho dela tinha ficado louco. Então percebi que dezoito anos não significavam nada. Ela ainda era uma menina, mesmo que matriculada na autoescola e sonhando com a América. Conversei com Herta e juntos decidimos que só uma mãe poderia ter aceitado o que ela e eu tínhamos feito em 1985.

— E quando Clara nasceu...

— Annelise estava do outro lado do oceano e Herta estava morrendo. Tinha sentido falar com ela sobre isso?

— Não.

— E agora, Jeremiah? Que sentido teria contar para ela essa história?

Havia pelo menos mil respostas para a pergunta que Werner jogara sobre mim como um fardo de milhões de toneladas.

— Pela lei dos homens, Annelise deveria saber que o pai dela morreu naquela garganta e que o homem que tomou o lugar dele — falei, com a cabeça baixa — é um assassino e um sequestrador de crianças. Pela lei de Deus... — Levantei a cabeça. — Não tenho muita certeza sobre esse assunto. Mas acho que para a lei de Deus tudo isso não tem a menor importância e, se tem, criar Annelise em uma família amorosa, em vez de em uma instituição ou algo pior, foi a coisa certa a fazer.

Werner concordou.

Fiz um esforço para sorrir.

— Em resumo, um voto contra e um voto a favor.

— E a justiça dos antepassados?

Abri os braços, desanimado.

— Olhe para mim, Werner. Sou filho de imigrantes, nem sei quem são os meus antepassados e, francamente, nunca me preocupei com isso. Eu só tenho um pai. Um pobre homem que dedicou a vida toda a fazer hambúrgueres de cinquenta centavos para pagar a mensalidade da escola e o dentista. — Minha voz falhou por um momento, depois prossegui: — Mas posso falar por mim. Não sei se o que você disse é bobagem ou se me contou a verdade. Mas sei que você abriu o coração e sei que acredita nessa história maluca. Mas os loucos sabem ser muito convincentes.

Werner fitou-me por um momento. Tragou o cigarro, tossiu e jogou na lareira.

— Seja lá o que você decidir fazer, faça logo. — Werner se inclinou para mim, os olhos de falcão me atravessavam. — Porque eu estou morrendo.

— Co...

— A dor nas costas. Não é dor nas costas. Eu tenho um câncer. Inoperável.

Fiquei sem palavras.

— Annelise — consegui dizer.

— Ela não vai ficar sabendo por você.

— Mas...

— O que pretende fazer, Jeremiah?

2.

Quando saí de Welshboden, o ar de março ainda cheirava a neve, porém mais abaixo era possível sentir o fedor da decomposição. Eu percebia ao meu redor uma espécie de cansaço da natureza, um cansaço que era meu também.

Sentei-me no banco do motorista sentindo os braços pesados como se tivesse transportado troncos por toda a tarde. A cabeça rimbombava com os gritos do Bletterbach.

Durante a narração de Werner, eu apertara as mandíbulas com tanta força que agora elas doíam. Eu tinha a sensação de ter acabado de morder uma fruta envenenada. Em algum lugar, uma serpente estava zombando de mim.

Agora você sabe, ela disse.

Não, você não sabe porra nenhuma.

Deixei-me cair no volante, exausto.

Eu estava dilacerado. Por um lado, sentia que seria mais justo falar com Annelise. Dizer-lhe tudo o que Werner acabara de me contar. Por outro, eu me dizia que não tinha o direito. Isso era com Werner. Odiei-o por ele ter me colocado diante daquela escolha. Era um peso insuportável que pertencia a ele, não a mim. Bati no volante com a energia que me restava. Não era justo. Mas o que era justo nessa história?

A morte de Evi? As mortes de Kurt e Markus?

E Grünwald?

Ele não teria direito a um processo regular? A justiça dos homens, como Werner dizia com desprezo, é falível, propensa a punir o fraco, mas é isso que nos distingue dos animais da floresta.

Eu realmente pensava assim?

Será que no lugar de Werner eu teria agido diferente? Se Annelise tivesse sido confiada aos serviços sociais ou a uma mãe alcoólatra, ela teria sido a mesma Annelise que eu amava? Teria tido os mesmos sonhos que a trouxeram para meus braços? Ou teria sido destinada a uma vida de humilhação?

O que distinguia a mulher que eu amava de Brigitte, por exemplo?

Pouco ou nada.

Suspirei fundo.

Ainda não tinha acabado.

Engrenei a marcha e pisei no acelerador.

3.

Dessa vez não fui gentil nem compreensivo. Empurrei Verena para o lado, quase a derrubando. Eu só tinha olhos para Max, em pé. Era a primeira vez que eu o via com trajes civis.

— Precisamos conversar — falei, alongando bem as palavras. — Venha comigo.

— Vocês não têm nada para falar — gritou Verena, fora de si. — E você tem que sair da minha casa.

Ela teria arrancado os meus olhos se Max não tivesse interferido, detendo-a. Então, abraçando-a, ele disse:

— Espere por mim lá fora, Salinger.

Fechei a porta.

Ouvi Verena gritar e a voz de Max tentando tranquilizá-la. Depois, silêncio. Finalmente a porta se abriu. Um brilho luminoso que logo desapareceu. E enfim Max, com as mãos nos bolsos, um cigarro apagado entre os dentes, esperando minhas palavras.

— Ela sabe?

Ele me olhou por bastante tempo.

— Sabe de quê?

— De Annelise.

Max ficou pálido, ou assim me pareceu. A luz estava fraca, eu não tinha certeza. O que é certo é que o seu corpo se contraiu. Pegou-me pelo cotovelo, empurrando-me para longe da porta.

— Vamos caminhar.

— Werner me contou tudo.

— Tudo?

— Grünwald. As grutas. A filha de Evi e Kurt. E Günther.

Max se deteve ao lado de um lampião. Acendeu o cigarro.

— O que mais você quer saber?

— Como você e Manfred fizeram para se livrar dos vestígios da menina?

Max sorriu.

— Os computadores da época não serviam para nada. Além do mais, quem é que tinha computador? Nós, não. A burocracia era movimentada em papel. Um gordo paquiderme grande e estúpido. E não se esqueça da cortina

de ferro.

— A Áustria era um país amigo.

— É verdade, de fato, se Annelise tivesse nascido na Alemanha Oriental ou na Polônia eu teria economizado muitas dores de cabeça. A Áustria, no entanto, não era um país aliado, e tinha se declarado neutro. Mas isso é política, e para você interessam os detalhes práticos, certo?

— Estou interessado em tudo.

— Por quê?

Aproximei-me olhando-o fixamente nos olhos.

— Porque eu quero ver se vocês estão mentindo. Porque eu quero entender se devo destruir a vida da mulher que amo ou não.

Max olhou em volta.

— Você está dando um espetáculo.

Dei um passo para trás e acendi um cigarro. A chama do isqueiro me cegou.

— Continue.

— Pense no mundo em que a gente vivia. Guerra Fria. Espiões. Aqui havia o terrorismo. Dizia-se que os terroristas tinham bases do outro lado da fronteira, depois se confirmou que era isso mesmo, tanto que alguns deles ainda estão lá, na Áustria. Para ir a Innsbruck era preciso atravessar a alfândega. Não precisava de passaporte, já vigoravam os acordos internacionais, mas tinha muita polícia. — Max imitou com a mão direita uma barra que subia e descia. — De um lado a italiana, de outro, a austríaca. Atravessar o Brennero exigia um bom tempo. Mas ambos os países tinham uma coisa em comum: a burocracia. Quando decidimos que a menina seria criada por Werner e Herta, percebi que junto com Manfred eu podia tentar um truque. Günther nunca tinha sido exatamente brilhante, Werner estava com muito medo e era conhecido demais para arriscar algo tão...

— Ilegal?

— *Delicado*. Era uma operação complicada. Você viu que tipo de mãos Werner tem?

Ele sorriu.

Eu permaneci impassível. Gravei cada palavra dele. À primeira incerteza, à primeira contradição...

— Vá em frente.

— Tivemos que obter uma certidão de óbito de uma menina da idade de

Annelise. Um atestado de óbito *italiano* para uma menina *austriaca*. Dei conta disso. Foi fácil, eu me lembrava de uma menina morta na Marmolada. Modifiquei a certidão com os dados de Annelise. Dei uma sujada, como se o fax não funcionasse bem. Enviei para a embaixada austriaca e esperei que fosse registrado e expedido para a Áustria. Precisava ganhar tempo. Tempo para responder as perguntas daquele idiota do capitão Alfieri.

— Para você nunca foi interessante que ele conseguisse encontrar o culpado, certo? Você queria despistá-lo.

— É a palavra certa. Eu virei uma piada, mas as piadas fazem rir, não matam. Eu já tinha matado o culpado, o que eu estava fazendo era proteger os inocentes. Werner, Günther, Herta e Annelise.

O arquivo da casa dos Krün assumia um novo significado à luz daquelas revelações.

— Por isso você sumiu com os documentos o mais rápido que podia.

— No começo pensei em queimá-los. Então achei que seria melhor conservar. No caso de...

— De que alguém metesse o nariz?

— Alguém como você, sim.

Não respondi. Aspirei uma longa tragada. Esperei que Max prosseguisse.

— Fui para a Áustria de uniforme. Vestido como carabiniere. Eu tinha comprado a farda só para isso, e a joguei no lixo antes de atravessar a fronteira e voltar para casa. Requisitei o atestado de óbito de Annelise Schaltzmann. Falei que precisava dele para uma investigação oficial. Menti, mas ninguém percebeu. Eles me deram, e dessa vez era um atestado de óbito autêntico. Annelise Schaltzmann tinha morrido de insuficiência renal no hospital de Belluno.

— É um gato correndo atrás do próprio rabo.

— É a burocracia. Depois veio a parte mais perigosa.

— Annelise tinha que ressurgir. Tinha que se tornar Annelise Mair.

— Sim. O único momento em que poderiam nos descobrir. Manfred tinha contatos, sabia o que fazer. Por isso, e pelo fato de que era irmão de Günther, recorremos a ele. Assim, em 9 de setembro de 1985, um empregado do cartório de Merano, perto da aposentadoria, embolsou uma bela nota, fez vista grossa e inseriu Annelise no registo de nascimentos. A menina do Bletterbach tinha nascido pela segunda vez. Ninguém notou nada. Seria engraçado se não fosse trágico. Nós tínhamos enrolado todo o aparato burocrático de dois

países. E saímos ilesos.

— Até agora.

Max baixou os olhos.

— O que você pretende fazer?

— Eu também estou me perguntando isso, Max.

4.

Foi Clara que me disse o que fazer. A sua voz desesperada, naquela noite, em sonho.

5.

As luzes de casa estavam desligadas. A iluminar o meu caminho havia uma aura fantasmagórica, um brilho fosforescente. Eu me movia Tateando, tentando me orientar.

As paredes, das quais eu também sentia a presença, estavam tão longe que eu poderia caminhar pelo resto dos meus dias sem conseguir tocá-las. No entanto, eu sabia que aquela era a casa de Siebenhoch.

Na lógica do sonho, era assim.

Eu sentia uma ansiedade indescritível. Não sabia por quê, só sabia que se eu parasse tudo estaria perdido. Não estava fugindo. Não era um daqueles sonhos em que sombras sem rosto estão à espreita prontas para agarrar você. Não, eu estava *procurando*.

Mas não sabia o quê.

Entendi isso quando comecei a ouvir a voz de Clara me chamando desesperadamente. Tentei responder ao seu chamado, sem sucesso. Meus lábios estavam selados. Então comecei a correr para chegar aonde a voz estava mais alta. Era uma sala circular, com paredes de pedra. Pedras brancas que gotejavam sangue. No centro da sala, um poço.

Aproximei-me

Clara estava lá.

Então, enquanto a minha filha continuava invocando o meu nome, eu me joguei naquela imensa pupila de trevas.

A COISA DE OUTRO MUNDO

I.

Eram dez horas de um dia ensolarado quando, na manhã seguinte, apareci em Welshboden pronto para enfrentar o último capítulo da história do massacre do Bletterbach.

Interrogar os mortos para dar respostas aos vivos.

Werner me abriu a porta e parecia não ter pregado os olhos a noite toda. Seu hálito cheirava a grapa. Eu não quis entrar. Não tinha tempo.

Bastou-lhe olhar para a minha roupa para entender o que eu estava pensando em fazer.

— Você está louco — disse.

Eu não esperava um comentário diferente. Estendi a mão.

— Dê o mapa.

— Você vai morrer.

— O mapa.

Foi a minha determinação que o fez ceder. Entregou-me o mapa e eu, parado à porta, o vi desaparecer no espelho retrovisor. Um velho encurvado por muitos segredos.

2.

O Centro de Visitantes estava vazio, o meu era o único carro no estacionamento. Do porta-malas tirei a mochila e chequei o equipamento. Eu não mexia nele desde 15 de setembro. Não pensei nisso. O dia 15 de setembro era uma data como qualquer outra.

Meus movimentos eram lentos, precisos, como eu tinha aprendido que deviam ser nessas situações complicadas. Estava tudo ali. Desdobrei o mapa e verifiquei se eu o tinha memorizado bem. Então pulei a cerca (agradecendo pela falta de arame farpado no alto) e comecei a minha caminhada na direção das grutas.

Quando estava dedicado às filmagens de *Mountain Angels*, eu tinha aprendido algumas noções básicas de alpinismo, mas se tratavam mais de noções teóricas e alguma escalada no tempo livre, apenas para experimentar a vertigem, sempre sob o olhar especialista de um guia. Eu me diverti e tinha me tornado qualificado o suficiente para não me meter em problemas sozinho.

Agora, porém, no Bletterbach, a brincadeira era mais difícil. E perigosa. Lembrei-me do passeio com Clara, em que, ao longo do percurso marcado, cartazes alertavam para a falta de sinal de telefone. Nada de celular lá embaixo. Ou seja, nada de socorro. E se o que Werner dissera fosse verdade, eu não poderia contar nem mesmo com a bússola.

Essas considerações me pararam?

Nem mesmo por um segundo.

Eu não segui o trajeto feito pela missão de resgate de Werner, Hannes, Günther e Max. Isso me faria desperdiçar muito tempo e energia. O ano de 1985, com suas trilhas abertas por lenhadores e animais, era arqueologia; hoje as trilhas estavam bem conservadas, embora estivessem cobertas pela neve e, enquanto eu pudesse, usaria todas as vantagens possíveis. Pelo menos até o ponto em que o presente se cruzaria com o passado.

Antes de dizer adeus às trilhas turísticas e *ir* às profundezas, eu me permiti uma breve parada. Bebi água e comi um pouco de chocolate. Os músculos doíam, mas eu sentia nas pernas a força necessária para realizar a minha viagem no tempo.

Recomposto e saciado, encaminhei-me por uma descida, tomando cuidado para não ficar preso nos ramos dos abetos.

A inclinação se tornou mais íngreme, e duas vezes corri o risco de um tombo que, naquelas pedras afiadas, não teria sido sem consequências.

Se naquele dia eu tivesse realmente pensado nas possíveis consequências da minha descida ao Bletterbach, teria ficado em casa.

No fundo da garganta, a rocha estava coberta por uma camada de gelo. Debaixo dele eu conseguia captar o fluxo da torrente.

Não esperei nem mesmo um instante. Subi de novo pelo lado oposto.

Um farfalhar de ramos, algum animal curioso com a minha presença, ou um pouco de neve que sucumbia ao calor e à força da gravidade. Ar gelado. Suor.

E nada mais.

Seguindo as indicações de Werner, cheguei à trilha pela qual os homens da equipe de resgate tinham carregado o corpo de Grünwald e a segui. Não sem dificuldades. A neve estava alta e eu tinha que marchar levantando os joelhos.

Amaldiçoei-me por não ter pensado nas raquetes de neve.

Então, sem fôlego, cheguei.

À minha volta havia abetos vermelhos, larícios e alguns pinheiros. Todos cobertos de neve. Mas nenhuma gruta. Talvez, na pressa de chegar o mais rápido possível, eu tivesse me perdido. Então tirei a mochila para olhar o mapa.

Que estava de acordo comigo. Nenhum erro.

O lugar era aquele.

Eu tinha feito uma viagem à toa? Werner mentira para mim? A resposta era muito simples, e levei um segundo para percebê-la. Estúpido garoto da cidade. Se como alpinista eu era um principiante e como espeleólogo nem isso, como explorador eu era um desastre. Não sabia ler o terreno.

As grutas do Bletterbach não eram uma cruz entre Tolkien e um documentário da “National Geographic”, voragens espetaculares onde entrar com facilidade. Eram pequenos buracos na rocha que, a partir de outubro até o degelo, ficavam obstruídos pela neve: era esse o motivo pelo qual no ponto x do mapa nada me esperava.

Xingando alto, comecei a cavar com as mãos, ofegando e suando.

Encontrei.

Uma abertura de não mais do que oitenta centímetros de diâmetro da qual subia um cheiro que me fez torcer o nariz. Liguei a lanterna montada no capacete.

Respirei fundo. E me enfiei lá dentro.

3.

Fui em frente, de quatro, inspirando o ar úmido, mais quente do que no lado de fora, impregnado de um cheiro pesado, de sepultura. A gruta descia sinuosa entre as rochas friáveis do Bletterbach. Tentei imaginar como Werner e Max tinham feito para arrastar Grünwald. Era preciso uma determinação formidável.

A mesma que eu tinha.

Algumas curvas, depois uma escadinha de pedra. No fim da escadinha o túnel subia outra vez, abrindo-se em um ambiente enorme. Fiquei olhando aquela vastidão, hipnotizado por um espetáculo de estalactites e estalagmites entrelaçadas em formas bizarras.

Caminhei pelo lado direito do perímetro. Em algumas fissuras da parede havia tufos sedosos ao tato. Mofo, ou talvez musgo. Parecia incrível que mesmo lá embaixo, onde o sol não brilhava há trezentos milhões de anos, houvesse vida. Incrível e impressionante.

Olhei o relógio e descobri com surpresa que eu tinha perdido a noção do tempo. Sabia que era um fenômeno natural, que os espeleólogos profissionais achavam óbvio, mas a rapidez com que se manifestou me deixou atordoado.

Prossegui, e enfim: a pupila de trevas.

Abaixei-me para debruçar-me e olhar. Não era como eu tinha imaginado. Parecia mais do que tudo um escorregador muito íngreme, movediço, mas eu não tive dúvidas. Era onde Max e Werner tinham jogado Grünwald. A fenda ligeiramente circular em que começava era mesmo uma pupila de trevas.

Era como se existissem vários tons de preto e aquele poço tivesse decidido me mostrar a última gradação possível. Fiquei assustado, sim. Nem por isso recuei. Eu queria ver, queria saber. Só então entenderia como agir.

Se devia contar tudo para Annelise ou deixar que aquela história permanecesse no esquecimento.

Finquei um par de pregos e amarrei a corda que tinha trazido. Passei-a no equipamento de rapel que eu prendera ao arnês e comecei a descer.

Compreendi logo por que Werner e Max tinham escolhido aquele ponto para realizar a sentença de morte. Sem equipamento adequado, seria impossível voltar à superfície.

A rocha estava escorregadia e quase completamente desprovida de pontos

de apoio.

Reprimi a claustrofobia e acelerei.

Quando, depois de vários metros, senti que o chão estava de volta, me desenganchei e olhei ao redor, tentando me orientar. A lanterna no capacete ajudava pouco.

A escuridão ali embaixo era quase sólida.

Arrisquei um passo, mantendo-me encostado à parede úmida. Ao primeiro passo foi adicionado o segundo e assim por diante, até que me encontrei distante do ponto em que eu tinha descido.

De vez em quando algum inseto pousava na minha mão, fazendo-me sentir um arrepio de asco. Eram aranhas, brancas e fantasmagóricas, com longas patas que saíam de um corpo central grande como uma moeda de um euro.

Asquerosas.

Exatamente enquanto eu sacudia uma dessas aranhas, senti uma lambida nos tornozelos e parei para iluminar. Água, descobri, surpreso. Eu estava costeando um lago subterrâneo. Mergulhei a ponta dos dedos para conferir a temperatura. Estava fria, mas menos do que eu esperava. A surpresa durou pouco, pois de repente um estrondo me fez gritar e o eco reverberou em infinitos sons.

Algo grande tinha caído na água. Meu coração parou de bater por um instante.

Tudo ok, falei para mim mesmo. As montanhas estão em constante metamorfose: não seria assim também com as suas entranhas? Desmoronamentos em uma caverna desse tipo devem ser corriqueiros. Tudo ok, então. Tudo ok.

Acima de tudo: nada de pânico.

A espeleologia, como o alpinismo, não é apenas uma questão de habilidade e músculos.

Eu tinha visto, durante as filmagens de *Mountain Angels*, pessoas que passavam os dias nas academias de escalada, tecnicamente muito preparadas e fisicamente mais em forma do que um dia eu poderia ter estado, despencarem bem na metade de uma parede de dificuldade média. Como? Elas não sabiam responder a essa pergunta. Permaneciam inertes diante da câmera, o olhar apagado, reclamando de contraturas ou câibras.

Bobagens.

A verdade é que técnica e preparo físico são importantes, mas representam apenas metade do que você precisa. O resto é uma questão de nervos: o que

fode você é o medo. De repente os dedos sentem a textura de uma pedra farelenta, um inseto importuna zumbindo acima da cabeça, e pronto: a parede que você está enfrentando se torna a representação concreta de todos os seus medos.

A mente cede.

Eu sabia bem. Tinha acontecido comigo naquela maldita fenda de gelo.

Então, nada de pânico.

Eu trouxera comigo uma grande lanterna de halogênio, muito mais potente do que a do capacete. A luz ajuda a dissipar o medo. Ou, pelo menos, eu torcia por isso do fundo do coração.

Com cuidado, retirei-a da mochila e liguei. Consegui medir o tamanho do ambiente onde eu estava. O lago subterrâneo era enorme. Virei o feixe de luz para o teto para calcular quão alta era a gruta.

E eu vi. A Besta.

4.

Era branca.

Era feroz. Imóvel. Mas, entendi, era apenas gelo.

Mudei o feixe de luz da lanterna desenhando cimitarras de prata na superfície da água. A cada ondulação, parecia que o lago subterrâneo sorria. Não um sorriso amigável, acredite.

Segui as ondas até identificar o epicentro, cerca de dez metros de distância de onde eu estava. Uma espécie de iceberg branco em miniatura flutuava placidamente indo para cima e para baixo como se acenasse para mim.

Venha aqui, ele dizia, *venha até mim*.

Tentei me acalmar procurando uma explicação plausível. Não demorei muito para encontrá-la.

A camada de gelo sobre a minha cabeça de vez em quando cedia, deixando cair blocos de mármore na água. Esse era o truque. Só isso. Talvez o calor do meu corpo tivesse gerado aquela reação. Simples física.

O problema foi que isso me fez pensar na caverna como um ser vivo.

Comigo dentro.

No branco.

Senti um gosto ácido na boca. A minha mente, que desde tenra idade havia sido treinada para me contar histórias, começou a fazer o seu trabalho sujo. Partir de um *a* e chegar até... os gritos de Grünwald acordando, sozinho, naquele escuro.

As suas tentativas frustradas de subir até a abertura.

Unhas quebradas, sangue, orações e gritos.

A decisão de encontrar outra saída. Giros em círculos. Chegar até ali.

E depois? Ele tinha ido adiante? Tinha tentado nadar? Eu não teria feito isso, mas Grünwald era mais experiente do que eu, talvez tivesse se arriscado a entrar naquele tipo de...

Nicho.

Essa era a palavra.

Cinco letras.

Um nicho ecológico. Protegido contra agentes externos. Um mundo onde os ponteiros do relógio não tinham significado. Exatamente como nas teorias de Grünwald.

Respirei fundo. Relaxe os ombros, rodando-os devagar. Estavam rígidos como vigas de aço. Abri e fechei as mãos para reativar a circulação. Comecei a sentir frio. Precisava manter os músculos quentes e relaxados. Ou ficaria lá para sempre. Como Grünwald. Como... quanta gente? Quantas pessoas tinham ido parar lá dentro? A justiça dos antepassados, como chamara Werner. Linchamentos, era como eu chamava.

Barbárie.

Cinco letras: “morte”.

Se eu não tivesse me detido naquela macabra reflexão e tivesse voltado pelo meu caminho, teria evitado o que aconteceu em seguida, porque foi por puro acaso que eu vi o cadáver amontoado em uma fissura da rocha.

As roupas fora de moda caindo flácidas sobre o que restava do corpo. Os joelhos sob o queixo. A perna direita quebrada em dois lugares.

Os ossos brilhando à luz da lanterna.

— Olá, Oscar — falei.

O lago respondeu com uma ondulação.

Eu estava diante dos restos de Grünwald.

A mochila junto ao peito, os braços envolvendo os joelhos, a cabeça inclinada para um lado, a mandíbula aberta. Uma criança de castigo. Um homem derrotado.

Condenado à escuridão eterna das entranhas do Bletterbach.

Imaginei como ele devia ter sofrido, ali, sozinho, com a perna quebrada, arrastando-se em busca de salvação. Imaginei a escuridão estrangulando-o, as alucinações, a loucura. Uma lenta, miserável agonia. E, finalmente, a morte.

As órbitas vazias do crânio exalavam um desespero que ia além da angústia. Um homem enlouquecido, aprisionado na mais atroz das celas.

Um assassino, sim, mas ninguém merecia um castigo tão terrível. Senti pena dele.

E horror por aquilo que Werner e os outros tinham feito.

Não sei quanto tempo me detive ao lado do cadáver de Oscar Grünwald, sei apenas que, quando a centopeia de vinte centímetros emergiu das mesmas órbitas que tinham me hipnotizado, dei um passo para trás, surpreso e enojado, e perdi o equilíbrio.

Caí no lago e a lanterna me escapou. A água se fechou sobre mim com um som abafado. Debati-me em busca de ar, mas só consegui engolir água. Eu estava cego e surdo.

O lado de cima e o de baixo se confundiram.

Agitei os braços e as pernas em movimentos insensatos ditados pelo pânico e afundei ainda mais, com os pulmões em chamas e o estômago enchendo-se daquele veneno com sabor de fel.

Tudo estava preto, tudo estava escuro.

Agi por instinto, e foi o instinto que me salvou. Livrei-me da mochila e deixei que a força da gravidade a levasse embora. Senti que ela descia. Então me impulsionei com todas as forças no sentido oposto. Alguns metros que por pouco não foram fatais para mim.

Quando cheguei à superfície, ofeguei e cuspi por um bom tempo, mas em vez de continuar me contorcendo eu me deixei flutuar.

Uma coisa de cada vez, disse a mim mesmo. *Enquanto isso, respire. Olhe ao redor. Encontre a margem. E dê no pé o mais rápido possível.*

A lâmpada montada no capacete funcionava de vez em quando. Devia ter se chocado quando caí. Enviava breves flashes (luz, escuro, luz, escuro) que iluminavam as águas negras e imóveis em um lampejo que não ajudava as minhas pupilas a se acostumarem com a escuridão, pelo contrário. No entanto, durante um dos preciosos segundos de luz, pensei ter visto a margem e tentei nadar naquela direção. Braçadas lentas e metódicas.

Mas.

Não era a borda. Estava frio e viscoso. *Gelo*, pensei. *Apenas gelo*. O gelo se moveu. E algo, debaixo da água, tocou meu joelho.

Luz, escuro. Luz, escuro.

O objeto que eu tinha tocado era grande e branco e, quando um súbito clarão o iluminou, ele *mergulhou*. No escuro, ouvi o borbulhar da água fechando-se sobre ele. Como se fosse um grande peixe albino.

Ou então...

Meus gritos tornaram-se um coro de berros, milhares de vozes sobrepostas que pareciam divertir-se com o meu medo. Os gritos das mulheres condenadas em Siebenhoch. O riso das bruxas enterradas lá. Era isso que Günther dizia ter ouvido. Foi isso que Oscar Grünwald devia ter escutado antes de morrer, encolhido naquela fenda da rocha, como se... Como se tivesse visto algo terrível se mover na água. Algo grande e frio. E pela segunda vez eu senti um toque no meu pé. Com mais insistência. Levantei rapidamente a perna e acabei com a cabeça debaixo d'água. Naquele momento a lâmpada se acendeu.

Luz.

Era branco. Era enorme.

Jaekelopterus Rhenaniae.

Eu me debati.

Encontrei a superfície, o oxigênio. Eu estava ofegante. Nadei. Para fora dali. Sem pensar na coisa branca e viscosa com nome em latim que agarrara minha bota. Em suas garras de quarenta e seis centímetros. Em suas dimensões nada naturais. Dois metros e meio de escorpião marinho. Os olhos perfeitamente redondos, negros, de uma desumanidade que beirava o insuportável.

Um predador de milhões de anos.

Não pense, exigi.

Exigi.

Como o *Jaekelopterus Rhenaniae* caçava? Suas emboscadas eram rápidas e mortais, como as dos tubarões, ou se assemelhavam às dos crocodilos? Ele ia agarrar minha perna, e então eu sentiria a garra quebrar meus ossos e minhas cartilagens, ou ele me arrastaria para baixo e me afogaria?

Pior ainda: onde ele estava?

Por que ainda não tinha me atacado?

— Não pense, caralho!

Não havia nenhum monstro lá embaixo. Era impossível. Eu não tinha realmente certeza de tê-lo visto. O monstro branco no lago negro como tinta. Eu *achava* que tinha deparado com ele. A chave para não enlouquecer estava naquelas seis letras simples: “achava”.

O sabor de fel da água me dava náusea. Eu estava com frio. Nadei tentando manter sempre a mesma direção. Era um lago subterrâneo, não um oceano. Mais cedo ou mais tarde eu ia encontrar um ponto de apoio no qual me agarrar. Nadei até que meus dedos bateram em uma pedra sólida. Subi até a parte seca, exausto.

Eu não tinha ideia de onde estava, mas sabia que precisava me mexer. Molhado, eu corria o risco de morrer congelado. Mexer-me, portanto, mas em que direção?

Dava na mesma.

Caminhei.

As trevas entraram na minha pele e me engoliram.

O som da minha respiração tornou-se a respiração do Bletterbach.

O tempo se desgastou até desaparecer por completo.

Finalmente, exausto, desabei no chão. Talvez eu estivesse a poucos passos de uma saída, mas sem luz eu nunca a encontraria. Era inútil. Eu estava em um labirinto.

Levei as mãos ao rosto.

Pensei em Clara. Em Annelise.

— Perdoem-me — falei.

As bruxas riram. Da minha idiotice.

Talvez eu tenha dormido, não lembro.

Acordei com um barulho assustador. Um rugido que me fez saltar em pé, tremendo.

Não era uma alucinação. Era o som de algo implacável movendo-se na água, batendo o que só podia ser uma cauda.

Uma longa cauda coberta com uma armadura. Olhos como poços negros. Garras como lâminas.

Estava chegando.

Jaekelopterus Rhenaniae.

É assim que termina a patética história de Jeremiah Salinger, disse a mim mesmo.

Devorado por um monstro tão antigo quanto o mundo.

Comecei a rir sem conseguir parar.

Era a morte mais ridícula que eu já tinha ouvido.

— Pode vir, seu merda! — gritei.

O barulho se aproximava. Rápido.

Ele me seguira. Tinha espiado cada movimento meu, em silêncio. Esperara que eu perdesse a energia. Que eu me desesperasse. Paciente, inexorável. E agora atacava.

Era esperto, o desgraçado.

— Vamos, filho da puta!

Apoiei-me à parede, buscando alguma pedra para usar como arma de defesa. Minha vida ia custar caro. Quando o *Jaekelopterus* atacasse, eu mostraria para ele que aquele não era mais o seu tempo. Ele estava extinto. Morto. Passado.

Meus dedos encontraram algo muito mais valioso do que uma pedra. Encontraram um grafite.

Poucas linhas retas, esculpidas com força na rocha. Três triângulos com a

ponta virada para cima. Humanos, sem sombra de dúvida. Geométricos. Nada na natureza poderia esculpir uma pedra com tanta precisão. O destino não estava me dando uma arma, estava me oferecendo algo melhor.

Esperança.

Apalpei, frenético.

O rugido do *Jaekelopterus* cada vez mais próximo. Cinco metros. Talvez menos. A poucos centímetros do grafite, meus dedos se agarraram a um gancho de metal.

O rugido tornou-se um trovão.

Um metro.

Gotículas de água fétida no rosto.

Gritei e me movi bruscamente para o lado, agarrando com todas as forças o ferro saliente. Sofri um estiramento nas costas. A dor reverberou até o pescoço. Cambaleei, saltitei, perdi o equilíbrio, agarrei-me com ainda mais força, bati o capacete na pedra e a lanterna voltou a funcionar.

Maravilhosa, uma luz ofuscante.

O que eu vi?

Um enorme bloco de gelo que flutuava. Nada mais.

5.

Deviam ter sido os mineiros que colocaram o gancho e desenharam os três triângulos. Aqueles que trabalhavam nas minas de cobre que desabaram nos anos 1920. Era um método para indicar rotas de fuga ou retorno e não se perder nos corredores estreitos que eles próprios criavam. Normalmente eram pequenas cruzeiras. Outras vezes, iniciais ou símbolos que de alguma forma remetiam à identidade de quem os fazia ou à localidade de origem do operário. Não era importante. Aqueles sinais na pedra significavam *esperança*.

Continuei tateando a parede da gruta até encontrar a entrada de um túnel em que estava gravado o mesmo símbolo. Não consegui conter a alegria. Entrei sem hesitar.

Tive que caminhar de joelhos, a cabeça encostava na pedra. A lanterna continuava com os seus caprichos. Não me importei. A esperança me dava novas energias. Além disso, finalmente eu sentia que estava indo para cima.

Nada poderia me parar. E nada me parou.

De repente, senti o ar fresco.

Quando vi a luz, um buraco pequeno, lá em cima, comecei a chorar. Escalei e escorreguei. Caí, machuquei as mãos. Tentei de novo e de novo. Quebrei as unhas, blasfemei e espumei de raiva. Por fim, agarrando raízes retorcidas de um castanheiro, consegui subir para a fonte de luz.

Quando emergi na superfície, dei um grito que ecoou por todo o desfiladeiro.

Rolei na neve, afundando no gelo que me parecia puro a ponto de inebriar. O ar que eu respirava era doce como mel. O sol me cegava. Estava pálido e crepuscular e me espantei ao perceber isso. Quando olhei a hora, me dei conta de que o meu vaguear nas entranhas da montanha não tinha durado mais do que um sopro. E comecei a sentir a mordida do gelo.

Voltei à realidade.

Eu estava sem equipamento, molhado, e meu corpo começava a entrar em colapso. Tinha que me movimentar. Subi com esforço o castanheiro cujas raízes haviam me salvado. Alcancei uma bifurcação robusta e montei nela. Observei o horizonte e não demorei muito para ver o caminho sinalizado do Bletterbach, com suas belas indicações vermelhas e brancas, seus sinais de alerta. Objetos comuns, construídos por alguma marcenaria da região.

Pareceram-me obras de arte dignas de um museu.

6.

Fiz a curva na entrada de carros, maravilhado por aquele ato tão banal me parecer prodigioso. Das janelas provinha uma luz suave, quente. Desliguei o motor.

Lágrimas inundaram meus olhos, e naquele momento Clara puxou as cortinas e acenou para mim. Respondi ao seu gesto. Atrás da minha filha vi o perfil de Annelise.

Estava linda.

Desci do carro.

Foi Werner quem abriu a porta para mim. Olhou para o meu rosto cheio de arranhões e contusões. Depois, para minhas mãos inchadas e machucadas. Arregalou os olhos. Tentou dizer alguma coisa. Fiz um gesto para que ele se calasse.

Estendi a mão e ele retribuiu o gesto.

Não foram necessárias palavras.

Passei por ele e me aproximei de Annelise. Ela estava petrificada. Eu parecia um cadáver.

— Eu amo você — falei.

7.

Naquela noite, esperei Annelise dormir antes de deslizar para fora dos lençóis, ir para o escritório e fechar a porta. Liguei o computador e atualizei o arquivo.

Então o arrastei para a lixeira.

Tinha acabado.

PAIS

I.

Passei os últimos dias de março na cama, vítima de uma febre que me deixou um caco. De nada serviram os antitérmicos: aquele mal-estar apenas em parte era de origem física. A descida às entranhas do Bletterbach me destruíra, e o meu corpo precisava de tempo para zerar os contadores e recomeçar.

Eu dormia pouco e apenas em lampejos. Nesses breves espaços de tempo, voltava para a gruta. Via novamente a pupila das trevas, o cadáver de Grünwald, e o monstro que saía da água não era um bloco de gelo: tinha boca, garras e um nome em latim. Eu acordava desorientado e com medo, mas seguro.

Em casa.

Em casa era Clara que se aproximava do quarto, o rostinho preocupado, trazendo um suco ou uma limonada que a doença tornava repugnante, mas que eu bebia até a última gota apenas para agradá-la.

— Está bom, papai?

— Ótimo, querida — eu respondia, lutando para não vomitar.

— Você quer que eu meça a sua temperatura?

— Eu quero um beijo, filha.

Eu sempre recebia muitos.

De vez em quando, Annelise saía para fazer compras e Clara entrava na ponta dos pés e se sentava à beira da cama. Contava histórias e acariciava meu cabelo, quase como se ela tivesse se tornado a adulta e eu fosse a criança a ser cuidada. Muitas vezes ela ficava simplesmente imóvel, olhando para mim.

Vocês podem imaginar um retrato mais doce do amor?

Annelise nunca me perguntou nada. Foi cuidadosa, atenta e preocupada. Eu sabia que as perguntas só estavam sendo adiadas, via isso em seus olhos, mas primeiro eu tinha que me curar.

E foi o que fiz.

2.

A febre passou. Eu ainda estava tonto e sentia como se tivessem passado um rolo compressor em cima de mim. Mas os olhos não se enchiam mais de lágrimas se eu tentava ler uma página de jornal, e a dor de cabeça era apenas um incômodo atrás da nuca. Voltei a comer com apetite. Annelise me provocava com uma incrível quantidade de pratos deliciosos aos quais eu não sabia dizer não. Era muito bom sentir algo que não fosse dor.

Depois de alguns dias que passei de roupão vadiando pela casa, decidi me aventurar no mundo exterior. Precisava de ar fresco. E, não me levem a mal, de um Marlboro.

Vesti uma calça jeans pesada, blusa e sapatos, coloquei meu casaco acolchoado e atravessei a porta de casa determinado como Harrison Ford em busca do Santo Graal.

Com passos hesitantes, cheguei ao portão da propriedade. Toquei-o com a ponta dos dedos e voltei. Satisfeito com a iniciativa, permiti-me um cigarro sentado nos degraus.

O sol estava alto, brilhante como eu não via há meses, e deixei que o vento me trouxesse o cheiro da floresta. A primavera estava chegando com determinação. Havia ainda manchas de neve no chão, especialmente nas laterais das estradas, onde varredores a tinham empilhado em montes escuros e sujos, mas a natureza estava despertando.

Eu com ela.

De repente percebi Annelise atrás de mim, de pé.

— Acho que lhe devo uma explicação — falei.

Ela deslizou graciosamente a saia por baixo das pernas, sentou-se ao meu lado e colocou a cabeça no meu ombro.

Ouvimos o pio fora de tom de um melro e um bater de asas. Uma ave de rapina voava alto no céu pontilhado por nuvens brancas e lentas.

— Só me diga uma coisa, Salinger — perguntou Annelise. — Acabou?

Virei-me.

Olhei nos olhos dela.

— Acabou.

Ela começou a chorar. Abraçou-me. Observei as nuvens.

Eu podia tocá-las com um dedo.

3.

Dois dias depois, submeti-me a uma consulta no mesmo especialista que tinha me recolocado de pé após o acidente de 15 de setembro. Quando confessei que não tinha tomado os psicotrópicos que ele havia prescrito, ficou furioso.

Aguntei a indignação em silêncio, com a mesma expressão de um cachorro que apanha, até que ele se acalmou, então expliquei a minha decisão de retomar o tratamento que, na verdade, eu nunca tinha começado: estava ali para isso.

Eu precisava me recompor, expliquei-lhe, havia tentado por conta própria e falhara.

Minha intenção não era me encher de psicotrópicos que me tornassem um pobre idiota feliz (e aqui a cara dele ficou roxa), mas estava na hora de dizer adeus a pesadelos e ataques de pânico.

Em certo sentido nós negociamos, e é quase cômico pensar assim, visto que o homem de jaleco branco não tentava me vender um carro usado ou uma assinatura de TV, mas queria melhorar a minha vida.

Ele me prescreveu ansiolíticos leves e novos soníferos para tornar as noites menos agitadas. Despediu-se de mim com um grande ponto de interrogação no rosto.

Eu compreendia suas dúvidas, no entanto não podia explicar o verdadeiro motivo da minha determinação. Porque a história do Bletterbach, a história do massacre do Bletterbach, era agora só um arquivo na lixeira do meu laptop. Um documento concluído.

Eu tinha conseguido.

Havia contado a história de Evi, Markus e Kurt. De Werner, Hannes, Günther, Max, Verena, Brigitte, Manfred, Luis, Elmar. A biografia de Siebenhoch.

Ninguém jamais leria, e eu nunca faria um documentário sobre aquela excursão maldita, mas quem se importava? Eu demonstrara a mim mesmo que ainda era capaz de fazer o que mais gostava: contar histórias.

Era hora de virar a página.

4.

— Quem vai cuidar de você é a *Frau* Gertraud — disse Werner. — Você gosta da *Frau* Gertraud, não é, Clara?

Ela olhou primeiro para mim e, em seguida, para Annelise, então acenou positivamente com a cabeça, tímida.

— *Frau* Gertraud leu todos os livros do mundo.

Werner abriu os braços.

— Estão vendo? Não tem problema. Vocês vêm jantar comigo?

Annelise tentou esconder a surpresa do convite com um “Por que não?”.

— Boa menina — disse ele e a abraçou.

Depois sumiu em seu jipe.

— O que será que ele quer? — perguntou-me Annelise, quando estávamos de volta no conforto de casa.

— Quem sabe?

— Vocês passam um montão de tempo juntos.

— Verdade.

— Achei que conversassem.

Passei o braço em volta dos ombros dela.

— Quantas vezes tenho que explicar para você, querida? Os homens não falam. Os homens soltam grunhidos e bebem cerveja. *Pardon*. Bebem grapa.

Ela não riu.

— Ele adora ficar com Clara. Parece estranho que... — Eu me interrompi.

— Em vez de se fazer tantas perguntas, por que você não pensa em aproveitar a noite de folga? — sugeri.

Werner não havia me explicado nada, mas eu tinha certa ideia do que ele planejava fazer naquela noite. Não escondo que estava assustado. Mas fingi ter outra coisa em mente.

Fiquei alegre, falador. Ajudei Clara a escolher o vestido para usar nas horas em que *Frau* Gertraud, a bibliotecária de Siebenhoch, seria a babá dela. Quando a mulher vestindo um sobretudo chegou, por volta das sete da noite, minha filha tinha mudado de ideia pelo menos trezentas vezes (calça jeans e blusinha eram caseiros demais, a saia verde era para as noites no restaurante, talvez aquela vermelha...) e eu, apesar da expressão afável, estava tão tenso quanto uma corda de violino.

Annelise e eu não estávamos indo para um simples jantar, mas para uma despedida que acrescentaria algumas rugas no rosto da mulher que eu amava. Aguentei firme.

5.

Werner abriu a porta e apertamos as mãos. Ele buscou meu olhar e eu fugi do dele.

Conversamos sobre Nova York, sobre Siebenhoch. Falamos sobre Clara, que em setembro começaria a escola. Sobre *Frau* Gertraud.

Eu agi normalmente.

Werner tinha emagrecido, notava-se, mas mesmo assim, quando se afastou para ir buscar a sobremesa na geladeira, demonstrei surpresa com os comentários da minha esposa.

— Werner? — perguntei. — Para mim ele parece estar muito bem.

Vivaz como os zumbis quebrados das fotos na caixa em forma de coração.

Apenas pensei, mas pensei.

Terminada a sobremesa, Werner deu um pequeno pacote de presente para Annelise.

— Isto é para você. De mim e de Herta.

Ela piscou, confusa.

— O que é?

— Abra.

Annelise olhou para mim, tentando descobrir se eu estava ciente do conteúdo do pacote. Eu não sabia de nada, a atitude de Werner me surpreendera também.

Annelise desamarrou primeiro a fita, depois o papel de seda que o revestia. Dentro da caixinha havia um relógio de bolso. Redondo, o mostrador branco, simples. A caixa de prata riscada aqui e ali. As horas eram números romanos, os ponteiros, setas góticas.

Annelise olhou para ele, perplexa.

— E o que eu faço com isso, papai?

— É seu — disse Werner, sério.

— Obrigada, mas...

Finalmente Annelise se deu conta da expressão séria do pai.

Vai começar, pensei.

Senti uma pontada de alívio. A minha participação naquela peça estava concluída.

Eu podia deixar o palco, retirar-me para os bastidores e me preparar para

recolher os pedaços do coração quebrado da minha esposa.

— Esse relógio pertence à nossa família há mais de um século. Veja a caixa.

Annelise leu em voz alta. Era uma data.

— Dia 12 de fevereiro de 1848.

Werner concordou.

— Foi um presente de casamento. Desde então, ele passa de pai para filho. E eu agora o dou de presente para você.

— É muito bonito, papai, mas...

— Temos que cuidar dele, o mecanismo é frágil. Toda noite você tem que dar carga, como fizeram os Mair até hoje. Caso contrário, pode estragar.

— Papai...

Annelise estava pálida.

Werner dirigiu a ela um sorriso doce e infinitamente doloroso.

— Eu estou morrendo, minha menina.

Annelise colocou o relógio na mesa como se, de repente, estivesse com medo.

— Meu tempo está se esgotando. Por isso, quero que você fique com esse relógio. Você sabe por que tem que dar carga toda noite? Porque assim se aprecia mais o passar dos minutos. Palavras exatas do meu pai no dia em que ele o deu para mim. Sabe-se lá onde ele tinha lido uma frase como essa. Talvez fosse dele mesmo, quem sabe? Nós sempre fomos um pouco estranhos, os Mair. Um pouco loucos e ingênuos. O que ele queria dizer é que você deve sempre cuidar do tempo.

— Papai — murmurou Annelise, os olhos cheios de lágrimas. — Você não está morrendo de verdade. Você é Werner Mair, não pode morrer. Todo mundo sabe em Siebenhoch, você... você...

Werner concordou.

— Lembra quando eu caí no sótão e fui me consultar? O médico fez como sempre fazem os médicos nesses casos, ele me mandou para um colega e assim por diante. Só que, a cada vez, a cara do médico que eu consultava ficava ainda pior. No fim, aquele que ficou com a batata quente na mão teve que assumir a encrenca de me revelar o diagnóstico. Eu tenho câncer nos ossos. Inoperável. Incurável.

Foi como se um vampiro invisível tivesse sugado cada gota do sangue de Annelise.

— Você não pode me deixar sozinha — murmurou.

— Eu não vou deixar você sozinha, minha filha. Você tem seu marido e sua filha. Você tem sua vida. — Ele pegou o relógio e o colocou na palma da mão dela; depois a fechou. — Você ainda tem muito a fazer, montanhas a escalar, batalhas a ganhar ou a perder; o que for necessário para que possa adquirir um pouco mais de sabedoria. Eu tenho certeza de que o destino guardou para você muitos dias de sol para aquecer seus ossos até que você tenha alcançado o momento que o tempo contabiliza em minutos e não mais em anos. Aí, no fim, você vai pegar esse relógio, fazer um pacote mais bonito do que o meu, e vai dar para Clara.

— Mas eu... — disse Annelise, balançando a cabeça. — Eu não ia saber o que dizer para ela. Eu...

Ela falava como se esperasse convencer o câncer a dar mais tempo para Werner.

— Na hora você vai saber — disse ele.

Annelise se jogou no pescoço dele, como Clara fazia comigo quando estava assustada. Só que aquela que estava chorando no pescoço do pai não era uma menina, era uma mulher adulta, a mulher que eu amava e que eu tinha jurado proteger de todo o mal.

Uma promessa que não podia ser cumprida.

O diabo sempre ri por último, dizia o Krampusmeister.

Então levantei-me, sentindo-me como um mergulhador no fundo do mar.

Pai e filha tinham coisas a dizer, segredos a revelar e lágrimas a compartilhar. Rezei enquanto os deixava sozinhos, para que um dia diante de Clara eu pudesse encontrar a mesma serenidade com a qual Werner estava explicando a Annelise o último dos mistérios.

6.

Ao longo da semana seguinte, Annelise perambulou pela casa com os olhos vermelhos e o olhar turvo. Era como viver com um fantasma. Foi uma agonia vê-la assim.

Especialmente para Clara, que não entendia o comportamento da mãe.

— A mamãe está doente?

— Um pouco gripada, talvez.

— Vamos preparar um suco para ela?

— Acho que ela não está com vontade.

— Então o que ela quer?

— Ficar um pouco sozinha.

— Por quê?

— Porque às vezes os adultos precisam ficar sozinhos. Para pensar.

Para interromper a cascata de perguntas, eu tentava distraí-la. Inventava um novo jogo, um trava-língua, desafiava-a a encontrar a palavra mais comprida do mundo, qualquer coisa para que não pesasse nela tanta amargura. Eu entendia o que Annelise estava passando, mas não queria que ela se fechasse em sua dor, excluindo o mundo.

Não havia tempo.

Uma noite, depois de colocar Clara na cama, eu a chamei.

— Você tem que reagir, amor.

— Estou reagindo — disse ela, irritada, como se eu a tivesse afastado de algum raciocínio.

— Não, você está chorando pelo seu pai — respondi com doçura.

— É óbvio que estou chorando pelo meu pai, Salinger! — explodiu. — Ele tem câncer!

— Mas ele ainda está vivo. Lembra o que ele disse? Os medicamentos agora estão fazendo o papel deles, a dor é quase inexistente. Você deveria aproveitar isso.

Annelise olhou para mim como se eu tivesse blasfemado dentro da igreja.

— Para fazer o quê?

— Para ficar perto dele — falei. — Porque a coisa mais importante que nós podemos fazer pelos nossos pais é agir de modo que nos deixem boas lembranças.

NO VENTRE DA BESTA

I.

Em 20 de abril, a campainha tocou no meio da noite. Um toque furioso que me acordou de sobressalto. O coração parecia querer sair pela boca.

Tonto por causa dos soníferos, perguntando-me se havia algum incêndio destruindo Siebenhoch, ou então uma guerra ou um desastre de proporções apocalípticas, desci a escada e abri a porta sem nem sequer perguntar quem estava fazendo todo aquele barulho.

A forma que emergiu da escuridão abraçou-me com a força de um urso.

— Salinger! Sempre me atrapalho com o fuso horário, não é? — gritou ele. — E onde está o meu docinho?

— Mike, Clara está...

Não estava dormindo.

Clara estava planando escada abaixo, pulando dois degraus de cada vez, até parar nos braços de Mike, que a ergueu no ar, fazendo-a gritar de alegria.

— Tio Mike! Tio Mike!

Os pontos de exclamação certamente podiam ser vistos a quilômetros de distância.

Mike a jogou tão alto que tive medo de que ela batesse no teto. Assim, para evitar um infarto, peguei as duas malas que meu amigo abandonara na entrada e fechei a porta, deixando de fora o frio intenso da noite.

— Posso saber o que é que você está fazendo aqui? — perguntei.

— Seu pai não gosta muito do tio Mike — disse ele para Clara.

— Papai gosta muito do tio Mike — observou ela. — Só que ele diz que o tio Mike é um pouco cinco letras.

Mike se virou para mim.

— Que diabo quer dizer “cinco letras”?

— “Louco”, neste caso.

Mike se virou para Clara e a fez girar no ar novamente.

— Louco! Louco! O tio Mike é louco!

Sempre que Clara decolava eu perdia um ano de vida. Finalmente ele a colocou no chão, fingindo estar com dor.

— Nem mesmo uma cerveja para o tio Mike, docinho?

— Já é madrugada, tio Mike — disse Clara com inesperada sabedoria.

— Em algum lugar do mundo são cinco horas da tarde.

Para Clara, essa frase pareceu de uma lógica inatacável e ela desapareceu na cozinha.

Eu já vira mulheres adultas e experientes sucumbirem totalmente à lógica absurda de Mike: por que esperar que uma menina de cinco anos fosse exceção?

— Desde quando você toma café da manhã com cerveja?

Era Annelise, de roupão, cabelo despenteado e um sorriso estampado no rosto. Mike a abraçou e a encheu de elogios.

Ele agradeceu Clara, que nesse meio-tempo lhe trouxera uma lata de Forst, e se deixou cair, ainda de casaco, na poltrona no centro da sala.

— Como você está, parceiro? — perguntei a ele.

— Como alguém que enfrentou oito horas de voo intercontinental, quatro de trem e depois gastou muita grana de táxi — respondeu, engolindo a cerveja. — Aliás, como eu me esqueci de pedir o recibo, quanto é “muita grana” em dólares? Você tem uma dívida a pagar, Salinger.

— Clara? — chamei.

— Papai?

— Pegue o Monopoly, por favor.

Clara ficou pasma, e Annelise explicou que era uma piada.

— O papai faz piadas, Clara — acrescentou Mike, bebericando a Forst. — O papai se acha engraçado.

— Você poderia ter ligado — disse Annelise. — Eu teria preparado alguma coisa para você beliscar. Quer um sanduíche?

— Talvez outra cerveja?

— Nem em sonho.

— Você perdeu pontos, baby.

— Mike?

— Diga, parceiro.

— São três horas da madrugada. Eu estava dormindo com a minha legítima esposa, debaixo de um edredom quente, e você entrou na minha propriedade

privada sem aviso prévio.

— Você poderia ter atirado em mim.

— Eu faria isso com prazer. Filha?

— Sim, pai?

— Traga a espingarda.

Dessa vez Clara entendeu a piada e começou a rir.

Papai e tio Mike eram melhores do que desenhos animados quando queriam.

— Quer que eu diga por que cruzei os sagrados limites da sua propriedade privada sem avisar?

— Seria educado da sua parte, visto que você se apropriou também da minha poltrona.

— Eu estava tranquilo em casa, depois de uma noitada em um barzinho em Co-Op City, um lugar incrível com uma banda ao vivo fazendo cover dos Stooges e dançarinas consideráveis. Bebo umas cervejas, bato uns papos e conheço uma loira. Nada mal, eu diria. Aí nós decidimos ir para o meu apartamento e...

— Não precisa contar os detalhes.

Mike se lembrou de Clara, que estava acompanhando o monólogo como que hipnotizada. Ele pigarreou e continuou:

— Levo a mulher para casa e conto a fábula da raposa e das uvas. Docinho, você conhece a fábula da raposa e das uvas?

— É aquela da raposa que queria comer a uva, mas como ela está muito no alto diz que não está madura? Essa, tio Mike?

— Essa. Só que a minha versão da fábula diz que a raposa era velha, flácida e casada, portanto, quando seu amigo Mike começa a contar sobre o último cacho de uvas que ele levou para casa, a velha raposa flácida e casada...

— Está bom — interrompi-o.

Mike pegou dois envelopes do bolso do paletó e entregou um para mim e outro para Annelise.

— O que é isso?

— Um convite para a estreia da obra-prima de Mike McMellan e o agora enferrujado Jeremiah Salinger.

O envelope continha um folder impresso em cartolina. O logotipo era o do canal. Havia cores demais, berrantes demais. Havia montanhas cobertas de neve.

E uma data.
28 de abril.

2.

Sete dias depois, Mike estava contando a própria versão do conto de fadas *Cinderela* para Clara. Do que eu entendi quando passei no quarto dela para o beijo de boa-noite, havia um rico advogado de Manhattan, uma jornalista da “Vogue” e um grande bull-terrier. Mike desconhecia a ideia de que os contos de fadas servissem para conciliar o sono das crianças, mas era bom ouvir Clara morrer de rir.

Annelise estava terminando de tirar a mesa, com um avental amarrado na cintura e uma mecha de cabelo que roçava o seu queixo, incomodando-a. Para mim ela estava inebriante.

Acendi um cigarro.

— Vai estar cheio de idiotas — murmurei.

— Eu sei.

— Idiotas que vão escrever idiotices.

— É uma tautologia.

Pigarreei.

— Nós vamos ter que fugir no meio da noite. Eles vão vir atrás da gente com forquetas.

— Não exagere.

— Não estou exagerando. Vai ser assim.

— Você está exagerando.

— Se eu quisesse exagerar, diria: eles vão colocar fogo na casa, vão me empalar na ponta do campanário, e quando eu tiver morrido vão fazer um churrasco com a minha bunda.

— Não vai acontecer nada disso. Você só vai ter que apertar algumas mãos e responder umas perguntas que já respondeu um monte de vezes.

— Mike que é o diretor — choraminguei. — É ele que gosta de apertar mãos. Lembra o que aconteceu da última vez que fui eu quem respondeu às perguntas?

Annelise fez uma careta ao se lembrar da performance que me fizera lucrar uma querela (mais tarde rejeitada pelo tribunal) e uma enxaqueca que durou três dias.

— Você é a estrela.

— Não quero ser a estrela. Eu gosto dos bastidores.

— Salinger...

Ergui as mãos em sinal de rendição.

— Ok, ok...

— Nada de “ok, ok”, entendeu? Eu não gastei quinhentos euros com um vestido que você vai arruinar com a sua lamentação, certo?

Dito isso, ela se virou, esfregando uma assadeira coberta de gordura; o jantar havia sido preparado por Mike, e quando Mike cozinhava, o colesterol começava a dar cambalhotas.

Fiquei em silêncio por um tempo, ouvindo as risadas de Clara e o barulho da louça na pia, perguntando-me pela centésima vez por que nem eu nem Annelise usávamos aquela extravagância moderna chamada máquina de lavar louça. Uma forma de esnobismo, imagino. Da mesma espécie que permitiria toda a longa lista de convidados da estreia do documentário chutar a minha bunda pelas próximas duas primaveras. Eu já sentia a dor nas nádegas.

— Pare com isso agora! — exclamou Annelise de repente.

Sobressaltei-me.

— Com o quê?

— Matutar. Eu estou ouvindo daqui.

— Não estou matutando.

Annelise largou a assadeira, limpou as mãos no avental e se sentou à minha frente.

— Você tem que fazer isso. Você tem que ir.

— Por quê?

— Por três motivos — disse ela.

— Nossa, três? — respondi, brincando.

Annelise estava muito séria.

— Primeiro — começou ela —, você deve isso a Mike. Ele trabalhou duro para terminar tudo. Defendeu você com unhas e dentes, e você sabe bem que não deve ter sido fácil.

— Pois é.

— Segundo, você tem que fazer isso por si mesmo. Tem que colocar a palavra “fim”. Daí você vai se sentir melhor.

Tentei sorrir. Não consegui. Estava com a boca seca. Apaguei o cigarro. Talvez fosse hora de parar com aquela merda.

— Terceiro, você deve isso a eles.

— Eles?

— A *eles*.

O canal tinha lançado mão de artilharia pesada. Outdoors nas esquinas, faixas e todo o resto do armamento que o Idiota Integral idealizara para a ocasião. Na internet ele tinha começado uma coisa chamada “bombardeio viral”, de acordo com os ditames da guerrilha de marketing: parecia mais um aglomerado de bobagens em queda livre, mas quem era eu para julgar?

A pacata cidadezinha de Bolzano assistira com espanto aos preparativos da estreia de *No ventre da Besta* e à invasão de uma fauna de críticos (os com camiseta debaixo do paletó eram críticos de televisão, os com olheiras, de cinema), jornalistas (os fanfarrões eram de jornais locais, os que comiam sushi, nacionais, os que bufavam eram ianques), estrelas emergentes (“Mike?” “Diga, parceiro.” “Quem diabo é Linda Lee?” “Ela fez uns filmes engajados.” “Com esses mísseis nucleares no lugar das tetas?” “Parceiro, vá com calma, Linda é uma amiga.”) e personagens mais ou menos bizarros que vagavam entre pórticos e monumentos com olhar assombrado e um pouco perplexo. *A população local parecia ter aceitado bem aquela loucura*, pensei enquanto nos dirigíamos com um carro alugado, motorista incluído, para a sala de projeção que sediaria o evento, até que meus olhos se fixaram em uma frase em letras maiúsculas e vermelhas, que um solícito funcionário da prefeitura tentava apagar e que evidenciava: “Salinger Assassino.”

— Isso também é um truque do I. I.? — perguntei a Mike.

— Pode ser, parceiro, pode ser. Quem é que disse “falem bem ou falem mal, mas falem de mim”?

— O camarada Beria, acho. Ou talvez Walt Disney.

Mike estava vestido com uma sobriedade singular naquela noite. Um terno completo com gravata que o tornava um estranho para mim. Ele fingia estar relaxado. Mas eu o conhecia bem. Não parava de estalar os dedos. Atividade a que ele se dedicava somente quando tentava não começar a berrar.

Eu o entendia, e como. Naquele dia eu não tinha comido nada, fumara dois maços de cigarro (com boas intenções), resmungara a manhã toda e passara a maior parte da tarde provando roupas. No final, a escolha recaiu sobre um paletó com gravata que me rejuvenescia trinta anos, fazendo-me parecer um menino no dia da primeira comunhão. Annelise tinha suportado tudo com paciência e estoicismo. Ela estava um espetáculo em seu vestido

novo. Mas eu estava tão agitado que quase não tinha percebido.

Já Clara estava simplesmente empolgada. Bendita infância.

Ela olhava tudo com olhos iluminados e não parava de nos encher de perguntas, enquanto o carro com vidros fumê (outro mau gosto fruto da mente distorcida do Idiota Integral) passava pela multidão do centro de Bolzano. Metade daquelas pessoas não tinha ideia de quem éramos — eu tentava me convencer —, a outra metade, pensei, considerava-nos uns idiotas. Na verdade, eram muito poucos os que pareceram se importar conosco. Mas a minha paranoia tinha atingido níveis perigosos.

— O que significa “I. I.”, papai?

Mike e eu nos entreolhamos.

— “Indivíduo Inteligente”, filha — respondi.

— Se ele é tão inteligente, por que você e o tio Mike não param de zombar dele?

— Querida — interveio Annelise —, lembra o que nós falamos?

— Seja uma boa menina. O papai precisa trabalhar — disparou Clara.

— Muito bem.

— Mas isso não é um trabalho de verdade.

Naquele ponto Mike e eu não conseguimos conter o riso. Clara tinha pegado a gente. Aquele não era um trabalho de verdade.

Os jornalistas esperavam na calçada debaixo de duas grandes fotos ampliadas muito maneiras, muito minimalistas e muito feias do contorno de uma montanha. O risco vermelho que a atravessava era a representação artística do EC 135. O Idiota Integral me garantiu isso. Era o fruto da genialidade de um designer da Califórnia que cobrava vários milhares de dólares por consultoria. Para mim parecia apenas um risco vermelho, e inclusive malfeito, mas, se um cara era realmente capaz de receber uma fortuna por aquela coisa, eu tirava meu chapéu. É preciso apreciar o talento onde quer que ele se manifeste.

O carro parou.

O motorista pigarreou.

— Temos que descer — disse Mike.

— Vão fazer picadinho de nós.

— Não é sempre assim?

— Podemos voltar atrás, parceiro?

Antes de abrir a porta do carro, Mike me lançou um olhar de

encorajamento. Annelise apertou minha mão com força. Retribuí o aperto e me virei para Clara.

— Deseje-me sorte, filha.

Clara deu um beijo na minha testa.

Se você vir as fotografias daquela noite, vai notar que este que vos fala tem uma espécie de coraçãozinho desbotado entre as sobrancelhas. É o batom da minha filha (sim, Annelise tinha passado *batom* nela).

Um cara magro que eu não conhecia esperava por nós. Houve alguns flashes. Mike mostrou seu dedo indicador e médio como o gesto que ficou famoso por Churchill. Eu me limitei a não fugir na velocidade da luz. Há que se dizer que, com Annelise ao meu lado, eu fazia o meu papel. Apertei mãos e nádegas.

O interior do edifício estava saturado de pessoas. Uma babel de línguas em que nos insinuamos seguidos pelos olhares de todos. Tapinhas nas costas, perfumes de mil dólares o frasco mesclados uns com os outros até dar ânsia de vômito.

O Idiota Integral encomendara de um artesão de Val Gardena algo como um exército de lâmpadas em forma de *Rosengarten* (mesmo que o *Rosengarten* não tivesse bulhufas a ver com o filme), cuja luz me infligiu um tormento por todo o tempo em que Mike e eu, com Annelise e Clara à parte, fingíamos que conhecíamos quem nos cumprimentava.

— Salinger.

Mister Smith levantara a bunda de Nova York e tinha voado até lá. Fiquei impressionado, ainda que eu devesse me sentir lisonjeado.

Ele estava usando um smoking impecável e trazia um charuto no bolso do paletó, no lugar do lenço. Seu aperto de mão durou o tempo de alguns flashes. Ele tinha engordado desde a última vez em que eu o vira.

Por um momento, temi ter dito isso em voz alta.

— O que você acha, rapaz?

— Extraordinário.

Ele sorriu, satisfeito.

— Eu já apresentei Maddie para você?

Maddie era uma coisinha enrugada que estava usando um vestido rosa-confete, com um Martini na mão esquerda e a direita esticada como se esperasse um beijo.

— Maddie?

— Maddie Grady, *New Yorker*.

Senti um nó no estômago. Enquanto Mister Smith se eclipsava para ir fazer charme no buffet, vi Mike (aquela que ele tinha debaixo do braço devia ser Linda Lee, a julgar pela abundância que transbordava do decote) colocar a mão na boca, tentando não parecer o homem das cavernas engraçado que ele era.

— Eu não via a hora de conhecê-la pessoalmente — falei.

Meu sarcasmo não escapou a Annelise, que me deu um beliscão. Maddie Grady era a assinatura que tinha carneado e desossado a primeira temporada de *Road Crew* com a delicadeza de um esquadrão suicida.

Eu havia perdido noites com aquele artigo.

— Acredite, o mesmo vale para mim, Sr. Salinger.

— Deixe-me apresentar Mike, ele...

— Eu conheço McMellan. — A coisinha enrugada fez um gesto como que para espantar uma mosca na direção de Mike e de sua explosiva acompanhante. — Mas não voei até aqui por causa de speck maturado e de um filme. Eu vim aqui pelo senhor, Sr. Salinger — disse ela, grudando em meu braço e me forçando a apoiá-la. — Posso chamá-lo de Jeremiah?

— Pode me chamar de Plissken — murmurei.

— Como?

— Eu disse pode sim, Sra. Grady.

— Senhorita. Mas basta Maddie, Jeremiah. Sem formalidades.

Ela esvaziou o copo e, como num truque de mágica, fez outro desaparecer da bandeja de um garçom (vestido com o uniforme do Socorro Alpino das Dolomitas, detalhe que me faria estrangular com prazer o I. I.). Depois ela perfurou Annelise com seus olhinhos gelados.

— Querida? Você se importa se eu roubar seu namorado?

— Nós somos casados — disse ela, sem perder a calma. — Mas vá em frente. É a noite dele, afinal de contas.

— Você não bebeu nada ainda, Jeremiah?

— Acabei de chegar. Além do mais, eu prefiro evitar o álcool. A tensão, sabe como é...

— Ah, que besteira, meu caro — cantarolou ela, entregando-me um Martini. — Como dizia o meu terceiro marido, não há nada que um *marciano* não possa afastar.

Ela disse bem assim: *marciano*.

Foi então que eu fiquei aterrorizado.

Com a maestria de uma *grand dame*, Maddie me desviou para um cantinho discreto, onde fingimos que ninguém nos observava, quando nós dois sabíamos (eu com desânimo, ela exultante como uma orca assassina) que a maioria dos presentes já comentava sobre o nosso *rendez-vous* privado.

— Você está muito nervoso, Jeremiah?

— O suficiente. Mas um marciano é um marciano — falei, tinindo o copo no dela.

— Tenho certeza de que vai ser um sucesso. Aquele bufão do McMellan não quis me mostrar nem um pequeno clipe.

— Suponho que tenha sido Mister Smith que o mandou fazer isso.

— Mister Smith? Querido, Tom é meu terceiro marido, ele latiria aqui na frente de todos se eu pedisse.

Ela estava bêbada, mas terrivelmente lúcida.

— Como você se sente com tudo isso? — retomou.

Ganhei um pouco de tempo.

— Isto é uma entrevista ou vai ficar só entre nós?

— Depende do que você disser, *chéri*.

— Eu estou um pouco tonto, mas feliz. É justo que as pessoas, em especial as pessoas daqui, saibam como os fatos ocorreram realmente. — Limpei a garganta. — Um monte de conversa fiada foi escrita sobre o 15 de setembro — acrescentei, esforçando-me para manter um tom neutro, profissional. — É hora de dizer a verdade.

— Vou me lembrar disso. Mas *off the record*?

— Estou aterrorizado, Maddie.

— Depois de tudo o que vocês arranjaram com o *Road Crew*? Um dos dois *enfant prodige* mais invejados da Costa Leste? Aterrorizado por uma estreia?

— As pessoas fantasiaram muito sobre o que aconteceu. Algumas das minhas feridas ainda estão sangrando. — Tentei não notar o brilho nos olhos de Maddie. — Felizmente minha esposa ficou ao meu lado. A ajuda dela foi crucial, mas o que aconteceu... — A minha voz falhou. — Você vai ver.

Maddie esvaziou o copo sem tirar os olhos de mim.

— Eu vou ver, certo.

— Agora se...

Maddie me segurou. Mais do que mãos, o que ela fincou no meu bíceps eram garras.

— Sei que sua encantadora esposinha está arrumando um torcicolo de tanto tentar parecer desinteressada no nosso pequeno tête-à-tête, mas quero roubar você mais um segundo. Não estou vendo ninguém do Socorro Alpino das Dolomitas. Tem ideia do porquê?

Um soco no estômago.

A bruxa sabia onde bater, e inclusive bem. Não por acaso sua caneta era a mais temida da Costa Leste, e também da Oeste, para usar as palavras dela.

Fui salvo pela cavalaria. Um minúsculo contingente de um cavaleiro de um metro e trinta.

Clara, ignorando a minha interlocutora, agarrou-se na minha calça, com o rostinho para cima, exigindo minha atenção.

— O tio Mike está dizendo que a gente tem que ir. Vai começar.

WER REITET SO SPÄT DURCH NACHT UND WIND?

I.

Não lembro o que sonhei, acho que algo terrível, porque quando acordei o travesseiro estava encharcado de lágrimas e eu estava com uma enxaqueca tão forte que por pouco não me revirou o estômago. Precisei fechar os olhos e esperar que o mundo retornasse ao próprio eixo.

Eu tinha bebido, e muito, após a exibição do documentário. Lembro-me de pouco ou nada do pós-show.

Os créditos, lúgubres e infinitos, que terminavam com “em memória dos corajosos do Socorro Alpino das Dolomitas”, e os aplausos, no começo tímidos, depois estrondosos.

Mike olhava ao redor, aliviado, enquanto eu pensava que aquele barulho não era nada além da risada da Besta. Annelise me dando um leve beijo e depois se abaixando para consolar Clara em lágrimas, o cabelo despenteado.

Não sei se foi o aplauso ou a visão da minha filha chorando nos braços da minha esposa que me fez exagerar no álcool, mas o fato é que, quando Maddie Grady colocou nas minhas mãos um dos seus marcianos, eu o mandei para dentro de uma só vez.

O resto foi ladeira abaixo.

Tenho alguns flashes da viagem de retorno a Siebenhoch. Da parada em frente a um hotel onde Mike e Linda Lee iriam passar o resto da noite. A estrada mergulhada na escuridão, a silhueta do motorista em contraluz, Clara dormindo sobre os joelhos de Annelise, que por sua vez respondia pacientemente às minhas perguntas de bêbado das quais não me lembro o sentido, apenas a urgência com que as fazia.

As escadas.

A cama.

2.

Lentamente, as pontadas de dor nas têmporas tornaram-se menos violentas e me dei conta de que eu estava sozinho.

Estava frio.

Levantei-me, movimentando-me como um velho de cem anos. Cheguei à janela. Estava trancada. Havia luz, porém, vindo do corredor. Talvez Annelise tivesse descido para a cozinha atrás de um lanche, ou talvez eu estivesse roncando tão alto que ela decidira passar a noite na cama do escritório. Senti uma pontada de remorso.

Na ponta dos pés me dirigi para o banheiro, lavei o rosto e engoli uns analgésicos. Bebi um pouco de água. Arrumei o cabelo diante do espelho, tentando assumir pelo menos um ar apresentável.

O escritório estava iluminado. A porta, entreaberta. Bati.

— Annelise?

Nenhuma resposta.

Entrei.

Annelise não estava lá. O computador na escrivaninha estava ligado, eu via o led intermitente. Balancei o mouse. Quando o monitor reacendeu, tive que agarrar a mesa para não cair no chão. Eu dedicara horas demais ao documento que estava aberto na minha frente para não o reconhecer de imediato. As anotações tomadas ao longo da descida infernal que me levara, a partir de umas poucas palavras ouvidas por acaso no Centro de Visitantes, até as entranhas do Bletterbach, passando pelos fantasmas de Siebenhoch, a morte de Brigitte e as confissões de Werner e Max. O arquivo sobre o massacre do Bletterbach. O que eu tinha jogado no lixo do desktop mas que, por idiotice, não excluía.

Annelise tinha lido.

Agora ela sabia.

Sabia a verdade sobre Kurt, Evi e Markus. Sobre o homem que ela chamara de pai e a mulher que ela chamara de mãe. Sobre o fim de Oscar Grünwald. Sobre a justiça dos antepassados.

Sobre minhas promessas quebradas.

— Annelise? — chamei.

Era quase uma oração.

Nenhuma resposta.

A casa estava imersa no silêncio. Desci a escada, descalço. Eu tinha os ouvidos entupidos, tudo estava abafado. A porta da frente estava aberta. O vento soprava forte. Havia água no hall de entrada. Chovia. No céu, as nuvens eram uma laje compacta de chumbo. Meu estômago se revirou.

— Annelise? — gemi.

Não sei por quanto tempo eu teria ficado assim, paralisado, se a voz sonolenta de Clara não tivesse me sacudido.

— Papai?

— Vá para a cama, filha.

— O que está acontecendo, papai?

Exalei todo o ar que eu prendera nos pulmões, inspirei fundo, depois me virei. Eu precisava ser reconfortante. Precisava ser forte. Sorri e Clara retribuiu o sorriso.

— Tudo bem, cinco letras.

— Você está bem, papai?

— Estou com um pouco de dor de barriga. Vou fazer um chá e voltar para a cama. Vá dormir.

Clara começou a brincar com uma mecha de cabelo.

— Papai?

— Clara — repeti. — Vá para a cama, por favor.

— A porta está aberta, papai. A chuva está entrando.

— Cama.

Provavelmente eu disse isso com um tom agressivo demais, porque os olhos dela se arregalaram.

— Onde está a mamãe?

— Vá para a cama, filha.

Clara puxou com força sua mecha de cabelo, depois deu meia-volta.

Obedeceu. Fiquei sozinho.

— Annelise?

Quem me respondeu foi o barulho abafado de um trovão. Fui em direção à porta. Senti a água gelada sob as solas dos pés, tentei não escorregar. Olhei.

O carro não estava lá.

A memória se recusa a redesenhar os minutos que passei em angústia e culpa. Só sei que me vi vestido na medida do possível, com o celular na mão e a voz de Max em meus ouvidos.

— Calma, Salinger, acalme-se e conte tudo desde o começo.

— Annelise — balbuciei. — Bletterbach.

Não sei o quanto Max intuiu, mas devo tê-lo assustado muito, porque sua resposta foi:

— Estou chegando.

Desliguei. Fiquei olhando para o celular. Coloquei-o sobre um móvel.

Subi a escada, tentando reprimir a ansiedade.

— Querida? — chamei, entrando no quarto de Clara.

A menina estava encolhida sob as cobertas, em posição fetal. Pareceu ter menos do que cinco anos. Estava com o polegar na boca.

— Mamãe? — perguntou esperançosa.

Sentei-me no colchão, ainda que cada fibra do meu corpo quisesse começar a correr.

— Nós vamos lá buscá-la.

— Aonde ela foi?

— No vovô.

— Por quê?

Eu não tinha resposta.

— Nós precisamos nos vestir, Max vai chegar logo e temos que estar prontos.

Se Clara tinha alguma pergunta para mim, ela não fez. Ficou em silêncio durante todo o tempo que levei para vesti-la.

Quando os faróis do jipe da Florestal cortaram a escuridão na frente de casa, Clara e eu estávamos na porta, cobertos debaixo de dois casacos pesados e impermeáveis antichuva.

Max desceu da cabine sem desligar o motor. A fumaça que saía do tubo de escapamento e as cores vermelhas das luzes assumiam formas demoníacas. Direcionei Clara para a porta de trás e a fiz entrar.

— Annelise sabe tudo — falei para Max.

— Como isso aconteceu?

— Ela leu minhas anotações.

Max cerrou o maxilar.

— Você é um idiota.

— Temos que ir.

— No Werner?

Assenti.

3.

Annelise não estava em Welshboden. A propriedade de Werner estava imersa na escuridão.

O jipe do meu sogro não estava lá, e o meu carro havia sido deixado com a porta aberta. A casa estava vazia.

Senti os olhos se encherem de lágrimas. Sequei-os com as costas da mão.

Eu não queria que Clara me visse naquelas condições. Ela já estava assustada o suficiente.

— Acho que você sabe para onde eles foram — falei, olhando para a frente.

Max não respondeu. Deu ré e partiu na direção do Bletterbach.

Tomei coragem e me virei, depois falei:

— Nós vamos dar um passeio, cinco letras.

— Está chovendo, papai.

— Vai ser uma espécie de aventura.

Clara balançou a cabeça devagar.

— Eu quero voltar para casa.

Estendi a mão para tocar o rosto dela.

— Logo, logo.

— Eu quero a minha mãe.

— Logo, filha. Logo.

Ouvi minha voz falhar.

— Você gosta de música, Clara? — perguntou Max.

— Sim.

Ele ligou o rádio do carro. Uma melodia alegre inundou a cabine. Era Louis Armstrong.

— Essa é a minha preferida — disse Max. — *When the Saints Go Marching In...*

Um vislumbre de sorriso no rosto de Clara.

— Estou desafinando?

— Um pouco.

— É porque o volume está muito baixo — respondeu Max. E voltou a cantar, soltando a voz.

Clara riu, levando as mãos aos ouvidos.

Lancei um olhar de gratidão a Max e apoiei a cabeça no assento. O analgésico tinha começado a fazer efeito. A enxaqueca reduzira-se a uma espécie de ressaca.

Fora da caminhonete, chuva e escuridão. Dentro, Louis Armstrong.

Era loucura. Simplesmente loucura.

Quando chegamos à entrada do Centro de Visitantes, notamos o jipe de Werner estacionado de qualquer jeito e o portão aberto.

Max desligou o motor. A música parou abruptamente.

— Temos duas opções, do meu ponto de vista — falei.

— Três — disse Max. — A terceira é: ficamos aqui e esperamos.

Foi como se eu não tivesse ouvido.

— A gruta ou... lá.

Lá onde tudo começou. O lugar onde Kurt, Evi e Markus tinham encontrado a morte. Onde Annelise nasceu uma segunda vez.

— Ou continuamos aqui — repetiu Max. — Com Clara.

Balancei a cabeça. Eu não tinha tempo a perder. Abri a porta.

— Você vem com a gente?

4.

Ficamos ensopados antes mesmo de percorrer os primeiros cem metros. Chovia como se quisessem afogar o mundo inteiro, e nós com ele. Até aquele dia, a chuva para mim tivera outro significado. Era um incômodo que um guarda-chuva ou os limpadores resolviam. Naquela noite, eu a vi como ela realmente era. Água gelada que destilava escuridão e não trazia vida nova: trazia morte. Arrancava árvores, matava animais afogando-os em suas tocas. Entrava nas roupas e nos fazia perder calor. Calor é vida.

À nossa volta, a garganta do Bletterbach retumbava. Não era uma voz única, era um coro no qual cada instrumento se somava a outro até produzir uma cacofonia com intervalos insustentáveis. Até mesmo a toada da chuva mudava as notas, dependendo da superfície em que batia. O bater grave da castanheira, o cristalino do abeto vermelho. O bater crepitante nas pedras.

Muitas vozes, uma única mensagem. O Bletterbach nos alertava a não desafiá-lo.

Mas nada podia me parar.

Annelise estava lá, em algum lugar (eu sabia muito bem onde), nas profundezas. Estava ferida. Se não no físico, certamente na alma. E eu era culpado por aquela ferida.

Clara segurava minha mão, de cabeça baixa. Ela caminhava a passos largos, a lama tinha deixado sua calça pesada e inchada. Eu queria segurá-la no colo, mas ela se recusou. Para não perder tempo, eu tinha permitido, prometendo a mim mesmo que quando notasse sinais de fraqueza eu a convenceria a se deixar ajudar.

De vez em quando, eu a ouvia cantar em voz baixa. Era a sua maneira de ganhar coragem.

Fiquei com inveja.

Eu não tinha nada além da orientação de Max à minha frente, no escuro da noite matizado por relâmpagos.

Tentei visualizar o rosto de Annelise. As sardas ao redor do nariz, o modo de inclinar o pescoço quando ela se aproximava para me beijar. Não consegui. Via apenas a dor com a qual tinha pronunciado o seu ultimato. Ou ela ou a história do massacre. Eu tinha escolhido os mortos, e os mortos se vingaram levando-a de mim.

Era um pensamento estúpido. Os mortos estavam mortos. Lembrei-me de uma inscrição lida na parede de um banheiro público, em Red Hook. “A vida é uma porcaria, mas a morte é pior.”

Evi, Kurt e Markus não eram os responsáveis pelo que estava acontecendo.

Eu era o responsável.

Eu me esquecera (ou não tivera a coragem?) de excluir o arquivo das anotações. Era minha culpa se Annelise o encontrara.

Mas o que a levava a ligar meu laptop, no meio da noite, e vasculhar meus arquivos? Normalmente era eu quem ia procurar os presentes de Natal antes de recebê-los, não ela. O que a levava a invadir a minha privacidade (e a ser tão determinada a ponto de verificar até a lixeira do computador) só podia ser algo sério.

Algo como...

Congelei.

Por pouco Clara não bateu em mim.

— Salinger? — A voz de Max.

Ele seguia a menos de dois metros de distância, mas seu contorno se confundia com as sombras.

— Está tudo bem. É que...

É que quando eu fico bêbado, quando fico bêbado mesmo, não depois de três ou quatro copos, nem mesmo depois de seis ou sete, mas quando os marcianos me pegam e me levam até a sua nave espacial para me fazer dar uma volta na montanha-russa, eu falo.

Falo dormindo.

— Papai? — Clara fitava o chão. — Meus sapatos estão sujos.

— Nós vamos limpar.

— A mamãe vai ficar com raiva.

— A mamãe vai ficar feliz de ver a gente.

Seguimos por pelo menos mais quarenta e cinco minutos antes que Clara tropeçasse. Fui rápido a segurá-la e a limpar seu rosto com um lenço que Max me entregou. Não havia sangue e Clara não chorou. Minha menina corajosa.

— Agora temos que ganhar altitude — explicou Max, apontando para um bosque de carvalhos entre os quais erguiam-se alguns abetos vermelhos. — Temos ainda um tanto de estrada, Salinger. Segundo meus cálculos, faltam pelo menos mais duas horas de caminhada. Ou mais, com essa chuva. E Clara é só uma menina — acrescentou ele, encarando-me com seriedade.

— Mostre o caminho.

Max suspirou e começou a descer a encosta.

— Nós também temos que ir até lá embaixo? — perguntou Clara.

— Vai ser divertido.

— A mamãe está lá?

— Isso mesmo. Mas para chegar lá eu preciso da sua ajuda, filha.

— O que eu tenho que fazer?

— Vou colocar você nos ombros e você tem que segurar firme.
Consegue?

5.

Duas horas depois, tive que parar. Eu estava exausto. Acomodei Clara sobre o tronco de um pinheiro abatido, abrigada sob uma moita de samambaias de dimensões excepcionais.

Clara mal conseguia manter os olhos abertos, e o cabelo saindo do capuz tinha grudado no rosto. Senti um aperto no coração ao vê-la assim.

Eram seis horas da manhã, mas nem sinal do sol. A água não parava de turbilhonar. E eu estava tão acostumado aos trovões que quase não os ouvia.

Aceitei a garrafa térmica de Max. Dei primeiro para minha filha, depois me servi de vários goles. Chá doce, revigorante.

Eu estava com os músculos das costas e das pernas em chamas.

Max olhou para o relógio.

— Dois minutos de parada, não mais. Está frio.

Deixei-me cair no chão, a despeito da lama.

— Eu ainda não agradei a você, Max.

— Pelo quê?

Apontei para mim e Clara, em seguida para todo o Bletterbach.

— Por isso.

— É uma operação de busca. A mais idiota de toda a minha carreira.

— Chame como quiser, mas eu lhe devo uma.

— Cuide para não sofrer um infarto, mantenha aquecida essa menina e eu vou considerar honrada a dívida.

Peguei Clara e a apertei contra o peito. Tinha adormecido.

— Quanto falta? — perguntei a Max.

— Pouco. Se tivesse sol, daqui você veria o lugar.

— A gente deveria escutá-los, então.

— Com esse barulho? — O Chefe Krün balançou a cabeça. — Nem se eles usassem um megafone. Agora vamos nos mexer. Acabou o tempo.

Comecei a levantar Clara, que reclamou um pouco, os olhos meio fechados, mas uma terrível dor nas costas fez com que eu me curvasse para a frente.

— Eu levo a menina — disse Max, preocupado. — Tudo bem por você, Clara?

— Tudo bem — murmurou ela.

— Você gosta do meu chapéu? — perguntou Max a ela.

— É engraçado.

— E é quente.

Ele o colocou sobre o capuz do casaco impermeável dela. Apesar da chuva, dos relâmpagos e do crepitar das pedras, dei uma risada.

— Caiu como uma luva, sabe, cinco letras? Talvez quando crescer você possa ser guarda florestal, em vez de médica.

— Não sei se eu gostaria.

— E por que não? — perguntou Max, retomando a marcha.

— Porque não chove onde a médica trabalha.

6.

Reconheci a clareira sem nunca ter estado lá. Pelas fotografias da polícia científica, certamente, mas também por causa das histórias.

A castanheira era mais imponente do que eu havia imaginado, e alguns abetos deviam ter sido derrubados, porque a beirada do precipício parecia mais próxima do que mostravam as fotos de 1985.

Annelise e Werner estavam debaixo da ponta da pedra, o mesmo local onde Kurt e os outros tinham acampado. Werner estava sentado de costas para a montanha e acariciava o cabelo de Annelise, que estava encolhida entre as pernas dele. Ele levantou a mão em sinal de cumprimento. Então sacudiu gentilmente a filha.

Clara escorregou dos braços de Max e se jogou sobre Annelise, que a encheu de beijos.

— De novo aqui — disse Werner ao levantar-se. Seus olhos estavam vermelhos.

Ele apertou a mão de Max.

— Será que a gente chegou realmente a sair daqui, Werner? — Foi a resposta do Chefe Krün.

— Você não me falou nada — disse Annelise, abraçando-me.

— Eu não queria...

Ela se afastou um pouco.

— O quê?

— Eu não queria fazer você se sentir mal.

Ela enxugou uma lágrima.

— Papai me contou tudo.

— O que o vovô contou, mamãe?

Annelise acariciou a cabeça de Clara.

— Veja como você está molhada, querida.

— O que o vovô contou para você?

— Um belo conto de fadas — respondeu ela. — A história do caçador que salva a princesa do monstro. — Dirigiu o olhar para Max. — Os *quatro* caçadores — corrigiu-se. — Werner, Günther, Hannes e Max.

— E o monstro?

— O monstro voltou para de onde veio. — Olhou-me nos olhos. — Eu

sei disso de fonte segura.

— Eu...

Annelise beijou de leve minha bochecha.

— Você foi um irresponsável.

A montanha vibrava de eletricidade.

Eu entendia o que Werner tinha tentado me explicar com palavras, séculos antes. A sensação de hostilidade do Bletterbach. Hostilidade e velhice. Milhões de anos para um cemitério a céu aberto onde seres monstruosos tinham exalado seu último suspiro.

Pensei no sangue de Kurt, Evi e Markus.

Quem sabe uma parte deles houvesse ficado ali, no que chamavam de “as profundezas”. Não em nível biológico, é claro. Vento, neve, água, anos tinham apagado inclusive o menor filamento do DNA dos pais de Annelise.

Mas alguma coisa, talvez em um nível mais sutil, um pedaço do que chamamos de alma devia estar ainda ali, e eu pensei, graças ao beijo da minha esposa, que apesar do Bletterbach, dos trovões e do frio, naquele momento as almas de Kurt e de Evi estavam em paz. Graças a Annelise.

E à neta que eles nunca conheceram.

— Quantas letras tem a palavra “fim”, Clara?

A menina respondeu, de imediato:

— Três.

— Sabe de uma coisa, filha? Eu preciso de um abraço. Você me dá?

Clara se aproximou de mim e eu, como tinha feito inúmeras vezes e como queria fazer inúmeras outras no futuro, levantei-a e apertei com força. Sob o cheiro de lama e de suor, senti o perfume da sua pele e fechei os olhos.

Aquele cheiro era o baú em que foram mantidos todos os momentos felizes da minha vida. A pizza fria às cinco da manhã durante as filmagens de *Road Crew*. O Fight Club. *Mein liebes Fräulein...* As notas doces de *Nebraska* ao fundo. O “sim” de Annelise, em Hell’s Kitchen. Os nove meses de gravidez. O meu reflexo no espelho murmurando aquela palavra estranha: “papai”. Os olhos arregalados de Mike, pelo menos por uma vez emudecido, quando anunciei que logo, logo eu seria pai e ele seria...

7.

De repente, minha mente fez *dique*.

8.

Petrificado, coloquei Clara no chão. Não existia mais o Bletterbach. Nem mesmo a chuva. Havia apenas esse *clique*

E a memória do olhar atordoadado de Mike.

— Três de janeiro de 1985 — falei, com a voz me sufocando. — Três de janeiro, Werner. Meu Deus. Meu Deus.

— Três de janeiro — repetiu Werner, espantado. — Sim, a verdadeira data de nascimento de Annelise, mas...

Nem sequer o ouvi.

O *clique* se somou a outro *clique* e a mais outro. Uma avalanche que descia veloz do ponto *a* para chegar a *z* em uma impressionante explosão de horror.

Aniversários e triângulos com a ponta virada para cima. E uma alma que a pressão implacável do tempo tornara insensível como uma rocha, rocha que, tal como tinha acontecido no Bletterbach, fora moldada a tal ponto pelo ódio que era capaz de trazer novamente à luz o indizível enterrado no coração de cada ser humano.

A essência do mal.

— O que vocês... fizeram? — murmurei.

Werner me fitava, os olhos de falcão que não viam. Que durante trinta anos não tinham visto, tão cegos de amor por Annelise que não eram capazes de perceber o óbvio. Como os olhos de Günther, um refém de seus demônios, ou de seu irmão Manfred, com a culpa e a ansiedade por se tornar alguém. Cego como os olhos de Hannes, velados por preconceitos e depois destruídos pela dor da perda.

Nenhum deles tinha visto.

A resposta sempre estivera lá, em plena luz. Durante todo aquele tempo.

Uma chicotada.

Adrenalina.

Ergui a cabeça, rosando. Peguei um ramo grande da castanheira, limpei as folhas, raspando a palma das mãos, e o empunhei como um bastão.

— Annelise — ordenei. — Pegue Clara. Fuja.

— Salinger — disse Annelise. — Acalme-se, por favor.

— Volte para o vale. Rápido!

Ouvi Clara choramingar.

Rangi os dentes.

— Jeremiah — disse Werner. — Abaixei esse galho.

— Vamos, Werner. Não quero machucar você. Mas, se você der mais um passo, eu vou fazer isso.

— Meu Deus, rapaz... — disse ele, incrédulo. — Qual é o problema?

— Você tem uma corda aí?

— Na mochila, sim.

— Então use.

Werner me encarou por um longo tempo, atordado.

— Usar?

— Você tem que amarrá-lo.

— Amarrar quem?

— Max. O monstro do Bletterbach. O assassino de Evi, Kurt e Markus.

A cada um desses nomes, eu sentia a raiva aumentar.

E os *diques* se somavam uns aos outros.

— Que besteira é essa, Jeremiah? — rebateu Werner. — Foi Grünwald. Ele estava louco. Você sabe disso. Ele...

— Grünwald os estava protegendo.

— De quem?

— *Jaekelopterus Rhenaniae* — sussurrei.

— Tudo isso é...

— Grünwald estava realmente convencido de que existiam aqueles monstros no Bletterbach — respondi, sem tirar os olhos de Max, imóvel. — Ele sabia que Evi e Kurt viriam até aqui caminhar, e quando ouviu que uma tempestade estava prestes a cair nessa área, pensou que os lagos subterrâneos transbordariam, trazendo os *Jaekelopterus*. Ele enviou o telegrama e correu para cá. Era louco, mas havia lógica na loucura dele. Não é verdade, Chefe Krün?

— Eu não sei do que você está falando — respondeu Max com tranquilidade.

A calma dele me enfureceu.

— Três de janeiro, Max! — berrei. — Quatro meses antes do massacre, quatro!

Seria possível que nem Annelise nem Werner compreendessem?

Era tudo tão incrivelmente simples.

— Você sabe qual foi o meu primeiro pensamento quando Annelise me disse que estava grávida? Eu pensei que tinha que contar logo para Mike.

Porque Mike e eu somos amigos, e amigos sempre compartilham as boas notícias. Você e Markus eram os únicos que tinham contato com Evi e Kurt. E por isso também eram os únicos de Siebenhoch que sabiam do nascimento de Annelise. Evi e Kurt eram seus amigos. Você sabia da menina. Mas por que não disse isso a Hannes ou a Werner quando organizaram a missão de resgate? Não tinha mais sentido manter o segredo.

Werner ficou pálido.

— O que você está dizendo, Jeremiah? — balbuciou ele.

Ele não estava entendendo.

Ou talvez não quisesse entender.

Porque as consequências do meu raciocínio eram catastróficas.

— Sabe para que as pessoas me pagam, Max? Para construir histórias que vão de um ponto a até um bom z . E o ponto a é o toque de um telefone de trinta anos atrás. De um lado está você e do outro... Quem deu a notícia? Kurt? Evi? Ou talvez o começo da história seja Markus, no sétimo céu, batendo na sua porta para anunciar que Evi está grávida, mas que ninguém pode saber. Não importa, eu não acho que tenha sido naquela hora que você decidiu matá-los. Não. — Estava tudo tão claro agora. — Quando Annelise nasceu, vocês pegaram o trem e foram para Innsbruck. Era janeiro? Ou fevereiro? O importante é que quando você viu a menina, quando a pegou no colo, percebeu que Evi nunca seria sua, nunca. Porque você a amava, não é verdade? Só que ela tinha escolhido Kurt e teve uma filha com ele. Aquela menina era o símbolo concreto do amor deles. Você não podia mais mentir para si mesmo, na esperança de que eles fossem terminar. Foi esse o momento em que você decidiu matá-los.

De a a b .

De b a c .

E depois...

— Mas não logo. Não ali. Descobririam você. Seria preso em um instante. E não queria acabar na prisão. Por isso continuou fingindo. Você queria matá-los aqui. E por um motivo bem preciso, não é verdade?

Max balançava a cabeça.

Um trovão ecoou no Bletterbach.

— Triângulos — falei. — Triângulos com a ponta para cima. O símbolo que salvou a minha vida nas cavernas. Três triângulos com a ponta para cima. Uma coroa, é isso que representava aquele símbolo. *Krone*, em alemão. *Krön*,

em dialeto. Foi o seu avô que entalhou aquelas coroas nas paredes da mina, certo? Ele era funcionário da segurança. A mina e as grutas, um labirinto único, onde ninguém se atreve a entrar. Você é a última pessoa em Siebenhoch que as conhece como a palma da mão. Era a sua avó que levava você lá? Porque a loucura não nasce sozinha. É sedimentada. Camada por camada. Isso leva tempo. Anos. Foi ela, certo? Quanto rancor ela transmitiu a você? De quanto ódio você precisou, Max?

Max não reagiu.

Sua expressão de estupor era perfeita.

De Oscar.

Ou talvez ele estivesse realmente surpreso.

Depois de trinta anos, alguém descobrira a verdade.

— A loucura estratifica, depois o ódio a molda até fazer surgir sede de sangue. Um processo lento e frio. Você esperou. Eram seus amigos, você os conhecia. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, Kurt e Evi voltariam ao lugar em que o amor deles nasceu. Aqui onde você seria capaz de criar um álibi perfeito: a distância de Siebenhoch. Ninguém poderia prendê-lo. Naturalmente, isso levaria tempo, mas o que importava? O Bletterbach está aqui há milhões de anos, e você é paciente. Mas foram necessários apenas quatro meses. A tempestade autorregenerativa, além do mais, ofereceu uma cobertura ainda melhor do que você podia esperar, não é mesmo? Mas... o que você sentiu quando Grünwald surgiu do nada? Quando ele mandou pelos ares o seu plano?

Dei um passo à frente.

Era hora de concluir. E de atacar.

— Quanto tempo você levou para chegar até aqui, Max? — pressionei-o.
— Quanto tempo se leva andando pelas grutas?

A voz de Werner fez-se ouvir através da minha raiva. Uma voz trêmula.

— Não é possível. Então significa que...

Ele tinha entendido.

O horror.

— Significa que nessa história há três inocentes — concluí por ele. — Kurt, Evi, Markus. E um herói. Oscar Grünwald. Oscar Grünwald que salvou a menina, arruinando o plano de Max. Oscar Grünwald, que vocês mataram.

Como no Ortles, pensei. Os inocentes e os heróis morrem, os culpados se salvam.

— Não — gemeu Werner.

Foram suas últimas palavras. Então seus olhos se arregalaram. Ele levou as mãos à barriga.

Não havia nenhuma expressão no rosto de Max quando ele girou a faca na ferida.

Annelise gritou, segurando com força a menina e virando a cabeça dela para o outro lado.

— Leva-se uma hora e meia, Salinger — respondeu Max, monótono. — Para ir e voltar. Uma hora e meia. Mas é preciso nadar. A *Omi* me obrigava a fazer isso desde que eu tinha a idade da sua filha. Nadar nas grutas, no escuro, ajudava a reavivar o sangue dos Krün. Era assim que a minha avó falava. Quando aconteceu o desabamento de 1923, a água inundou tudo. Os mineiros morreram afogados. Meu avô errou os cálculos. Ele errou porque estava cansado, porque ganhava o mesmo que todos os outros miseráveis de Siebenhoch, mesmo que ele fosse o responsável pela segurança e não um simples mineiro. Morreu junto com os outros, apesar de valer mil deles.

Max cuspiu no chão.

Olhou fixamente para mim.

— Reflita sobre isso, Salinger — disse. — Uma hora e meia. E apenas trinta minutos para encontrá-los debaixo dessa pedra pontuda. Trinta minutos. Era o destino. Os três tinham que morrer. E a menina também tinha que morrer.

Ele retirou a faca e Werner caiu de joelhos. Em um único movimento fluido, Max apontou a faca para o pescoço de Werner.

— Jogue fora o bastão.

Deixei-o cair.

— Três passos para trás.

Obedeci.

Max fez sua cara de bom moço.

— Desde quando você começou a meter o nariz nessa história?

— Alguns meses.

— Alguns meses! — rugiu Max. — Até aquele bebum do Günther havia suspeitado. Quem você acha que o fez encontrar a perícia? — Ele balançou a cabeça de Werner, fora de si. — E você? Passou trinta anos se sentindo um herói. Trinta anos, e você não entendeu nada.

Werner baixou a cabeça, derrotado.

Max mostrou a lâmina da faca.

— Com vocês vai ser mais difícil, mas muito mais divertido. O machado é muito... rude.

— Não bastava um revólver? Você não tinha uma espingarda? — perguntei.

— Eles não iam sofrer o suficiente. Todas as humilhações que eu havia sofrido. Eles tinham que pagar. Experimentar um pouco da minha merda. A merda com a qual Siebenhoch temperou tudo o que eu comia desde que nasci. O herdeiro do homem que fez a mina desmoronar. Como se um menino pudesse ser culpado de alguma coisa. Ah! Era maravilhoso para eles se vingarem de nós. Zombar de nós, rir da nossa pobreza. Exatamente como Evi riu quando eu lhe disse que a amava. Ela pensou que fosse brincadeira. Uma piada, sabe? Ela preferia Kurt. Aquele filho da puta. O socorrista. O herói. Mas no fim eles tiveram que engolir tudo de volta.

Annelise deixou escapar um soluço, que atraiu a atenção do Chefe Krün.

Eu não queria que Max olhasse para ela. Não até que fosse eu que estivesse com a faca na mão. Então, tentei ganhar tempo trazendo-o de volta à história.

— Mas então chegou Grünwald — falei, como se estivesse entrevistando um dos protagonistas das minhas histórias.

— Markus tentou fugir. Covarde até o fim. Escorregou e bateu a cabeça. Fui atrás para acabar com ele, mas já estava morto. Só me fez perder tempo. Cortei a cabeça de Evi, peguei na mão e coloquei na frente dos olhos de Kurt; ele estava agonizando, mas continuava lúcido. Eu queria que ele a visse. Depois joguei fora. Quando Grünwald apareceu gritando como se estivesse possesso, eu entrei em pânico e fugi. — Max fez uma expressão desapontada. — Pensei que fosse minha *Omi* que estava voltando para me levar para as grutas. Agora que eu tinha vingado o meu avô, deveria ficar lá para sempre, com ele.

Em seus olhos havia um abismo.

— Quando me acalmei, vi que Grünwald tinha encontrado a menina. O machado. E me veio em mente uma ideia. Uma ideia maravilhosa, Salinger. Aqueles três escrotos tinham recebido a sua bela porção de merda. Mas e os outros? Aqueles que zombavam de mim porque eu ia para a escola com os sapatos furados? Aqueles que riram da *Omi*, de *Frau Krün*, porque ela havia perdido tudo no desmoronamento da mina? Dinheiro, marido e até a honra. Ela, que tinha sido a esposa do Saltner da mina! Todos aqueles caipiras que se achavam melhores do que os Krün, *nós* que por dois séculos tínhamos

protegido os mineiros de Siebenhoch! Eu percebi que tinha uma maneira de fazê-los se voltarem contra a patética justiça dos antepassados deles.

Max estava ofegante como um animal.

Que ele era.

— Voltei. Fui para a festa de Verena. Chegou Hannes, depois Günther e juntos nós fomos até Werner. Viemos aqui e fingi não saber de nada. Eu tinha tudo sob controle. *Quase* tudo — corrigiu-se.

Então os olhos de Max foram na direção de Clara.

— Quantas letras tem a palavra “fim”, docinho?

Clara, escondida pelo corpo de Annelise, respondeu com a voz trêmula:

— Três.

— Três — repetiu Max.

A lâmina desapareceu no pescoço de Werner, que caiu no chão jorrando um fluxo de sangue escuro. Os olhos dele se reviraram. O corpo estremeceu. Uma, duas, três vezes.

Fim.

Max não se dignou a olhá-lo. Limpou a faca no casaco. Observei hipnotizado as listras marrons sobre o tecido encharcado de água.

Era a nossa vez.

Foi então que eu o ouvi.

9.

Deixei para lá o bastão e saltei em direção a Annelise e Clara, no mesmo instante em que a lama nos atingia. O Bletterbach tinha se transfigurado em um apocalipse de água, lodo e detritos. Peguei minha filha pelo cotovelo e levantei-a um segundo antes que um pedaço de madeira grosso como a minha coxa golpeasse o ar onde no instante anterior estava a cabeça dela. Ela deu um grito que era também um soluço. Caímos. Eu me debati. Consegui me segurar em um abeto. A pedra sob a qual Kurt tinha armado a tenda virou uma cascata de lama. O corpo sem vida de Werner foi varrido dali.

— Annelise! — gritei.

Ela não respondeu aos meus chamados. Algum detrito devia ter batido nela. Eu não via sangue, mas seus olhos estavam fechados. Estava agarrada a uma raiz, olhando para o nada.

E Max?

Onde ele estava?

Por um instante desejei que tivesse sido engolido pelo abismo, mas eu me enganava. De alguma forma ele conseguira agarrar o castanheiro e ficar de pé. A faca firme na mão, o rosto contorcido em uma expressão de fúria. Ele se distanciou da árvore e começou a avançar, enquanto a água formava redemoinhos entre as suas pernas. Inexorável.

— Mamãe!

A voz de Clara teve o poder de despertar Annelise. Ela se virou para nós, com os olhos tentando nos focalizar.

Max se elevava sobre ela, ofegante. Segurou-a pelo cabelo, a cabeça inclinada para trás, o pescoço exposto.

— A filha daquela puta — disse Max. — Vamos acabar com isso, Salinger.

Eu me joguei em cima dele. Os meus gritos eram os gritos da Besta.

A lâmina da faca se ergueu para o alto, pronta para cortar, quando um raio encheu o ar de eletricidade. O rugido do trovão sacudiu os paredões do Bletterbach.

Uma fração de segundo. Um instante de hesitação.

Foi o bastante.

Acertei Max com um soco que o fez cair para trás. Max cuspiu, tossiu, agitou os braços. Bati nele. A dor em meus dedos me pagou todo o

sofrimento suportado até então. Levantei-o agarrando-o pelo pescoço. E o acertei uma segunda vez. Uma terceira.

Na quarta eu perdi a sensibilidade na mão.

Não parei.

Queria apenas uma coisa: matá-lo.

De repente, senti uma onda de calor e a dor repentina me cegou. A faca traspassava o meu joelho de um lado a outro. Max rasgava a pele, puxando e empurrando. A minha pele. As minhas cartilagens.

A perna cedeu. Escorreguei e caí. A água me arrastou, enquanto a dor só piorava. Colidi com Annelise e nos abraçamos. Senti o calor do seu corpo. Senti sua respiração no meu pescoço. Mas também senti o cansaço. Veio a resignação. Era bonito morrer assim. Fora-me oferecida a possibilidade daquele último contato com a mulher que eu amava. Fechei os olhos. Experimentei uma sensação de paz total. Não havia mais dor, não havia mais medo.

Não havia mais Bletterbach. Havia apenas a morte, esperando por mim.

Fade to black, como diria Mike.

Foi Clara quem me salvou.

— Papai!

A voz falhada da menina me arrancou do torpor. Eu não podia morrer. Ainda não. Clara precisava de mim.

Ergui a cabeça da lama. Abri os olhos. Voltaram a dor, o medo, a angústia.

A determinação.

Ainda abraçado a Annelise, tentei me mover entre os detritos, na direção da nossa filha. Fui ao encontro de uma pedra. Agarrei-me nela. Annelise se grudou em mim.

— Salinger! — trovejou Max. — Salinger!

Ele estava de pé, de pé no meio da corrente.

Um demônio.

Abriu os braços, gritando meu nome. Talvez quisesse acrescentar uma maldição ou uma ameaça, mas não teve tempo.

Alguma coisa cortou a perna dele na altura da coxa, desenhando no ar uma meia lua de sangue.

Max parou de gritar.

Endireitou as costas. A cabeça caiu para trás, a boca aberta.

Vi seu corpo se erguer uns trinta centímetros acima da água, o horrendo

toco da perna que sangrava e chutava, os braços girando.

Então...

Alguma coisa saiu de sua caixa torácica. *Alguma coisa* que me pareceu uma garra gigantesca. *Alguma coisa* que rompeu os ossos e o perfurou de um lado a outro. O monstro do Bletterbach.

O *Jaekelopterus* estava lá. Com fome.

Ele tinha pegado Max. Queria a mim. E Annelise.

Queria Clara.

Havia só uma coisa a fazer.

Agarrei Clara. Agarrei Annelise.

Inspirei. Expirei.

Fechei os olhos e deixei que a corrente nos arrastasse.

UMA LETRA NO FIM DO ARCO-ÍRIS

I.

Eu me lembro da dor. Das ondas de lama e do gelo nos ossos. O mundo deslizando em um abismo que não tinha fim. Os gritos de Clara ainda ressoam na minha cabeça, bem como o seu silêncio repentino que me assustou ainda mais. A descida terminou, embora eu não saiba como ou quando. Ficamos em silêncio em um nicho da pedra, esperando que o monstro nos descobrisse e nos deixasse em pedacinhos.

Não aconteceu.

Embalei Clara. Embalei Annelise.

A chuva começou a ceder. As gotas se tornaram finas, partículas úmidas nas quais os primeiros raios de sol se refratavam criando arco-íris. Não havia mais pedras caindo do céu.

A lama gradualmente parou de descer.

Então, mil anos depois, o som dos insetos. O chamado de algum animal. Uma perdiz apareceu nos arbustos, olhou para nós e desapareceu em um bater de asas.

As nuvens se diluíram. O sol ganhou vigor. Pareceu enorme e deslumbrante.

A garganta do Bletterbach não rugia mais. Estava saciada de morte.

Comecei a chorar. Não pela dor. Não pelos olhos vagos de Annelise. Nem mesmo por Clara que dormia, gemendo.

Chorei porque eu o vira.

O *Jaekelopterus Rhenaniae*.

O monstro com as garras e os olhos como poços negros. A criatura que Deus decidira eliminar, mas que o Bletterbach abrigara em suas entranhas como uma mãe amorosa. Eu o tinha visto. Tinha visto do que ele era capaz.

Mas...

O relatório da autópsia diz outra coisa. Nada de garras, nada de monstro.

Nada de *Jaekelopterus Rhenaniae*. Apenas um grande ramo de abeto que a fúria da torrente transformara em arpão. Em outras palavras, ao que parece, foi o Bletterbach que fechou o círculo.

Porém, naqueles momentos terríveis, enquanto o Bletterbach se aquietava, eu amaldiçoei, chorei, enlouqueci. E quando a loucura tomou conta, vi chegarem os fantasmas. Desceram de um helicóptero vermelho flamejante. Moses, com seus traços severos, Ismaele e sua expressão de Pavio, Manny com sua plácida segurança e Christoph com seu jeito costumeiro de quem nunca consegue levar nada a sério.

Werner também estava com eles.

Enquanto retiravam Clara dos meus braços com delicadeza e colocavam uma manta isotérmica nas costas de Annelise, verificando suas pupilas, tentei explicar que eu não queria que eles tivessem morrido, que se eu pudesse voltar atrás não teria descido na fenda e dessa forma a avalanche não os teria matado.

A resposta deles não precisou de palavras.

Eles estavam ali.

É a Regra Zero.

2.

Corri o risco de morrer três vezes durante a cirurgia. A lâmina decepou não sei qual nervo e uma infecção feia fez o resto. A perna direita nunca mais será a mesma.

Quando Mike me viu depois do Bletterbach, começou a chorar e não parou de soluçar. Mas Mike torna tudo mais trágico do que realmente é; no fundo ele sempre foi sentimental. E eu sou ótimo com a bengala, sabia?

Você deveria me ver: um dançarino.

No ventre da Besta recebeu um prêmio do qual Mike está muito orgulhoso. Ele diz que vai abrir várias portas para nós, mas também sabe que nunca mais haverá outro trabalho assinado McMellan-Salinger. Eu penso, no entanto, que dizer isso faz bem a ele, então não o contradigo. Como cantava Bob Dylan, *The Times They Are A-Changin'* e nem sempre mudam para melhor.

Especialmente no início, o verdadeiro problema foi a minha cabeça. Um grande problema, aliás. O suficiente para que o Dr. Girardi, o psiquiatra que me acompanhou, temesse que eu nunca voltasse a recuperar o equilíbrio. Tentei com muito afincio e agora estou melhor, ainda bem. Manfred me ajuda a me manter ocupado. Ele está planejando abrir um centro de reabilitação para alcoólatras. E quer que eu dê uma ajuda. Impossível dizer não a alguém como ele. Para citar Bogart: acho que este é o começo de uma bela amizade.

Annelise também teve que lutar.

Ela estava com o braço bastante machucado. Mesmo agora, quando ameaça chover, ela toma analgésicos. Três vezes por semana, tem hora marcada na fisioterapia. Ela tem suas próprias batalhas a enfrentar, como eu. Pesadelos, lembranças ruins, ansiedade. Muitas vezes o seu olhar se ofusca e então eu sei que está pensando em Werner, cujo corpo permanece em algum lugar no labirinto de grutas sob a garganta. Mas a cada dia ela sorri um pouco mais.

Como eu.

O nosso remédio tem cinco letras: “Clara”. É por ela que, nos dias sombrios, encontramos força para sair da cama. É por ela que as nossas risadas, lentamente, estão voltando a ser sinceras. É por ela que, desajeitados como dois adolescentes, fazemos amor à noite.

Clara...

Gosto de ouvir suas histórias. Gosto de brincar com ela. Correr pelos gramados de Siebenhoch com a bengala que me faz parecer um espantalho. Mas gosto principalmente de vê-la dormir. Clara às vezes sorri em seu sono, e quando ela faz isso meu coração se enche de esperança. Seus sorrisos afugentam o medo e me aproximam da salvação. Eu *preciso* que Clara sorria. Porque é assim que terminam os contos de fadas, aqueles que começam no ponto a e acabam, sempre, no ponto z que chamamos de *happy end*.

3.

Escrevi estas páginas para ela. Porque um dia Annelise e eu vamos ter que lhe contar a verdade sobre o massacre do Bletterbach. Falar como o amor dela salvou a vida dos últimos protagonistas desta história.

Annelise e Salinger.

4.

— Uma letra, papai?

— O sorriso no final do arco-íris, filha.

Z.

AGRADECIMENTOS

Se, como muitos devem ter percebido, o Alto Ádige descrito nessas páginas se afasta do real, é por um simples motivo: *A essência do mal* é uma obra de ficção, e este gênero, por definição, tende à verossimilhança mais do que à verdade. Espero que isso não tenha ferido a sensibilidade de ninguém. De qualquer forma, tenho certeza de que Clara concordaria comigo quando afirmo que contar histórias é sempre, em certo sentido, uma declaração de amor.

Com esse propósito, permita-me agradecer a muitas (certamente não todas) pessoas que, com o seu afeto e encorajamento, ajudaram-me a levar a cabo a escrita deste livro.

Obrigado à minha mãe e ao meu pai por terem sempre segurado a minha mão. Obrigado à Luisa e ao Agostino por permitirem que eu levasse embora a coisa mais preciosa que eles tinham. Obrigado à Claudia, Michi e Asja por Alex e todo o resto. À Eleonora, Corrado e Gabriele por terem me adotado. E obrigado à Giannina pelos sinos.

Obrigado ao Maurício, que nunca desiste, e à Valentina que o leva para pescar. Obrigado ao Michele, o único, verdadeiro e inimitável. Obrigado à Emanuela, Simone e Bianca. À Caterina, Maurizio e Sofia. À Ilaria e Luca. À Chiara e ao Damiano. Inútil acrescentar o porquê, vocês já sabem. Um agradecimento muito particular à Loredana, Andrea e aos primeiros leitores do manuscrito. Vocês sabem quem são e o quanto eu lhes devo.

Obrigado ao Piergiorgio Nicolazzini, que não é só um agente e espero que saiba disso. Obrigado ao Luca Briasco por ter me ensinado a segurar a caneta na mão (ainda que se obstine a afirmar o contrário). Obrigado ao Francesco Colombo por ter transformado a edição em um passeio tranquilo entre amigos. Ao Severino Cesari, Paolo Repetti, Raffaella Baiocchi e toda a família de Stile Libero, pela gentileza com que acolheram na cidade grande esse montanhês desambientado e pelo profissionalismo com que cuidaram do livrão que eu tinha na mochila.

Obrigado ao Dr. Christian Salarolli, pelo blues das montanhas. Ao Raffael e Gabriel Kostner, por serem exemplos cotidianos de heroísmo. Obrigado aos corajosos do Aiut Alpin Dolomites pela inspiração, pelo querosene e pelo strudel. O que há de bom sobre o socorro alpino neste livro eu devo a eles (erros e viagens fantasiosas são, por sua vez, graças unicamente à imaginação de quem assina estas páginas). Obrigado ao professor Fulvio Ferrari, sempre fiel ao moto: “Uma vez professor, sempre professor.” E: *Vergelsgot’n olt’n Alois for dr. Mappe unds Wörterbuach. Zum wohl, Herr Luis!* Obrigado, obviamente, ao Bletterbach e à sua placa: “Entra-se por sua própria conta e risco.”

Por fim: um dobrão de ouro à Alessandra por ter sido a primeira a gritar: “Assopra! Assopra!”

NOTA

Os versos “*And the day keeps on reminding me, there’s a hellhound on my trail. Hellhound on my trail, hellhound on my trail*” foram extraídos de *Hellhound on My Trail*, interpretada por Robert Johnson (Johnson).

O verso “Quilômetros a percorrer antes de dormir” foi extraído da poesia de Robert Frost *Stopping by Woods on a Snowy Evening*. In: Robert Frost, *Collected Poems of Robert Frost*, Henry Holt & Company, Nova York, 1930. A tradução é nossa.

A frase “Os mortos ressuscitaram? Os livros dizem não, a noite grita sim.” foi extraída de John Fante, *Pergunte ao pó*, terceira edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 2003, p. 17. Tradução de Roberto Muggiati.

SOBRE O AUTOR



© Michele Melani

LUCA D'ANDREA mora com a família em Bolzano, Itália, onde nasceu em 1979. *A essência do mal* é seu primeiro *thriller* e foi publicado em trinta países.

LEIA TAMBÉM



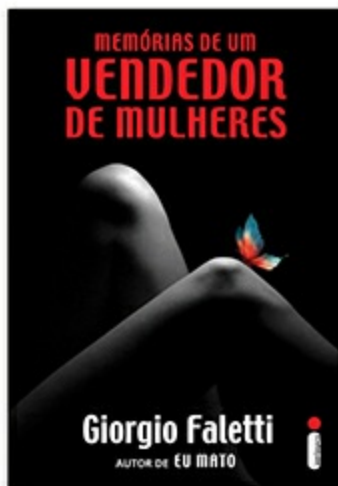
O homem de giz
C. J. Tudor



A viúva
Fiona Barton



Por trás de seus olhos
Sarah Pinborough



Memórias de um vendedor de mulheres
Giorgio Faletti